

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

S.O.S. – FAMÍLIA E ESCOLA
UM ESTUDO SOBRE A MEDIAÇÃO DOS “ESPECIALISTAS DA SUBJETIVIDADE” NO
PROCESSO EDUCATIVO

MAÍRA MUHRINGER VOLPE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

ORIENTADORA PROF^ª DR^ª IRENE DE ARRUDA RIBEIRO CARDOSO

SÃO PAULO

2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

S.O.S. – FAMÍLIA E ESCOLA
UM ESTUDO SOBRE A MEDIAÇÃO DOS “ESPECIALISTAS DA SUBJETIVIDADE” NO
PROCESSO EDUCATIVO

MAÍRA MUHRINGER VOLPE

SÃO PAULO
2006

PARA EDU DIMITROV

AGRADECIMENTOS

Quando iniciei minha pesquisa de mestrado, acreditava que esta seria como um longo e solitário caminho a ser percorrido. De fato foi um longo caminho, porém não tão solitário quanto imaginava. Muitas pessoas colaboraram direta e indiretamente para o desenvolvimento deste trabalho, em diversos momentos.

À professora Irene Cardoso agradeço muitíssimo por ter me orientado em todos os caminhos e descaminhos desta pesquisa. Sou-lhe grata pelas suas carinhosas e incentivadoras palavras, pela sua paciência e dedicação. Tenho que lhe agradecer também por ensinar-me a ter rigor com as palavras e por fazer-me ver aspectos do texto que passavam despercebidos.

Agradeço aos professores José Sérgio Carvalho e Sérgio Miceli por suas valiosas observações e sugestões em meu exame de qualificação.

Aproveito também para agradecer ao grupo de orientandos da professora Irene – Regina Souza, Celina Bruniera, Nilton Ota e Fred Tell – por terem feito da discussão de meu texto de qualificação um encontro tão frutífero para a minha pesquisa.

Aos meus colegas do Seminário de Projetos – Fernando Neves, Wilson Mesquita e Douglas Mendosa – sou-lhes grata pelos debates amistosos que ocorreram ao longo daquele semestre.

Ao Stefan, agradeço as leituras que fez das várias versões desta dissertação e os muitos comentários que teceu, desde o Seminário de Projetos.

Sou grata a Sofia e a Rafaela pela pronta colaboração e pela preciosa leitura que fizeram da versão final desta dissertação. A Daniela e Samuel agradeço por tornarem meus dias de mestranda mais engraçados e divertidos.

Não posso deixar de mencionar aqui a amiga Glória Cordovani, por mais uma vez compartilhar um momento importante de minha vida.

Estendo os meus agradecimentos aos diretores escolares, que gentilmente me cederam algumas horas para conversar sobre a trajetória de suas instituições, bem como àqueles que me auxiliaram a realizar estes encontros.

A Lya Paes de Barros sou grata por acompanhar, de maneira próxima e ao mesmo tempo distante, esta minha travessia.

Agradeço aos meus pais pelo cuidado amoroso e pelas tantas facilidades que me proporcionaram; ao Rico por manter-me atualizada sobre os muitos programas de televisão nos quais os “especialistas” apareciam; ao Bru por ajudar-me com os seus conhecimentos da língua inglesa.

Ao Edu agradeço todos os momentos em que “pensamos juntos” esta dissertação. Sou-lhe grata por sempre ajudar a me organizar, pelo carinho e pela paciência em cada uma das fases deste trabalho.

Por fim, tenho que agradecer ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – pela concessão da bolsa de estudos entre 2004 e 2006.

RESUMO

O principal objetivo desta dissertação de Mestrado em Sociologia foi investigar a mediação dos “especialistas da subjetividade”, tal como foram concebidos neste estudo, na relação entre pais e filhos e entre professores e alunos.

O objeto da análise foram as produções de Rosely Sayão, Tania Zagury e Içami Tiba.

A montagem de três recortes, elaborados a partir de outros contextos históricos brasileiros, recuperou a relação mediada pelo discurso científico-especializado entre os membros da família e entre os da escola, e permitiu o confronto com um novo tipo de mediação exercida na contemporaneidade. Assim, embora haja uma permanência no tempo desta relação mediada no processo educativo, ela assume contornos inéditos na sociedade atual, pois o “especialista” é imerso na lógica do planejamento de mercado, do marketing, da produção em larga escala e da circulação nos diferentes meios de comunicação. Tal “especialista” ganha, então, os contornos do “especialista da subjetividade”.

PALAVRAS-CHAVE

Especialista; Discurso; Meios de comunicação; Família; Escola.

ABSTRACT

The main objective of this Sociology Master's Dissertation was to investigate the mediation of the "subjectivity specialists" – as conceived in this study – on the relation between parents and their children as well as between teachers and their students.

The object of this analysis were the works of Rosely Sayão, Tania Zagury and Içami Tiba.

The construction of three cuts, elaborated from another Brazilian historical contexts, recalled the mediated relation by the scientific-specialised discourse between the family members and between the school members, and allowed the confrontation with a new kind of mediation exerted in contemporaneity. So, although there is a permanence in time of this mediated relation at the educative process, it assumes unedited contours on contemporary society, because the "specialist" is immersed in the market, marketing, large scale production logic and circulation on the different means of communication planning. Such "specialist" acquires so, the contours of the "subjectivity specialist".

KEY WORDS

Specialist; Discourse; Means of communication; Family; School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE I – TRÊS RECORTES NA HISTÓRIA DA MEDIAÇÃO DOS “ESPECIALISTAS” NO PROCESSO EDUCATIVO	29
CAPÍTULO 1) A VELHA “CRISE DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA” OU OS “TRADUTORES EXCLUSIVOS DO OBSCURO”	35
1.1) A “FAMÍLIA COLONIZADA”	36
1.2) A FAMÍLIA COMO ALVO DO SABER MÉDICO	43
CAPÍTULO 2) A ESCOLA E O SABER HIGIÊNICO	50
2.1) “ <i>MENS SANA IN CORPORE SANO</i> ” OU A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	50
2.2) UM CONTROLE MAIS “ <i>PSICOLOGIZADO</i> ”: ARTHUR RAMOS E A SEÇÃO DE ORTOFRENIA E HIGIENE MENTAL	57
CAPÍTULO 3) A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA	62
3.1) ORIENTADORES EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICOS: ENTRE OS CURSOS DE PEDAGOGIA E PSICOLOGIA	63
3.2) A “PROFISSIONALIZAÇÃO” DOS “ESPECIALISTAS DA SUBJETIVIDADE” E DA PATERNIDADE	71
PARTE II – A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DOS “ESPECIALISTAS DA SUBJETIVIDADE” A PARTIR DAS PRODUÇÕES DE SAYÃO, ZAGURY E TIBA	79
CAPÍTULO 1) A FAMÍLIA DE ROSELY SAYÃO	82
CAPÍTULO 2) A HISTÓRIA QUE CONTAM DE SI MESMOS PARA A FABRICAÇÃO DE UMA IMAGEM	100
2.1) ROSELY SAYÃO: A EDUCAÇÃO COMO DESTINO	103
2.2) TANIA ZAGURY E A PREOCUPAÇÃO COM A CIÊNCIA	121
2.3) DEPOIS DE FREUD E JUNG, IÇAMI TIBA – O “ESPECIALISTA” DOS NÚMEROS	126
2.4) ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE AS IMAGENS DOS “ESPECIALISTAS DA SUBJETIVIDADE”	134
CAPÍTULO 3) OS ENUNCIADOS DO “DISCURSO DOS ESPECIALISTAS DA SUBJETIVIDADE”	137
3.1) OS ENUNCIADOS DE AUTO-AJUDA	137
3.2) AUTO-AJUDA SÃO OS OUTROS OU COMENTÁRIOS FINAIS	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS: A VISIBILIDADE	153
BIBLIOGRAFIA	159
ANEXO – LISTA DOS ARTIGOS DA S.O.S. FAMÍLIA (07/2000 A 11/2006)	170

INTRODUÇÃO

“Ser pai e ser mãe é uma das experiências mais fascinantes e desafiadoras da vida. Sempre foi. A diferença é que antigamente não havia esse olhar profissional, estabelecendo tantas regras de conduta a ponto de transformar a tarefa dos pais e mães numa missão impossível de ser cumprida sem a ajuda de um manual de instruções. ‘Não diga que ama, não diga que não ama; liberte a fantasia, imponha limites; dê autonomia, não trata como adulto.’ Assim fica difícil.”

“MARCELA BASTOS CIMATTI, São Paulo”

(Folha Equilíbrio, Folha de S.Paulo, 06/07/2006)

“Como educar é difícil! Há 30 anos, os pais achavam que sabiam a melhor maneira de educar os filhos. E, sem dúvidas e com todas as certezas, faziam o que achavam certo. Mas hoje, com tantas informações, com tantas teorias, os pais estão com todas as dúvidas e nenhuma certeza.”

(Sayão, Folha de S.Paulo, 03/08/2000).

Uma mãe e leitora da coluna *S.O.S. Família*, publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, escreveu para a seção *Bate-papo* comentando sobre a “difícil” e também “fascinante e desafiadora” experiência de ter um filho no mundo contemporâneo.¹ A leitora lembra do “olhar profissional” que estabelece inúmeras “regras de conduta” que em muito dificultam a “tarefa” dos pais. Este comentário de Cimatti sintetiza um sentimento que é vivido pelos pais na sociedade contemporânea e que foi encontrado reiteradamente ao longo da pesquisa agora apresentada.

A segunda epígrafe, trecho de *S.O.S. Família*, é de Rosely Sayão e também expressa, apesar de ser uma psicóloga escrevendo, a dificuldade dos pais em desempenharem “sua tarefa” na atualidade. Tanto a psicóloga quanto a leitora julgam que “antigamente” a relação entre pais e filhos era diferente, pois não havia tantas “dúvidas”, tampouco havia a mediação de um “olhar profissional”.

Essas impressões sobre a atual sociedade ganham sentido e são reforçadas, na medida em que se encontra com facilidade, veiculada nas mais distintas mídias brasileiras e

¹ A frase de Marcela Bastos Cimatti foi retirada de *Bate-papo*, uma seção publicada na mesma página da coluna *S.O.S. Família*, escrita pela psicóloga Rosely Sayão. Nesta seção, os textos aparecem em um *box* e trazem comentários dos leitores da coluna.

internacionais, uma profusão de produtos destinados a pais e também a professores, que tratam da educação das crianças e dos adolescentes na sociedade contemporânea.

Numa visita às livrarias, é possível entrar em contato com uma vasta e diversificada produção de livros dedicados à educação familiar e escolar, de autores brasileiros e estrangeiros. Alguns deles são *best-sellers*, como *Pais Brilhantes*, *Professores Fascinantes* (Sextante, 2003), do psiquiatra brasileiro Augusto Jorge Cury, e como o livro do também psiquiatra brasileiro Içami Tiba, *Quem Ama, Educa!* (Gente, 2002), com 158 edições, entre os anos de 2002 e 2005.² No *site* da editora *Integrare*, que publicou os últimos livros de Tiba, há referência ao “*best-seller* da educação de 2003/2004”, bem como se faz a divulgação de um novo sucesso, uma versão de *Quem Ama, Educa!*, revista e ampliada: trata-se de *Adolescente: Quem Ama, Educa!*.³ A imagem publicada no *site* confirma o sucesso do novo livro traduzido em sua grande vendagem.

² De acordo com o *ranking* dos livros mais vendidos publicado na *Ilustrada da Folha Online*, em 05 de junho de 2006, o livro de Cury foi o quinto numa lista que elenca os dez mais vendidos da seção “Auto-ajuda e Negócios”, ficando atrás de *O Monge e o Executivo* (James Hunter); *Como se Tornar um Líder Servidor* (James Hunter); *Jesus, O Maior Psicólogo Que Já Existiu* (Mark Baker) e *Nunca Desista de Seus Sonhos* (Augusto Jorge Cury), todos publicados pela editora Sextante. Segundo o *site*, “a lista é feita com base na soma do número de exemplares vendidos entre 16/5 e 22/5, divulgado pelas seguintes livrarias: Siciliano (todo o país), Saraiva (todo o país), Laselva (todo o país), Sodiler (Rio de Janeiro, Brasília, Recife, Maceió, Natal), Cultura (São Paulo, Porto Alegre e Recife), Fnac (São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Brasília), Livraria da Vila (São Paulo) e Livrarias Curitiba (Curitiba, Londrina, Florianópolis, Joinville, Porto Alegre)”.

³ As referências dos *links* pesquisados e das datas de acesso estão listadas na bibliografia desta dissertação. Ao longo do corpo de texto será indicado apenas o nome do *site* consultado.

“PRESENTE NAS LISTAS DE LIVROS MAIS VENDIDOS

MAIS IMPORTANTES DO PAÍS!”



Data base: 01/10/2005

Fonte: Site da editora Integrare, consultado em 15 de junho de 2006.

Tal imagem é composta por quatro listagens, supostamente retiradas das revistas *Veja* e *Época* e dos jornais *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo*, que trazem o livro de Tiba como um dos “mais vendidos” e “mais importantes do país”.

Além de livros, há muitas revistas e colunas em jornais voltados ao tema educação familiar e escolar – as revistas *Crescer* (editora Globo), *Pais & Filhos* (editora Manchete), *Cláudia* (editora Abril), *Seu Filho e Você* (Editora Eltern), *Meu Nenê* (editora Símbolo) e a coluna *S.O.S. Família* do jornal *Folha de S.Paulo* são alguns exemplos. Há também programas de televisão, veiculados tanto pela TV aberta, como o programa *Supernanny* no SBT⁴ e *Quem Ama, Educa!* na Rede Vida de Televisão, quanto na TV por assinatura, como

⁴ O canal de televisão SBT comprou os direitos do *Supernanny* e produziu uma versão brasileira desta série inglesa (Cf. Saito, *Folha de S.Paulo*, 12/10/2005, p.E1).

Histórias de Adoção e Maternidade no Discovery Home&Health, *Supernanny* (versão inglesa) e *Mothers*, ambos do GNT.

Há ainda programas com tal tema em outras mídias, como no rádio (a estação *Jovem Pan AM* veicula os comentários sobre temas relacionados à família dos consultores Frei Almir Ribeiro Guimarães, do pediatra Paulo Pachi e do clínico geral e médico de família Dr. Alfredo Salim Helito; já na *Band News FM* há os comentários da psicóloga Rosely Sayão em *Seus Filhos*) e na internet (no portal *UOL*, há o *Momento Família*, um quadro do *UOL News*, apresentado também por Rosely Sayão, entre outros programas).

Três reportagens publicadas entre março de 2004 e agosto 2006 na *Folha de S.Paulo* (FSP), um jornal de ampla circulação no país, fazem referência à existência não só de tais produtos dedicados aos pais, como também de um serviço prestado às famílias.⁵ Lê-se em “‘Pai terceirizado’ ajuda criança a estudar”, sobre justamente a “terceirização” de algumas funções dos pais, na medida em que estes teriam “menos tempo (ou paciência) para dar atenção aos filhos” (Gois, FSP, 28/03/2004, p.C1). Noticiava-se em março, início do ano letivo, que os pais delegariam a “profissionais” o acompanhamento e orientação dos filhos na vida escolar. Sobretudo as escolas do ensino fundamental já teriam percebido a participação destes em atividades que antes diziam respeito à presença dos pais na escola, como nas reuniões com a coordenação e direção. No Rio de Janeiro, foi encontrado um serviço chamado “mães de plantão”, no qual “profissionais” se propõem a “fazer a função de mãe”. Para Cláudia Parnes, entrevistada pela reportagem e criadora da empresa, a função de uma “mãe de plantão” é “mais ampla do que a de um professor particular”, pois:

a idéia é acompanhá-lo [o aluno] no local onde estuda para vermos se está adequado, se o horário é o melhor e se ele não está sobrecarregado com outras atividades. Além de ajudar com os deveres, checamos a agenda do aluno para ver as datas das provas e ajudá-lo a se programar para estudar. Também conversamos com os pais e sugerimos mudanças (Cf. Gois, FSP, 28/03/2004, p.C1).

A *Revista*, suplemento que circula aos domingos na *Folha de S.Paulo*, publicou no Dia dos Pais uma matéria de capa intitulada “*Modo de Usar*”, sobre a insegurança dos pais frente

⁵ Segundo informações obtidas no próprio *site*, em julho de 2005, a *Folha de S.Paulo* é o jornal brasileiro de maior tiragem e circulação. Desde a década de 80 é o mais vendido no país e, no ano 2004, sua circulação média foi de 350 mil exemplares em dias úteis e 430 mil aos domingos. Seus números, de acordo com o *site*, foram auditados pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação).

a idéias contraditórias defendidas por diferentes autores da “literatura de auto-ajuda”. Após pesquisarem dez livros que tratavam da educação familiar, concluíram que:

quem recorre a livros de auto-ajuda em busca de auxílio para criar os filhos enfrenta um bombardeio de conselhos e teorias contraditórios. E a julgar pela proliferação de títulos, o fogo será cada vez mais cruzado: o segmento literário de auto-ajuda/educação familiar está em expansão (Yuri, FSP, 08/08/2004, p.04).

A *Ilustrada*, outro suplemento do jornal *Folha de S.Paulo*, publicou em um domingo, o artigo “*Série investe na experiência das mães*”, divulgando a estréia, em agosto de 2006, de *Mothern*, seriado produzido e transmitido pelo canal GNT. O programa traz o cotidiano de quatro mulheres jovens que conciliam a maternidade à vida profissional. A reportagem destaca, pela fala do diretor do seriado, que a intenção é “fazer uma contraposição a esses programas que valorizam o agente externo à maternidade” (Mattos, FSP, 06/08/2006, p.E3).

A primeira reportagem mostra, de um lado, a oferta de um serviço à família, um “profissional”, ou uma “mãe de plantão” como é chamado, que ajudaria os filhos a organizar seus horários para fazerem a lição de casa e outras atividades, e, de outro, mostra que este serviço é consumido, ou seja, os pais delegam aos “profissionais” algumas de suas funções, tais como participar das reuniões com a direção e coordenação da escola do filho. A segunda reportagem traz a demanda dos pais (e mães) por livros de auto-ajuda voltados à educação dos filhos e o crescimento deste setor no mercado editorial. Já a terceira marca o lançamento de mais um produto para os pais – um seriado que narra as histórias de quatro “mães modernas” – no entanto, este se diferenciaria dos outros programas, pois destacaria a experiência das mães em contraposição ao saber de “especialistas”.

Assim, numa passagem pelas mais diferentes mídias, consegue-se destacar uma série de livros, artigos, programas de TV e rádio que ensinam e aconselham sobre como educar filhos e alunos. É claro que esse esforço poderia ser mais minucioso e exaustivo e muitos outros materiais seriam descobertos. Ademais, poder-se-ia estender esse mapeamento a outras esferas da vida social, não apenas àquelas relacionadas à educação, e um sem número de novos produtos seria encontrado.

A despeito desta mediação realizada pelo “discurso dos especialistas da subjetividade” estar presente nas relações sociais tecidas na sociedade contemporânea,⁶ já no final da década

⁶ O “discurso dos especialistas da subjetividade” foi concebido como a simplificação e a diluição do saber científico e especializado. Ele é divulgado para o grande público por meio das mais diferentes mídias, traz

de 1970, o filósofo Claude Lefort chamava a atenção para a profusão de ensinamentos veiculados “pelos meios de difusão moderna”⁷ e para a presença de um discurso científico-especializado nas mais diversas esferas da vida social.⁸ Diz Lefort:

L’ homme en vient à se rapporter au travail par le médium de la technologie, à son désir par le médium de la sexologie, à la nourriture par celui de la diététique, à l’enfant ou au nourrisson par celui de la pédagogie ou de l’élevage rationnel, à la nature par celui de l’écologie, d’une façon générale à son corps, sa vie et les autres par mille petits modèles científico-psychologiques ou sociologiques (Lefort, 1977, p.20).⁹

Em uma palavra, os homens se submetiam ao discurso científico-especializado – ao discurso da dietética, da sexologia, da puericultura, da ecologia, entre outros mencionados por Lefort –, pois já não saberiam viver sem um “método”. Para o filósofo, tratar-se-ia de um discurso “legislador e pedagógico” que regeria a vida dos homens, ou seja, que legisla e põe em ordem, instrui e ensina sobre o que é desordenado e conflituoso (Cf. Lefort, 1977, p. 18 e 20).

Ainda que Lefort aponte a mediação presente em todas as esferas da vida social, realizada pelo discurso científico-especializado, esta dissertação trata de acompanhar, através

explicações sobre a realidade e ensina como agir frente às suas dificuldades. Pode-se dizer que o “discurso dos especialistas da subjetividade” veicula um *simulacro do saber* que é transmitido por via de conselhos, dicas e reflexões.

⁷ Diz Lefort: “em época alguma falou-se tanto: o discurso sobre o social, servido pelos meios de difusão moderna, desabala; [...]: do conflito de gerações ao trânsito, da sexualidade à música concreta, da exploração do espaço à educação, nada escapa dos colóquios, das entrevistas, dos debates televisionados (Lefort, 1979, p.337). E ainda, “como subestimar a ascensão do saber dos especialistas ou dos pequenos mensageiros da vulgarização científica, sobre o casal, sobre a sexualidade, sobre os segredos do organismo ou os do espaço? (op. cit., p.343).

⁸ O discurso científico-especializado é entendido como aquele que se apropria de um saber científico e especializado e o veicula, não apenas em larga escala, mas, sobretudo, entre seus pares, detentores deste mesmo saber. A grande diferença deste discurso, em relação ao “discurso dos especialistas da subjetividade”, está no lugar de onde ele é proferido: trata-se de um lugar institucional, cujo saber que é veiculado por ele é justificado e construído cientificamente. Ao longo desta dissertação trabalhar-se-á detalhadamente sobre esses dois discursos.

⁹ “O homem passa a se relacionar com o trabalho pela mediação da tecnologia, a se relacionar com seu desejo pela mediação da sexologia, a se relacionar com a alimentação pela mediação da dietética, a se relacionar com a criança ou com o lactante pela pedagogia ou pela puericultura, com a natureza pela ecologia, de um modo geral passa a se relacionar com o seu corpo, com sua vida e com os outros homens por meio de modelos científicos psicológicos ou sociológicos” (Tradução: Maíra Volpe).

de alguns recortes na história recente da cultura,¹⁰ a formação do que aqui foi concebido como o “especialista da subjetividade”, bem como a construção histórica de uma relação social, tecida entre pais e filhos e entre professores e alunos, mediada pelo “discurso dos especialistas da subjetividade”. Dito de outro modo, esta dissertação tem seu foco voltado ao discurso social e ao “especialista” que passam a mediar as relações entre os “educadores” e as crianças e os adolescentes *na contemporaneidade*.¹¹

Para construir esta noção de “especialista da subjetividade”, mobilizou-se uma ampla documentação produzida, em especial, pela psicóloga Rosely Sayão, e também pela filósofa e mestre em Educação Tania Zagury e pelo psiquiatra Içami Tiba.¹² Tal documentação está publicada em livros, em artigos de um jornal de grande circulação (no caso de Sayão) e em *websites*, bem como foi recolhida em entrevistas e em palestras realizadas em escolas e empresas.

Têm-se, então, como objeto desta pesquisa, os artigos da coluna de Sayão, a *S.O.S. Família*, publicada semanalmente no *Equilíbrio*, suplemento do jornal *Folha de S.Paulo*;¹³ os

¹⁰ São quatro os recortes aqui construídos: no primeiro deles o século XIX é trazido por via da análise das teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; no segundo recorte têm-se as primeiras décadas do século XX recuperadas pelos trabalhos de Fernando de Azevedo e de Arthur Ramos; o terceiro foca, sobretudo, no período compreendido entre os anos 1950 e 90, a institucionalização do saber da psicologia e a formação dos orientadores educacionais; o quarto recorte, por fim, abarca no momento contemporâneo a atuação dos “especialistas da subjetividade”. Adiante, ainda nesta introdução, será retomada esta construção.

¹¹ Chama-se a atenção, portanto, para a *diferença* entre a mediação realizada pelo discurso científico-especializado, sobretudo em contextos sociais e históricos anteriores, e a mediação realizada pelo “discurso dos especialistas da subjetividade” na configuração social atual.

¹² Estes autores foram escolhidos considerando, primeiramente, a distinta formação que possuem. Atuam como “especialistas da subjetividade”, embora tenham iniciado sua trajetória profissional em áreas diferentes: uma na Psicologia, outra na Filosofia e, em seguida, na Educação, e o terceiro na Medicina. Os profissionais que aqui se tenta construir, em sua grande maioria, têm sua formação inicial em uma das três áreas mencionadas (Psicologia, Educação e Medicina), no entanto se afastam delas para atuarem como “especialistas da subjetividade”.

¹³ Foi estipulado que esta dissertação se concentraria, sobretudo, nos artigos publicados no período entre julho de 2000 (início da publicação da coluna) a setembro de 2006 (data próxima ao encerramento do prazo para a elaboração desta dissertação). Em *S.O.S. Família*, Sayão aborda questões acerca da educação familiar e escolar, tratando de temas que geram dúvidas e ansiedade aos pais e professores, bem como aborda a relação entre pais e filhos e entre professores e alunos. Seu público-alvo são os “educadores”, termo usado por ela para se referir aos pais e professores. Na coluna, ao responder a uma demanda por orientações sobre como educar, discute o que seria uma conduta desejável para a formação de crianças e adolescentes autônomos e independentes. Em suma, em *S.O.S. Família*, presta *socorro* a pais e professores em sua “tarefa” de educar e, ao refletir sobre certas

três livros de Sayão sobre educação: *Como Educar Meu Filho? Princípios e desafios da educação de crianças e de adolescentes hoje* (Publifolha, 2003), *Em Defesa da Escola* (Papyrus, 2004) e *Família: Modos de Usar* (Papyrus, 2006), sendo os dois últimos escritos com Julio Groppa Aquino; a transcrição da palestra de Rosely Sayão, apresentada no primeiro *Ciclo de Palestras para Pais* do Colégio Santa Cruz, em 2004;¹⁴ os textos produzidos no *Blog da Rosely Sayão* e seus “bate-papos” travados no quadro *Momento Família*, ambos no *Portal Universo Online*; os três livros de Sayão sobre sexo e sexualidade, voltados ao público adolescente, *Sexo: Prazer em conhecê-lo* (Artes e Ofícios, 1995), *Sexo é Sexo* (Companhia das Letras, 1997) e *Sexo* (Escuta; Via Lettera, 1998).

Ademais, incorporou-se a produção em diversos meios (escrito, televisivo, eletrônico, comunicação) de Tania Zagury e Içami Tiba. Apesar da pertinência dos temas tratados por esses dois autores, em relação à questão que orienta esta dissertação, essas duas produções não serão exploradas na sua totalidade, como no caso da de Sayão. Dada a extensão da obra destes dois autores – Tiba tem dezenove livros publicados e Zagury treze – optou-se por privilegiar a análise de *Quem Ama, Educa!* (2002) de Tiba, bem como *Educar Sem Culpa* (1993) e *Limites Sem Trauma* (2000) de Zagury, por serem livros importantes, tanto do ponto de vista da aceitação do público-leitor (todos são sucessos de vendas), quanto do ponto de vista das questões que abordam (como será mostrado nos próximos capítulos). Esta reflexão somada à análise do material publicado no *site* pessoal que ambos possuem, permitiu constatar uma forma semelhante de atuação destes dois “especialistas da subjetividade”.

Já sobre a produção de Rosely Sayão, esta foi explorada exaustivamente, haja vista que a psicóloga possui uma longa trajetória na mídia escrita (são cerca de doze anos como

posturas e comportamentos, tenta mostrar como deveriam agir e quais são os papéis de cada um nessa relação. Sobre o suplemento *Equilíbrio*, ele traz matérias sobre saúde, alimentação, sexo, profissões, curiosidades e informações sobre livros, pesquisas e eventos (cursos e oficinas) relacionados aos temas citados. Trata-se, em sua maioria, de artigos que discutem e que dão dicas, conselhos e orientações sobre, grosso modo, viver *bem* e em *harmonia*, viver de forma *equilibrada*. Há também presente neste suplemento a coluna *Outras idéias* que, a cada semana, é escrita por um de seus quatro responsáveis: a terapeuta existencial Dulce Critelli, o médico geriatra Wilson Jacob Filho, o jornalista norte-americano Michael Kepp e a psicanalista Anna Verônica Mautner. E esses autores abordam os mais variados temas. Somente para ilustrar, entre os meses de maio e junho de 2006, escreveram, respectivamente: “Teia de relações”, “Envelhecer com saúde”, “Puritanismo” e “Sentir-se excluído”.

¹⁴ Dá-se destaque a esta palestra, “Autoridade educadora”, pois tive a oportunidade de acompanhar não só ela, mas todo o ciclo oferecido aos pais do Colégio Santa Cruz. Vale ressaltar que a transcrição desta palestra foi feita pela autora da presente dissertação e não foi revista pela psicóloga.

colunista do jornal *Notícias Populares* e treze como colunista da *Folha de S.Paulo*), escreveu seis livros que foram publicados por importantes editoras (como a Companhia das Letras e a Escuta), tem uma aparição diária na mídia eletrônica e escrita (Sayão escreve textos às segundas, quartas e sextas-feiras para o seu *blog*, às terças participa do “bate-papo” com os internautas no *Momento Família* e às quintas-feiras sua coluna na *Folha* é publicada), além disso, ao longo de sua trajetória profissional, a psicóloga mudou o público-alvo e o tema de suas reflexões: da sexualidade para adolescentes passou a escrever e a falar para os pais e professores sobre educação. No entanto, tais mudanças não suscitaram transformações na função que suas falas e seus escritos desempenham para o público, seja entre adolescentes, seja entre “educadores”, de esclarecer dúvidas e ensinar como agir. Assim, sua produção é considerada, ao lado da de Zagury e de Tiba, expressão da produção dos “especialistas da subjetividade” na sociedade contemporânea, bem como as falas e os escritos desses três profissionais constroem enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” que circulam na mídia e no mercado de palestras e assessorias na atualidade.

Em relação à trajetória na mídia escrita, vale acrescentar que Sayão é colunista da *Folha de S.Paulo* desde 1993. Sua primeira coluna neste jornal foi *Sexo*, publicada no suplemento destinado aos adolescentes, *Folhateen*, entre 1993 e 2000. Em julho de 2000, passou a escrever em outro suplemento do jornal, no *Equilíbrio*, a coluna *S.O.S. Família*, pela qual é ainda responsável. E, antes desse período, já havia escrito para o jornal *Notícias Populares*, numa coluna diária, entre 1989 e 2001. Já na trajetória de Tiba e Zagury não há esta aparição tão freqüente num mesmo meio de comunicação. É certo que dão entrevistas que são publicadas em jornais e revistas, escrevem textos que são veiculados nestes meios, porém não com a permanência num mesmo veículo como a psicóloga. Este aspecto permite chamar a atenção para a *visibilidade*, dada pela exposição nas diferentes mídias, que, a nosso ver, é um traço distintivo dos “especialistas da subjetividade” na sociedade atual. Por outro lado, as trajetórias de Zagury e Tiba possuem uma marca importante que, apesar de não estar presente na carreira da psicóloga, também contribui para particularizar esses “especialistas”: ambos publicaram nas últimas duas décadas, respectivamente, treze e dezenove livros. Ou seja, a grande produção de textos, distribuídos pelos diversos meios de comunicação (no caso dos autores citados são os livros), é outro traço distintivo desses profissionais.

Objetiva-se, assim, construir a idéia de que a mediação de “especialistas” não é um fenômeno novo na sociedade, embora assuma formas inéditas na configuração social atual. Para tanto, discute-se uma afirmação trazida como epígrafe desta introdução: trata-se de um

escrito de Rosely Sayão, retirado de “Para educar é necessário ser impopular”, um dos primeiros artigos da *S.O.S. Família*.

Como educar é difícil! Há 30 anos, os pais achavam que sabiam a melhor maneira de educar os filhos. E, sem dúvidas e com todas as certezas, faziam o que achavam certo. Mas hoje, com tantas informações, com tantas teorias, os pais estão com todas as dúvidas e nenhuma certeza (Sayão, 03/08/2000).

A idéia contida neste escrito é recorrente inclusive na produção de outros “especialistas da subjetividade”, porém em cada aparição mobiliza um conteúdo diferente. Na produção de Tania Zagury, encontrou-se a referência a esta transformação na relação entre pais e filhos, expressa no seguinte fragmento, retirado de *Limites Sem Trauma*:

Com as mudanças ocorridas durante o século XX, tanto no campo das relações humanas como no da educação, as pessoas foram aprendendo a respeitar as crianças, entendendo que elas têm, sim, querer (há pouco mais de três décadas nossos pais diziam com toda a segurança “criança não tem querer”, quem não se lembra?), gostos, aptidões próprias e até indisposições passageiras – exatamente como nós, adultos (Zagury, 2004, p.13).¹⁵

Já na produção da psicóloga outros escritos recolocam a idéia expressa acima, qual seja, a família sofreu transformações nas últimas décadas que trouxeram modificações às relações entre pais e filhos. Então, lê-se em outras passagens:

[...] Passamos direto do lado dos que tinham todas as certezas para o lado dos que tinham todas as dúvidas (Sayão, 13/12/2001).

As famílias, por variados motivos, mudaram bastante seu modo de viver, principalmente a partir da década de 1960. Até então, a mãe era a rainha do lar, a família não se restringia a pais e filhos, e o grupo de parentes se reunia com regularidade, [...] (Sayão, 02/02/2006).

[...] o que eu queria dizer para os pais hoje é que a gente tem muita dificuldade de encontrar alguma garantia. Então os meus pais acreditavam que aquele rumo era

¹⁵ A fim de não tornar a exposição desta pesquisa repetitiva para o leitor, vale ressaltar que haverá um maior uso da produção de Rosely Sayão nesta dissertação, em relação aos outros dois “especialistas”. Isto não significa que as produções de Tiba e Zagury têm sua importância diminuída no que se refere à questão investigada. Ao contrário, é apenas para dar objetividade à leitura que se optou por tal medida. Quando se julgar necessário, as duas produções serão trazidas à discussão.

melhor e eles apostavam tudo nisso, toda a autoridade deles. Eles não tinham dúvidas, não era isso? Quem colocava dúvida era a gente não eram eles. Esta geração atual tem todas as dúvidas do mundo e nenhuma certeza (palestra, 16/06/04).¹⁶

No livro mais recente de Sayão e Aquino, que tem como tema central as transformações da família, os anos 1950 são apontados como auge da “família tradicional” e os anos 1960 como o início da mudança na “dinâmica” familiar (Cf. Aquino; Sayão, 2006, p.17). Adiante, discutir-se-á qual a família concebida por esses autores, no entanto, o que é importante ressaltar neste momento é o fato de que a década de 60 é colocada como o começo das transformações, e não os anos 1970, como é afirmado na primeira passagem citada acima, por meio da expressão “há 30 anos”. Então, poder-se-ia dizer que, de modo geral, Sayão localiza na segunda metade do século XX as alterações na “dinâmica” familiar. Em outras palavras, a família, e também a escola, como Sayão acrescenta em outros escritos, perdem as “certezas”, as “garantias”, que antes possuíam na educação de seus filhos e alunos. Associada às expressões “todas as dúvidas” e “nenhuma certeza”, está a idéia das muitas “informações” e “teorias” que rodeariam os pais. Um fragmento de *Família: Modos de Usar*, reforça tal associação:

[...] esse discurso profissional [o discurso médico, o psicológico e o pedagógico] vem colaborar com um duplo rompimento, eu creio. Primeiro, com a própria função de pai e mãe, já que estes abdicam do que eles mesmos poderiam pensar sobre o que fazer e o que não fazer com o filho, em nome desses discursos ditos científicos e profissionais. Segundo, com tudo aquilo que pais, avós e outros antepassados disseram, fizeram e construíram. Esse patrimônio passa a ser considerado anacrônico porque, no lugar da tradição familiar, introduzimos o discurso profissional (Aquino; Sayão, 2006, p.77).

As falas e os escritos de Sayão colocam a dificuldade de educar crianças e adolescentes na sociedade contemporânea – dificuldade vivida por pais e professores a partir da década de 1960 (ou 1970, dependendo do enunciado) – associada à existência de um “discurso” dito “profissional” e “científico” que, de um lado, contribuiria para o rompimento da “função de pai e mãe”, que abdicariam de um julgamento autônomo “em nome desses discursos”, e, de outro, contribuiria para o rompimento com a “tradição familiar”. Por isso, atualmente, aos olhos desta “especialista da subjetividade”, bem como de outros profissionais e dos próprios pais (expresso naquela frase citada logo no início desta dissertação), “exercer o

¹⁶ Respectivamente, esses trechos foram retirados dos artigos “Pai que admite erros ganha em autoridade” e “Mesa de jantar e encontros familiares”, bem como da palestra realizada por Sayão no Colégio Santa Cruz.

papel de mãe e de pai é uma tarefa árdua e angustiante” (Sayão, 06/07/2006), ou, em outros termos, é uma “missão impossível de ser cumprida” (Cimatti, FSP, 06/07/2006).¹⁷

Frente a estas interpretações a respeito das relações familiares, formuladas pela psicóloga ao grande público, é possível recorrer à teoria sociológica e recuperar algumas análises que matizam e confrontam tais interpretações. As reflexões do sociólogo Christopher Lasch sobre a sociedade americana, produzidas entre o final dos anos 1970 e início dos 80, permitem justamente evidenciar que a mediação do discurso científico-especializado desde há muito existe nas relações tecidas entre os membros familiares daquela sociedade. A análise de uma extensa documentação, que abrangeu produções culturais da sociedade americana ao longo do século XIX e XX, como algumas produções literárias, cinematográficas e mesmo sociológicas, fez com que o autor destacasse a “socialização da reprodução” – isto é, “a apropriação de funções de criação dos filhos por *pais substitutos*, responsáveis não perante à família, mas perante ao Estado, à indústria privada ou aos seus próprios códigos de ética profissional” (Lasch, 1983, p.193, grifos meus) –, como um traço das relações familiares daquela sociedade na passagem do século XIX ao XX. E ainda:

[...] a indústria da publicidade, os meios de comunicação de massa, os serviços de saúde e do bem-estar e outros agentes de instrução de massas assumiram muitas das funções socializadoras do lar e colocou as que restaram sob a direção da ciência e da tecnologia modernas (Lasch, 1983, p.193).

O autor observa, portanto, em um contexto social e histórico distinto, a participação de profissionais nas relações tecidas entre os membros familiares. Para este processo de “socialização” dos cuidados com os filhos, Lasch também dá o nome de “proletarização da paternidade” (Lasch, 1983, p.207). No seu entender, houve uma “apropriação de técnicas de criação de filhos pelas ‘profissões auxiliares’” (Lasch, op.cit., p.207). Médicos, psicólogos, “especialistas em desenvolvimento infantil, porta-vozes dos tribunais de menores, conselheiros matrimoniais, líderes do movimento pela higiene pública”, entre outros agentes sociais, passaram a mediar a relação entre pais e filhos, ensinando-os como agir. Havia,

¹⁷ Há outros processos que são assinalados por Rosely Sayão, em outros momentos de sua produção, que, segundo ela, também teriam suscitado modificações nas relações familiar e escolar. São eles: a “cultura da juventude” ou a “cultura de manter a juventude a todo preço” (Cf. palestra, 16/06/2004); a necessidade dos adultos de resolver rapidamente seus problemas, de não sofrer e de buscar vivências prazerosas, donde o freqüente consumo de drogas lícitas e ilícitas (Cf. Sayão, 19/04/2001); além da necessidade dos pais de superproteger os seus filhos (Cf. Sayão, 25/04/2002; 22/05/2003), entre outros. Esses processos serão trabalhados adiante, na segunda parte.

segundo Lasch, um “consenso” entre esses profissionais de que “a família não mais podia cobrir suas próprias necessidades”; contudo, cada um deles, defendia a sua própria especialidade como sendo a principal no cuidado dos jovens (Lasch, 1983, pp.193-4).

Num momento posterior, nas décadas de 40 e 50 do século XX, Lasch constata uma tendência no interior da medicina norte-americana que ia de encontro ao “consenso” assinalado anteriormente. Eram profissionais que buscaram restaurar a confiança parental. No entanto, o sociólogo afirma que tal tendência teve um efeito contrário. Por meio de uma das grandes produções da pediatria norte-americana, de meados dos anos 40, Lasch discutiu o aprisionamento dos pais pelas palavras dos “especialistas” naquele contexto social. Ele analisou o livro do Dr. Benjamin Spock, *Baby and Child Care*, que alcançou mais de duzentas edições entre 1946 (ano de sua primeira publicação) e meados da década de 70, e mostrou que tal livro foi “o exemplo mais óbvio desta dependência dos pais com relação ao conselho e à ajuda externos” (Lasch, 1991, p.220).¹⁸

Para o sociólogo norte-americano, por mais que Dr. Spock denunciasse tal dependência em seu livro, ela não trouxe a emancipação dos pais frente ao discurso científico-especializado, tampouco os deixou mais seguros para educarem seus filhos. Ao dizer às mães: “Confie em si mesmas” e “O que os bons pais e mães sentem que é certo fazer com seus bebês, é geralmente o melhor” (Spock *apud* Lasch, 1983, p.202), é como se esses ensinamentos fossem recebidos pelos pais como *mandamentos* ou *obrigações* impostos pelo “especialista”, ou seja, a relação de dependência entre pais e “especialistas” não foi rompida. Nas palavras de Lasch, a um só tempo, o Dr. Spock autorizava os pais a confiarem em si mesmos e os lembrava de que os erros cometidos com os filhos teriam “conseqüências incalculáveis”. Diz Lasch:

O conselho vindo de fora, porém, enfraquece a já vacilante confiança que os pais depositam em seu próprio julgamento. Assim, embora Spock aconselhe os pais a confiarem tanto nos impulsos da criança quanto nos seus próprios, ele solapa esta confiança ao lembrá-los das conseqüências incalculáveis de seus atos (Lasch, 1991, p.220).

¹⁸ Este livro sofreu algumas revisões durante a vida de Dr. Spock, foi traduzido para mais de 20 países e vendeu cerca de 40 milhões de exemplares. No Brasil, ao que tudo indica, a primeira versão, *The Common Sense Book of Baby and Child Care*, foi editada pela Atheneu, com o título de *Como Cuidar de seu Filho: Guia dos pais*, em 1956. Já sua segunda versão, *Baby and Child Care*, foi traduzida como *Meu Filho, Meu Tesouro*, sendo publicada em 1960 pela Record. Atualmente, a Record ainda publica o livro, com o mesmo título da edição de 1960, mas se trata da última versão revisada e atualizada por Dr. Spock em 1985.

Assim, conclui que:

a proliferação do conselho médico e psiquiátrico solapa a confiança dos pais ao mesmo tempo que alimenta uma noção largamente exagerada da importância das técnicas de criação dos filhos e da responsabilidade dos pais por seu fracasso (Lasch, 1991, p.220).

É interessante perceber que esta ambigüidade da posição do “especialista” – autorizar o saber dos pais e, ao mesmo tempo, perpetuar a dependência de suas palavras – é mantida e atualizada na configuração social brasileira contemporânea. A produção de Rosely Sayão, bem como as de Tania Zagury e de Içami Tiba, trazem a preocupação com a legitimação do saber dos pais, contudo suas falas e seus escritos não são suficientes para produzir uma alteração no vínculo estabelecido entre eles e o público. Uma entre tantas tentativas de tornar os pais independentes de suas palavras aconteceu em junho de 2006, quando a psicóloga recomendou a leitura de *Como Amar uma Criança* (1997). Sua justificativa era a de que, apesar do livro ter sido escrito em 1915, seriam muitas as contribuições que o médico de Varsóvia, Janusz Korczak, ofereceria aos “pais e profissionais da educação em pleno século 21”, uma vez que “os temas são atuais e, mais do que qualquer livro de auto-ajuda para pais, contribui para a reflexão de quem quer ser uma mãe ou um pai melhor” (Sayão, 01/06/06).¹⁹

Tanto a introdução do livro para a edição brasileira, escrita pela educadora Fanny Abramovich, já evidencia a valorização do cuidado dos pais em detrimento de “conhecimentos científicos”, quanto o próprio texto de Korczak, logo nas primeiras linhas, chama a atenção para tal valorização. As longas passagens abaixo, respectivamente de Abramovich e de Korczak, mostram então essa preocupação:

[...] Korczak fala de muitas coisas importantes. Da necessidade da amamentação, do crescimento dos dentes, dos prazeres, dos afagos que o bebê requer, de quando começa a andar e a falar... E de como a mãe precisa estar atenta a tudo isto, que *não tem nada a ver com conhecimentos científicos*, mas com que faz parte da aquisição de toda uma sabedoria que ela precisa, para poder educar bem o seu filho... (Abramovich *in* Korczak, 1997, p.07, grifos meus).

¹⁹ A partir da modificação do projeto gráfico em todo jornal *Folha de S.Paulo*, ocorrida no final de maio de 2006, passou a ser publicado, na mesma página da *S.O.S. Família*, um *box* com indicações de filmes e outro com indicações de livros, ambos relacionados à educação e formulados pela própria Rosely Sayão. Foi em um desses *boxes* que a psicóloga recomendou a leitura do livro de Korczak, em 01/06/2006.

Vejo chegar todas essas perguntas à espera de uma resposta, todas essas dúvidas que procuram ser resolvidas: como e quanto, quando e por quê?

E respondo:

- Não sei.

Se, depois de ter lido este livro, você seguir o curso do seu próprio pensamento, é que realmente ele atingiu a finalidade. Mas se você o folhear na esperança de encontrar conselhos e receitas, você ficará decepcionado porque encontrará muito pouco. Saiba disto: se eles existem é contra a vontade do autor.

Porque não sei e não posso saber de que maneira pais que não conheço, em condições que ignoro, poderiam educar uma criança que me é desconhecida. [...] Quero que se saiba que não existem livros, médicos, que possam substituir um pensamento individual vigilante, uma observação atenta. [...] (Korczak, 1997, pp. 27-8).

Sayão faz das palavras de Abramovich e Korczak, as suas. Entretanto, elas não têm efeito de emancipação. Pelo fato de suas falas e de seus escritos serem emitidos semanalmente pelo jornal, na *S.O.S. Família*, ou quase diariamente pela internet, no *blog* ou ao vivo no “bate-papo” do *UOL News*, a posição por ela ocupada, o lugar de onde suas falas e seus escritos são proferidos, contribui para continuar sendo considerada uma “especialista da subjetividade”. Sayão *socorre* os pais e professores – sua função na sociedade é a de fornecer a *ajuda* e de propiciar a *auto-ajuda*.²⁰ Por isso o descolamento – e a ambigüidade – entre o que suas palavras dizem ao público e o vínculo que estabelece com ele.

Outro ponto que Sayão busca destacar, por meio da recomendação do livro de Korczak, diz respeito à singularidade de cada relação que visa a educação de uma criança. Afirma-se que não há ensinamentos em livros ou de médicos, que substituam o “pensamento individual vigilante” de um pai ou uma mãe, enfim, de um “educador”. Dito de outro modo, tem-se a lembrança da *normalização dos comportamentos* que é provocada pelo “discurso dos especialistas da subjetividade”. Ao fornecerem modelos, tais ensinamentos impediriam uma relação mais espontânea entre pais e filhos.

²⁰ Busca-se fazer aqui uma distinção nas falas e nos escritos de Rosely Sayão que, na maior parte das vezes, é difícil de ser percebida: há falas e escritos que veiculam *conselhos* aos leitores, ou poder-se-ia chamar de uma *ajuda* mais explícita e direta, geralmente fornecidos quando a psicóloga entra em contato direto com o público (palestras e bate-papos *online*, por exemplo); há também falas e escritos que se aproximam da *literatura de auto-ajuda*, na medida em que oferecem um conjunto de orientações que são selecionadas pelo leitor, a partir de seu interesse, e que podem levá-lo à aplicação prática. É devida a esta forma, de ajuda e/ou auto-ajuda, e ao laço estabelecido entre as falas e escritos formulados pelo “especialista da subjetividade” e o leitor-ouvinte, que o “discurso dos especialistas da subjetividade” não permite a emancipação daquele que o consome.

Na análise realizada por Lasch sobre as transformações da família americana, a defesa da singularidade na relação entre pais e filhos também é feita pelos “especialistas”. Nos anos 50, essa defesa se apresentou sob a forma do “culto da autenticidade”. O autor afirma que os pais eram ensinados pelo discurso médico a entrar em contato com os seus sentimentos, a entender os próprios desejos e a pautar as relações cotidianas na comunicação destas necessidades aos outros. Em suma, o “culto da autenticidade” era, naquele período, um imperativo na criação dos filhos. Para o sociólogo, a busca pela autenticidade significou “o colapso da orientação dos pais [...] a impotência dos pais de instruir a criança sobre o mundo”, pois reforçava a atuação das “profissões auxiliares” nesta relação social (Lasch, 1983, p.207). Ou seja, os pais não agiam de acordo com os seus próprios sentimentos e julgamentos, porém seguiam os métodos dos livros que tratavam do desenvolvimento das crianças.

Destarte, a defesa de um “pensamento individual vigilante” feita no aconselhamento de Sayão, pelas palavras do médico Korczak, evidencia a ambigüidade presente no “discurso dos especialistas da subjetividade”, ambigüidade esta já observada por Lasch no discurso médico americano dos anos 1950.

As análises formuladas por Max Horkheimer e Theodor W. Adorno acerca das transformações da família moderna também são significativas para a reflexão aqui desenvolvida, pois reafirmam a presença da mediação dos “especialistas”, (sem utilizar, no entanto, esta noção), num momento anterior ao retratado por Lasch. Em diferentes ensaios, produzidos desde a década de 1930, Horkheimer e Adorno apontam para a progressiva “socialização” a qual a família moderna foi submetida. No entendimento destes autores, houve uma crescente “racionalização” de todas as relações humanas na sociedade, uma tendência a comprimir e negar ao máximo o elemento natural e espontâneo no ordenamento familiar. Em outros termos, a família moderna foi submetida a um controle e a uma repressão cada vez mais absolutos sobre os instintos (Cf. Adorno; Horkheimer, 1973, p.133).

Em relação à função materna, Horkheimer afirma que a relação íntima e afetuosa entre mãe e filho, passa a ser mediada pelo conhecimento técnico e pela ciência (Horkheimer, 1976, pp.121-2). Novos modelos passam a existir para ser pai e mãe, bem como a relação estabelecida por meio da técnica se dá de modo cada vez mais naturalizado. Em uma palavra, “só existe uma autoridade, a saber, a ciência” (Horkheimer, 1976, pp. 31-32). É fundamental, para a compreensão da mudança na relação entre pais e filhos, considerar o declínio da autoridade paterna, ou em seus termos a “efetiva debilidade do pai na sociedade” (Adorno; Horkheimer, 1973, p.145), e a modificação da própria constituição dessa autoridade, na

medida em que esta é substituída ou transferida para a coletividade. A autoridade do pai declina frente à emergência da racionalização.

De acordo com Horkheimer e Adorno, a autoridade paterna era baseada nas funções de “o procurador da lei, o dono incontrolado do poder, o provedor, o cura das almas e o sacerdote de seu lar” (Horkheimer, 1990, p.215), ou seja, a autoridade do pai estava baseada não somente no fato de ser o “provedor econômico”, garantidor da subsistência dos filhos e da esposa, mas também no fato de ser um “provedor moral”, uma referência de valores morais e éticos (Cf. Matos *in* Horkheimer, 1990, p.XVII).²¹ É sobretudo na passagem do capitalismo liberal ao monopolista, no início do século XX, que ocorre o que Horkheimer denomina de “objetivação da autoridade” (Horkheimer, 1990, p.217). A autoridade enquanto uma referência de valores é substituída pelo pensamento racional e torna-se portanto mais abstrata. Em outras palavras, com a “autoridade familiar praticamente inexistente” (Adorno; Horkheimer, 1973, p.145), a família moderna deixa de ocupar um certo lugar na educação dos filhos e suas funções são deslocadas para a escola, para o Estado e outros grupos sociais.

Adorno e Horkheimer acenam, assim, para um processo que se tornaria mais evidente algumas décadas depois, como a reflexão de Lasch permite afirmar, no que diz respeito à desvalorização do saber dos pais e à necessidade da participação das “profissões auxiliares”, na relação com os filhos, e que atualmente, numa análise da situação brasileira, é tão bem expressa com os “especialistas da subjetividade”.

O trabalho de reconstrução histórica da *figura* do “especialista da subjetividade” exige, tratando-se da análise da situação brasileira, a proposição de alguns recortes nesse processo que permitam mostrar justamente que a referida mediação, de um lado, não é um fenômeno recente,²² e, de outro, é exercida de um modo bastante particular na sociedade contemporânea. Assim, na primeira parte desta dissertação, a análise se centra no contexto brasileiro e três

²¹ É neste sentido, autoridade como *auctores*, “ser autor de algo” ou responsabilizar-se por algo que depende de nós, que a concepção de Horkheimer se aproxima à formulada por Hannah Arendt (1972). Claude Lefort, em “Formação e autoridade: a educação humanista”, por sua vez, inspira-se em Arendt para afirmar que ao pai cabe ocupar uma dupla posição: a de “sujeito de conhecimento”, isto é, a natureza da criança apresenta-se como um texto – e ele “deve aprender a conhecer, a interpretar as expressões e o comportamento da criança”; e a de “autor”, cuja obra é a criança (Cf. Lefort, 1999, p.216).

²² Faz-se, portanto, uma contraposição ao que é afirmado por Sayão, “há 30 anos, os pais achavam que sabiam a melhor maneira de educar os filhos [...] Mas hoje, [...] os pais estão com todas as dúvidas e nenhuma certeza” (Sayão, 03/08/2000).

recortes são construídos para mostrar a participação do discurso científico-especializado, nas relações tecidas entre os membros da família e da escola, em outros momentos históricos.²³

Buscou-se privilegiar na análise a atuação de “especialistas” formados em diferentes *métiers*: a Medicina, a Educação e a Psicologia. E estes são campos de saber de onde provêm os “especialistas” da atualidade, ou seja, os “especialistas da subjetividade”. Então, o primeiro recorte recupera a atuação médica, por meio do estudo das teses defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ao longo do século XIX, e retrata a construção da família higiênica.

O segundo recorte traz, em um primeiro momento, a atuação do educador Fernando de Azevedo na defesa da implantação da educação física nas escolas públicas do país, bem como da atuação dos médicos higienistas no interior destas instituições, nos anos de 1910 e 1920. Em um segundo momento, recupera a atuação do “neuro-higienista” Arthur Ramos nas “escolas experimentais” do Rio de Janeiro na década de 1930, por intermédio do seu trabalho na Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, parte do Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal.

O terceiro recorte se volta à institucionalização do campo da Psicologia no país e traz a presença do orientador educacional e pedagógico na instituição escolar, “especialista” que é vinculado às escolas e que detém um saber psico-pedagógico, e também mostra a emergência de outros profissionais que não pertenciam à equipe escolar, mas que são chamados a atuarem nesta instituição. Trata-se dos primeiros profissionais que atuaram como “especialistas da subjetividade”.

A segunda parte desta dissertação visa construir a *figura* do “especialista da subjetividade”. A noção de *figura* abarca uma construção social e histórica da “profissionalização” da função do “especialista”. A partir da pesquisa das produções de

²³ É interessante lembrar a distinção entre as noções aqui utilizadas de discurso científico-especializado e “discurso dos especialistas da subjetividade”. Nomeou-se de discurso científico-especializado aquele discurso que se apropria do saber científico e especializado e que é divulgado, não para o grande público somente, mas, sobretudo, entre os “especialistas”. Um exemplo seria o discurso médico que toma expressão nas teses defendidas, durante o século XIX, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Já o “discurso dos especialistas da subjetividade” é aquele que também se apropria de um saber científico e especializado, no entanto, ao divulgá-lo para o grande público, ele o simplifica e o dilui. Este “discurso”, que difunde em grande escala um simulacro do saber, toma expressão nos aconselhamentos e ensinamentos proferidos pelos “especialistas da subjetividade”.

Rosely Sayão, Tania Zagury e Içami Tiba, concluiu-se que estes “especialistas da subjetividade” têm uma formação diversa, em diferentes campos do saber, mas é pela atuação semelhante – enquanto palestrantes, autores de livros, colunistas em jornais e revistas, assessores – que eles se aproximam e compõem um outro *métier*, muito diferente do das profissões nas quais foram formados. É sobre este *métier* dos “especialista da subjetividade”, sobre as particularidades desses “especialistas” na configuração social contemporânea, que a análise aqui apresentada jogará luz.

A concepção de família formulada na obra de Rosely Sayão será o eixo do capítulo que abre a segunda parte. A intenção é mostrar, pelos enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” presentes na produção da psicóloga, que estes excluem conteúdos que sejam conflitantes. Desse modo, ao reconstruir uma certa concepção de “organização familiar” que perpassa as falas e os escritos de Sayão, procura-se também evidenciar como o “discurso dos especialistas da subjetividade” visa à previsão e à normalização dos comportamentos nas relações entre os “educadores” e as crianças e os adolescentes.

Para construir a *figura* dos “especialistas da subjetividade”, é necessário analisar as mudanças nas *imagens* desses profissionais que são apresentadas ao grande público. A cada fala e a cada escrito desses autores, imagens são fabricadas e refabricadas. Estas variam ao longo da trajetória profissional desses autores,²⁴ bem como variam conforme o meio de comunicação pelo qual são veiculadas.²⁵ No segundo capítulo, então, busca-se recuperar as imagens que são criadas desses profissionais. É preciso acrescentar, que a imagem dos “especialistas da subjetividade” é uma fabricação coletiva, elementos da vida pessoal e profissional são agenciados tanto pelos autores, quanto por suas editoras, nos *sites* e nos jornais que aparecem.

O terceiro capítulo analisa enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” presentes nas falas e nos escritos de Rosely Sayão, de Tania Zagury e de Içami Tiba. Com

²⁴ Rosely Sayão, por exemplo, foi mais identificada como sexóloga, ou como “especialista em sexualidade”, no início de sua carreira como colunista no *Folhateen*. Atualmente, a partir de 2000, é vista como psicóloga e profissional do campo da educação.

²⁵ Nas interações diretas com o público (palestras e bate-papos *online*) Sayão tende a se aproximar dele, ora colocando-se como amiga e mãe, ora como “especialista” que dá dicas e ensina como fazer; já quando escreve (na coluna *S.O.S.Família* ou em seus livros) se distancia da demanda dos “educadores” e se coloca como aquela que auxiliará os pais e professores a refletir sobre suas práticas.

esta reflexão, é possível perceber que tais enunciados, ao arranjar em seu interior elementos vida pessoal desses profissionais, tentam aproximar-se do público ouvinte ou leitor. Ademais, são formulações de aconselhamento e de auto-ajuda que fornecem uma resolução imediata e pontual das dúvidas e conflitos trazidos pelos pais e professores.

Nas considerações finais, retoma-se a idéia de que a mediação dos “especialistas da subjetividade” assume uma configuração inédita. Destaca-se, então, como um traço particular à sociedade contemporânea, a *posição social* ocupada pelos “especialistas da subjetividade”, que é distinta daquela ocupada pelos “especialistas” dos três recortes anteriores. Ou seja, enquanto aqueles ocupavam uma posição no interior de uma instituição e visavam um certo tipo de ordenação da sociedade, os “especialistas da subjetividade” *circulam* pela mídia e pelo mercado de palestras e assessorias, oferecendo uma ajuda pontual aos “educadores”.

Dessa forma, as falas e os escritos dos “especialistas da subjetividade” não partem de uma instituição, tampouco a representam. Eles são emitidos por diferentes meios de comunicação, havendo portanto uma circulação de seus ensinamentos e aconselhamentos. O interessante é que a legitimidade destes profissionais advém não somente de seu poder em explicar aos pais e professores suas dúvidas e ensiná-los a como agir com as crianças e os adolescentes, mas, sobretudo, advém da *visibilidade* pública que lhes é proporcionada pela circulação nos diferentes meios de comunicação.

PARTE I – TRÊS RECORTES NA HISTÓRIA DA MEDIAÇÃO DOS “ESPECIALISTAS” NO *PROCESSO EDUCATIVO*

“[...] um dia se precisará mostrar como as relações intrafamiliares, essencialmente na célula pais-filhos, se ‘disciplinaram’, absorvendo desde a era clássica esquemas externos, escolares, militares, depois médicos, psiquiátricos, psicológicos, que fizeram da família o local de surgimento privilegiado para a questão disciplinar do normal e do anormal [...]”

Michel Foucault

A produção de Sayão fornece uma descrição do modo como o *processo educativo* é experimentado na sociedade contemporânea.²⁶ Diz ela:

ah, se a gente soubesse que educar os filhos seria tarefa tão árdua, que demandasse tanto compromisso e disponibilidade – sem falar do trabalho duro e pesado e da responsabilidade, é claro –, certamente teríamos pensado muito mais, melhor e cuidadosamente antes de tê-los (Sayão, 2003, p.10).

Essas são suas primeiras palavras em *Como Educar Meu Filho?*, livro dedicado à educação de crianças e adolescentes “hoje”.²⁷ No início desse diálogo com seus leitores, uma mistura de desabafo com um tom de lamento, a psicóloga identifica a educação dos filhos a uma “tarefa”. Os adjetivos usados ajudam a colorir a “difícil” situação dos pais: trata-se de uma “tarefa” “árdua”, de um “trabalho duro e pesado” que demanda “compromisso”, “disponibilidade” e “responsabilidade”. Seus escritos constroem, desse modo, uma maneira de se perceber a educação – como um grande “desafio” (Sayão, 2003, p.15) que gera muito “trabalho” (Sayão, 2003, p.12) e insegurança aos pais. Em suas expressivas palavras:

²⁶ A noção “processo educativo” é usada em sentido amplo nesta dissertação, referindo-se a todos os atos que são realizados para “educar” uma criança ou um adolescente, seja filho ou aluno, pelos pais ou pelos professores. Usa-se o termo “processo” para indicar justamente este conjunto quase infinito de atos que objetivam “educar”. Já os termos “educar” e “educação” não possuem uma pré-definição, pois seguem o uso feito pelos “especialistas” aqui trabalhados.

²⁷ O livro mencionado é, como já foi dito, fruto da reunião dos artigos da *S.O.S. Família* e não uma reflexão inédita. Então, muitos dos artigos aqui citados foram publicados, além do jornal, no livro. Quando houver dupla publicação, o leitor será informado.

[...] tanto em casa como na escola, os educadores devem encarar os problemas e as dificuldades que filhos e alunos apresentam como *desafios a serem superados*, e não como motivo para impedimentos e/ou impossibilidades (Sayão, 19/09/2002, grifos meus).

Exercer o papel de mãe e de pai é uma *tarefa árdua e angustiante*. É preciso abdicar das certezas, das seguranças e da idéia do bem-estar pessoal para freqüentar com muita regularidade a instabilidade e a incerteza, investir no bem-estar de um ser dependente e mais frágil, aceitar restrições na vida e, inclusive, limitar as ambições pessoais (Sayão, 06/07/2006, grifos meus).²⁸

Sayão é uma psicóloga que pensa, fala e escreve a respeito da educação familiar e da educação escolar como “desafios” que geram “angústia” aos “educadores”. E ela não está sozinha nesta constatação, pois sua voz é reforçada por outros profissionais – que também figuram nas mais diferentes mídias, ministram palestras e publicam livros sobre a educação de crianças e adolescentes – tais como Içami Tiba e Tania Zagury, como foi afirmado. E é entre “desafios”, “dificuldades” e dúvidas, mas também soluções e esclarecimentos, que os “especialistas da subjetividade” se colocam. Eles tentam ajudar pais e professores no *processo educativo*, ensinando e aconselhando-os sobre como agir.²⁹

Sayão marca sua posição entre esses profissionais quando afirma que a educação é uma “interação” para a qual não há fórmulas prontas, “receitas” ou cursos que assegurem o êxito dos pais, nem mesmo a experiência é garantia de sucesso. Nesse sentido, seu papel é o de promover a discussão dos “princípios” e dos “desafios” da educação contemporânea, bem como o de incentivar questionamentos e mudanças no comportamento dos pais (Cf. Sayão, 2003, pp.10-13).

Na introdução do livro *Como Educar Meu Filho?*, explicita sua atuação junto aos “educadores”:

²⁸ Este trecho pertence ao artigo “Separação de pais e filhos”, já o anterior foi retirado de “Saída ética para educador reclamão”, publicado também em *Como Educar Meu Filho?* (2003).

²⁹ É preciso chamar a atenção para o fato de que os “especialistas da subjetividade”, analisados por meio das produções de Sayão, Zagury e Tiba, também *vivem* dos “desafios” e dos “problemas e dificuldades” enfrentados pela família e pela escola. Ou seja, *eles sobrevivem materialmente e socialmente* discutindo a existência de tais “problemas e dificuldades”, dando realidade aos “desafios” enfrentados por pais e professores no *processo educativo* e, sobretudo, *socorrendo-os* em suas relações com as crianças e os adolescentes.

é possível conversar sobre as questões importantes para a educação dos filhos. E as colunas escritas para a *Folha de S. Paulo*, aqui reunidas, são fruto de um diálogo com o dia-a-dia dos pais e com algumas disciplinas do conhecimento que ajudam a entender o universo dos seres em formação e a educação [...] Este tem sido meu trabalho: refletir, duvidar, tornar mais complexas determinadas situações e simplificar outras – aparentemente tão complicadas –, além de socializar meus conhecimentos sobre o assunto [...] *Espero que as idéias aqui reunidas sejam transformadas pelo leitor considerando a realidade em que vive* [...] Espero que a cada leitura destes textos, pais e professores possam ter mais dúvidas do que tinham antes de começar a ler. É que quando reconhecemos nossas dúvidas abandonamos todas as certezas que, ilusoriamente, colecionamos para guiar nossos passos e, assim, ganhamos a grande chance de inventar e criar novos caminhos (Sayão, 2003, pp.12-13, grifos meus).

Em outras palavras, na introdução de seu primeiro livro sobre educação, Sayão faz uma reflexão acerca de seu papel frente aos “educadores” e coloca suas idéias como mediadoras de e como possibilidades para a transformação. Espera que elas sejam transformadas por seus leitores em maneiras diferentes de agir, de conceber a educação e que, a partir delas, estes se questionem cada vez mais sobre sua forma de educar.

Percebem-se, então, traços claros da *literatura de auto-ajuda* implícitos nestas primeiras linhas do livro. A formulação que Francisco Rüdiger faz acerca dessa literatura, como um “conjunto textualmente mediado de práticas” por meio das quais os indivíduos tentam descobrir, desenvolver e utilizar seus supostos “recursos interiores”, transformar sua subjetividade e obter uma certa posição no mundo (Rüdiger, 1995, p.7), está colocada de maneira explícita na introdução de Sayão.

A psicóloga tenta fornecer um ensinamento, cuja leitura leve à prática. E, segundo Rüdiger, esta é a intenção da literatura de auto-ajuda. Trata-se de um “discurso prescritivo, [que] tem como principal objetivo propor regras de conduta e fornecer conselhos [...] que são consumidos para serem objeto de aplicação prática por parte do leitor”. Prática esta que “deve transcender a simples leitura: supostamente, prolonga-se em técnica de ação sobre si mesmo e sobre os outros no contexto de nossa cultura” (Rüdiger, 1995, p.31).

É interessante acrescentar que, mesmo a literatura de auto-ajuda abarcando uma grande quantidade de temas, há, para Rüdiger, um pressuposto comum a todos eles, qual seja, o indivíduo possui “um poder interior” capaz de ser usado na resolução de seus problemas. Dessa forma, a partir do conjunto de possíveis orientações e de possibilidades de mudança oferecido por essa literatura, o indivíduo organiza quais devem ser consideradas, de acordo

com suas próprias inquietações. Além disso, o fenômeno da auto-ajuda se relaciona com uma certa concepção de individualismo, segundo a qual o indivíduo deve buscar em si mesmo recursos para ultrapassar obstáculos (Cf. Rüdiger, op.cit., p.23). É por isso que o autor chama a atenção para o “abstracionismo social do sujeito” na configuração social contemporânea. O indivíduo se sente isolado da realidade que o cerca, como se o sucesso e a felicidade, por exemplo, dependessem apenas dele para acontecer.

Na produção de Sayão, bem como na de outros “especialistas da subjetividade” encontra-se esta mesma *abstração social do sujeito*, uma vez que se dá a entender que a mudança da relação entre pais e filhos, a solução dos conflitos vividos, depende apenas da vontade dos adultos. O artigo “Saída ética para educador reclamão” traz o isolamento no qual a psicóloga coloca os seus leitores. Nele procura orientar a conduta dos pais e professores, que estariam imersos numa infinidade de teorias e informações, e, ao mesmo tempo, critica a postura cômoda desses “educadores”, de apenas reclamarem das “influências negativas” que submeteriam as crianças e os adolescentes e que dificultariam a sua “tarefa educativa”. Neste artigo, os pais reclamam à psicóloga dos programas televisivos, da violência dos *videogames* e dos *sites* com conteúdos inadequados às crianças, além do mimo excessivo dos avós, da permissividade dos pais dos amigos dos filhos, dentre outras. A essa postura dos pais e professores, Sayão tece o seguinte comentário:

Nenhum médico espera que seus clientes apresentem um quadro de sintomas compatível com determinado diagnóstico. Aliás, se o médico reclamar da diversidade de sintomas do paciente, este não vai querer voltar nunca mais ao profissional por julgá-lo incompetente, concordam? Então: será que não é exatamente assim que muitos educadores – tanto pais quanto professores – têm agido? (Sayão, 19/09/2002).

A indagação a respeito da “incompetência” dos “educadores” ao lidarem com seus filhos e alunos é feita quase que a despeito deste momento supostamente mais “complexo” e “difícil” para se exercer tal papel. É sobre este ponto que a psicóloga questiona os “educadores” e os incita a se modificarem, pois, para ela, só há uma saída possível “buscar soluções diferentes e não desistir jamais frente aos problemas” (Sayão, 19/09/2002). Além de um incentivo, é como se dissesse aos pais que a transformação da relação só dependeria da vontade deles. Ou ainda, ao responsabilizar os pais por seus sucessos e fracassos, é como se

desconsiderasse a necessidade que estes sentem da mediação dos “especialistas da subjetividade” no *processo educativo*.³⁰

A produção de Sayão, além de conceber o *processo educativo* como uma “tarefa árdua” e “angustiante”, traz a idéia de que a educação na sociedade contemporânea está na “era profissional”. Essa interpretação é desenvolvida especialmente no artigo “Educação profissional” (Sayão, 27/07/2006). Logo no seu início, lê-se:

No mundo atual, educar transformou-se numa atividade essencialmente profissional. Não me refiro aos profissionais da educação que atuam em escolas com teorias e metodologias. Falo dos pais e de sua responsabilidade de educar no convívio familiar. Hoje há uma profusão de profissionais de todas as áreas que ofertam suas opiniões aos pais. Dos profissionais da saúde aos de economia, todos acreditam ter contribuições imprescindíveis a dar (Sayão, 27/07/2006).

Pelas palavras “mundo atual” e “hoje”, a psicóloga credita à contemporaneidade a participação de “profissionais de todas as áreas” que “acreditam ter contribuições imprescindíveis a dar”. Ao incorporar a voz de uma leitora ao seu escrito, Sayão dá mais veracidade à idéia de tal participação. Diz a leitora citada no artigo:

“Não importa o que façamos [os pais], estamos sempre errando. *Educar é uma tarefa impossível* sem que os pais leiam os manuais profissionais.” (leitora *apud* Sayão, 27/07/2006, grifos meus).

³⁰ Considerando a produção de Rosely Sayão como uma expressão da literatura de auto-ajuda, poder-se-ia dizer que essa literatura é permeada por uma lógica que lhe é própria, mas que se aproxima da lógica *empresarial* (ou seja, a produção é em série, há grande circulação de seus produtos, visa o lucro etc.). Há a clara preocupação das editoras de auto-ajuda para que seus livros sejam *best-sellers*, além do trabalho de *marketing* que elas têm, para transformá-los em produtos atraentes aos olhos e fáceis de usar pelos leitores; mas, por outro lado, a lógica da auto-ajuda também rege o *processo educativo*. É como se a máxima, comumente utilizada para designar uma “competência” muito valorizada atualmente no terceiro setor – “identificar problemas e encontrar soluções” (Cf. Souza, 2006) – também inspirasse a ação de pais e professores. Em outras palavras, tal lógica também rege o conteúdo das orientações. A psicóloga compara a incompetência médica à incompetência dos “educadores”, por terem uma postura “passiva” frente às “influências negativas”. Isto é, o critério competência/incompetência, usado no mundo do trabalho, é válido na esfera das relações entre pais e filhos conforme a concepção desta “especialista da subjetividade”. A “profissionalização” da paternidade e da maternidade será estudada adiante, no capítulo *A institucionalização da Psicologia*.

A psicóloga concorda com sua leitora. Para os mais variados temas há muitos “tratados” sobre como “proceder” com os filhos e alunos – “não há dúvida nenhuma de que vivemos na era profissional”. E ironiza, ao afirmar que:

[...] se os pais, mesmo assim, não conseguem resolver as dificuldades que os filhos lhes impõem, não há problema. Há também uma oferta enorme de profissionais que se propõem a tratar daquilo que os pais não dão conta (Sayão, 27/07/2006).

Numa tentativa de redimensionar a “era profissional”, afirmada pela psicóloga Sayão e que imperaria na configuração social atual, propõe-se a construção de três recortes da sociedade brasileira que evidenciam – a partir de três *métiers* distintos, a atuação médica, a de professores e a de psicólogos – em outros contextos históricos, a mediação, por um discurso científico-especializado, da relação entre pais e filhos e entre professores e alunos.

Recuperando a epígrafe desta primeira parte, poder-se-ia dizer que as relações tecidas no interior da família, “essencialmente na célula pais-filhos”, foram mediadas por um discurso científico-especializado, assentado no saber médico, no saber médico-pedagógico, e, também, psico-pedagógico, e foram “disciplinadas” e normalizadas por ele. Desta forma, a família, e também a escola, permitem de forma privilegiada a construção de momentos nos quais “a questão disciplinar do normal e do anormal” (Foucault, 2002, p.178) tornam-se mais evidentes. Em outras palavras, os três recortes apresentados a seguir buscam evidenciar a mediação deste discurso que, simultaneamente, instruiu os pais a agir na relação com seus filhos e normalizou as suas condutas.

Capítulo 1) A velha “crise da família contemporânea” ou os “tradutores exclusivos do obscuro”

Em 1855, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi defendida a tese de Joaquim José de Oliveira Mafra, intitulada *Esboço de uma higiene de colégio, aplicável aos nossos: regras principais, tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem reger os nossos colégios*, da qual foi retirado o seguinte comentário a respeito da conduta dos pais:

Querem que se dê a seus filhos [na escola] uma alimentação super-abundante, esquisita, bem adubada, que agrade ao paladar; querem que se lhes ofereçam leitões bem fofos e macios, onde sejam bem agasalhados; que não se obriguem seus filhos a passeios longos, porque a fadiga, o sol, a chuva a que porventura se exponham-lhes fazem mal; que não se exercitem na ginástica, porque podem machucar-se ou mesmo ferir-se; *querem enfim que se lhes poupem algumas dores e lágrimas, não reparando que, procedendo assim, lhes preparam para o futuro males sem dúvida imensamente mais deploráveis* (Mafra apud Costa, 1999, p.171, grifos meus).

Cerca de um século e meio mais tarde, outro comentário, muito semelhante ao anterior foi encontrado:

os pais, desde muito cedo, colocam-se no meio do caminho. Querem amparar, querem proteger, querem poupar, querem justiça, querem que o filho seja compreendido, querem encontrar caminhos; *querem e buscam, enfim, o que julgam ser o melhor para os filhos, sem medir esforços. E isso não prepara os filhos para enfrentar esse mundo. Não prepara e, além disso, atrapalha* (Sayão, 22/05/2003, grifos meus).

Este último é um trecho retirado do artigo “Pais assumem tudo, e filhos se acomodam” de Rosely Sayão, publicado no suplemento *Equilíbrio* do jornal *Folha de S.Paulo*.

Ambos denunciam um certo comportamento dos pais, demasiado protetor e que privaria os filhos de experiências que os preparariam para enfrentar “esse mundo”. Mais do que isso, tal conduta desmedida atrapalharia os filhos e lhes traria no “futuro males sem dúvida imensamente mais deploráveis”.

Apesar de terem sido destacados de seus respectivos contextos histórico e social, é possível afirmar que, no primeiro fragmento, é um saber científico e especializado que está por trás dessas críticas – trata-se de uma *tese* defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Já o segundo fragmento foi retirado de um *artigo* escrito por uma psicóloga e

publicado em um jornal que possui uma ampla circulação no país. E, neste último, trata-se de um simulacro do saber, isto é, de uma apropriação simplificada e diluída do saber científico, que é divulgado para o grande público. São esses, talvez, alguns dos comentários possíveis de serem formulados sobre tais trechos, se forem tratados isoladamente.

Entretanto, não se pode ter uma relação ingênua com as palavras. Não se pode esquecer que elas estão ancoradas em certa sociedade e possuem uma historicidade. Não se deve portanto acreditar que essas críticas aos pais possam ser comparadas imediatamente, ignorando o momento em que foram feitas e por quem foram formuladas, bem como em que configuração social elas se inserem e no interior da qual produzem sentidos.

Destarte, o intuito será o de trabalhar com as semelhanças e diferenças entre esses dois momentos, trazidos pelos trechos citados, para colocar a produção de Rosely Sayão – e, deste modo, o “discurso dos especialistas da subjetividade” – sob perspectiva. Assim, também poder-se-á confrontar a idéia de que “no mundo atual, educar transformou-se numa atividade essencialmente profissional” (Sayão, 27/07/2006), ou ainda, de que “há 30 anos, os pais achavam que sabiam a melhor maneira de educar os filhos. [...] Mas hoje, com tantas informações, com tantas teorias, os pais estão com todas as dúvidas e nenhuma certeza” (Sayão, 03/08/2000).³¹

1.1) A “família colonizada”

Quando se volta para a reflexão de Jurandir Freire Costa em *Ordem Médica e Norma Familiar*, alarga-se a compreensão do *processo educativo* que é construída por meio da produção de Sayão. Isto porque Costa mostra que já no século XIX a família era atravessada por um discurso científico-especializado. O autor parte da “crise da família contemporânea” – percebida por ele na sociedade brasileira do final dos anos 1970, e busca na formação da família higiênica, com suas condutas e sentimentos normalizados pela medicina, uma medida para se compreender a particularidade das complicações atuais.

Não há como negar esta evidência; os indivíduos pertencentes à pequena, média e, em menor escala, grande burguesia urbanas parecem ter renunciado ao direito de resolver,

³¹ É preciso lembrar que a produção de Rosely Sayão permite descrever uma certa concepção do *processo educativo* na sociedade atual. Suas falas e seus escritos portanto não se referem e não se dirigem a toda e qualquer família. Na verdade, abordam e se destinam a uma certa família brasileira, com questões e “desafios” específicos. Essas particularidades serão tratadas na segunda parte.

por conta própria, suas dificuldades familiares. Cada dia mais apela para especialistas, em busca de soluções para seus males.

Entretanto, ao contrário do que pode parecer, esta posição de dependência para com os agentes educativo-terapêuticos não é estranha à história da família burguesa. No século XIX, sua antecessora, a família oitocentista de elite, foi submetida a uma tutela do mesmo gênero. A medicina social, através de sua política higiênica, reduziu a família a este estado de dependência [...] (Costa, 1999, p.12).

Percebe-se, então, com sua análise, que a mediação dos “especialistas” no *processo educativo* não é exclusiva à configuração social atual, mas remonta à constituição da família burguesa brasileira. Seu trabalho é fundamental por conceber a “crise da família” como um fato social que se perpetua no tempo, além de evidenciar que a participação dos “especialistas”, na formulação dos comportamentos dos membros familiares, contribuiu (e, ao nosso ver, contribui também hoje) para a fabricação desta “crise”, nos termos de Costa, ou de um momento mais “difícil” e “complexo”, nos de Sayão (19/09/2002).

Partindo da análise das teses defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro durante o século XIX, assiste-se à passagem da família colonial à “família colonizada”, nas palavras do autor, por via do discurso médico. Ou seja, na constituição da família higiênica – cada parte do corpo do indivíduo foi alvo de um *controle*: por meio da educação física, da educação moral, da educação intelectual e da educação sexual. A relação entre pais e filhos também foi modificada, pois o saber médico construiu e ensinou uma outra maneira de “amor familiar” (Costa, 1999, p.15).³² Dessa forma, Costa produziu uma interessante reflexão sobre a transformação e normalização das relações familiares, numa sociedade onde:

amar e cuidar dos filhos tornou-se um trabalho sobrehumano (sic), mais precisamente, ‘científico’ (Costa, 1999, p.15).

³² Ainda que com o saber médico e suas normas higiênicas seja dada ênfase a um controle sobre o corpo do indivíduo e ao disciplinamento dos comportamentos desse corpo, há também um controle da subjetividade, da economia das emoções. Desse modo, na atualidade e no século XIX, haveria a busca por um controle e previsão de sentimentos e emoções, sendo possível nomear tanto higienistas quanto profissionais contemporâneos de *especialistas da subjetividade*. Todavia, a previsão e o controle se fazem de maneiras diferenciadas e, para ressaltar essas diferenças, os profissionais inseridos no contexto histórico e social contemporâneo, como foi dito, foram qualificados nesta dissertação de “especialistas da subjetividade”, enquanto que os médicos de “especialistas”. Dito de outro modo, não seria errado nomear os médicos estudados por Costa de *especialistas da subjetividade*, haja vista que também tentaram controlar a subjetividade dos membros familiares. Contudo, por haver inúmeras diferenças entre as sociedades em que ambos “especialistas”, médicos higienistas e profissionais atuais, estão inseridos, decidiu-se manter tal noção somente para os profissionais da contemporaneidade.

Neste contexto, Costa afirma que o Estado trouxe para seu interior o saber médico, como um instrumento disciplinador da população.³³ Tratava-se de transformar os membros da família em cidadãos do Estado brasileiro, ou seja, tratava-se de “estatizar os indivíduos” (Costa, 1999, p.56). No entanto, essa mudança não se realizou por meio da imposição da lei aos membros da família colonial, uma vez que tal medida não “produzia automaticamente indivíduos urbanos e submissos ao Estado” (Costa, 1999, p.56). Foi necessária a transformação, por intermédio do discurso científico-especializado, das relações familiares, dos comportamentos íntimos, das percepções do corpo e das emoções. Foi preciso individualizar e diferenciar cada um dos papéis familiares: adultos e crianças, pais e filhos, marido e esposa, pai e mãe, crianças e jovens.³⁴

Segundo o autor, um compromisso entre o Estado e o saber médico foi estabelecido em meio a muitas disputas³⁵:

³³ A trajetória do médico alagoano Arthur Ramos como diretor da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM), pertencente ao Instituto de Pesquisas Educacionais no Distrito Federal, entre os anos de 1934 e 1939, é um exemplo da ocupação pelos médicos de cargos institucionais, ainda que Ramos pertença a um período posterior ao retratado por Costa. Para mais detalhes do trabalho de Ramos desenvolvido na SOHM, ver Schreiner (2005; 1998).

³⁴ Não se pode deixar de lembrar que essas transformações no interior da família são mais gerais, ou seja, não se restringem à família brasileira. A constituição da família moderna significou, de modo geral, uma nova forma de relação entre pais e filhos e entre os cônjuges, bem como a modificação dos comportamentos íntimos e do controle das emoções. Muitos autores se debruçaram sobre essas transformações: Max Horkheimer (1973; 1976; 1990), Christopher Lasch (1983; 1991; 1990), Jacques Lacan (1990), Norbert Elias (1994), Philippe Julien (1997; 2004) e Elisabeth Roudinesco (2003), são alguns deles.

³⁵ Em *O Espetáculo das Raças* (2001), a antropóloga Lilia Schwarcz analisa como a miscigenação no Brasil foi interpretada por diferentes intelectuais, os “homens de ciência”, e como esta interpretação variou ao longo dos anos, no período de 1870 até 1930. Remonta, para tanto, a disputa que se travou entre os próprios médicos, da Faculdade de Medicina da Bahia e os do Rio de Janeiro, sobre como deveria ser a prática médica, num contexto de formação e de institucionalização deste campo de saber no país, bem como o embate entre o discurso médico e o jurídico, sobre qual figura conseguiria melhor interpretar a realidade brasileira, mestiça, e quem seria mais capacitado para intervir e modificar tal situação. Já Alexandre Schreiner, em “Uma aventura para o amanhã. Arthur Ramos e a neuro-higiene infantil na década de 1930”, retrata o trabalho de Arthur Ramos no interior da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM), mostrando um deslocamento no discurso médico dos anos de 1930 – da questão racial à educacional. “Contra-pondo-se a um determinismo biológico-racial [...] Ramos acena com uma outra lógica que valorizava as ‘estruturas psicossociais’ e ressalta os aspectos psicodinâmicos e culturais que influenciariam a conduta de um indivíduo”. Era preciso, segundo Ramos, uma transformação educacional que liberasse o “inconsciente coletivo” de suas “amarras pré-lógicas” (Cf. Schreiner, 2005, p.157).

o Estado aceitou medicalizar suas ações políticas, reconhecendo o valor político das ações médicas (Costa, 1999, pp.28-9).

E não se trata de mero jogo de palavras. A politização da medicina teve como resultado o deslocamento das condutas contra o Estado para o campo médico. Isto é, os comportamentos que não eram aceitos socialmente passaram a ser interpretados pela medicina como “antinaturais e anormais”, ou ainda, como se tratasse de uma “deficiência físico-moral” (Costa, 1999, p.63 e 67).

A reflexão feita por Costa tenta dimensionar o papel desempenhado pelos médicos ao longo do século XIX e início do XX. Tomando emprestado as palavras de Schwarcz, escritas sobre a atuação da medicina neste mesmo período estudado por Costa, temos uma esclarecedora síntese de suas pretensões – a atuação médica intencionava ser a:

tutora da sociedade, saneadora da nacionalidade, senhora absoluta dos destinos e do porvir (Schwarcz, 2001, p.202).

Costa, por sua vez, também destaca a expansão da atuação médica:

a medicina apossou-se do espaço urbano e imprimiu-lhe as marcas de seu poder. Matas, pântanos, rios, alimentos, esgotos, água, ar, cemitérios, quartéis, escolas, prostíbulos, fábricas, matadouros e casas foram alguns dos inúmeros elementos urbanos atraídos para a órbita médica. A higiene revelava a dimensão médica de quase todos esses fenômenos físicos, humanos e sociais e construía para cada um deles uma tática específica de abordagem, domínio e transformação (Costa, 1999, p.30).

Ademais, complementa o autor:

O controle higiênico era microscópico, detalhado, improvisado. Não havia um código claro, permanente, que orientasse o sentido das proibições. A higiene deu margem a este jogo de variações infinitas. Quase toda atividade humana podia ser potencialmente mórbida. Simultaneamente, quase toda conduta tornou-se um tesouro virtual da ação terapêutica. Tudo era ao mesmo tempo sadio e doente. A sabedoria consistia em saber dosar os excessos, revitalizar os meios termos. Era praticamente impossível à família acompanhar a velocidade criativa dos médicos (Costa, 1999, p.138-9).

Assim, eram estes papéis, de “tutora”, “saneadora” e “senhora dos destinos”, que a medicina tentava tomar para si e, cujo discurso, produziu um “controle higiênico”, “microscópico”, “detalhado” e “improvisado” da população. Costa nomeia esses médicos que

intervinham nas famílias de “tradutores exclusivos do obscuro” (Costa, 1999, p.71), pois traziam clareza às dúvidas dos pais e corrigiam seus “erros”.

O saber médico, segundo Costa, construiu a idéia de que os pais que não educavam seus filhos de acordo com os preceitos da conduta higiênica, não deveriam ser punidos, mas corrigidos. Os “erros” que cometiam não eram propositais, porém frutos da ignorância. Destarte, os médicos se interpunham como *mediadores da relação entre os pais e os filhos*, a fim de trazer esclarecimentos sobre tais condutas e corrigi-las.³⁶

A medicina conseguiu, assim, conforme o autor, algo mais significativo e transformador que a simples imposição de uma lei. Ela conseguiu a interiorização e a reprodução de uma norma na realidade. Os próprios indivíduos passaram a exercer um controle mais estreito sobre si e seus semelhantes. Ela fez coincidir a saúde e a prosperidade da família com a submissão ao Estado.

É preciso destacar, no entanto, que nem toda família foi alvo das medidas higiênicas e que nem todos deveriam se converter em cidadãos. Os escravos, os mendigos, os loucos, os vagabundos, as prostitutas, só eram atingidos pelo discurso médico, na medida em que eram usados como contra-exemplos, como antinorma. Eles permaneceram submetidos a outras medidas disciplinares:

a camada dos ‘sem-família’ vai continuar entregue à polícia, ao recrutamento familiar ou aos espaços de segregação higienizados como prisões e asilos (Costa, 1999, p.33).

A partir desta construção da família higiênica, fornecida pelo trabalho de Jurandir Freire Costa, poder-se-ia tecer algumas interpretações relacionando a atuação médica no século XIX e a dos “especialistas da subjetividade” na configuração social atual.

³⁶ Pela descrição feita por Arthur Ramos da “correção” dos furtos cometidos durante a idade escolar, a propósito do I Congresso Latino-Americano de Criminologia, em 1938, em Buenos Aires, é possível perceber a postura defendida na SOHM, dirigido por ele naquele momento, sobre a atuação médica: “[...] A criança bem recebida no lar, compreendida pelos adultos como um pequeno ser que tem necessidades de carinho e proteção, não furta. Quando o faz, há um motivo oculto que precisa ser esclarecido. É o que faz a moderna higiene mental, na escola e no lar, com os seus ensinamentos” (Ramos *apud* Schreiner, 2005, p.163). Era portanto função da SOHM, por meio do trabalho dos médicos, examinar e “esclarecer” os diferentes casos de furto infantil, tanto em casa como na escola, bem como a correção que deveria ser aplicada às crianças. Assim, a SOHM tinha a função de trazer esclarecimentos aos pais e professores acerca do comportamento das crianças, assim como os médicos estudados por Costa.

De início, é preciso destacar os diferentes lugares em que estes mediadores se posicionam. Os higienistas eram um braço interventor do Estado na esfera privada da família. As teses analisadas por Costa revelam como:

o repertório de sentimentos e conduta antes administrado pela família foi encampado pela medicina e, por meio dela, devolvido ao controle estatal (Costa, 1999, p.64).

Os higienistas ocupavam uma posição institucional, estavam em casas de ensino e também no Estado. E é a partir desta posição que construíram um projeto para o país, a criação de indivíduos obedientes ao Estado e saudáveis física e moralmente, e buscaram realizá-lo.

Já os “especialistas da subjetividade”, como Sayão, Zagury e Tiba, não estão nem no âmbito acadêmico, nem no âmbito estatal.³⁷ Eles não ocupam nenhuma posição em instituições quando proferem os seus ensinamentos e aconselhamentos. Mais do que isso, esses profissionais não representam nenhuma instituição. É nos diversos meios (escrito, televisivo, eletrônico, comunicação) que se posicionam para divulgar os seus conselhos, reflexões e dicas. Dessa forma, os “especialistas da subjetividade” constituíram um *outro campo de atuação*, com leis próprias de funcionamento e com mecanismos diferentes de legitimação de sua posição, que não se confundem com os partilhados pelos higienistas no século XIX.³⁸

³⁷ Rosely Sayão já foi professora universitária, mas está afastada do mundo acadêmico neste momento de sua trajetória profissional. Tania Zagury foi professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro. No entanto, para discutir questões da educação na sociedade contemporânea, ela se afasta do âmbito acadêmico, posto que não trava diálogo com seus pares da academia, e se aproxima do grande público leitor. Içami Tiba também já foi professor no ensino superior, porém não é a este público especialmente a que seus livros se destinam. Os seus leitores pertencem também, em sua maioria, ao grande público. Apesar de Tiba e Zagury terem acadêmicos como prefaciadores de alguns de seus livros, estes parecem ser usados como agentes de legitimação de seus escritos, aos olhos dos leitores, e não agentes de consagração entre os pares da academia. Já no caso de Sayão, que escreveu dois livros com o professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Julio Groppa Aquino, tratam-se claramente de produções que aproximaram o professor da USP do grande público e não de produções que levaram Sayão à discussão acadêmica. O texto publicado no *blog* de Sayão, “O potencial dos mais novos” (11/08/2006), mostra justamente o deslocamento de Aquino entre diferentes campos de atuação, com sua participação, junto com Sayão, num congresso para discutir com os pais, o último livro deles, *Família: Modos de Usar*.

³⁸ Faz-se necessário aqui recorrer a uma noção de Pierre Bourdieu. Diz ele, “a noção de campo tinha em vista explicar, na realidade, as lutas que têm lugar no campo intelectual têm poder simbólico como coisa em jogo, quer dizer, o que nelas está em jogo é o poder sobre um uso particular de uma categoria particular de sinais e,

Poder-se-ia dizer que há, para cada um dos contextos, um discurso social que se mostra capaz de dar garantias e prescrever certezas, que esclarece o que se apresenta como “obscuro” aos que não são “especialistas”. Em outras palavras, um discurso que consegue ensinar como se deve viver no mundo social.

Entretanto, embora haja essas semelhanças, cabe destacar que o discurso médico é um discurso institucional e “legislador” (Cf. Lefort, 1977) que visa um certo tipo de ordenação da sociedade. Além disso, tal discurso, por ser institucional, traz um distanciamento entre os “especialistas”, aqueles que detêm um saber científico, e aqueles que não são “especialistas”; isto é, a mediação que ele estabelece entre o médico e os membros familiares é distinta daquela realizada pelo “discurso dos especialistas da subjetividade”. Este último procura aproximar os “especialistas da subjetividade” do público, ao resolver pontualmente os conflitos trazidos.³⁹

Dito de outro modo, enquanto no primeiro contexto histórico há a idéia de um projeto coletivo a ser realizado, os “especialistas da subjetividade” agem no imediatismo de cada dúvida feita por uma mãe, um pai ou um professor em particular.

Outra distinção entre a atuação dos médicos do século XIX e a dos “especialistas da subjetividade” diz respeito, de um lado, ao *imperativo da ciência* que autoriza e legitima o discurso médico daquele período. Já na configuração social contemporânea é a apropriação do saber científico e especializado pela lógica da literatura de auto-ajuda que fala pela boca dos “especialistas da subjetividade”. Dever-se-ia falar então, de outro lado, em *imperativo do mercado* quando se faz referência à produção de profissionais como Rosely Sayão. Isto porque a legitimidade do “discurso dos especialistas da subjetividade” não está assentada somente na “autoridade intelectual” de quem o profere.

deste modo, sobre a visão e o sentido do mundo natural e social” (Bourdieu, 1989, p.72). E ainda “o campo literário (etc.) é um campo de forças a agir sobre todos aqueles que entram nele, e de maneira diferencial segundo a posição que aí ocupam hoje [...], ao mesmo tempo que um campo de lutas de concorrência que tendem a conservar ou a transformar esse campo de forças” (Bourdieu, 2002, pp.262-3). Alguns traços característicos desse *campo* de profissionais especializados na educação de crianças e adolescentes, serão alvos de investigação nos capítulos da segunda parte.

³⁹ Lefort afirma que o discurso científico-especializado “falava do alto” (Lefort, 1977, p.18) por estabelecer claramente a distinção entre aquele que possuiria a autoridade advinda do saber científico e aquele que obedeceria. O “discurso dos especialistas da subjetividade”, ao contrário, tenta criar uma “proximidade” entre aquele que emite o aconselhamento e aquele que o recebe. Esta distinção será mais trabalhada adiante, no terceiro capítulo da segunda parte.

No caso particular de Sayão, que não possui outras titulações além da graduação em Psicologia, ela é chamada para palestrar em importantes escolas paulistanas (frequentadas pelos filhos de famílias mais “abastadas”), e, além disso, é convidada a prestar assessorias às equipes de professores e coordenadores dessas escolas. Desse modo, a circulação de Sayão por essas instituições, bem como pelos mais diferentes meios de comunicação (jornal, internet, rádio) sugere *outras formas de legitimação* que suas falas e seus escritos mobilizam, além da excelência acadêmica. A *visibilidade* que consegue pela freqüente aparição nas mídias seria uma dessas formas.

Ademais, se o alvo dos “especialistas” estudados por Costa não era indiscriminado, as medidas higiênicas eram direcionadas a um certo grupo de famílias, na configuração social atual ele tampouco é indiscriminado. A palestra proferida por Rosely Sayão aconteceu em um dos principais colégios de uma certa elite paulistana, cultural e econômica, bem como os consumidores de seus livros e leitores da coluna *S.O.S. Família* – para não mencionar as indagações levantadas pelos pais, tais como dar ou não celular para as crianças, qual deve ser a participação da babá na família, quem deve levar o filho à festa, o pai ou o motorista – conforma um grupo de famílias bem específico, qual seja, não só detentor de um elevado capital econômico, mas também social e cultural, para utilizar os termos de Pierre Bourdieu (1989; 2002).⁴⁰

1.2) A família como alvo do saber médico

Para prosseguir com a descrição feita por Costa sobre as transformações nas condutas familiares, ao longo do século XIX, seria interessante chamar a atenção para o fato de que a ordem médica não disciplinou somente o indivíduo, sua saúde individual, ou nos termos de Michel Foucault (1990), o saber médico não exerceu apenas uma “tecnologia disciplinar do corpo”; mas produziu também um controle sobre a família – esta deixou de ser uma unidade

⁴⁰ Com essas noções, Bourdieu irá além da posse ou privação de bens econômicos e chama a atenção para o prestígio socialmente conferido à maioria dessas famílias, pelos cargos exercidos ou pelas atividades a que se dedicam, e para um certo acesso e consumo de bens culturais. Em outras palavras, é interessante notar que o público de Rosely Sayão é composto, talvez em sua maioria, por pais não somente economicamente ricos, como mostram os temas das questões feitas e os meios que as falas e os escritos de Sayão utilizam para circular entre eles, mas que possuem posições valorizadas socialmente e cujas atitudes culturais são uma prática de vida.

econômica produtiva e se tornou uma instituição conjugal e nuclear. Por extensão, a ordem médica produziu um controle sobre a sociedade.

Segundo Foucault, a medicina, na passagem do século XVIII ao XIX, articulou “mecanismos disciplinares do corpo” individual, por meio da vigilância e do treinamento, com os “mecanismos regulamentadores da população”. Ainda que não se referisse ao desenvolvimento da medicina brasileira, sua afirmação é pertinente à nossa realidade.

A constituição da família burguesa brasileira, segundo Costa, deu-se a partir da transformação de dois eixos fundamentais. O primeiro deles é o *novo papel da criança na família*. Ela passa a ter importância e a ser objeto de amor e de muitos cuidados. A família existe e se organiza para cuidá-la, educá-la e a amar. Ou seja, os papéis do homem e da mulher na família são reconfigurados a partir da centralidade da criança em seu interior. Seus laços são intensificados. Tornam-se pai e mãe, um responsável por prover a sobrevivência física e material e outra por educar moral e intelectualmente os filhos.

Desse modo, a relação entre a infância e o mundo adulto se altera. A criança deixa sua antiga posição de “adulto incompetente”, incapaz, e a família passa a enxergar a criança e o adulto como “o mesmo e o outro” (Costa, 1999, p.162).⁴¹ Uma criança saudável seria um adulto saudável, por isso passa a ser alvo de tantos cuidados. Ademais, a criança é vista como um ser em evolução, que precisa de cuidados diferentes ao longo de seu processo de desenvolvimento. Esta é uma forma que o saber médico encontra, conforme o autor, para legitimar sua importância frente o saber dos pais.

Buscava-se, por este meio, reforçar a idéia da necessidade de conhecimentos médicos que pais e educadores deveriam ter para se tornarem aptos a cuidar das crianças (Costa, 1999, p.186).

⁴¹ Outro autor que analisa a condição da criança na sociedade contemporânea, por meio da alteração na relação entre ela e o adulto, é Neil Postman. Em *O Desaparecimento da Infância* (1999), mostra que a infância foi fruto de uma construção social e relaciona a este novo lugar da criança, o processo de alfabetização em massa. Nas palavras deste autor, “como a escola se destinava a formar adultos instruídos, os jovens passaram a ser vistos não como miniaturas de adultos, mas como algo completamente diferente: adultos não formados” (Postman, 1999, p.55). Tanto Postman quanto Costa assinalam a construção de um mundo infantil, distinto do mundo adulto.

E junto com essa mudança do lugar ocupado pelos filhos, Costa desenvolve a idéia de que os pais são responsáveis pela formação do futuro cidadão. Trata-se de criá-los para o Estado. A família se responsabiliza, assim, pelo futuro do país.⁴²

O segundo eixo, de acordo com Costa, diz respeito ao *controle da sexualidade* exercido pelas medidas higiênicas, objeto tanto do controle disciplinar, do indivíduo, quanto do controle regulador, da população. Nas palavras de Foucault:

a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente [...]; e depois, por outro lado, a sexualidade se insere e adquire efeito, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população (Foucault, 2000, p.300).

O ideal da sexualidade a ser alcançado, defendido nas teses pesquisadas pelo autor, era a que unia “sexo, amor, matrimônio e procriação”. Condenava-se, portanto, a “sexualidade fora do casamento”, a “sexualidade sem amor” e a “sexualidade sem procriação” (Cf. Costa, 1999, p.192). Até mesmo a masturbação infantil tornou-se um problema higiênico, pois não só comprometeria a saúde da criança, como o seu desenvolvimento posterior.

Assim, conforme a análise de Costa, quando os médicos condenam a falta de medida para a sexualidade masculina, recriminando os celibatários, os libertinos e os homossexuais, na verdade, há a construção do “ideal de homem”. Esta figura se mistura à do bom pai, pois saem do mundo da promiscuidade, ou da total falta de sexo, como no celibatário, e entram no mundo regulado da família. O mesmo ocorre com a figura feminina: a boa mãe se opõe à

⁴² O trabalho de Arthur Ramos na direção da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, permite também a compreensão da relação que existiu entre a urgência de uma reforma na sociedade brasileira (mestiça e, por isso, a necessidade de sua regeneração) e a educação como a possibilidade dessa transformação, por via de uma intervenção higiênica na família e na escola. Em *A família e a escola: conselhos de higiene mental aos pais* (1934), uma apostila publicada pelo próprio Instituto, Ramos expressa a importância do papel da família na educação da criança, o “brasileiro de amanhã”, ao mesmo tempo em que critica uma concepção, no seu entender, reducionista do discurso higienista vigente na época: “A melhor profilaxia não é a do *fly-tox*, da criolina ou do trigo-roxo. Não basta matar as pulgas, os ratos e outros animálculos peçonhentos. Não basta arejar a casa com o ar exterior e a luz do sol. É preciso fazer o expurgo psíquico com o *fly-tox* da compreensão humana. Soltar a criança prisioneira da cafúia. Corrigir-lhe o contingente de angústia e abrir-lhe as portas para a liberdade. [...] A criança bem acolhida no seu lar é o brasileiro de amanhã que sabe onde está pisando, e por que está pisando, o chão do seu Brasil” (Ramos *apud* Schreiner, 2005, p.164). Desse modo, é possível afirmar que, ao menos nesta apostila, também está presente a idéia da família como responsável pela educação do futuro cidadão do país.

prostituta e à mulher mundana, ambas entregues aos “prazeres do mundo”. Dessa forma, para homens e mulheres, a satisfação individual só poderia ser encontrada na paternidade e na maternidade, aumentando enormemente a responsabilidade pelos filhos.

A concepção de boa mãe formulada pelos médicos era aquela que sentia prazer com a amamentação. Esta atividade significou, além da preocupação dos higienistas com a proteção da vida dos bebês, a regulação da vida sexual das mulheres. A amamentação não somente preenchia o tempo livre, como também impedia a consumação do ato sexual, pois a relação sexual “contaminava” a qualidade do leite. A sexualidade feminina deveria se voltar portanto às crianças.

A presença de Foucault é importante nesta reflexão, pois torna mais explícita a interligação entre essas duas formas de “tecnologia de poder” tecida por Costa. Diz Foucault que a medicina produziu uma “norma”, ou seja, ela conseguiu articular a disciplina do corpo e a regulação da população. A “sociedade de normalização”, produzida pelo saber-poder da medicina social:

conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra (Foucault, 2000, p.302).

A “normalização” da amamentação ilustra esse saber-poder da medicina, pois envolve tanto um controle do corpo da mulher, quanto a regulação da sexualidade da mãe, desenhando seu lugar no interior da família e da sociedade. Em suma, a norma ditada pela medicina é, segundo Costa:

a fusão entre aquisição de saúde individual, aquisição de status social e manipulação político-econômica da vida dos indivíduos (Costa, 1999, p.13).

A produção de Rosely Sayão também permite observar a construção de uma “norma” familiar. Ela não somente fornece a concepção do lugar que a mãe deveria ocupar na família, como, em seus escritos e falas, traz quase todos os membros familiares: pais, avós, tios e irmãos. Até mesmo o lugar da madrasta é concebido.⁴³ No artigo “Sobre pais, filhos e babás a passeio no shopping” (Sayão, 15/07/2004), o tema sobre como os pais deveriam agir na educação dos filhos é abordado. Mais do que isso, a psicóloga lhes *prescreve* qual conduta deveriam seguir. Ou seja, o controle do saber-poder da psicologia se exerce sobre a família.

⁴³ Mais adiante, no primeiro capítulo da segunda parte, recuperar-se-á estas construções feitas pela “especialista” ao longo de sua produção.

Sayão conta que, em uma visita ao shopping, observou um grande número de famílias almoçando, acompanhadas por babás. “Em pleno sábado. Isso dá o que pensar, não?” (Sayão, op.cit.). A partir desta colocação, põe em destaque a função dos pais. Ao delegarem sua função para a babá, as crianças não eram educadas, mas somente cuidadas. Diz ela:

é, ter filhos dá trabalho. Quem tem filho não consegue – nunca mais – ter a vida que tinha antes [...] ao terem um filho, a mãe e o pai assumem um compromisso: o de introduzi-lo na vida em comunidade, e isso se faz, principalmente, pela convivência familiar (Sayão, 15/07/2004).

Dessa maneira, Sayão afirma que, para o desenvolvimento de uma criança, seria necessária a participação efetiva dos pais. A criança não poderia apenas acompanhá-los no passeio, mas deveria conviver com eles. Ser objeto de cuidados, ter portanto atenção, carinho e amor. Porém, deveria também ser educada e receber limites. Logo, da observação de uma cena cotidiana, diagnostica o problema (primeiro, a participação exagerada das babás, e, segundo, a ausência dos pais) e traça qual a conduta desejável para os bons pais, qual seja, a participação efetiva na vida dos filhos.

Assim, alguns traços de continuidade entre a sociedade higiênica e a atual configuração social são desenhados na medida em que diferentes discursos sociais, construídos nesses contextos distintos, produziram e ensinaram condutas *adequadas* aos membros familiares. Primeiro, tem-se nos dois contextos a contraposição ao saber dos pais: na configuração social do século XIX um saber científico e especializado, um saber médico, é contraposto ao saber dos pais; na atual sociedade, contrapõe-se ao saber dos pais um saber científico que é diluído e simplificado pela literatura de auto-ajuda (ou seja, um simulacro do saber). Segundo, nas duas configurações a posição ambígua dos “especialistas” foi conservada, uma vez que seus ensinamentos não suscitam a independência dos pais, ao contrário, submetem-os.

De outro lado, não se pode afirmar que a mediação dos “especialistas” organiza a sociedade na qual se inserem de maneira igual, pois também algumas diferenças foram levantadas e mostraram rupturas entre as configurações analisadas – para não mencionar as diferenças na organização política, jurídica e econômica do país nesses dois momentos históricos tão distintos. Já se apontou para uma modificação do controle exercido pelo simulacro do saber em relação ao saber médico, bem como os campos nos quais médicos e “especialistas da subjetividade” estão imersos. Se antes o diálogo era travado sobretudo no âmbito das instituições, seja nas de ensino, seja nas do Estado, impondo um distanciamento

entre os higienistas e os membros familiares; atualmente os “especialistas da subjetividade” estão imersos na lógica da literatura de auto-ajuda. E isso significa uma atuação não somente no mercado de livros, como também no mercado de palestras, assessorias e de produção de textos destinados a outras mídias. E são as leis que regem esses mercados, diferentes das leis da academia e das instituições públicas, que podem lhes sinalizar prestígio e poder.

Destarte, ainda que a análise de Costa permita mostrar a continuidade da posição de mediadores que os “especialistas da subjetividade” ocupam na família – são também, como os médicos higienistas, “tradutores exclusivos do obscuro” –, a dependência e a insegurança dos pais é potencializada quando o saber científico e especializado é rearranjado segundo a lógica da literatura de auto-ajuda. Isto é, esta mediação é vivida de outra maneira quando inserida em um contexto histórico e social, no qual a auto-ajuda e o aconselhamento, por um lado, delegam a responsabilidade aos educadores e, por outro, os desautorizam.

A descrição de Costa é sobre o médico da família, que pouco a pouco substituiu a figura do padre em seu interior. O aconselhamento e as explicações sobre o mundo social a partir da perspectiva religiosa são sobrepujados por uma perspectiva científica.⁴⁴ No entanto, uma outra configuração se arma quando o “especialista” é imerso na lógica do planejamento mercadológico, do marketing, da produção em série e da circulação em massa. Tal “especialista” ganha, então, os contornos do “especialista da subjetividade”.

Por isso, quando é trazida para o centro da reflexão *a permanência da mediação dos “especialistas”* na estrutura da sociedade contemporânea, é possível oferecer uma outra interpretação àquela feita por Rosely Sayão de que “há 30 anos, os pais achavam que sabiam a melhor maneira de educar os filhos [...]”, ou, ainda, de que “no mundo atual, educar transformou-se numa atividade essencialmente profissional”.

⁴⁴ A importância e a legitimidade que o saber médico desfruta no final do XIX são retratadas também pela literatura da época, ora com sarcasmo, ora mostrando simplesmente a entrada do médico na família. Machado de Assis escreveu *O Alienista* em 1882 e, pelo personagem do médico alienista Simão Bacamarte, ironiza a fé na ciência, a crença quase cega nos diagnósticos científicos, nos resultados das experiências e nas previsões rígidas. Cerca de duas décadas antes da publicação deste conto de Machado, em 1864, José de Alencar escreveu *Diva*, no qual os pais de uma jovem chamam um médico para cuidar dos “ataques de nervos” da filha. Nas palavras de Costa, “os pais, impotentes, terminam apelando para o médico, novo herói disciplinador dos costumes e único capaz de solucionar a crise doméstica” (Costa, 1999, p.109).

Antes de ater-se à construção da *figura* dos “especialistas da subjetividade”, duas outras contribuições são importantes, pois com elas consegue-se jogar luz em outros aspectos que particularizam a configuração social atual.

Capítulo 2) A escola e o saber higiênico

A instituição escolar é outro âmbito, além da família, que permite a observação da mediação realizada pelos “especialistas” no *processo educativo*. Então, no primeiro recorte feito, teve-se a participação dos médicos, por meio do saber higiênico, nas relações familiares. O comportamento dos membros da família foi alvo de estudos e de intervenções médicas. No entanto, é possível construir um outro recorte, no qual a atuação médica se coloca entre o professor e o aluno, ou seja, a mediação pelo saber higiênico também está presente. Seu alvo é então o desenvolvimento do “escolar”. Neste recorte, que recupera as primeiras décadas do século XX, a instituição escolar não aparece como o lugar de transmissão da herança cultural acumulada ou como o de formação da mão de obra para o mercado de trabalho (Cf. Souza, 2003), mas como o lugar de *intervenção* e de melhoria ora da saúde física e moral, ora das “estruturas psicossociais”, da população.

2.1) “*Mens sana in corpore sano*” ou a importância da educação física

Desta vez é o conjunto de trabalhos de Fernando de Azevedo, reunidos na obra *Da Educação Física*, que dá acesso a uma concepção de aluno que se tornou *objeto* de um certo discurso médico-pedagógico no interior da escola, bem como dá acesso à concepção de que o desenvolvimento físico da criança deve ser meticulosamente acompanhado e registrado por seu professor de educação física. A cada desvio, correções devem ser feitas nos programas de exercícios, para que o aluno atinja o que é esperado.⁴⁵

Os estudos que compõem *Da Educação Física* foram escritos entre meados da década de 1910 e meados da década de 1920 e trazem, de modo geral, a defesa da educação física

⁴⁵ É importante considerar algumas notas biográficas, entre as feitas por Maria Luiza Penna (1987), que ajudam a situar, na trajetória profissional de Fernando de Azevedo, o momento em que ele escreveu os trabalhos que, posteriormente, foram reunidos e publicados em *Da Educação Física*. Apesar de Azevedo ter-se diplomado em direito, em Belo Horizonte, nunca advogou. Sua vida sempre foi voltada, segundo Penna, ao ensino. Em 1917, veio a São Paulo, onde lecionou latim e literatura na Escola Normal da capital. Nesse mesmo momento ingressou no jornalismo, escrevendo sobre crítica literária, primeiro no *Correio Paulista* e, mais tarde, em *O Estado de S.Paulo*. Foi neste jornal que, em 1926, realizou um inquérito sobre a instrução pública, no qual debatia a importância da criação de universidades, e que suscitou grande repercussão no país.

como uma possibilidade para o “revigoramento do povo”, da transformação não só da saúde física, como também moral da população brasileira.

O primeiro trabalho, que tem o mesmo nome da obra, foi escrito em 1916 e é um vasto estudo sobre a educação física. Dividido em três partes, uma história da educação física é feita na primeira delas, enfatizando a importância da prática de esportes na vida infantil e adulta, como um hábito que deve ser criado nas crianças pelas escolas; na segunda parte, descreve escolas e métodos de ginástica criados em alguns países europeus e nos Estados Unidos; e, na terceira, faz um diagnóstico da realidade brasileira, constatando a má formação dos professores, esta estaria “longe da ciência e próxima do empirismo”, a falta de espaços adequados para a prática de esportes, tanto no interior das escolas, quanto fora delas, e, por fim, traz propostas de intervenção e mudança dessa realidade.

O segundo estudo que compõe a obra é *Antinoüs*, escrito em 1919, e nele Azevedo também trata da defesa da cultura atlética.⁴⁶ É interessante destacar que o autor coloca a educação física como um dos problemas da eugenia, no sentido de que esta última não é apenas “a intervenção da profilaxia contra o meio biológico representado pela matéria viva”, ou a “engenharia sanitária, melhorando o meio físico”, ou ainda “a defesa contra a perpetuação tenebrosa de taras hereditárias”. Ela é também:

a aplicação de uma educação enérgica para a conquista da plenitude das forças físicas e morais, tirando-nos deste plano inclinado do depauperamento e da decadência, [...] é o revigoramento do povo, por uma sábia política de educação, de defesa sanitária e de cultura atlética (Azevedo, 1960, pp.231-32).

Por isso a necessidade do saneamento, com suas campanhas “antimalárica” e “antivérmica”, ser acompanhado por uma “reforma geral de educação” (Azevedo, 1960, p.232). Assim, conclui, não é suficiente:

curar os doentes, é preciso melhorar os sãos; não basta que a higiene social saneie o povo, é mister o revigore [sic] a educação física por uma ação enérgica e sistematizada, capaz de imprimir elastério e vigor às gerações [...] (Azevedo, 1960, p.232).⁴⁷

⁴⁶ A primeira parte deste texto, chamada “O segredo de Maratona”, foi apresentada em uma conferência em 25 de janeiro de 1919 na Sociedade Eugênica de São Paulo.

⁴⁷ Se for tomado o trabalho de Fernando de Azevedo, na obra *Da Educação Física*, e o de Arthur Ramos, desenvolvido na Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, pode-se afirmar que estes se aproximam, na medida em que ambos se dedicaram às questões educacionais e sanitárias que envolveram a população brasileira. No

Desse modo, é possível começar a delinear o lugar que Azevedo quer que a educação física ocupe na sociedade, qual seja, o de *intervenção* e de *alteração para uma melhora na constituição da população brasileira*. Por isso a função educativa e higiênica dos jogos ao ar livre e a importância das praças de jogos. Diz ele, “mais vale prevenir do que remediar” (Azevedo, 1960, p.321), referindo-se ao investimento que, uma vez feito na educação, pouparia o Estado de, no futuro, despende com a construção de presídios e de hospitais.

O terceiro estudo publicado é *A Evolução do Esporte no Brasil (1822-1922)*, um ensaio feito para a edição especial do jornal *O Estado de S. Paulo*, em função da comemoração do primeiro centenário da Independência do Brasil. Já *Praças de Jogos para Crianças: Ensaio de higiene social* foi um trabalho apresentado à Comissão, que o próprio Azevedo integrava, constituída pela Municipalidade de São Paulo, para elaborar o projeto de construção da primeira praça de jogos infantis no Ipiranga (Cf. Azevedo, 1960, p.309). Por fim, há uma entrevista concedida ao *Diário da Noite*, em 4 de agosto de 1925, sobre o Primeiro Congresso Brasileiro de Educação Física, que aconteceria em dezembro daquele ano, em São Paulo.

Em todos esses cinco trabalhos, há o claro esforço em mostrar a importância da prática de exercícios para a vida tanto das crianças e dos jovens, quanto dos adultos. Importância que não é devida exclusivamente à busca da “beleza” e “força”, que os corpos ganham com a prática regular de exercícios, porém da saúde física e moral da população. Por isso a máxima que inspirava os gregos “*mens sana in corpore sano*”, um desenvolvimento equilibrado entre o corpo e o espírito, também é lembrada nos trabalhos de Fernando de Azevedo e o inspira na construção de um ideal para a população brasileira. Essa concepção de educação, na qual o exercício está incluído, é reforçada pelos avanços nos estudos da fisiologia e da psicologia ocorridos naquele período. Toda a argumentação de Azevedo é apoiada nesses estudos, bem como em experiências da Grécia antiga e em experiências contemporâneas de países europeus e dos Estados Unidos.

entanto, Ramos, devido a sua formação influenciada, entre outros fatores, pela leitura da obra de Sigmund Freud e de seus principais seguidores (até aquele momento), aposta na mudança da “estrutura dinâmico-emocional da nossa vida coletiva” (Ramos *apud* Schreiner, 2005 p.156), enquanto que Azevedo defende a educação física como aquela capaz de suscitar a transformação da saúde física e moral da população brasileira. Em outras palavras, o olhar de Ramos lançado à população, em especial à miscigenada e às crianças, alvos de suas investigações, é carregado de um teor psicológico; distinto, portanto, do olhar de Azevedo, cuja maior preocupação, nos trabalhos mencionados, era fomentar a prática de exercícios para, assim, promover a transformação da população. Para mais detalhes, ver próximo item.

Poder-se-ia dizer que todos esses trabalhos, que fazem parte da obra *Da Educação Física*, são esforços do autor para embasar a sua defesa de institucionalização da educação física no país.⁴⁸ E esta institucionalização, para Azevedo, tem muitas implicações: não se trataria somente da implementação da ginástica e dos jogos nas escolas – a educação física como parte indispensável da educação geral, mas, também, a importância e o cuidado que o Estado deveria ter na formação de seus professores (esta estaria “longe da ciência e próxima do empirismo”) e a responsabilidade que ambos, Estado e professores, possuiriam frente ao desenvolvimento das crianças. Então a importância e a necessidade da construção de salas adequadas (espaçosas e ventiladas) para os alunos se exercitarem, de quadras, de campos suburbanos e intra-urbanos e de piscinas públicas para que a população, de modo geral, pudesse fazer exercícios ao ar livre e sob a luz do sol.

Desse modo, os professores seriam concebidos, de acordo com Azevedo, como interventores do Estado para a melhoria da população. Portanto, a educação escolar cumpriria esse papel, auxiliada pelo saber da medicina.

Além disso, a defesa de Azevedo da educação física implica em uma certa análise sobre a sociedade brasileira e em um olhar voltado para o futuro de uma nação. Pelo fato de o Brasil ser um “país em formação” (Azevedo, 1960, p.140), disporíamos de um repertório escasso de jogos e esportes deixado pelos portugueses, o que tornaria necessária a incorporação destes e de outros jogos estrangeiros, sendo que a escolha deveria se basear nos “mais adequados às nossas disposições fisiológicas e ao nosso psiquismo” (Azevedo, 1960, p.140). A importância da educação física aumenta quando afirma que:

⁴⁸ Fernando de Azevedo não estava sozinho na defesa da educação física, bem como esta não se limitava à veiculação entre seus pares, em conferências, congressos e comissões. Sua defesa também era divulgada em jornais, como foi mencionado há pouco em relação ao estudo *A Evolução do Esporte no Brasil (1822-1922)*, publicado em *O Estado de S.Paulo*, e à entrevista concedida ao jornal *Diário da Noite*. A antropóloga Lilia Schwarcz (2001) encontrou em sua pesquisa artigos favoráveis à prática da educação física, publicados nos anos 1912, 1920, 1921 e 1923, na *Brazil Medico*, uma revista semanal vinculada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. No entanto, este esforço não ficou restrito à circulação numa revista médica especializada, pois acrescenta: “Apoiada por intelectuais, políticos e autoridades – como o próprio Washington Luís, que na época apadrinhou várias competições, entre elas a popular ‘Regatas Washington Luís no Tietê’ –, a prática dos desportos era incentivada como uma forma de ‘aperfeiçoamento das populações’”. Outra iniciativa que também buscava incentivar a prática de exercícios à população foi a prova “Estadinho”, em 1918, uma corrida pelas ruas de São Paulo, que teve grande apoio popular (Cf. Schwarcz, 2001, pp.232-33).

o nosso país atravessa um período de plasticidade e elasticidade, porque, não tendo uma civilização homogênea e antiga, para manter um tipo anteriormente adquirido, e devendo resultar de uma fusão de raças este tipo psíquico-morfológico, o ‘homem novo’ será entre nós [...] ‘uma argila toda mole e flexível ainda e capaz de dobrar-se e adaptar-se sob a pressão física (a pressão do meio, do regime alimentar e do exercício), contra a qual seu passado não lhe fornece suficiente apoio’ (Azevedo, 1960, p.140).

Em outras palavras, o exercício é fundamental, ainda que aliado a outros fatores (como “a pressão do meio” e a pressão “do regime alimentar”) e limitado pelo “patrimônio biológico hereditário” (Azevedo, 1960, p.216), para formar o povo brasileiro. Destarte, o intuito da aplicação da educação física e das medidas eugênicas em sucessivas gerações é o de formar:

uma mocidade que se imponha não só pelas suas graças físicas, pela saúde, força e beleza, mas também, com a convivência crescente de culturas heterogêneas, pela aquisição de uma mentalidade crítica e aberta, capaz de compreender e valorizar tudo o que haja de autêntico, original e criador em cada civilização (Azevedo, 1960, p.217).

Assim, em sua argumentação, o ponto mais interessante para a reflexão aqui desenvolvida é a intervenção do saber médico nas escolas, para a modelação da população. É quando se volta para esse âmbito que se pode perceber sua proposta de construção de *um novo olhar sobre o aluno*. A criança e o jovem se tornam alvos na escola do saber higiênico. Diz Azevedo:

o menino é, apenas, um impulsivo, sem raciocínio. Seu sistema nervoso está a pedir os cuidados de um higienista e de um psicólogo, sobretudo quando entrar ele no período pubertário. Quanto maior for a emotividade do mesmo, menos violentos e prolongados devem ser os exercícios físicos, a que se entregar, e tanto maior a necessidade de um constante controle de seus efeitos por parte do professor de educação física. O seu papel é, pois, importantíssimo; e, à medida que a educação física vai tomando este caráter científico, aumentam-lhe as responsabilidades. Antes de saber como, é preciso saber a quem se deve educar, para a aplicação individual; é preciso conhecer as crianças, estabelecer as particularidades que as diferenciam, determinar e dirigir suas aptidões e organizar sãmente o programa, que por sua vez deve ajustar-se a um sistema uniforme e gradual (Azevedo, 1960, p.92).

O conhecimento do professor de educação física não pode portanto se limitar às teorias e aos métodos de ginástica, pois ele deve também conhecer profundamente o seu aluno e ser capaz de escolher entre tais teorias e métodos, para fazer com que aquele aluno em

especial se desenvolva melhor. Por isso a regra “*não retardar, mas também não precipitar*” tal processo (Azevedo, 1960, p.77). Dessa forma, é preciso medir os alunos, classificá-los e acompanhar a evolução de cada centímetro, para que a escolha do exercício e do movimento seja a correta e suscite o seu desenvolvimento.

Além de desenhar o papel do professor, Azevedo também traz a colaboração “*medicopedagógica*”. Se o objetivo da educação física é fazer com que o aluno atinja sua “*plenitude vital*”, ou seja, que ele resista às “*energias destrutivas do ambiente*”, ninguém melhor do que o médico para atestar o “*perfeito estado fisiológico da criança*”, donde sua importância no interior da escola (Azevedo, 1960, p.191). Ele é:

absolutamente indispensável, não só sob o ponto de vista higiênico ou profilático, como também sob o ponto de vista educativo (Azevedo, 1960, p.191).

Caberia ao médico acompanhar o ensino da ginástica educativa. Esse acompanhamento se daria durante toda a vida escolar do aluno e começaria com um exame individual no momento de sua entrada na escola. A partir de tal exame, o médico dividiria a turma em “*normais*” e “*anormais*” e faria um relato para o professor de ginástica sobre “*o estado físico-anatômico*” de cada aluno. Pelo fato de serem *exames científicos*, estes forneceriam uma “*base segura*” para que o médico classificasse os alunos, inclusive dividindo-os em série (Cf. Azevedo, 1960, p.192, grifos meus). É como se essa divisão, em séries ou em “*normais*” e “*anormais*”, por ser *cientificamente comprovada*, não permitisse engano.

O acompanhamento aconteceria por meio de visitas regulares do médico à escola, para observar “*os efeitos morfológicos e fisiológicos*” dos exercícios, e por meio de encontros com o professor de ginástica e o diretor da escola (Azevedo, 1960, p.192). Por fim, o “*médico inspetor escolar*” seria responsável pela feitura das “*cartas sanitárias*”, que deveriam conter uma avaliação sobre os alunos, se estes poderiam seguir com os exercícios ou se deveriam ser submetidos à “*medicação preventiva*” (Azevedo, 1960, p.194). Ainda, deveriam classificar os alunos em “*regulares físicos*”, as crianças saudáveis, ou em seu oposto, os “*irregulares físicos*” (Azevedo, 1960, p.194).

Quanto à anotação contínua do desenvolvimento do aluno, o professor de educação física também deveria medi-los e classificá-los. A ele caberia fazer as “*cartas biológicas*” ou os “*boletins de mensurações corporais*”. O interessante é que essas “*cartas*” ganham função

para além da vida escolar. Todos deveriam, ao sair da escola, guardar a sua. A justificativa de Azevedo é a de que:

[...] para bem conhecer-se, é preciso, antes de tudo, que cada um possua sua ficha ou carta sanitária cientificamente estabelecida na escola e *conservada durante toda a vida*. Não se pode desconhecer quão precioso guia para o médico seria esta carta biológica em caso de moléstia (Azevedo, 1960, p.195, grifos meus).

As cartas “biológica” e “sanitária” trazem um registro que singulariza o indivíduo, por meio do histórico de suas doenças, características físicas e ritmo de crescimento. Ao mesmo tempo, é um registro, um *documento* cientificamente válido, que auxilia o médico na produção de seu diagnóstico. Percebe-se, assim, o esforço da escola e, antes dela, do Estado, em possuir um registro que classifique sua população, com o qual é possível acompanhar, como também manipular e intervir no desenvolvimento de um indivíduo e no desenvolvimento da população. Trata-se portanto de uma situação semelhante à encontrada na análise da atuação dos médicos higienistas na família, posto que o controle do corpo também produziu um controle da sociedade.

Na argumentação de Fernando de Azevedo, também está presente a mediação de um saber científico e especializado para que a pessoa se *conheça bem* e é interessante destacar que o *conhecer-se bem* está vinculado ao conhecimento do desenvolvimento fisiológico e a um controle desse processo. Em outras palavras, o *conhecer-se bem*, nesse contexto, está ligado a um conhecimento biológico e físico do corpo. Distante, portanto, de um conhecimento trazido com a vulgarização das teorias psicológicas. Distante, então, da perspectiva concebida por Arthur Ramos, que defende o conhecimento e a transformação das “estruturas psicossociais” da população brasileira. Enfim, para Azevedo, poder-se-ia dizer que uma documentação detalhada e o acompanhamento metuculoso de um médico já no início da vida *escolar* seriam fundamentais para se alcançar o crescimento saudável de um indivíduo, bem como da população de modo geral.

A defesa de Azevedo da educação física e, também, a necessidade de um médico no interior da escola, traz uma interpretação sobre a sociedade brasileira. Esta precisaria sofrer uma intervenção e os médicos, junto com os professores, iriam operá-la. O lugar ocupado pela medicina na sociedade é muito semelhante ao descrito por Costa, apesar do intervalo de algumas décadas entre os dois períodos.

A obra de Fernando de Azevedo revela a construção de um discurso médico-pedagógico que atuaria não somente na escola, mas na sociedade de modo geral. Trata-se de

uma proposta ambiciosa, pois a atuação conjunta do “médico inspetor escolar” e do professor de educação física visaria construir um destino melhor para a nação, tendo como fim último a formação de uma população saudável física e moralmente. Por meio do esquadramento do corpo do aluno, do acompanhamento de seu crescimento, chegar-se-ia ao controle do desenvolvimento da população.

2.2) Um controle mais “psicologizado”: Arthur Ramos e a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental

O recorte construído por meio de uma obra de Fernando de Azevedo pode ser alargado se a ele for incorporado o trabalho desenvolvido pelo médico Arthur Ramos, entre os anos de 1934 e 1939, no Instituto de Pesquisas Educacionais, no Distrito Federal, como diretor da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM). Isto porque, enquanto “neuro-higienista”, Ramos construiu um outro saber em relação à criança – esta passa a ser *objeto* de um discurso mais “psicologizado”.

A partir de um trecho de *O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*, escrito em 1934, é possível estabelecer um eixo norteador na atuação deste médico no campo educacional. Isto porque, segundo Ramos, um trabalho que visa uma modificação no âmbito da educação deve levar em conta o que denominou de “a estrutura dinâmico-emocional da nossa vida coletiva”, e, para tanto, é preciso antes considerar o “problema da raça negra no Brasil”. Havia portanto uma unidade entre seu trabalho na SOHM e sua análise da população negra. Diz o médico:

Transportando-me para o Rio de Janeiro, fui honrado com o convite de Anísio Teixeira para instalar um serviço de higiene mental nas escolas do Distrito Federal. Entre outros afazeres deste serviço, pus-me a estudar a população proletária dos morros do Rio de Janeiro, e por aí progressivamente penetrei no recôndito das macumbas e dos centros de feitiçaria. Desse modo, o presente trabalho [*O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*] não deixa de ter um largo alcance higiênico e educacional. Evidentemente, nada teremos realizado em matéria de educação se, preliminarmente, não procuramos conhecer a própria estrutura dinâmico-emocional da nossa vida coletiva. E todo o trabalho resultará improfícuo se não desenredarmos todas as tramas inconscientes do logro e da superstição, impedindo que

uma resistência surda e insidiosa vá desmanchar posteriormente todo o árduo trabalho dos educadores e dos higienistas (Ramos *apud* Schreiner, 2005, p.156).⁴⁹

Tanto em relação à população negra quanto às crianças, Ramos afirma a necessidade de conhecê-las, isto é, de “conhecer” suas “estruturas psicossociais”, pois somente então seria possível modificá-las, pela educação, e traçar um destino melhor para a nação.⁵⁰ A partir da análise da obra de Ramos, em especial a desenvolvida no período em que esteve à frente da SOHM, entre 1934 e 1939, Schreiner afirma que o “neuro-higienista” estava, por um lado, integrado às concepções higiênicas em voga naquele momento – para “conhecer” uma criança, sua investigação considerava tanto aspectos de saneamento (qualidade da água, do solo, do ar, do clima e da habitação), quanto de aspectos da higiene propriamente dita (como o asseio do corpo, a alimentação, os exercícios físicos, o vestuário e a proteção à maternidade e à infância). Por outro, sua investigação também abarcava os aspectos “psicossociais”, donde sua distinção em relação aos outros higienistas do período. Valorizava, portanto, a relação do indivíduo com o meio: “o comportamento infantil, suas possíveis motivações psicológicas e as influências ambientais em jogo em cada caso específico” (Schreiner, 2005, p.160).

Logo que assumiu a chefia da SOHM foi implementado nas “escolas experimentais” um amplo programa de higiene mental.⁵¹ Seu intuito era, nas palavras do próprio “neuro-

⁴⁹ O educador baiano Anísio Teixeira foi o fundador do Instituto e foi quem convidou Ramos para ajudar na reforma educacional que estava sendo realizada no Distrito Federal desde 1931. De acordo com Schreiner, o Instituto foi criado por Anísio Teixeira “com o intuito de ‘cientificizar’ o trabalho pedagógico, por meio de levantamentos estatísticos e da aplicação de testes psicométricos e medidas antropométricas, contando nesse processo com o auxílio da radiodifusão na divulgação de trabalhos e de idéias em torno da educação infantil e da orientação familiar” (Schreiner, 2005, p.152).

⁵⁰ Arthur Ramos, de acordo com Schreiner, construiu uma interpretação distinta a respeito do brasileiro. Este possuiria uma inferioridade singular – uma inferioridade psicológica – e caberia à educação transformar esta realidade. “A cultura negra é analisada à luz dos conceitos de ‘primitivo’ e ‘arcaico’, indicando a necessidade de uma revolução educacional que agisse ‘em profundidade’, uma revolução ‘vertical e intersticial’ que descesse aos ‘degraus remotos do inconsciente coletivo’ e soltasse ‘as amarras pré-lógicas’ a que estava preso” (Schreiner, 2005, p. 157).

⁵¹ Segundo Schreiner, “a reforma educacional empreendida por Anísio Teixeira a partir de 1931 previa a instalação de escolas experimentais definidas como ‘escolas-laboratório’, as quais se diferenciariam das restantes por adotarem o claro propósito de ‘ensinar um novo método’, refletido na atitude ‘experimental’ dos professores quanto aos processos de ensino e de educação” (Schreiner, 2005, p.159). Havia quatro escolas que funcionavam segundo esta concepção, conforme um relatório escrito por Teixeira, em 1934, e outras duas seriam criadas num momento posterior, sendo que em uma delas, na escola General Trompowski, foi instalada, em 1936, “a primeira clínica de hábitos no serviço de pré-escolares” (op.cit., p.159). Estas clínicas, de acordo com Schreiner,

higienista”, “orientar os psicicamente sãos, [e] reajustar os mal-ajustados” (Ramos *apud* Schreiner, 2005, p.153). Ou seja, tratava-se de um programa preventivo e da correção dos “desajustamentos psíquicos” de crianças no lar e na escola. Para tanto, contava com o trabalho em conjunto de professores, alunos e suas famílias de tais “escolas experimentais”. Schreiner revela ainda que o programa da SOHM incluía:

[...] cuidados com as primeiras classes de pré-escolares montadas em algumas escolas experimentais, formação de círculos de pais, visitas domiciliares realizadas por educadores e assistentes sociais, educação pública visando ao aconselhamento sobre higiene mental, cursos na escola de professores e exame médico-psicológico do escolar [...] (Schreiner, 2005, p.153).

Destarte, o *conhecimento* dos alunos atendidos pelo Serviço significava uma avaliação, primeiramente, a partir de uma perspectiva “médico-orgânica”. Um grupo de médicos, pertencentes ao Serviço, atuava conjuntamente – eram “o antropologista, o pediatra, os especialistas em oftalmologia e otorrinolaringologista, o dieteta e o grupo de puericultores” (Ramos *apud* Schreiner, 2005, p.160). Em segundo lugar, havia uma investigação “médico-psicológica”, na qual eram feitas as “fichas de observação”. Estas relacionavam os resultados dos exames psicométrico e antropométrico (fornecidos pelos outros serviços da Divisão de Pesquisas Educacionais)⁵², aos dados sobre a história obstétrica materna e sobre o desenvolvimento da criança e sua “formação de hábitos” (ou seja, seu crescimento, saúde geral, marcha e linguagem, ritmos fisiológicos, vida na escola, entre outros aspectos). Além disso, esta ficha continha uma descrição do ambiente familiar, incluindo informações tais como a localização e o tipo de habitação, o número de quartos e a existência de áreas de lazer para a criança, bem como os aspectos “psicossociais”, com questões acerca da rotina doméstica, dos hábitos familiares, da vida matrimonial e dos passeios e visitas habituais (Cf. Schreiner, 2005, p.160).

É preciso destacar que, além do trabalho de investigação das crianças, havia um trabalho voltado aos pais. Entre 1934 e 1935, Ramos realizou uma série de palestras que foram veiculadas pelo rádio, com a ajuda justamente do Serviço de Radiodifusão, parte da

objetivavam corrigir os “desvios” e manter a saúde mental infantil “por intermédio de orientações e aconselhamentos aos pais” (op.cit., p.152).

⁵² Outros quatro serviços compunham com a SOHM a Divisão de Pesquisas Educacionais do Instituto de Pesquisas Educacionais. Eram eles: Medidas e Eficiência Escolares; Museus Escolares e Radiodifusão; Antropometria; e Programas e Atividades Extra-escolares.

Divisão de Pesquisas Educacionais. Em seguida, essas palestras foram reunidas e publicadas em *A Família e a Escola: conselhos de higiene mental aos pais*, com o intuito de trazer esclarecimentos aos pais sobre a higiene. Diz Schreiner:

Em suas palestras, Ramos afirma que o processo educativo é ‘global’, confundindo-se com a própria ‘vida’, em que os primeiros elementos seriam vivenciados no lar e teriam continuidade no ambiente escolar. Além disso, caracteriza o trabalho da higiene mental como ‘intersticial’, pois ‘penetra’ não só nos setores do programa educacional, como também em aspectos vinculados à personalidade de pais e mestres, uma vez que estuda a atitude destes em relação às crianças e observa os binômios pais-filhos e professores-alunos com os objetivos de avaliar a situação da criança diante de grupos sociais ‘mais largos’ (família, escola, meio social em geral) e ajustar, prevenir, corrigir e facilitar ‘a tarefa educativa’ (Schreiner, 2005, p.159).

De acordo com este comentário de Schreiner, as palestras proferidas por Ramos tanto traziam esclarecimentos sobre o “processo educativo”, que envolveria o lar e a escola, quanto explicavam o papel da higiene mental e a sua importância. A higiene mental não somente tratava da educação das crianças, como também estudava a relação entre pais e filhos e entre professores e alunos, com o intuito de avaliar a criança e o meio em que ela estaria inserida para, então, conseguir “ajustar, prevenir, corrigir e facilitar ‘a tarefa educativa’” exercida pelos pais e professores. Mais uma vez tem-se a inserção da criança em seu entorno para se compreender os seus possíveis “desajustamentos”. No entanto, nestas palestras, os “pais e mestres”, bem como suas relações com as crianças, são investigados pela higiene mental, cujo resultado visa contribuir com “a tarefa educativa” exercida pelos próprios pais e professores. O mais interessante é que estas palestras, além de serem publicadas, foram veiculadas pelo rádio, ou seja, buscava-se alcançar um número maior de famílias. Ademais, é importante frisar que a própria Divisão de Estudos Educacionais do Instituto contava com um serviço de radiodifusão e, segundo Schreiner, “previa-se um amplo contato” entre todos os setores da Divisão (op.cit., p.159). Isto é, poder-se-ia afirmar que a tentativa de esclarecer os pais e professores, por intermédio de livros e palestras radiofônicas, era também um dos objetivos do Instituto.

Assim, este recorte traz – por meio de um discurso científico-especializado e institucional, que toma expressões nas falas e nos escritos de Arthur Ramos e de Fernando de Azevedo – a intervenção médica no âmbito da escola. Recoloca, de maneira particular, as semelhanças e diferenças traçadas no início do capítulo, em relação à configuração social atual. Tanto o recorte anterior, cujo eixo era a mediação do discurso médico no

comportamento dos membros da família, quanto este último, com o discurso médico-pedagógico e o médico-psicológico, trazem a inserção dos médicos em instituições estatais, o comprometimento com saberes científicos e especializados, a preocupação com o futuro do país e a tentativa de transformar a população brasileira. Poder-se-ia afirmar, então, que são “especialistas” que ocupam um lugar na sociedade distinto dos “especialistas da subjetividade”, posto que estes últimos, como foi dito, não se posicionam no interior de instituições, mas, sim, circulam. E o meio de circulação é a mídia e o mercado de palestras e assessorias. Tampouco os “especialistas da subjetividade” possuem um projeto de intervenção no destino da população como um todo. Eles visam resolver, de imediato, conflitos particulares.

É interessante destacar que os “especialistas” que atuam nas famílias e escolas, nos dois recortes apresentados, têm como pano de fundo para as suas ações a preocupação com a transformação da população nacional e, por isso, a necessidade da intervenção pela educação no âmbito familiar e escolar. Neste sentido, a atuação dos “especialistas da subjetividade” é radicalmente distinta dos “especialistas” portadores e divulgadores do saber higiênico. Dito de outro modo, no horizonte de atuação dos “especialistas da subjetividade” não está colocada a emancipação da sociedade como um todo. Ao contrário, a ajuda e a auto-ajuda que oferecem destina-se a cada pai e mãe, a cada professor, na sua relação com cada criança e adolescente.

Por outro lado, os higienistas, ao fornecerem ensinamentos aos pais, bem como ao prescreverem o papel que pais e professores deveriam desempenhar, acabam por desautorizar um certo saber que a família e a escola possuiriam em relação à educação de seus filhos e alunos, de forma semelhante ao que acontece atualmente. Desse modo, o discurso higiênico e o “discurso dos especialistas da subjetividade” são, ambos, ambíguos, por enunciarem algo que, de fato, não conseguem realizar.

Capítulo 3) A institucionalização da Psicologia

Ao analisar a institucionalização do saber psicológico, com a criação do curso de Psicologia na Universidade de São Paulo e a atuação desses profissionais além da clínica – no interior de instituições escolares –, consegue-se jogar luz ao lugar de onde falam e escrevem os “especialistas da subjetividade”.

Para tanto, estudou-se a formação e a atuação dos orientadores pedagógicos e educacionais, que, a despeito de deterem um saber semelhante ao dos “especialistas da subjetividade” – o saber psicológico –, a função que desempenham e a posição que ocupam na sociedade são distintas. A possibilidade para se tornar um orientador pedagógico e educacional era dada àqueles que cursavam Pedagogia, porém, com a criação do curso de Psicologia e com a regulamentação desta profissão, entre o final dos anos 1950 e início dos 60, esta possibilidade se desloca aos formados por este último.

Entrevistas com diretores de importantes escolas paulistanas da rede privada de ensino, reforçaram este processo ocorrido no interior das escolas: se antes os profissionais que desempenhavam a função de orientador eram formados pedagogos, sobretudo a partir dos anos 90, são os psicólogos que são preferencialmente chamados a desempenhá-la.

Este deslocamento revela a maior circulação do saber psicológico no interior da instituição escolar. A ele se acrescenta um outro conjunto de fatores que permitiu uma maior abertura das escolas para a atuação de um outro profissional, que passou a trabalhar junto à equipe escolar e aos pais dos alunos, na tentativa de auxiliá-los no que se refere à educação de crianças e adolescentes. A reflexão de Revah (1994; 2004) fornece uma reconstituição das condições materiais que levaram ao surgimento de profissionais exteriores à escola. E de um trabalho junto aos professores, orientadores, diretores e auxiliares, ou seja, junto a toda equipe da escola, passam a trabalhar também com os pais dos alunos, por via das palestras. Contudo, esta demanda se amplia e tais profissionais ocupam posições fora da escola. Passam a escrever em jornais e revistas, a publicar livros, a assessorar e palestrar em um número cada vez maior de escolas, e a participar de outras mídias, como a internet, a televisão e o rádio. Em outras palavras, as falas e os escritos desses “especialistas” ganham uma maior circulação

e são divulgados para o grande público, não só aos pais e profissionais de certas escolas paulistanas.⁵³

3.1) Orientadores educacionais e pedagógicos: entre os cursos de Pedagogia e Psicologia

É interessante notar que os orientadores educacionais e pedagógicos nem sempre existiram no interior de nossas escolas. Somente no início dos anos de 1960 é que esses profissionais passaram a atuar na equipe das escolas vocacionais e experimentais de São Paulo. É neste mesmo período que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo começa a oferecer esta “especialização” em seu curso de Pedagogia. E isto significa dizer, portanto, que se tratava de uma possibilidade de profissionalização entre aqueles que faziam Pedagogia e não Psicologia. Ou seja, apesar dos conteúdos da Psicologia que esta especialidade mobilizava, para se formar com esta habilitação era preciso cursar Pedagogia.

Como foi visto com o trabalho de Ramos na SOHM, nem sempre o aluno foi alvo desse olhar e desse saber, ou seja, é a partir de um determinado momento que as *condições psicológicas* do aluno ganham relevância no âmbito escolar. Dito de outro modo, é em certo contexto que a subjetividade do aluno e as relações experimentadas por ele, com o conhecimento, com sua família, colegas e professores, transforma-se em um *objeto que pode*

⁵³ Ao pesquisar o *site* de escolas particulares da cidade de São Paulo, encontra-se ou convites ou comentários sobre palestras que serão ou foram realizadas por esses profissionais. No entanto, a participação dos “especialistas da subjetividade” não se limita às escolas particulares, tampouco paulistanas. Ao analisar os *sites* de Tania Zagury e de Içami Tiba, constata-se uma ampla circulação desses profissionais: são escolas espalhadas por todo o país, com as mais diferentes perspectivas teóricas, não apenas particulares, mas também da rede pública. Sobre Rosely Sayão, foram encontradas menções ao seu trabalho nos *sites* das seguintes escolas: Colégio Nossa Senhora do Carmo, Colégio Rainha da Paz, Escola Vera Cruz, Colégio Dante Alighieri, Colégio Santa Cruz, Escola Lumiar, E.M.E.F. Desembargador Amorim Lima, todas na cidade de São Paulo; Liceu Albert Sabin em Ribeirão Preto; Escola Comunitária de Campinas em Campinas; e no *site* da Associação Educacional de Niterói, no Rio de Janeiro. Em relação às escolas freqüentadas tanto por Tiba quanto por Zagury, destacam-se algumas delas, em função da distribuição no país: Colégio Bom Jesus (PR), Colégio Santo Agostinho (RJ), Colégio Assunção (RJ), Colégio Rio Branco (SP), Colégio Miguel de Cervantes (SP), Liceu Albert Sabin em Ribeirão Preto (SP), Damas da Instrução Cristã (PE), Colégio Dante Alighieri (SP), Escola Marista de Palmas (TO).

ser investigado e problematizado, que é capturado por um discurso psico-pedagógico, tornando-se objeto desse discurso e sendo examinado por ele.

Destacam-se da história de institucionalização dos cursos de Psicologia e Pedagogia referências que evidenciam não ser por acaso a possibilidade de se formar habilitado em Orientação Educacional ocorrer entre os estudantes de Pedagogia, e não entre os de Psicologia, bem como a alteração dessa situação ao longo dos anos, com a valorização social do saber psicológico na escola e na sociedade de maneira geral.

Em relação ao curso de Pedagogia, é importante lembrar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 20 de dezembro de 1961 (Lei nº 4.024), que estabeleceu algumas normas para os cursos de formação de professores. Diz Helena Chamlian: “Esta Lei passou a indicar mais precisamente a formação do professor da escola normal, dando ênfase aos ‘cursos pedagógicos’, nos moldes previstos para os cursos pedagógicos das faculdades de filosofia, ciências e letras”. E ainda:

foi criado o Conselho Federal de Educação que, além de outras atribuições, ficou encarregado de estabelecer os currículos mínimos para as carreiras profissionais de nível superior. Deste modo, já em 1962, o Conselho estabeleceu o currículo mínimo do curso de Pedagogia, que doravante conferiria os títulos de Bacharel e Licenciado, fixando sua duração em quatro anos. Os estudos superiores de educação, portanto, tornaram-se equiparados aos demais bacharelados (Chamlian, op.cit., p.134).⁵⁴

A partir de 1963, o curso de Pedagogia foi reorganizado e, além de possuir as disciplinas obrigatórias do currículo mínimo (Psicologia da Educação; Sociologia Geral, da Educação; História da Educação, Filosofia da Educação e Administração Escolar), foram

⁵⁴ Referindo-se a um período anterior ao mencionado acima, é também importante destacar, na história da formação de professores na cidade de São Paulo, os seguintes eventos: em 1931, foi fundado o Instituto Pedagógico, no lugar da antiga Escola Normal da Praça (Caetano de Campos). Foi criado neste Instituto o Curso de Aperfeiçoamento Pedagógico, com o objetivo de formar professores secundários ou de escolas normais. A formação oferecida no Instituto só se tornou de nível superior em 1933. Nesse ano, o Instituto Pedagógico se tornou o Instituto de Educação, sendo incorporado à Universidade de São Paulo logo após a sua criação, em 1934. O Instituto de Educação foi transformado na Seção de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no ano de 1938. Além dos professores que ministravam os cursos do Instituto serem transferidos para a Faculdade de Filosofia, assumindo a função de docentes, todo o “acervo” da escola (biblioteca, arquivos, materiais e alunos) também foi incorporado pela Faculdade (Fétizon, 1994, p.369). Tal seção permaneceu até 1962 quando, devido à organização departamental da Faculdade, foi constituído o Departamento de Educação. Para um estudo crítico e cuidadoso da história da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Educação, ver Fétizon (1986; 1994).

acrescentados: Teoria e Prática da Escola Primária; *Introdução à Orientação Educacional*; Introdução à Economia; Técnicas Audiovisuais de Educação e Didática; Metodologia do Ensino Médio. Ou seja, esse conjunto de disciplinas era a parte comum do curso e obrigatória a todos os alunos. Havia também uma parte diferenciada, composta por disciplinas integrantes das seguintes áreas: Filosofia da Educação; Administração Escolar; *Orientação Educacional* e Metodologia Geral do Ensino. Do segundo ano em diante, o aluno deveria optar por uma dessas áreas que iriam complementar o “perfil de sua formação”. Dessa maneira, com o curso de Pedagogia da USP dividido em disciplinas comuns a todos os alunos e outras que poderiam ser escolhidas, “ampliava-se o leque da profissionalização ao mesmo tempo em que se procurava garantir uma formação geral” (Chamlian, 1996, p.135).

A Reforma Universitária de 28 de novembro de 1968 (Lei n° 5.540), que estabelecia novas normas de organização e funcionamento das universidades brasileiras, trouxe também conseqüências para o curso de Pedagogia. A reforma dos Estatutos da Universidade de São Paulo extinguiu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, estabelecendo como princípio de organização os institutos, faculdades e escolas. É nesse momento que o então Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia é fechado e se cria a Faculdade de Educação, que passou a funcionar em 1° de janeiro de 1970.

A Resolução n° 2/62/69, de 1969, do Conselho Federal de Educação, fixou o currículo do curso, além de estabelecer sua duração.⁵⁵ Tal resolução, para Chamlian:

tendeu marcadamente pela formação profissionalizante, subdividindo-o em habilitações distintas, remetidas a funções técnicas precisas no mercado de trabalho – administração escolar, inspeção escolar, supervisão escolar, *orientação educacional* e planejamento educacional. Consideradas como *especialidades* em educação, traduziam a percepção fragmentada e compartimentalizada do trabalho educativo que correspondia à visão dominante da teoria e prática educacional do momento (Chamlian, 1996, p.136, grifos meus).

Vale destacar que ao mesmo tempo em que *Introdução à Orientação Educacional* era instituída como disciplina obrigatória no currículo mínimo de Pedagogia, além de ser uma das possíveis habilitações ao final do curso, no Colégio de Aplicação⁵⁶ foi criado o *Serviço de Orientação Pedagógica*.⁵⁷ Então, os alunos tinham a oferta da formação e onde exercê-la.

⁵⁵ O currículo implementado em 1970 só foi reformulado quase duas décadas depois, em 1987.

⁵⁶ O Colégio de Aplicação foi criado em 1957, com a realização de um convênio firmado entre a Secretaria de Estado de Negócios da Educação e a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Na verdade, tratava-se de um

Já no que diz respeito ao curso de Psicologia, houve um longo processo para a sua institucionalização. Nesse processo, é importante destacar o ano de 1953, quando a proposta de criação do curso foi apresentada à Congregação da Faculdade de Filosofia. Ela se efetivou quatro anos mais tarde, com a Lei Estadual nº 3862, em 28 de maio de 1957, tendo início no ano seguinte. Contudo, é apenas depois da Lei nº 4119, de 1962, que o exercício da profissão de psicólogo foi regulamentado no país e algumas normas foram determinadas para a formação desses profissionais. Essa Lei, bem como o Art.10 do Decreto-Lei nº 53464, de 21 de janeiro de 1964, que regulamentava a lei federal, suscitaram alterações no currículo do curso, a fim de que suas exigências fossem cumpridas (Cf. Mello, 1983, p.26).⁵⁸

Se o curso de Psicologia na Universidade de São Paulo é criado no final dos anos 50 e a regulamentação da profissão no país ocorre na década seguinte, a história do saber psicológico na cidade de São Paulo e no interior desta universidade é, contudo, mais antiga. Em 1893, uma disciplina de Psicologia fazia parte tanto do currículo da Escola Normal da Cidade de São Paulo, que posteriormente se tornou o Instituto de Educação Caetano de Campos, como também do currículo da 6ª série dos ginásios. Ademais, em 1931, a disciplina Psicologia Aplicada aos Problemas da Educação compunha o currículo do Curso de

colégio estadual, dirigido por um docente do Departamento de Filosofia, no qual os alunos da Faculdade faziam os seus estágios. Nas palavras de Iomar Zaia, o colégio era utilizado para “estágio e prática de ensino dos licenciados e [para] implementar experiências educacionais para o estudo e a renovação dos métodos de ensino” (Zaia, 2003, p.52). Um segundo convênio é feito em 1962, no mesmo momento da criação do Departamento de Educação, o que trouxe modificações na estrutura administrativa do Colégio. “Foi instituído o Serviço de Orientação Pedagógica, dirigido pela professora Amélia Domingues de Castro, e foram criadas classes experimentais no ginásio. A partir de então diversas alterações foram introduzidas. Em 1963, as classes passaram a ser coordenadas por um professor da cadeira de Didática. Em 1964, surgiram as coordenações do curso colegial - clássico e científico. Em 1966, foi celebrado o terceiro convênio com novas alterações administrativas, provocando reações contrárias na Universidade e no Colégio desencadeadoras da chamada ‘crise do colégio de Aplicação’” (Zaia, 2003, p.52, grifos meus). O Colégio foi extinto em 1969.

⁵⁷ Não se conseguiu até o momento estabelecer uma clara distinção entre a orientação educacional e a pedagógica, uma vez que nas escolas cujos diretores foram entrevistados nesta pesquisa, as funções de ambos se misturavam, sendo exercidas muitas vezes por um único profissional. Interessante é que os orientadores, educacional ou pedagógico, atuam nas relações tecidas entre o professor e o aluno, a direção e o professor, a escola e a família.

⁵⁸ “Esse artigo previa que os cursos de bacharelado, licenciado e psicólogo deveriam obedecer ao currículo mínimo e à duração fixados pelo Conselho Federal de Educação em seu Parecer nº 403, de 1963” (Mello, 1983, p.26).

Aperfeiçoamento Pedagógico do Instituto Pedagógico, responsável pela formação dos professores secundários e das escolas normais.

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, desde sua criação em 1934, a Psicologia fazia parte da Seção de Filosofia. A Cadeira de Psicologia foi ocupada por um filósofo vindo da França, Jean Maugüé, entre os anos de 1935 e 1944, sendo que os conteúdos de Psicologia e de História da Filosofia eram ensinados por ele conjuntamente. Em 1945, o ensino da Psicologia sofre uma grande mudança, pois é assumido pelo psicólogo social norte-americano Otto Klineberg, até 1947. Além dessa Cadeira de Psicologia associada à Seção de Filosofia, foi criada em 1935 a Cadeira de Psicologia Educacional, vinculada ao que posteriormente se denominou Seção de Pedagogia.

A análise que Sylvia Mello faz da história da institucionalização da Psicologia na cidade de São Paulo, por meio das transformações do curso ministrado na Universidade de São Paulo, mostra que houve uma orientação para a atuação clínica de seus alunos. Sua conclusão, estendida para todos os cursos dessa área na cidade, é a de que eles não apenas

formam psicólogos clínicos, mas *transformam* os alunos, graças ao conteúdo predominante das disciplinas, em psicólogos clínicos (Mello, 1983, p.60).

A história que Mello constrói sobre a institucionalização dessa profissão é marcada pelo esforço em mostrar a importância do psicólogo na sociedade, para além de sua atuação na clínica. Defende, assim, outros espaços para sua inserção, e a escola é um deles. Ao remontar a história da orientação educacional,⁵⁹ enquanto uma opção de profissionalização do curso de Pedagogia, e não de Psicologia, afirma que tal fato

é consequência de alguns equívocos históricos quanto à concepção do papel do psicólogo na escola (Mello, 1983, p.56).

⁵⁹ Diz Mello, “é bem verdade que assistimos, no Brasil, a uma tentativa de implantação da orientação profissional, em nossas escolas secundárias, por intermédio da Orientação Educacional. Assim, desde 1942, com a Reforma Capanema (Lei Orgânica do Ensino Secundário, nº4244, de 9/4/42) a Orientação Educacional é oficializada em nossas escolas secundárias. Não tendo a lei sido regulamentada e nenhuma provisão sido feita quanto à formação dos orientadores, a Orientação Educacional não teve nem acolhida nem desenvolvimento sequer razoável. Após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1961, que em seu Art.38, item V, instituiu a *orientação educativa e vocacional* nas escolas de ensino médio e, em seus Arts. 62 e 63, baixava normas para a formação dos profissionais, regularizou-se a situação da Orientação Educacional” (Mello, 1983, p.56).

Para a autora, fazia sentido que essa função fosse realizada pelos pedagogos *até os anos 60*, uma vez que foram eles que receberam, até aquele momento, uma formação psicológica no ensino superior “mais coerente” para desempenhá-la (Mello, 1983, p.56). No entanto, esta situação se altera em 1961, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, que, entre outras mudanças, criou um currículo mínimo para os cursos de nível superior, e em 1962, com a Lei nº 4119, que regulamentou o exercício da profissão de psicólogo. Ou seja, esses profissionais que trabalhavam nas escolas deveriam, para Mello, ter a formação psicológica oferecida pelo curso de Psicologia.⁶⁰

Com um tom de otimismo, a autora constata um progressivo aumento, no início dos anos 80, da participação dos psicólogos nas escolas maternas e particulares de 1º e 2º grau (atualmente denominadas escolas de educação infantil, fundamental e médio).

As duas pesquisas realizadas por Daniel Revah (1994; 2004) reafirmam o aumento da participação dos psicólogos no âmbito escolar levantada por Mello. Isto porque suas pesquisas recuperam as condições que levaram à atuação de “especialistas” na escola, como palestrantes e assessores, sobretudo profissionais com formação na Psicologia, a partir dos anos 80.⁶¹ Ademais, estas pesquisas destacam a importância que um certo discurso construtivista ganha entre os professores. As reflexões de Revah mostram que a maior parte das escolas “alternativas” trouxe para o seu interior um profissional que, naquele momento, entre o final dos anos 1970 e início dos 80, não era comum, ao menos no Brasil. Tratava-se do “analista institucional”, chamado também de “supervisor” ou “terapeuta”, isto é, psicólogos com formação, em sua maioria, em Psicanálise.

Esses profissionais foram buscados porque se desejava construir separações entre o trabalho dos pais e o dos professores, depois de um período, mostrado por Revah, de completa mistura. O autor afirma que, num primeiro momento dessas experiências “alternativas”, professores e pais buscavam construir uma educação “nova”, ou “alternativa”, que, de alguma forma, fosse uma oposição ao “tradicional”, à ditadura militar, ao “passado”. Contudo, ao

⁶⁰ Poder-se-ia dizer que a fala de Mello é animada por uma disputa entre psicólogos e pedagogos pelo espaço escolar. Tomando partido dos psicólogos, defende a participação e os benefícios trazidos por eles para o interior dessa instituição.

⁶¹ A argumentação aqui desenvolvida se inspira em *Na Trilha da Palavra Alternativa* (1994), análise na qual Revah se debruça sobre a construção e declínio das experiências alternativas entre algumas escolas paulistanas, bem como em *Construtivismo: Uma palavra no circuito do desejo* (2004), reflexão feita pelo autor sobre o discurso construtivista.

longo dos anos 80, as escolas começaram a sentir necessidade de separar-se das famílias. Então, é neste contexto, por um lado, de tentar criar limites aos pais dos alunos, e, por outro, dos professores tentarem separar a vida profissional da pessoal, ambas vividas por eles na escola, que esses tais “especialistas” – os “analistas institucionais” – são chamados (Cf. Revah, 1994).

Os “analistas” faziam um trabalho com toda a equipe da escola e visavam as relações profissionais e pessoais tecidas entre esses adultos.⁶²

Ainda de acordo com Revah, um outro profissional começou a circular por essas escolas num período em que ser “alternativa” tornou-se algo pejorativo, ao mesmo tempo em que se buscava assegurar um espaço no mercado das escolas particulares. Então, além dos psicólogos, havia os “especialistas” em *marketing*, cuja função era afastar a imagem de escola “alternativa” associada àquela freqüentada por crianças com roupas sujas, descalças e de nariz escorrendo, ou seja, um “alternativo” que estivesse identificado ao que era oposto da escola “tradicional”, cujas crianças usavam uniformes e eram “limpinhas” (Cf. Revah, 1994, p.58).⁶³

Nas entrevistas realizadas com quatro diretores de escolas particulares paulistanas, estes afirmaram que a presença dos psicólogos em suas escolas também aumentou, sobretudo nos anos 1990. Além disso, afirmaram que quem exerce a função de orientador educacional e pedagógico é, na maioria dos casos, psicólogo.

Assim, é com os pedagogos que a orientação educacional e pedagógica entra nas escolas, isto é, que um certo saber psicológico informa a atuação desses profissionais, porém, com a institucionalização da Psicologia, os psicólogos ganham cada vez mais legitimidade no interior da instituição escolar. E são estes profissionais que passam a exercer a função de orientador.

Desse modo, poder-se-ia dizer que a diferença entre esses profissionais e os “especialistas da subjetividade”, como Rosely Sayão, está no fato dos primeiros serem vinculados ao mercado das instituições escolares e de serem representantes de e responsáveis

⁶² “No caso da Escola da Vila, depois de cerca de um ano de trabalho com esse tipo de profissional, os ‘grandes fantasmas acabaram’ e se ‘avançou demais’, na avaliação feita por uma das educadoras que participou desse processo” (Revah, 1994, p.180).

⁶³ No entendimento de escola “tradicional”, que é feito pelos pais e professores das escolas “alternativas”, está implícita uma certa “concepção de moral que excluía corpo, ou melhor, o prazer do corpo” (Revah, 1994, pp.58-9). Para esta discussão, ver Revah (1994, p.58 e seguintes). Sobre como as escolas “alternativas” concebiam a escola “tradicional”, ver também Revah (1994, p.71).

por essas instituições, enquanto que os “especialistas da subjetividade” têm participações diversificadas em diferentes mídias: são, como foi afirmado, colunistas de jornais e revistas, apresentadores de programas de rádio e televisão, possuem *site* pessoal ou *blog* (no caso de Sayão), além de serem palestrantes e se apresentarem em empresas e escolas.

Já em relação ao “analista institucional”, estudado por Revah, poder-se-ia igualá-lo ao “especialista da subjetividade”, na medida em que a função exercida por ambos é muito semelhante. Se guardadas as diferenças históricas, é possível afirmar tal semelhança, posto que uma das demandas que os trouxera para dentro da escola foi, e ainda é, a transformação das relações tecidas pela equipe escolar. É claro que atualmente este mercado de palestras e assessorias se ampliou, mas muitos pontos em comum podem ser estabelecidos entre esses dois profissionais, tanto considerando a função exercida, quanto a posição ocupada na escola – como um “profissional externo” que medeia as relações entre os membros da equipe escolar e entre pais e professores. Dito de outra maneira, ao acompanhar as experiências “alternativas” que aconteceram em algumas escolas paulistanas, Revah fornece, com a descrição da atuação dos “analistas institucionais”, o começo da “profissionalização” dos “especialistas da subjetividade”.

Apesar de encontrar, na fala dos diretores entrevistados nesta pesquisa, escolas com tradições e perspectivas teóricas distintas, houve uma recorrência quanto aos motivos que os levaram (e levam) a trazer “especialistas da subjetividade” para o interior das instituições.

Todos concordam que os “especialistas da subjetividade” são convidados para fazer ou palestras para pais, ou reuniões com a equipe escolar, ou ainda encontros com os alunos, quando, primeiro, o assunto é “polêmico”, “difícil” e “não há um consenso claro na escola, nem na sociedade”. Um exemplo que ilustra essa justificativa foi uma palestra, cujo tema era a homossexualidade entre adolescentes. A escola teria se tornado um “espaço neutro” para o “debate” acontecer. Outro exemplo foi o convite feito a uma psicanalista, “especialista em luto”, para conversar tanto com a equipe escolar, quanto com os alunos e pais, sobre o repentino falecimento de uma professora da própria escola. A equipe “não sabia como lidar com esta perda” e, por isso, a presença de tal psicanalista.

O convite aos “especialistas da subjetividade” também foi justificado como sendo uma *estratégia* da escola, pois quando esta queria defender uma postura, de forma não declarada, convidava-o e este se encarregava de transmiti-la aos pais. Esta situação aconteceu em uma delas, na qual a própria Sayão foi convidada a fazer uma palestra, cujo *recado* era defender a separação entre as funções da escola e da família, para, assim, tentar diminuir as cobranças

feitas à escola pelos pais. Em outra, um psicanalista foi chamado para discutir *com os pais* sobre *a importância deles* na relação com seus filhos adolescentes.

Uma terceira motivação para os “especialistas da subjetividade” irem à escola está relacionada ao fato de eles conseguirem conversar sobre determinados temas de maneira mais abrangente do que um profissional da própria escola. Em uma das escolas, por exemplo, houve uma palestra para pais do ensino infantil acerca da importância da brincadeira na infância. Afirmou-se que a escola também poderia tratar de um tema como este, porém ficaria limitada às brincadeiras no âmbito escolar. Ou seja, os “especialistas da subjetividade” trariam uma visão “mais ampla” para o debate.

A quarta e última motivação levantada nas entrevistas diz respeito aos ciclos de palestras, com temas “interessantes” e “atuais”. A justificativa para a oferta desses ciclos é a idéia da necessidade de uma “escola também para pais”, como uma “referência” para eles. Acrescenta-se a essa motivação a realização de palestras para pais, cujos temas eram trabalhados em classe pelos alunos, com o intuito da escola estabelecer encontros entre pais e filhos. Aconteceram palestras, em uma das escolas pesquisadas, sobre “o desenvolvimento sustentável” e sobre “os movimentos vanguardistas dos anos 1920”. A escola contribuiria, deste modo, para que os pais se inteirassem dos temas estudados pelos filhos e, assim, conversassem com eles. Ou seja, é a tentativa da escola de criar uma *aproximação* entre pais e filhos, pois muitas vezes “os pais acham que não têm o quê conversar com o filho”.

Esta é uma pequena mostra das necessidades e preocupações enfrentadas pela escola e que os “especialistas da subjetividade”, na condição de assessores ou palestrantes, têm de enfrentar.

3.2) A “profissionalização” dos “especialistas da subjetividade” e da paternidade

A autonomização da função do “especialista da subjetividade”, da escola para o grande público, é recuperada aqui pela reflexão que Revah faz acerca do processo que tornou hegemônico o discurso construtivista no campo educacional.⁶⁴ Essa mudança trouxe a

⁶⁴ O trabalho de Revah, *Construtivismo: Uma palavra no circuito do desejo* (2004), analisa o campo educacional brasileiro, entre as décadas de 1980 e 1990, por meio do percurso feito pelos discursos observados na revista *Nova Escola*. Sua reflexão mostra que os discursos sobre o fracasso escolar, retratados nas matérias dessa

predominância, pouco a pouco estabelecida, de “novos especialistas” e da teoria, sendo a Psicologia o saber que os informa, em relação ao “professor-estudante e a sua prática, subordinada e em falta” (Revah, 2004, p.174).⁶⁵ Diz o autor:

O que no campo alternativo e nas camadas médias via-se como algo gestado coletivamente, sem divisões nítidas entre pais e educadores/monitores/professores – pelo menos quanto ao saber que todos procuravam produzir, num período em que as antigas referências haviam sido fortemente questionadas e não havia propriamente o que pôr no lugar – torna-se um saber que, cada vez mais, começa a fazer parte do domínio exclusivo dos novos especialistas, de acordo com a transfiguração perceptível na maioria dos educadores que participavam dessas experiências, conforme ocorre a sua ‘modernização’ e a entrada em cena do construtivismo (Revah, 2004, p.179).

Uma hierarquia começa a ser construída neste contexto escolar: acima de todos estão os “especialistas”, “com uma experiência alicerçada no campo alternativo e com a legitimidade e a força que o novo discurso ‘científico’ fornece” (Revah, 2004, pp.179-80). E estes ampliam sua atuação, dão cursos e prestam assessorias, tanto em escolas privadas, quanto em escolas da rede pública e em outras instituições educacionais. Ademais, segundo Revah, as escolas procuram se afastar das famílias, para preservar um trabalho que caberia exclusivamente aos professores desenvolverem junto às crianças. Nas palavras do autor:

O que aí está em jogo é a especificidade da educação escolar e de um profissional que procura um lugar diferenciado em face da família. Mas também o lugar do saber no que se refere à educação – *um lugar que daí em mais tende a ser configurado pelos novos especialistas e o seu discurso científico*. E aí encontram-se implicadas, é claro, determinadas relações de poder, envolvendo escola/profissionais da educação, de um lado, e casa/família/pais, de outro (Revah, 2004, p.180, grifos meus).

[...] a princípio procura-se não culpabilizar os pais ou as famílias, mas se a ‘nova proposta’ não for aceita ou se os resultados relativos à sua implementação não forem os esperados, cai-se com facilidade naquele outro registro, onde pais e professores

revista, passam de uma explicação que mobiliza elementos de fora da escola – ou seja, a influência dos determinantes sociais, culturais e econômicos que incidiam sobre a criança, sua família e a escola –, a explicações que se voltam ao âmbito escolar, sobretudo à atuação do professor na sala de aula. Então, ganha relevância na revista o “o quê” e o “como” ensinar, os conteúdos e as técnicas de ensino.

⁶⁵ Revah ainda complementa: “em meados da década de 90 o construtivismo é quase que reduzido a um saber técnico, em face do qual o professor e o que há de singular em sua experiência e sua prática tendem a desaparecer” (Revah, 2004, p.209).

surtem como carentes de um saber que a escola ou os especialistas de algum modo precisam fornecer, para vencer as ‘resistências’ e para que todos atuem ‘adequadamente’ (Revah, 2004, p.181).

Este ponto da argumentação de Revah ajuda a iluminar o lugar ocupado pelas falas e pelos escritos de Sayão, em relação ao saber dos pais e dos próprios professores, dentro e fora da escola. O que antes era construído coletivamente, uma nova forma de pais e professores educarem as crianças e adolescentes – uma forma “alternativa” ao momento vivido, de ditadura, de repressão, tradicional e autoritário –, passa ao “domínio exclusivo dos novos especialistas”, como afirma Revah. Estes procuram diferenciar o lugar social que ocupam tanto em relação ao dos pais, quanto dos próprios professores. Os pais e professores *carecem* do saber dos “novos especialistas” para educar as crianças e os adolescentes *adequadamente*.⁶⁶ Em outras palavras, a partir da análise de Revah sobre a relação do professor com o discurso construtivista, consegue-se estabelecer significativas semelhanças com a relação que os pais tecem com seus filhos. Relações estas que são retratadas pela produção de Rosely Sayão.

Por meio da matéria “Uma revolução na ótica do que é ensinar e aprender”, publicada na *Nova Escola* em março de 1989, Revah qualifica as tentativas de apropriação do discurso construtivista pelos professores. Os adjetivos usados são muito semelhantes aos escolhidos por Sayão em suas falas e em seus escritos para se referir à relação dos pais com seus filhos.

Nessa reportagem, o ‘caminho’ construtivista apresenta os seus primeiros contornos, esboçados principalmente nos depoimentos atribuídos às professoras que mudaram a sua ‘postura’. Elas lembram, por exemplo, como foi ‘*cansativo e angustiante* ter que repensar e criticar todo o trabalho que fazíamos até então’, a descrença na possibilidade de construir uma ‘nova proposta de alfabetização’, *as muitas dúvidas, o temor, a insegurança, a ansiedade*. ‘A passagem do velho para o novo’, das ‘posturas antigas’ para a ‘nova postura’ é concebida como ‘*um processo lento, que exige uma maturação gradativa*’ (p.17), *é trabalhoso e difícil*. Ademais, *exige estudar mesmo, buscar fundamentação, compreender a teoria e envolve, sobretudo, descobrir ‘como as crianças pensam’* (p.14), ‘entender como a criança constrói seu conhecimento’ (p.17).

⁶⁶ A palestra de Rosely Sayão no Colégio Santa Cruz ilustra justamente esta necessidade: de um lado, a necessidade da educação escolar se distinguir da educação familiar; e, de outro, a necessidade sentida pelos pais da ajuda do “especialista da subjetividade”, na sua relação com os filhos, e a sentida pelos professores, na sua relação com os alunos.

Afinal, *quem dá 'a receita de como trabalhar' são as próprias crianças, 'é o aluno quem mostra os caminhos'* (p.13) (Revah, 2004, p.193, grifos meus).

Se dois trechos retirados da produção de Rosely Sayão forem recordados, tem-se algo muito semelhante ao descrito acima. O primeiro deles é a já citada introdução do livro *Como Educar Meu Filho?*, na qual se lê:

ah, se a gente soubesse que educar os filhos seria tarefa tão árdua, que demandasse tanto compromisso e disponibilidade – sem falar do trabalho duro e pesado e da responsabilidade, é claro –, certamente teríamos pensado muito mais, melhor e cuidadosamente antes de tê-los (Sayão, 2003, p.10).

O *processo educativo* é referido como uma “tarefa” “árdua” e um “trabalho” “duro e pesado”, que exige “responsabilidade” por parte dos pais. Já na palestra proferida no Colégio Santa Cruz, Sayão complementa:

Este é o nosso papel com nossos filhos, bancar o lugar de que faz-de-conta que eu sei, mesmo sabendo que eu não sei, mas junto com você eu vou aprender. *E se a gente prestar bem atenção, são nossos filhos que nos ensinam como educá-los. Eles nos dão todas as dicas, basta a gente enxergar e ouvir.* Eles não são capazes de dizer da maneira adulta, mas eles têm uma linguagem muito própria para pedir socorro, para dizer não está dando certo assim, para insistir num ponto que a gente acha “ué? Não resolveu isso ainda?”, se ele está insistindo é porque está demandando uma outra atitude (palestra, 16/06/2004).

Tanto para os professores construtivistas, quanto para os pais ouvintes e leitores de Sayão, são as crianças que irão lhes ensinar como devem ser educadas em casa e na escola. Embora, ao longo dessa mesma palestra, Rosely Sayão tenha se esforçado para tentar distinguir os papéis que deveriam ser desempenhados pelos pais dos desempenhados pela escola – distinção esta que também é tema de muitos de seus artigos – a psicóloga acaba por aproximar a paternidade e a maternidade de uma profissão. As palavras de Sayão dão vida à expressão de Christopher Lasch – “carreira desafiadora” (1983, p.202). Segundo o sociólogo norte-americano, os pais modernos sentem-se obrigados a serem “pais perfeitos”. O compromisso de ser pai e mãe parece pedir que estudem para educar e para serem “bons” pais, como se fossem prestar algum tipo de exame ou fossem preparar o filho para vencer alguma competição (Cf. Lasch, 1983, p.211). Este compromisso que envolve o estudo para ser um “bom” pai e mãe também parece estar presente atualmente, na concepção veiculada pelas falas e pelos escritos de Rosely Sayão a respeito da paternidade e da maternidade.

Assim, com a análise de Revah, poder-se-ia levantar a hipótese de que determinadas escolas paulistanas foram um dos espaços de (re)criação e de (re)afirmação da necessidade dos “especialistas da subjetividade”. Quando uma certa concepção do discurso construtivista se torna hegemônica no campo educacional, torna-se mais explícita a necessidade dos “novos especialistas”.⁶⁷ E esses profissionais ultrapassam os limites das escolas e avançam para as famílias. Dessa forma, um novo campo de atuação se abre aos seus ensinamentos, acabando por tornar semelhante a postura de pais e professores diante desse saber. Ambos *carecem* dos “novos especialistas”.

O curioso é que aspectos da relação do professor com o saber construtivista se estendem para a relação que os pais têm com seus filhos – ao menos nos trechos retirados da produção de Sayão. Tanto o discurso veiculado pela revista *Nova Escola*, quanto o “discurso dos especialistas da subjetividade” que toma expressão na falas e nos escritos de Sayão, alertam os “educadores”, professores e pais: “*não existem fórmulas mágicas*”; para alguns assuntos “*não há consenso entre os educadores*”; além do que “*não há propriamente cursos onde se ensine a ser construtivista, nem tampouco manuais ‘com tudo mastigado’*”.⁶⁸

⁶⁷ Vale ressaltar que, para Revah, não existe o discurso construtivista, posto que se trata de uma construção que se altera com o passar do tempo. E seu esforço é mostrar justamente como o discurso construtivista é, ao mesmo tempo, *velho e novo*: “velho porque efetivamente é feito com significantes existentes há décadas e de ampla ressonância no discurso pedagógico. Mas também novo, porque apresenta elementos e características que o diferenciam dos discursos precedentes” (Revah, 2004, p.15).

⁶⁸ A primeira frase foi retirada do seguinte trecho “As experiências construtivistas servem para mostrar que *não existem fórmulas mágicas*. E fica claro que, para se obter bons resultados, não basta deixar os alunos soltos na sala de aula. Antes de mais nada, a prática tem demonstrado que é preciso investir na formação do professor (p.10)”. Tal trecho foi publicado no artigo “Dez anos de construtivismo no Brasil” (*Nova Escola*, maio/91 *apud* Revah, 2004, p.227, grifos meus). A segunda frase é uma recuperação do próprio Revah sobre uma matéria “Como trabalhar o erro” (*Nova Escola*, set./92). Diz ele: “Nesta reportagem sobre os erros ortográficos, de início afirma-se que *não há consenso entre os educadores* sobre como esta questão deve ser trabalhada e as principais posições são assim resumidas no olho que antecede o corpo da matéria [...]” (Revah, 2004, p.233, grifos meus). A última frase é destacada pelo autor no comentário sobre a reportagem “O tira-teima do construtivismo: cinquenta grandes e pequenas dúvidas esclarecidas” (*Nova Escola*, março/95), no qual ele afirma: “Segundo a *Nova Escola*, a professora construtivista precisa de uma ‘orientadora pedagógica’ para ‘servir de interlocutora’ com quem ela possa refletir sobre sua prática’ (p.11). Uma ‘interlocutora’ que, implicitamente, é necessária para que a professora construtivista possa avançar nesse ‘caminho’ que a conduz até o ideal da ‘boa professora’. Para as que pretendem entrar neste ‘caminho’, a matéria adverte que *não há propriamente cursos onde se ensine a ser construtivista, nem tampouco manuais ‘com tudo mastigado’* que cumpram com esta finalidade. Tudo isso é importante, mas o fundamental é a prática [...]” (Revah, 2004, pp.290-1, grifos meus).

Na introdução de *Como Educar Meu Filho?*, têm-se a seguinte passagem:

O problema é que as dúvidas que os pais levantam ficam quase sempre jogadas no ar, já que ser mãe ou pai é uma atividade muito solitária. *Não existe curso* que prepare um adulto para ser pai ou mãe com garantia de êxito. [...] *Não há receitas*, ou ao menos ninguém as tem. [...] Porém, é possível conversar sobre questões importantes para a educação dos filhos. [...] Este tem sido meu trabalho: *refletir, duvidar, tornar mais complexas determinadas situações e simplificar outras* [...], além de *socializar meus conhecimentos sobre o assunto*. [...] Espero que as idéias aqui reunidas sejam transformadas pelo leitor considerando a realidade em que vive [...], assim, ganhamos a grande chance de inventar e criar novos caminhos (Sayão, 2003, pp.10-12, grifos meus).⁶⁹

Para educar os filhos ou alunos, não há “receitas”, “fórmulas mágicas”, “respostas prontas”, tampouco cursos que ensinem como agir e que garantam o sucesso. Ou seja, o “discurso dos especialistas da subjetividade” (seja dirigido aos pais, seja aos professores) traz a afirmação de que *é na relação com a criança ou adolescente*, por meio de um trabalho “árduo”, que o “educador” conseguirá encontrar o “caminho” para educá-la. Tanto o discurso que toma expressão nas produções dos “especialistas da subjetividade”, nas falas e nos escritos de Sayão e Zagury, quanto o expresso na *Nova Escola*, destacam a importância do trabalho do “especialista” – do “especialista da subjetividade” e da “orientadora pedagógica” – *em conjunto com o “educador”*: não existem cursos, mas a reflexão com o “especialista” é fundamental para se pensar “de forma consciente e crítica” sobre “a prática”.

Sayão afirma que “é possível conversar sobre questões importantes para a educação dos filhos. [...] Este tem sido meu trabalho: refletir, duvidar [...]” (Sayão, 2003, p.11), ou seja, afirma a importância de seu trabalho para os pais e professores; já a revista coloca a necessidade da atuação da “orientadora pedagógica” junto ao professor: “a professora construtivista *precisa* de uma ‘orientadora pedagógica’ para ‘servir de interlocutora’ com quem ela possa refletir sobre sua prática” (Revah, 2004, p.291, grifos meus).

⁶⁹ Um escrito com um conteúdo muito parecido ao de Sayão (2003), foi formulado dez anos antes por Tania Zagury, em *Educar Sem Culpa*. Na introdução deste livro, publicado pela primeira vez em 1993, Zagury afirma que seu trabalho não traz “respostas prontas”, tampouco indica “o que é ‘certo’ ou ‘errado’” nas atitudes dos pais. A intenção é de “partindo de minha experiência e de meus conhecimentos em educação e psicologia, propiciar aos pais material para a reflexão – uma espécie de ponto de partida que auxilie a refletir de forma consciente e crítica sobre sua vida e a de seus filhos” (Zagury, 1995, p.11).

Dito de outro modo, tais escritos de Sayão e da revista constroem, respectivamente, enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” e do discurso construtivista que lembram os “educadores” da importância do “especialista” e defendem a sua posição de *interlocução*, de *mediação* entre o saber e a prática, para que pais e professores reflitam sobre suas ações. Em suma, tais discursos se legitimam frente o saber dos pais e professores ao colocar-se como necessário, ou, poder-se-ia dizer, indispensável.

Em outro escrito, Sayão afirma que, em relação ao momento de deixar os filhos adolescentes irem para as “baladas”, “não há consenso nesse assunto. Nem entre pais, nem entre especialistas” (Sayão, 28/02/2002).⁷⁰ Esta passagem, revela o lugar ocupado pelo “especialista da subjetividade” e a naturalidade com que participa, na configuração social atual, do *processo educativo*, seja na família, seja na escola. O seu saber ajuda a criar “consensos”. Como a passagem trazida por Revah, “a professora construtivista *precisa* de uma ‘orientadora pedagógica’”, lembra-se da participação e da importância do “especialista” – “orientador pedagógico” e “da subjetividade”.

Assim, na relação do professor com o discurso construtivista é possível encontrar semelhanças na relação tecida entre os pais e seus filhos. Tanto nos escritos da revista, direcionada aos professores, quanto na coluna de Sayão, sobretudo, direcionada aos pais, as mesmas exigências parecem feitas e as mesmas dificuldades parecem colocadas no “caminho” a ser percorrido por esses “educadores” ao longo do *processo educativo*.

Entretanto, não se pode ignorar que “especialistas da subjetividade” e orientadores pedagógicos, como afirmado anteriormente, estão em posições distintas: um externo à escola e outro como parte de sua equipe.

Faz-se necessário, então, analisar de forma mais cuidadosa as produções de Rosely Sayão, Içami Tiba e Tania Zagury, a fim de construir a *figura* dos “especialistas da subjetividade”, que se mostra necessária, quase indispensável, aos pais. Estes são tratados como *carentes* de ensinamentos e conselhos.

Se durante esta primeira parte se objetivou elaborar recortes de contextos históricos e sociais que se confrontassem com o escrito de Sayão de que “há 30 anos os pais achavam que sabiam a melhor maneira de educar os filhos” – a fim de destacar posição social ocupada

⁷⁰ Este fragmento pertence ao artigo “Filhos não podem prescindir do controle dos pais”, também publicado no livro *Como Educar meu Filho?* (2003).

pelos “especialistas da subjetividade” – o próximo movimento será no sentido de matizar a idéia de que “hoje [...] os pais estão com todas as dúvidas” (Sayão, 03/08/2000).

PARTE II – A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DOS “ESPECIALISTAS DA SUBJETIVIDADE” A PARTIR DAS PRODUÇÕES DE SAYÃO, ZAGURY E TIBA

A série *Mothers*, transmitida pelo canal GNT, é a última versão de uma idéia que teve início com a criação, em 2002, de um *blog* por duas mães publicitárias de Belo Horizonte. No *blog Mothers*, postavam comentários sobre suas experiências com suas filhas. Por ter se tornado um sucesso, em poucos meses, foram convidadas a escrever uma coluna na revista feminina *TPM*. Três anos mais tarde, foi lançado *Mothers – Manual da Mãe Moderna* (Matrix, 2005), que está em sua terceira edição. A versão mais nova assumida por esta idéia foi a de um seriado que, a cada semana, traz histórias de quatro “mães modernas”, ou seja, de mulheres que conciliam a maternidade à profissão. As criadoras do *blog* e da idéia *Mothers*, tornaram-se consultoras da série e comentam semanalmente, no *site* do canal GNT, o episódio que é transmitido.

O mais interessante, por trás de cada uma dessas versões de *Mothers*, está a defesa, expressa pelas palavras das próprias criadoras do *blog*, de que “a protagonista de programas de maternidade deve ser a mãe, e nunca um especialista”, ao contrário do que aconteceria em tais programas, pois “a palavra quase nunca é da mãe” (Cf. Mattos, FSP, 06/08/2006, p.E3). O novo seriado devolveria – contrapondo-se, deste modo, a outros programas –, a voz às mães.⁷¹

⁷¹ Não se pode esquecer que os episódios de *Mothers* são iniciados com um comentário geral de um “especialista” sobre o tema abordado. Somente depois há a narração de histórias das quatro mães, como a escolha da primeira escola para a filha, a volta ao trabalho depois do final da licença-maternidade, ou ainda, os pais que não têm mais tempo para namorar. Em um deles houve a fala de João Augusto Pompéia, que é psicólogo, psicoterapeuta e professor da PUC-SP, sobre a importância do sono na vida de adultos e crianças. Em outro episódio foi a vez de Rosely Sayão, que comentou sobre a postura das famílias, que tendiam a se fechar em torno de seus semelhantes e excluir os diferentes. Vale dizer que os “especialistas” são colocados em um cenário simples, mas muito sugestivo: com um fundo escuro, eles aparecem sentados, e, o mais curioso, eles não são identificados e apresentados ao telespectador pela sua profissão, mas somente como o pai ou mãe de fulano e sicrano. Ou seja, a fala do “especialista” se destaca com aquela montagem (a aparição no início do episódio, a fala que anuncia o tema que será abordado, o cenário), ao mesmo tempo, sua formação é omitida e ele é somente identificado como “pai ou mãe de...”. O comentário que é divulgado aos telespectadores pareceria, então, como fruto de um saber adquirido pela experiência da maternidade ou paternidade e não proveniente de sua formação profissional.

Este tema, o saber dos pais (no caso deste programa, o saber das mães especialmente e a experiência da maternidade ao lado da realização profissional) *versus* o que aparece como o saber do “especialista”, está presente nas falas e nos escritos de Rosely Sayão e de outros “especialistas da subjetividade”. De muitas maneiras, Sayão procura se afastar da imagem de psicóloga, “especialista”, e se aproxima da de mãe e amiga. Todavia, em algumas situações, essa tentativa acaba sendo frustrada como em uma palestra ou um bate-papo *online*, quando os pais perguntam “o que fazer?” e Sayão lhes responde como psicóloga, com a autoridade de quem sabe o que deve ser feito.

O relato sobre as muitas versões de *Mothern* ajuda a explicitar um debate entre um amplo espectro de produtores – que lançam no mercado de bens simbólicos, produtos a serem consumidos por mães e pais –, debate este que é travado por intermédio de diferentes mídias. E Rosely Sayão, Içami Tiba e Tania Zagury inserem-se neste debate e nas disputas que se armam, em função da conquista de determinado setor da demanda ou em função de alguma idéia que deve ser defendida em relação a outros produtores.

Dessa maneira, nesta segunda parte, mostrar-se-á que pertencer a um mesmo *métier*, que ganhou autonomia ao longo dos anos de 1990 e 2000, significa para os “especialistas da subjetividade” estarem submetidos a uma mesma lógica – a da auto-ajuda. Além disso, significa que suas ações e escolhas levam em consideração as ações e as escolhas dos demais “especialistas” posicionados neste mesmo *métier*.

Para tanto, construir-se-á a figura dos “especialistas da subjetividade”, por meio de uma possível costura entre as diferentes imagens que são fabricadas de Rosely Sayão, de Tania Zagury e de Içami Tiba e suas falas e escritos.

O primeiro movimento, então, visa aprofundar a análise do “discurso dos especialistas da subjetividade” que toma expressão nas falas e nos escritos desses “especialistas”, a partir de um tema que lhes é caro: as transformações da família contemporânea. E, com a produção de Sayão, buscar-se-á evidenciar que o “discurso dos especialistas da subjetividade” deixa de lado conteúdos que são conflitantes e fornece, de forma mais ou menos explícita, aconselhamentos sobre como agir frente às dificuldades vividas. Desse modo, além dos conteúdos serem normalizados, são tratados de forma neutra.

Em seguida, recuperar-se-á a fabricação das imagens que os três “especialistas da subjetividade” veiculam para o grande público, a fim de mostrar que estes se distanciam daquelas fornecidas por suas formações iniciais (de médico, de filósofa e de psicóloga), para

aparecerem ora como profissionais especializados, capazes de provocar a reflexão entre os “educadores” e de aconselhá-los, ora como pais e mães, assemelhados aos seus ouvintes e leitores.

Finalmente, dar-se-á destaque a enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade”, voltando-se às falas e aos escritos que são formulados nas produções aqui investigadas. Assim, será possível, mais uma vez, perceber a ambigüidade que os atravessa.

Capítulo 1) A família de Rosely Sayão

A produção de Rosely Sayão, seja ela dita ou escrita, transmite *verdades* sobre a realidade. E suas falas e seus escritos são ouvidos como *verdadeiros* pelo público por aparecerem baseados em um certo “saber” sobre a educação na contemporaneidade. Entretanto, tal produção diz respeito a uma realidade muito particular. Apesar de a psicóloga afirmar que trata dos “princípios e desafios da educação de crianças e adolescentes hoje”, segundo o subtítulo de seu livro, de discutir em seus textos e palestras o papel dos membros familiares e de refletir sobre a constituição da família na sociedade atual, como faz ao lado de Aquino em *Família: Modos de Usar*, Sayão deixa de lado uma série de questões acerca do que se poderia considerar a *família de hoje*: “monoparental, homoparental, recomposta, desconstruída, clonada, gerada artificialmente” (Roudinesco, 2003, p.10).

De fato, Sayão tem razão ao destacar as últimas décadas, durante as quais grandes e significativas mudanças aconteceram na sociedade e reverberaram no interior da família, bem como no modo de educar as crianças e os adolescentes. No entanto, não incorpora essas mudanças em suas falas e em seus escritos.

É a psicanalista e historiadora Elisabeth Roudinesco quem chama a atenção para a “família em desordem”, ou talvez, a família organizada de formas até então impensadas: a ruptura para a mulher entre o desejo sexual e a procriação, ou, de modo diferente, a ruptura entre o “desejo de feminilidade” e o “de maternidade” (Roudinesco, op.cit., p.146), possibilitada pelo controle da fecundação; a geração de um filho não necessariamente como fruto da relação sexual de um casal, mas resultado da inseminação artificial, portanto, da intervenção médica; e a possibilidade da fecundação *in vitro*, ou seja, da fecundação fora do corpo da mulher. O casamento como um contrato de duração variável entre duas pessoas, e não a fundação de uma “célula familiar única e definitiva” (Roudinesco, op.cit., p.153). Tanto a doação de óvulos e espermatozoides, bem como a fabricação de embriões, quanto a possibilidade da adoção, permitiriam aos casais inférteis terem filhos, ou mais do que isso, permitiriam que deixassem descendentes. Desse modo, não se pode deixar de mencionar a discussão que tais acontecimentos suscitam nas mais diferentes áreas, pois a paternidade deixa de se vincular exclusivamente ao “pai genético” e passa ao “pai nutriz” e “educativo” (Roudinesco, op.cit., p.178); bem como o poder da mulher no interior da família se altera, uma vez que o controle da fecundação e a possibilidade de designar ou excluir o pai repousa sob sua responsabilidade.

A despeito do tema das transformações da família movimentar debates em diferentes áreas como a Sociologia, a Psicanálise e a Antropologia, em diferentes esferas, como universidades, centros de estudos e também programas de televisão, e, por fim, gerar publicação de livros e revistas acadêmicas, bem como de circulação ampla; tal tema não faz parte da “família” de Rosely Sayão.⁷² Em outras palavras, alguns assuntos englobados pela “família em desordem”, expressão de Roudinesco, podem até ser mencionados pela psicóloga, como a alteração do papel da mulher na sociedade e sua busca pela realização sexual, amorosa e também profissional, ou então o casamento não mais como uma união para toda a vida (Cf. Aquino; Sayão, 2006, pp.35-40 e 51), no entanto o tratamento que recebem os normaliza e neutraliza.

Foi possível perceber que por trás da produção da psicóloga havia uma concepção particular de família quando Sayão entrou de férias e, pela primeira vez, no início do ano de 2005, foi substituída.⁷³ Por três semanas, psicanalistas escreveram os artigos para a *S.O.S. Família*, e a novidade dos temas e a forma como foram abordados chamaram a atenção. Ademais, conseguiu-se delinear com mais cuidado o estilo da escrita da psicóloga, contrapondo esses diferentes autores.

Na primeira semana, Rosely Sayão foi substituída pelo médico e psicanalista Francisco Daudt da Veiga. Seu artigo, “A negociação dos direitos” (Veiga, 13/01/2005) tratou de um tema nunca antes abordado na coluna: a homossexualidade. Além disso, a maneira utilizada para discutir também foi distinta. Veiga trouxe a fala de uma paciente para mostrar a complexidade de emoções e sentimentos que envolvem as relações humanas. O relato é de uma mãe, cujo filho é homossexual e reivindica o mesmo direito que sua irmã tem de trazer namorados para “dormir” na casa. A fala revela os muitos sentimentos que esta mãe sente pelo filho, o amor e o respeito, mas também a raiva, a frustração e a culpa.

Essa fala ocupa quase toda a coluna e o psicanalista não se mostra preocupado em encontrar um *o que deve ser feito*; ao contrário, seu esforço é de evidenciar justamente a

⁷² Sobre a mobilização que esse tema suscita, pode-se mencionar os trabalhos de Philippe Julien (1997; 2004) e de Elizabeth Roudinesco (2003), a coletânea de artigos da revista *Sciences Humaines* reunidos em *Familles: Permanence et Métamorphoses* (2002) e *Au Delà du Pacs - L'expertise familiale à l'épreuve de l'homosexualité* (2001). Além de artigos de revistas como *Crescer*, *Pais & Filhos*, *Cláudia*, *Seu Filho e Você*, *Meu Nenê* e dos programas de televisão, veiculados na TV por assinatura, como *Mothern* e *Supernanny* (versão inglesa), ambos do GNT, e, pela TV aberta, como o programa *Supernanny* do SBT.

⁷³ Antes dessa data, durante as férias de Sayão, a coluna não era publicada.

complexidade dos sentimentos e o modo como a relação é tecida entre preconceitos, desentendimentos e também respeito. Assim, de forma inédita na *S.O.S. Família*, as *miudezas* da relação entre uma mãe e seu filho não foram aprisionadas por uma análise normativa da psicóloga. Esse artigo possui portanto mais *vida* que os de Sayão, pois as várias facetas da relação são expostas sem o intuito de serem explicadas ou regularizadas.

A *vivacidade* que o relato possui contrasta com a forma distante e neutra com que Sayão trata, por exemplo, o uso de drogas pelos adolescentes. Em “Ação de pai quando a droga é uma ameaça” (Sayão, 19/04/2001), discute a ação dos pais diante dos filhos consumidores.

Como reagir ao descobrir ou – desconfiar que um filho está experimentando – ou usando com certa regularidade, algum tipo de droga? Como preparar um filho para que ele não queira experimentar drogas? Como educar os filhos considerando a existência das drogas? É bom saber, logo de cara, que nem uma boa educação, nem um ambiente familiar favorável ao jovem, nem um estilo de vida saudável ou qualquer tipo de atitude por parte dos pais e da escola garantem que o jovem consiga resistir a tamanha tentação (Sayão, op. cit.).

E, logo, traça uma explicação: os adultos na sociedade contemporânea têm necessidade de resolver rapidamente seus problemas, de não sofrer e de buscar vivências prazerosas, donde a presença constante das drogas. Estas entendidas pela psicóloga em sentido amplo, não apenas as ilegais, mas, sobretudo, o álcool e todos os antidepressivos, tranqüilizantes, vitaminas e energéticos. E os “jovens” estão inseridos nessa sociedade e aprendem esta forma de viver e de resolver ou aliviar seus problemas. E continua:

Como os pais podem reagir? Com atitudes! Tentando descobrir, junto com o filho, os motivos que o levaram a usar a droga, por exemplo. Não importa se muitos usam para contestar, como sinônimo de rebeldia, para experimentar o proibido, para descobrir novas sensações, para pertencer a um grupo ou para se sentir poderoso e dono de si: cada um experimenta e usa drogas por motivos particulares que talvez nem ele perceba, por isso conversar pode, mais do que qualquer outra coisa, contribuir para que ele se entenda. Os pais devem também fazer uma reflexão sobre quanto facilitam para o filho o acesso às drogas. Se os pais percebem que o filho consome drogas, é bom voltar a controlar um pouco mais de perto o uso que ele faz do dinheiro da mesada, por exemplo. Se o filho costuma freqüentar festas, é preciso verificar se tem adulto tomando conta desses adolescentes reunidos para se divertir em uma ‘balada’,

como eles chamam, e o que esse adulto entende por diversão de adolescente. [...] uma intervenção direta é educativa e necessária (Sayão, op.cit.).

Rapidamente, após racionalizar o problema – dando destaque, por um lado, aos motivos que levaram o filho a consumir drogas, e, por outro, quanto os pais facilitam o consumo dos filhos – afirma o que deve ser feito para solucioná-lo, normalizando a interação entre pais e filhos.⁷⁴

A mesma postura se repete em outro artigo em que trata do consumo de maconha, chamado “Meu filho fuma maconha. Onde eu errei?” (Sayão, 19/10/2000; 2003). Diz que “educar é difícil. Para aprender a enfrentar as dificuldades que aparecem, é preciso encarar a frustração e continuar brigando” (Sayão, op.cit.). Em seguida, a psicóloga não só afirma que a adolescência é um período conturbado, como ensina o que deve ser feito: “continuar cuidando do filho naquilo que ele precisa”, “apontar sempre as leis e os familiares que o jovem deve acatar”, e adverte “sem ultrapassar jamais o direito à liberdade do filho” (Sayão, op.cit., grifos meus).

Apesar de dizer qual deve ser a conduta dos pais, com *exemplos concretos*, como “deixar de dar o dinheiro que permite que ele compre a droga”, ou “proibir o uso da maconha em casa”, ou ainda “praticar a discreta vigilância” (Sayão, op.cit.); as interações na vida real são mais complexas e escapam às generalizações feitas nos escritos. Assim, seus textos

⁷⁴ É interessante considerar o que a psicóloga coloca como um traço da configuração social atual, qual seja, a presença constante das drogas, e, também, o que estaria por trás disso: a busca de soluções rápidas para os problemas a fim de evitar situações desprazerosas. Esse modo de vida que tenta evitar o desprazer já foi analisado por Christopher Lasch em *A Cultura do Narcisismo* (1983) e foi chamado de “narcisista”. Sem dúvida, a psicóloga conhece, se não a de Lasch, outras interpretações que defendem o perfil “narcisista” como recorrente. Não interessa aqui julgar a correção de suas posições “teóricas”, mas de considerá-las como parte do material de análise. Na tentativa de explicar o consumo de drogas, Sayão generaliza e normaliza as atitudes individuais, bem como enrijece as interações embotando toda a sua complexidade, colorido e, sobretudo, espontaneidade. Em outras palavras, oferece uma resposta rápida que apenas aprisiona a realidade, não escapando portanto da lógica por ela mesma denunciada. É possível, então, apontar a ambigüidade de sua posição. Aproveitando essa explicação de Sayão sobre as drogas, talvez se pudesse arriscar, e até incorrer em uma generalização, dizendo que o leitor desses artigos (ou consumidor da literatura de auto-ajuda) se assemelha ao “consumidor de drogas”, estas lícitas ou ilícitas, no seguinte e preciso sentido: ambos não suportam os problemas e frustrações da vida e precisam de algo externo que os ajude a encontrar soluções rápidas e imediatas. Tomando emprestado as palavras de Aquino, “daí o atalho da auto-ajuda” (Aquino; Sayão, 2006, p.80) para encontrar tais soluções.

provocam no leitor a *aparente* sensação de conflito explicado, compreendido e, portanto, resolvido.

Deixando o tema das drogas de lado, mas ainda referente ao aprisionamento e à previsão das relações, o artigo “A solidão vivida a dois pode ser evitada” (Sayão, 22/02/2001) é exemplar. O foco é posto no casal e a discussão transcorre sobre a dificuldade que os parceiros têm em dialogar, em conversar “desarmado” nos momentos em que o desentendimento surge. Como conseqüência, segundo Sayão, tem-se o sentimento de solidão que acompanha a falta de diálogo.

Os diálogos, que supõem levar em consideração as maneiras de pensar e agir do parceiro, diferentes do seu próprio jeito, são substituídos pela persuasão. E eles não podem, para Sayão, ser confundidos. O diálogo não pode ser uma forma de persuadir o outro em um momento de conflito, já que “definitivamente, isso não funciona”. E, para Sayão, o “que funciona” é negociar, ou seja, “buscar e encontrar o melhor caminho para a vida do casal. Do casal!”. Além disso, “aprender a suportar os afetos conflitantes sem ressentimentos. Sim, amor supõe raiva e ódio, e é impossível viver a dois sem reconhecer as duas faces da moeda” (Sayão, 22/02/2001).

O mais interessante desses escritos não são eles em si, pois as tentativas de Rosely Sayão em ensinar *como se deve*, afinal, *viver* é algo presente em sua produção. A reação que ele gerou em um leitor adolescente, publicada na seção *Correio* do suplemento *Folha Equilíbrio* em março de 2001, é mais significativa neste momento porque mostra um mecanismo de pensamento e dá a dimensão da *dependência* do leitor em relação ao “especialista da subjetividade”. Em outras palavras, mostra uma forma do leitor da literatura de auto-ajuda se relacionar com o mundo, isto é, pela medição do “discurso dos especialistas da subjetividade”.

Escreve o leitor Maurício Marchese:

Formidável a coluna de Rosely Sayão de 22/2 acerca da solidão que acomete casais. Tenho 17 anos e estou começando um relacionamento com uma garota de mesma idade e que me completa muito. Estamos muito bem, mas sei que discussões e desentendimentos virão, porém tenho me esforçado ao máximo em dialogar, ouvi-la e entendê-la. Espero que, agindo assim, ‘seja infinito enquanto dure’ (faço até planos de passar a quarta idade em Copacabana, conforme as benesses que o local proporciona para os idosos e que vocês mostraram na capa de 22/2). *Guardarei a reportagem e*

tentarei seguir essas dicas, evitando assim futuros conflitos que venham a desgastar nosso namoro (Cf. Marchese, FSP, 08/03/2001, grifos meus).

Pode-se dizer que, se de um lado, a literatura de auto-ajuda joga para o indivíduo toda a responsabilidade por sua felicidade e bem-estar, como se estivesse isolado da realidade que o cerca – uma vez que bastaria “seguir essas dicas”, para que o leitor evitasse problemas –; de outro, ela lhe fornece uma explicação sobre o existente e tenta servir como instrumento para sua transformação. Além disso, esse leitor chama a atenção, mais uma vez, para a autoridade que o “discurso dos especialistas da subjetividade” tem na sociedade contemporânea, bem como para o fato de que a sociabilidade que esta literatura sugere afasta a espontaneidade e a experiência, a fim de evitar frustrações e “futuros conflitos”.⁷⁵

Ainda que o intuito desta dissertação não seja o de analisar o comportamento dos leitores de Sayão, tampouco seja o de generalizar a postura deste leitor; é importante destacar a forma de sociabilidade que a literatura de auto-ajuda gera, na qual se busca garantir uma vida *com qualidade, harmoniosa, equilibrada* e, sobretudo, *sem conflitos*.

O artigo seguinte, que substituiu o de Rosely Sayão, em suas férias, “Vestibular é tatuagem no currículo” (20/01/2005), foi escrito por Anna Verônica Mautner, psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e colunista de *Outras Idéias*, outra seção do suplemento *Folha Equilíbrio*.

Em seu texto discute a importância do vestibular na vida do adolescente. A despeito do tema, comum aos escolhidos por Sayão, a forma de abordá-lo se distancia da maneira como a psicóloga o faz. De modo semelhante ao que faz em sua coluna, Mautner mobiliza uma série de idéias para discorrer sobre esse assunto. Começa dizendo que o vestibular não é a única prova que passamos pela vida, uma vez que desde pequenos somos avaliados e classificados, ora com termos de prestígio, ora com outros pejorativos. No entanto, o vestibular é uma iniciação que deixa “uma tatuagem indelével no currículo” (Mautner, 20/01/2005). O artigo segue sem uma linha argumentativa clara, parecendo associar as idéias

⁷⁵ Max Horkheimer também se dedica ao estudo da indústria cultural e seu impacto na subjetividade do indivíduo. Em “Ascensão e declínio do indivíduo”, afirma que a estrutura da sociedade moderna constrói “um estilo de comportamento para os homens que, privados de sua espontaneidade pelo processo industrial, necessitam de que lhe digam como fazer amigos e influenciar pessoas” (Horkheimer, 1976, p.171). E poder-se-ia acrescentar ao trecho citado, por nossa conta e risco, *além de como educar os filhos e se comportar num relacionamento amoroso*.

livremente sem se preocupar em privilegiar um aspecto do tema para discuti-lo ou em chegar a alguma conclusão.

Rosely Sayão, ao contrário, não se permite uma escrita mais livre, tal como a de Mautner. Já em seus três primeiros artigos na coluna, em julho de 2000, é possível estabelecer a estrutura de seus escritos com temas que se repetem nos anos seguintes.

No primeiro deles, “Pré-adolescente não existe” (Sayão, 13/07/2000), Sayão propõe uma reflexão sobre essas “crianças entre 9 e 12 anos”. Em meio a tantas dúvidas, “como agir se os filhos não vêm com manual de instrução?”. E já neste primeiro *encontro* diz o que os pais “não podem fazer” e o que “lhes cabe”. É interessante também o uso feito pela psicóloga da palavra “equilíbrio”, nome do suplemento da *Folha* em que o artigo é publicado: “Viver cada fase da vida *com equilíbrio*: para aprender isso, as crianças dependem dos pais” (Sayão, 13/07/2000, grifos meus). Ou seja, o viver “com equilíbrio” é valorizado e deve ser aprendido pelas crianças.

No segundo artigo, “Quando a escola resolve reprovar os pais”, (Sayão, 20/07/2000), critica as escolas que responsabilizam os pais pelos alunos que têm. Contrária à postura de que a indisciplina, a violência e a dificuldade dos alunos seriam resultado de uma má educação familiar, a psicóloga afirma que a escola deve assumir “uma boa parceria em favor do aluno, e não contra os pais”. E ainda, “as escolas devem sempre lembrar que seu papel se restringe aos alunos” (Sayão, 20/07/2000).

No terceiro deles, “Obediência se aprende com os pais” (Sayão, 27/07/2000), cobra uma atitude dos pais, qual seja, estes precisam ensinar seus filhos a serem obedientes. Isto não significa apenas conversar, pois é necessário mais do que isso: é preciso “falar”, “explicar” e “assegurar-se de que ela [a criança] cumprirá o determinado”. No entanto, para Sayão, os pais têm tratado as crianças como adultos, pois, “em vez de conter a criança e ensinar que ela pode aprender isso, esperam que ela se contenha” (Sayão, op.cit.).

Para Sayão, os pais devem educar e não podem abandonar “o filho à mercê de si mesmo”, isto é, os pais não podem “deixar de proteger, deixar de cuidar, deixar de expressar o amor que têm pelo filho”. Em suma, não podem “deixar de ocupar o lugar de pai, mãe, de quem deve educar” (Sayão, op.cit.).

Assim, nessas reflexões inaugurais, Rosely Sayão evidencia quais serão as linhas de argumentação que pautam o seu trabalho na coluna e, poder-se-ia acrescentar, que pautam sua produção de modo geral. Uma vez que os filhos não vêm com manual, é necessário que os

pais reflitam sobre a sua postura e sobre a educação que dão às crianças e aos adolescentes. Por isso o trabalho desenvolvido por Sayão – tanto na coluna, quanto como palestrante, assessora, escritora de livros e também do *blog* – aparece como importante para pais e professores. Todas as suas diferentes atuações visam mostrar aos “educadores” uma certa medida, uma certa norma para se alcançar uma *boa educação, equilibrada*.

Já no segundo e no terceiro artigo, faz uma crítica à postura da escola e à dos pais, respectivamente, que julga comum na sociedade contemporânea. De um lado, a escola delegaria aos pais uma responsabilidade que lhe diria respeito. De outro, chama a atenção dos pais para serem responsáveis por seus filhos.

Desse modo, a tentativa de fazer com que os “educadores”, pais e professores, reflitam sobre o papel da família e da escola é uma constante na produção de Sayão. E esta tentativa se faz por meio dos mais diversos assuntos, experiências e comentários. Entretanto, o núcleo é sempre construir e evidenciar aos leitores uma medida. Já no primeiro artigo, no qual trata da pré-adolescência, afirma que:

Uma criança de 9 a 12 anos continua sendo uma criança, mesmo neste mundo que muda rapidamente, que é moderno e que limita tanto a vida das crianças. Os pais não podem creditar aos filhos dessa idade uma responsabilidade que eles ainda não têm condição de exercer (Sayão, 13/07/2000).

Em outras palavras, estabelece uma classificação e diz aos pais como devem agir com filhos dessa idade. É nesse sentido que tenta engendrar uma norma, como as crianças são, o que é esperado delas e como os pais e os professores devem portanto agir.

Finalmente, o último artigo publicado na ausência de Sayão foi “Ladras de esperma à solta” (Ramos, 27/01/2005), de Magdalena Ramos, psicanalista, professora do Núcleo de Casal e Família da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É este artigo especialmente que permitiu refletir sobre um certo padrão de família que norteia o pensamento da psicóloga.

Como o título sugere, a atitude das mulheres que decidem ter um filho a despeito da vontade de seus parceiros é posta em discussão por Ramos. Para tanto, conta a história de Lia, executiva de uma multinacional que, aos 38 anos, decide engravidar. O escolhido é Carlos, já casado e pai de um filho pequeno, com quem Lia tem um caso breve. Ela realiza seu desejo, sem, contudo, considerar a vontade do parceiro. A história termina com o nascimento do bebê, a briga na Justiça e um exame de DNA, que obriga Carlos a assumir a paternidade da criança. No final, Ramos indaga: “não existem maneiras mais dignas de realizar esse

desejo?”. Tais maneiras seriam, para a psicanalista, a inseminação artificial e a adoção, “ou até mesmo um filho com um amigo ou parceiro que concorde com o projeto talvez fossem opções melhores” (Ramos, op.cit.).

A história de Lia e Carlos envolve muitos elementos nunca abordados por Sayão em sua coluna no jornal, tampouco no livro dedicado justamente à reflexão de “o que é a família hoje” (Aquino; Sayão, 2006, p.31). Entre eles, a maternidade para uma mulher solteira, com idade considerada relativamente avançada e, sobretudo, fruto de um caso; a traição no casamento e, em seguida, a briga na Justiça, o teste de DNA e um filho que terá o pai somente em seu sobrenome. Esse artigo de Ramos permitiu considerar de maneira diferente os escritos de Rosely Sayão, veiculados durante mais de seis anos de publicação da *S.O.S. Família*, bem como em *Família: Modos de Usar*, no sentido de tentar analisar seus conteúdos e a forma como foram construídos, além do significado dessas escolhas. Em outras palavras, foi possível chegar à concepção de família que está por trás da produção de Sayão.

O tema da família, na maioria das vezes, aparece nas falas e nos escritos da psicóloga por meio da discussão do papel dos pais. Muitos são os textos dedicados a eles, às suas dificuldades e aos seus conflitos com os filhos e às mais diferentes escolhas e decisões que devem assumir. Há um artigo que trata justamente desse último tema, chamado “As dúvidas e escolhas cotidianas dos pais” (Sayão, 23/06/2005), no qual a psicóloga afirma que os pais devem ensinar a frustração, ou, em suas próprias palavras, os pais devem dar condições para que os filhos sejam capazes de procurar caminhos que os levem à “felicidade possível”. Ademais, não importa cada decisão isoladamente, mas alerta para os valores que a sustentam, uma vez que “mais importante que dizer sim ou não, [...] é saber para qual direção aponta a escolha que está sendo feita” (Sayão, op.cit.). Isto porque indica os valores que a família preza. E são esses valores, diferentes para cada grupo familiar, que os filhos precisam aprender. É preciso, portanto, haver uma herança para que, mais tarde, os filhos consigam ou se afastar ou continuar respeitando. Entretanto, para que isso aconteça, essa herança precisa ser, antes, transmitida.⁷⁶

⁷⁶ É interessante notar que esta reflexão rompe com a regularidade presente na coluna *S.O.S. Família*, no sentido de não eleger um tema em particular para fazer a discussão ou para exemplificar o que está sendo dito, como ocorre nos artigos “Dar ou não um celular para controlar o filho?” (Sayão, 01/11/2001), ou “Dar ou não dar a chupeta, eis a questão” (Sayão, 01/05/2003), ou “Como e por que falar da morte com os filhos” (Sayão, 14/08/2003), ou ainda “Quando liberar o filho para viajar sozinho” (Sayão, 10/01/2002), entre tantos outros. Fala-se em tipos de escolha que os pais podem fazer cotidianamente, sem, contudo recorrer a *exemplos*

O tema da família também é abordado por Sayão por via da crítica a uma característica que atribui à família da atualidade, qual seja, a superproteção dos filhos. Os artigos “Educação de hoje adia fim da adolescência” (25/04/2002), “Pais assumem tudo, e filhos se acomodam” (22/05/2003), “O que o filho perde ao ser mimado pelos pais” (05/06/2003), “Egoísmo e tempo para os filhos” (08/12/2005), “As crianças não são de cristal” (09/02/2006), “A dependência dos jovens universitários” (23/02/2006) e “Reconhecendo os defeitos dos filhos” (09/03/2006) já trataram desta questão a partir de aspectos diferenciados, tais como o pedido freqüente dos pais no início do ano para que seus filhos mudem de sala de aula, as mães que protegem seus filhos da crítica de outras pessoas e o adiamento da autonomia e da responsabilidade dos filhos e, como conseqüência, o prolongamento da adolescência. Em uma palavra, os pais têm agido como “o escudo dos filhos para a vida” (Sayão, 08/12/2005).

Por outro lado, a psicóloga também trabalha o tema da família por meio da crítica ao que denominou de “reflexos de um movimento sociocultural”, ainda em suas próprias palavras, “os adultos querem ter filhos, mas, ao mesmo tempo, querem viver como se não os tivessem” (Sayão, 01/12/2005). Segundo Sayão, os pais precisam aprender que, com a chegada dos filhos, a vida muda – “tudo sofre mudanças significativas” (Sayão, 13/04/2006) – e é impossível recuperar a vida que se tinha antes (Cf. Sayão, 15/07/2004).⁷⁷

Sayão constrói portanto um diagnóstico, no qual os pais ora protegem exageradamente seus filhos, ora os deixam desamparados, e traz proposições de como esses “educadores” deveriam agir. Todas as proposições feitas e apresentadas nos artigos, e em outras de suas produções, podem ser condensadas numa expressão que foi formulada em seu *blog*: os pais precisam ter “disponibilidade interna” (*post*, 24/04/2006) para educarem seus filhos.

Também é recorrente em suas falas e em seus escritos, a comparação entre o papel dos pais e o dos professores. A família e a escola – ou o papel de cada um de seus membros – aparecem em alguns momentos juntas, uma ajudando na definição da outra. Este é o eixo, por exemplo, do artigo “Quando o problema é da escola, não dos pais” (Sayão, 28/09/2000).

Em “Caso de amor que só dá certo se há separação” (Sayão, 17/05/2001), Sayão tenta definir de que maneira a tarefa dos pais pode ser considerada cumprida com sucesso. Para ela, os pais precisam abrir mão do total controle da vida do filho e se separar dele, para que

concretos, ou seja, casos que Sayão freqüentemente conta a partir das cartas que recebe e das cenas que presencia.

⁷⁷ Os nomes dos artigos citados são, respectivamente, “Será que os pais estão loucos?” (01/12/2005), “É muita culpa!” (13/04/2006) e “Sobre pais, filhos e babás a passeio no shopping” (15/07/2004).

possam ensiná-lo a ter responsabilidade por sua própria vida. “Sim, criamos os filhos com data marcada para perdê-los” (Sayão, op.cit.). Em suas palavras, “isso é um sofrimento para os pais”, pois o crescimento do filho significa perdê-lo “para ele mesmo e para a vida”. Por outro lado, esta seria “a condição necessária para que a tarefa de ser pai e mãe tenha sido bem cumprida” (Sayão, op.cit.).

Duas semanas mais tarde, dá continuidade ao assunto do crescimento dos filhos com “Lembrete bem útil para pais e professores” (Sayão, 31/05/2001), no qual contrapõe o papel da família e o da escola. Postula a separação destes dois âmbitos, uma vez que defenderiam diferentes interesses da criança. “O filho é tirado da mãe e da família pela vida, esse é o fato, e quem primeiro representa essa vida que o filho vai viver por conta própria é a escola, são os professores” (Sayão, op.cit.). São os professores, portanto, que apresentam às crianças um mundo diferente da esfera privada da família, ou seja, apresentam-lhe o mundo público.⁷⁸

Outro aspecto que ajuda a compor a concepção de família presente na produção de Rosely Sayão, também foi exposto por meio da relação entre família e escola, na palestra feita no Colégio Santa Cruz. Diz ela:

Tem muita confusão realmente nesta relação família e escola! Mas eu considero que o maior responsável por esta confusão é a escola. É a escola porque pai e mãe têm direito a pedir tudo, exigir tudo. É tudo legítimo, a gente tem que defender os filhos, do jeito que a gente acha que é o melhor. A escola é que não tem que atender! [risos na platéia] Então, se hoje, quando uma professora fala ‘os pais acham que o afeto é o norte da relação educativa’, eles têm todo o direito de achar! *Pai não é especialista, lembrem-se disso! Pai e mãe têm direito de achar qualquer coisa.* Pai e mãe têm direito até de achar que desde a educação infantil, a escola deve se preocupar com a formação para o vestibular. [risos na platéia] [...] *ser pai e mãe é mais difícil que ser professor.* Porque não tem curso para ser pai e mãe, para professor tem pelo menos o curso, não tem teoria para ser pai e mãe, para ser professor tem. Então a gente tem que

⁷⁸ Nas falas e nos escritos de Rosely Sayão, as distinções entre o papel da família e o da escola, no que diz respeito à educação das crianças e dos adolescentes, são inspiradas no pensamento de Hannah Arendt, sobretudo no ensaio “A Crise na Educação” (1972). Esta inspiração aparece ora de forma mais explícita, quando Sayão menciona Arendt (como no artigo “Pai tem responsabilidade com o mundo” (14/12/2000) e na palestra no Colégio Santa Cruz), ora aparece de forma mais velada (como na citação feita acima). É importante destacar que se trata de uma *inspiração*, posto que o pensamento de Sayão desloca a reflexão feita por Arendt para o plano dos indivíduos, como se dependesse da vontade individual, dos pais e dos professores, assumir a autoridade na educação dos mais jovens.

ter humildade para reconhecer que *ser pai e mãe é muito difícil* (palestra, 16/06/2004, grifos meus).

Então, de acordo com o trecho acima, pelo fato de não haver curso, tampouco teoria que oriente os pais na “relação educativa” com seus filhos, estes falariam bobagens e agiriam de maneira equivocada. Pelo fato de não serem “especialistas”, “têm direito de achar qualquer coisa”. Em outras palavras, na palestra, reitera duas idéias que já estão expressas na introdução de *Como Educar Meu Filho?* (2003) e que acompanham sua produção: uma delas é a de que os pais precisam de ajuda para educar e a outra é a de que educar é muito difícil, “ser pai e mãe é muito difícil”, donde conclui-se que seu papel é fundamental para esclarecer as complicações vividas.

As suas falas e seus escritos trazem também formulações normativas sobre outros membros familiares. O artigo “Tios e tias são boas opções na hora do sufoco” (Sayão, 16/01/2003), foi suscitado por um relato enviado por uma tia, cuja sobrinha tinha 16 anos. A partir deste *exemplo concreto*, Sayão mostra como a relação entre tios, tias e sobrinhos pode ser educativa e benéfica. No que diz respeito à contribuição dos tios, afirma que sua leitora poderia tanto ajudar os pais de sua sobrinha “a perceber que não há tanto problema com a filha quanto eles vêem”, o que poderia mudar, em alguma medida, a relação entre os pais e a filha; quanto poderia conversar com sua sobrinha, a fim de fazer com que tivesse “uma maior compreensão e paciência” com seus pais. Isto porque, segundo Sayão:

[...] os tios e as tias podem aborrecer os adolescentes bem menos que os pais, pois é mais fácil, para eles, ter conversas menos moralizantes, não é verdade? (Sayão, op.cit.).

Em outro artigo, “Por que os avós mimam, e não ‘estragam’” (Sayão, 04/01/2001), traz a definição de como é ser avô e avó. Em primeiro lugar diz que:

são aqueles adultos da família que estão sempre dispostos a satisfazer as vontades dos netos, a protegê-los das ordens – e desordens – dos pais, a mimar as crianças, a permitir que façam o que os pais geralmente não deixam (Sayão, op.cit.).

Em seguida, distingue o papel dos avós em relação ao dos pais:

Os avós agem mesmo de forma muito diferente com os netos do que agiram com seus filhos. E com razão, pois com os filhos eles tiveram a árdua tarefa da educação [...]. Mas, como avós, eles passaram esse bastão para seus filhos e ficaram com a melhor parte da relação com as crianças da família: o desfrute, a realização das vontades, o

agrado sem responsabilidade alguma, a não ser a de se fazerem amados. E olha que isso não é pouco, que isso já exige muito! (Sayão, op.cit.)

Dessa forma, ao descrever o papel dos avós e também ao fazer sugestões à tia, Sayão aprisiona a realidade e normatiza o comportamento desses membros familiares.

A partir das análises da produção de Sayão, é possível perceber a configuração de um modelo específico de família no qual baseiam-se suas reflexões. Neste modelo, a família é sempre composta por um pai, que exerce a função paterna, e uma mãe, que exerce a função materna. Desse modo, seu recorte deixa de lado a discussão de composições familiares diferentes, como a “monoparental” e a “homoparental” (Cf. Roudinesco, 2003). Isto não significa dizer que a psicóloga ignora por completo tal discussão, mas, sim, que não a enfrenta em sua produção. Um trecho retirado do artigo “Sobre a complexidade de ser mãe” (Sayão, 05/05/2005), esclarece seu posicionamento. Próximo ao Dia das Mães, escreveu sobre a dificuldade do papel desempenhado por elas, uma vez que não haveria mais experiências possíveis de serem compartilhadas e, portanto, consensos estabelecidos. Defendeu que cada uma delas precisaria “criar diariamente o seu papel” (Sayão, op.cit.). Haveria, contudo, restrições a essa sua tarefa:

[...] por exemplo, a delegação social de um poder imenso às mães. Provas disso são o expressivo número de mulheres que têm filhos independentemente de o parceiro querer e/ou poder acompanhar o crescimento do filho e o grande número de separações em que a mãe, por motivos diversos, segue sozinha com a responsabilidade de formar os filhos. Carga pesada para mães e para filhos (Sayão, op.cit.).

Neste trecho, traz o tema da “monoparentalidade”, mas de forma distanciada e neutra, sem discutir de fato a maternidade, sem a presença e a ajuda de um outro parceiro. Talvez se possa alegar que este não foi o intuito desse artigo em particular, donde a sua escolha por tais elementos e não outros para compor tal escrito. Ou seja, a família “monoparental” não seria o tema eleito para este artigo; porém, em mais de seis anos de publicação, tal tema nunca foi trabalhado, por isso a suposição de que se trata de uma escolha deliberada por certos assuntos em detrimento de outros.

Algo muito parecido ocorre com a “família recomposta” (Roudinesco, 2003), pois esta é aludida na produção de Sayão na medida em que o tema da separação é evocado. Entretanto, o eixo da argumentação se volta, sobretudo, para o sofrimento dos filhos e à continuação da

responsabilidade dos pais a despeito da dissolução do casamento.⁷⁹ Em outras palavras, a “recomposição” se resume ao momento da separação e, somente de forma parcial, ao que acontece depois dela. É o que ocorre em “Filhos de pais separados sofrem, sim” (Sayão, 09/11/2000) e “Pais devem ser francos na hora da separação” (Sayão, 01/08/2002).⁸⁰ Há, portanto, a eleição de alguns conflitos e dificuldades em detrimento de outros, porém mesmo estes conflitos e dificuldades recebem um tratamento neutro nos escritos e nas falas da psicóloga.

Em relação ao tema da “homoparentalidade”, há uma menção no livro de Sayão e Aquino dedicado à família, em meio à discussão sobre os diferentes “agrupamentos familiares” (2006):

Rosely – [...] Hoje não sabemos como nomear esses novos grupos, não sabemos afirmar se constituem ou não uma família. Por exemplo, uma mulher que mora com seus filhos do primeiro casamento, com um parceiro de uma segunda ou terceira união e com os filhos que teve então. Como delimitamos essa família? Quem está dentro e quem está fora dela?

Julio – Tudo é família e nada é família. E o caso, então, de um casal do mesmo sexo?

Rosely – Que, aliás, pode ter filhos biológicos de um dos parceiros ou dos dois, frutos de relacionamentos heterossexuais anteriores, ou adotados. Então, o que é família hoje? Veja que temos tantas configurações de agrupamentos familiares que nem conseguimos apontar todos (Aquino; Sayão, 2006, pp.30-1).

O “diálogo” dos autores segue com o debate sobre “configurações de agrupamentos familiares” que estão e que não estão baseadas na consangüinidade, porém o tema da família “homoparental” propriamente dito não é, na verdade, abordado. Aliás, esse trecho é o único momento no livro em que tal tema é levantado.

⁷⁹ Há apenas um artigo que traz a questão da “recomposição familiar” através de uma perspectiva diferente: a participação da madrasta na educação dos filhos do marido. Ele será tratado adiante.

⁸⁰ Os trechos a seguir, retirados dos artigos já apontados, exemplificam a preocupação de Sayão: “A criança vai sofrer com a separação dos pais? Vai. Vai sentir falta da presença segura e constante de um deles? Vai também. Ela pode reclamar da situação, sentir-se abandonada? Sem dúvida que sim! Mas o filho pode, também, superar essas frustrações, essa vicissitude da vida e seguir em frente. E com menor dificuldade se os pais colaborarem com ela e não abdicarem de seu papel” (Sayão, 09/11/2000); “Os filhos vão sentir a separação, podem encontrar uma maneira de fazer com que ela não seja determinante de seu modo de sentir, de sofrer, de amar. Para que isso aconteça, os pais precisam colaborar. Por mais estressante que seja a separação para o casal, os pais precisam fazer um parêntese nos desentendimentos para lidar com tudo o que se refere aos filhos. É preciso que saibam se unir para, pelo menos, dar conta da tarefa de educar as crianças” (Sayão, 01/08/2002).

Ainda sobre *Família: Modos de Usar*, é possível afirmar que a tônica do livro são as transformações sofridas pela família. A contraposição entre a “família tradicional”, “que teve seu apogeu nos anos 50” (Aquino; Sayão, 2006, p.17), e a atual percorre todo o “diálogo” e ganha forma a partir de diferentes abordagens: o papel da mulher e da mãe no interior da família, o lugar que os filhos ocupam na vida dos pais, a redução do número de filhos, a “família estendida” (Aquino; Sayão, 2006, p.18), a redução dos vínculos familiares à relação entre pais e filhos, a relação entre o casal, o casamento não mais com a função da “guarda dos filhos e a manutenção patrimonial”, mas a da realização amorosa e sexual (Aquino; Sayão, 2006, p.41), a “durabilidade conjugal” (Aquino; Sayão, 2006, p.51), a “deserção educativa” (Aquino; Sayão, 2006, p.63), entre outras. O tema das diferentes “configurações de agrupamentos familiares”, ou na expressão de Roudinesco, da “família recomposta”, permeia algumas dessas abordagens, mas a idéia principal já vem sintetizada no jocoso prólogo, “Família: Vide Bula”, em forma de bula de remédio. No item “âmbito de ação”, lê-se:

Na atualidade, tal instituição [a família] tem apresentado configurações atípicas, o que resulta em efeitos imprevisíveis e, portanto, sem garantia comprovada de eficiência ou segurança (Aquino; Sayão, 2006, p.10).

É como se dissessem que não se sabe sobre os novos seres que estão sendo educados por essa família da atualidade.⁸¹ Faz-se menção às famílias de filhos únicos, ao convívio entre meio-irmãos, à “homoparentalidade”, porém, os conflitos de cada uma dessas relações são colocados de lado na construção do texto. O objetivo do livro parece ser as mudanças pelas quais as famílias passaram, a descrição de como era a sociabilidade no interior dessa instituição e como são as novas relações tecidas pelos seus membros. Ao buscarem reconstruir uma história das transformações da família, a partir dos anos 1950, os autores acabam produzindo generalizações sobre o tema e empobrecendo a realidade investigada.⁸²

Apenas um artigo que se refere a uma recomposição familiar – e não tem como eixo o sofrimento dos filhos, tampouco a responsabilidade dos pais separados – foi escrito pela psicóloga. Indagada por uma leitora, que se casou com um homem divorciado e já pai de

⁸¹ A análise traçada no livro tem como referência, sobretudo, a “família de classe média” (Aquino; Sayão, 2006, p.30).

⁸² Vale destacar que os autores conhecem a reflexão de Roudinesco (2003), esta é citada no texto, mas eles não se preocupam em ampliar sua discussão, abarcando os muitos âmbitos que o tema pede, como faz a historiadora e psicanalista no livro. Em outras palavras, trata-se de uma opção feita por Aquino e Sayão por um certo estilo de argumentação – próprio do “discurso dos especialistas da subjetividade” –, que afasta os conteúdos conflituosos em detrimento de um tratamento neutro e normalizado das questões.

adolescentes, Sayão escreve “Madrasta não muda os rumos da educação” (Sayão, 20/09/2001). Dedicar-se portanto a um tema da recomposição, a relação da madrasta com os filhos do marido, sem, contudo, tratar dos possíveis conflitos que tal relação envolveria. E diferente do que é colocado em *Família: Modos de Usar*, sobre a imprevisibilidade dos novos arranjos familiares, afirma que “padrões diferentes do modelo tradicional” não coincidem sempre e necessariamente com problemas na educação dos filhos. Dito de outro modo, a despeito da novidade do tema, a abordagem escolhida por Sayão repete a de outros enunciados, isto é, a forma de abordá-lo é a mesma – neutra e normativa. Diz no artigo:

A situação dessa leitora não é atípica nos dias atuais. Ao contrário, o divórcio e as separações judiciais possibilitaram o aparecimento de novas estruturas e configurações familiares, que se tornam cada vez mais freqüentes em nossa sociedade. É bom lembrar que essa mudança na constituição da família ajudou bastante o surgimento de um jargão muito repetido – quase sempre em situações de crise – por pessoas que trabalham com a educação de crianças e adolescentes: a tal expressão “a família está desestruturada, e os filhos pagam por isso”.

O fato é que a estrutura tradicional e mais reconhecida da família – pai, mãe e filhos – perdeu a primazia, apenas isso. Hoje temos muitas famílias com padrões diferentes do modelo tradicional, e isso não significa necessariamente problemas com a educação desses filhos. Aliás, a pergunta de nossa leitora mostra exatamente sua preocupação em encontrar uma boa forma de se relacionar com crianças que não são seus filhos e que vão conviver com ela, ou seja, o que ela busca é justamente encontrar a melhor maneira de construir uma nova estrutura familiar! (Sayão, op.cit.).

O curioso é que até a escolha do termo usado, “madrasta”, de um lado, tenta reportar o leitor para uma situação já há muito conhecida, o segundo casamento do pai, retirando o caráter de novidade e passando para o campo da normalidade. De outro, o termo, sempre muito pejorativo, perde seu lado negativo e ganha neutralidade: madrasta não é aquela que maltrata os filhos de seu marido, como ensinam os contos-de-fadas para as crianças, mas simplesmente aquela que se casou com o pai. De fato, a novidade não está no segundo casamento do pai ou da mãe, tampouco nas separações e divórcios, pois ambos os casos não são exclusivos à sociedade contemporânea.

A novidade reside na velocidade em que ocorrem as separações e as novas uniões, bem como nas novas estruturas familiares por elas suscitadas; ou seja, a família composta apenas pelo pai ou pela mãe, ou composta por “pais” do mesmo sexo, por exemplo. Contudo,

esses aspectos não são trazidos à discussão. Mais uma vez, trata-se de escolhas feitas por Rosely Sayão para abordar de forma neutra assuntos sempre muito conflitantes.

Entretanto, diante desse traço do “discurso dos especialistas da subjetividade”, que toma expressão nas falas e nos escritos de Rosely Sayão, ainda é preciso se perguntar o porquê dessas escolhas, o porquê desses silenciamentos, uma vez que são social e sociologicamente relevantes. Aqui vale evocar a Rosely Sayão que escrevia na seção *Sexo*, do suplemento *Folhateen*, e que tratava de assuntos “difíceis”, tais como as fantasias sexuais, a busca pelo prazer, o homossexualismo, a defesa do desejo da mulher e a necessidade de romper com um certo machismo que pairaria sobre as relações, e, ainda, a Aids e o uso da camisinha, a fim de contrastar com a Rosely Sayão colunista da *S.O.S. Família* e a autora de *Família: Modos de Usar*.

Alguns comentários podem ser feitos em relação a esses dois momentos da trajetória profissional de Sayão.⁸³ O primeiro deles diz respeito ao seu público, leitores ou ouvintes, servindo de orientador da produção da psicóloga. Quando o tema de seu trabalho era o sexo e a sexualidade, o público que ficou associado a este momento foi, sobretudo, o formado pelos adolescentes. Esse período rendeu-lhe a publicação de alguns livros e a experiência de construir uma maneira de se expressar própria para “dialogar” com esse grupo. Posteriormente, começou a escrever para “educadores”, pais e professores de determinadas escolas, para os quais certos temas, como a família “monoparental” ou a “homoparental” não diriam respeito, ao passo que outras questões lhes seriam mais próximas. Em outras palavras, o público influenciaria na forma de se exprimir e, sobretudo, nos conteúdos de suas falas e de seus escritos.

Seria necessário ainda acrescentar um segundo comentário. O veículo ou suporte usado para a comunicação também impõe, em alguma medida, constrangimentos à forma e aos conteúdos mobilizados. Então, de um lado, suas falas e seus escritos são mais diretos no *blog* e nos encontros ao vivo (palestras) ou em tempo real (“bate-papos” *online*) e, de outro, eles são mais elaborados, que tentariam suscitar a reflexão nos leitores e não lhes fornecer “dicas” de como agir com as crianças e adolescentes. Além disso, dependendo da editora pela qual se publica, ou do jornal no qual se escreve, algumas delimitações são impostas. Por exemplo, o setor do mercado ao qual se dirigem, conforme será visto na análise de *Sexo é*

⁸³ Esses dois momentos da carreira de Sayão serão mais trabalhados adiante, ver *Rosely Sayão: a educação como destino*.

Sexo, publicado pela Companhia das Letras, em contraposição aos outros dois livros, um editado pela Artes e Ofícios e outro pela Escuta e pela Via Lettera. O alvo de todas elas é, com esses livros, os leitores adolescentes, porém, ainda assim, parece haver, para cada uma delas, um direcionamento específico no interior desse grupo.

Portanto, não se pode negar as constrações que a demanda do público, qualquer que seja, impõe ao escritor e ao palestrante, bem como não se pode deixar de lado as constrações feitas pelo veículo de comunicação. Há, ainda, características que são particulares ao “discurso dos especialistas da subjetividade”, basta avançar na discussão que será feita, no terceiro capítulo, sobre os enunciados desse discurso presentes nas falas e nos escritos de Sayão. Quando o tema é o sexo e a sexualidade, a maneira como eles são abordados, mesmo considerando as diferentes editoras e os diferentes públicos, já é possível perceber a tentativa de neutralizá-los – deixando-os menos polêmicos e mais naturalizados. Quando se trata da educação familiar e escolar, a tentativa de normalizar e neutralizar as questões permanece e se torna mais explícita caso se volte a atenção aos silenciamentos de sua produção.

Dito de outro modo, Rosely Sayão possui uma forma de estruturar suas falas e seus escritos que não diz respeito apenas ao tema abordado, tampouco às constrações impostas pelos suportes usados para a comunicação, mas, sim, à sua posição de “especialista da subjetividade”. E tal afirmação é válida para os outros “especialistas” aqui investigados.

Sayão tenta em sua produção “traduzir” algo que não é entendido por seu público, bem como procura prever e ensinar qual a melhor forma de reagir. Busca eliminar, portanto, tanto com o tema do sexo e da sexualidade, quanto com o da educação dos filhos e alunos, qualquer imprevisibilidade que a relação entre duas pessoas possa ter. Esta argumentação ganhará força com as análises feitas em seguida, uma voltada às imagens dos “especialistas” e outra aos enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” construídos nas falas e nos escritos de Sayão, Zagury e Tiba.

Capítulo 2) A história que contam de si mesmos para a fabricação de uma imagem

Sabe-se que a escolha de Rosely Sayão, Tania Zagury e Içami Tiba para construir a figura dos “especialistas da subjetividade” não esgota a investigação, já que outros “especialistas” poderiam ser incorporados para que fosse elaborado um mapeamento desses profissionais, com suas diferentes produções e posições no interior desse mesmo *métier*. Entretanto, a análise deter-se-á na produção desses três autores especificamente, porque elas permitem destacar traços que particularizam os “especialistas” da configuração social contemporânea. Os três têm atuado em mídias diversas, são autores de muitos livros e ministram palestras em escolas e empresas. Ou seja, Sayão, Zagury e Tiba desempenham uma função semelhante na sociedade. Portanto, o intuito é o de apontar os elementos que são característicos dos “especialistas da subjetividade” e também os aspectos que os diferenciam e singularizam.

A análise feita por Pierre Bourdieu (1997) sobre o “campo jornalístico” francês deu suporte à abordagem aqui desenvolvida, na medida em que ressalta um dos mecanismos de funcionamento do *campo*.⁸⁴ Trata-se dos aspectos “invisíveis” que influenciam as escolhas e decisões de cada um que é envolvido pelo mesmo *métier*. Isto é, apesar de serem escolhidos três “especialistas da subjetividade” que não travam um diálogo público explícito, poder-se-ia afirmar que as escolhas que fazem nas suas carreiras consideram as outras posições assumidas pelos demais “especialistas” pertencentes a este mesmo *métier*. Nas palavras do sociólogo:

Há hoje *relações objetivas invisíveis* entre pessoas que podem jamais se encontrar, [...] mas que *são levadas a considerar* naquilo que fazem, consciente ou inconscientemente, *pressões e efeitos* que se exercem sobre elas pelo fato de pertencerem a um mesmo universo (Bourdieu, 1997, p.58, grifos meus).

Um artigo de Rosely Sayão, no qual é possível perceber a atuação dessas “relações objetivas invisíveis”, é aquele que traz um comentário sobre a versão inglesa do programa de televisão *Supernanny*, transmitido pelo canal GNT. O programa teve sua estréia no horário

⁸⁴ Vale recuperar uma passagem de *As Regras da Arte*, já citada nesta dissertação, pois sintetiza a noção de *campo* concebida pelo autor: “o campo literário (etc.) é um campo de forças a agir sobre todos aqueles que entram nele, e de maneira diferencial segundo a posição que aí ocupam [...], ao mesmo tempo que um campo de lutas de concorrência que tendem a conservar ou a transformar esse campo de forças” (Bourdieu, 2002, pp.262-263).

nobre, em 12 de outubro de 2005 (Cf. Saito, FSP, 12/10/2005, p.E1). Cada episódio é dedicado a uma família, cujos pais pedem ajuda para a superbabá inglesa Jo Frost, e ela vem, em um típico táxi inglês, socorrê-los.⁸⁵

Logo em seguida à estréia do programa, Rosely Sayão escreve “Superbabás na TV e auto-ajuda” (Sayão, 20/10/2005), no qual faz uma comparação entre o programa da superbabá Jo-Jo, os livros de auto-ajuda para pais e um outro programa de televisão, o documentário “Esqueceram-se de nós”, também transmitido pelo canal GNT.⁸⁶

Para Sayão é “assustador reconhecer” que as cenas vistas nos dois programas são muito parecidas: em um “aparecem crianças sozinhas totalmente descontroladas” e no outro as “crianças batem nos pais, fazem pouco de suas ordens, se descontrolam quando não são atendidas no que querem [...]” (Sayão, op.cit.). Dessa coincidência, conclui:

os pais estão em casa, mas não estão disponíveis como pais, ou seja, não assumem a tarefa educativa, ou estão com os filhos como eles, ou seja, absolutamente infantilizados, o que resulta em uma casa como a do programa reprisado, em que não há adultos por perto (Sayão, op.cit.).

A reflexão que Sayão desenvolve é interessante na medida em que identifica na mesma figura a babá, do programa *Supernanny*, a psicóloga, de “Esqueceram-se de nós”, e os

⁸⁵ *Supernanny* traz o que se poderia chamar de duas séries, uma com famílias americanas e outra com inglesas; no entanto, a montagem e a explicação do funcionamento do programa são repetidas a cada encontro. Em uma breve esquematização, cada episódio poderia ser dividido em duas partes: na primeira, Jo Frost conhece a família e seus problemas, bem como ensina os pais, grosso modo, a educar seus filhos. Numa espécie de intervalo, a família é deixada sozinha e Jo observa (por meio de gravações) se suas lições foram cumpridas. Na segunda parte, Jo reaparece e corrige os pais, ensinando-lhes mais uma vez. A caracterização da superbabá também chama a atenção para esta divisão. Na primeira parte, Jo aparece mais séria, com os cabelos presos em um coque, usando óculos e vestindo um *tailleur* de cor escura. Já na segunda, aparece de cabelos soltos e sem os óculos, mais alegre e com roupas coloridas. É curioso perceber que no mesmo canal em que o *Supernanny* é transmitido, outros programas também têm como tema *a reforma da vida privada*. Se no de Jo Frost a conduta dos pais é *transformada*, há outras emissões em que diferentes “especialistas” são chamados para reformar um cômodo da casa, renovar o guarda-roupa, ou, até mesmo, a dieta familiar. E essas mediações são tratadas de forma cada vez mais naturalizada (Cf. Lefort, 1977; 1979).

⁸⁶ No documentário, que estava sendo reprisado à época, três grupos (um composto só de meninas, outro só de meninos e o terceiro com adolescentes de ambos os sexos) passam pela experiência de ficar cinco dias em uma casa sem a presença de adultos. A situação criada no programa é muito semelhante à narrada no livro *O Senhor das Moscas* (1954), de William Golding, na qual meninos ficam sozinhos, sem adultos, numa ilha deserta. Este livro também inspirou a criação de um filme com o mesmo nome, em 1990, dirigido por Harry Hook.

escritores dos livros de auto-ajuda. Todos seriam deslocamentos da figura que representa o adulto para as crianças. Ao mesmo tempo, todos tratariam os pais de modo infantilizado, como se precisassem de um adulto que lhes dissesse “o que, quando e como fazer” (Sayão, op.cit.).

A estréia do programa de Jo Frost trouxe movimento ao *métier* dos profissionais dedicados à educação,⁸⁷ e Sayão marca sua posição neste meio condenando os programas de televisão e os livros que mais infantilizariam do que ajudariam os pais. Dessa forma, tenta se distinguir dessas babás, psicólogas e escritores que fazem dos pais simples fantoches.⁸⁸ Por isso faz sentido tomar emprestado o termo de Bourdieu e se referir a essa relação estabelecida por Sayão com Jo Frost como sendo uma “relação objetiva”, ainda que “invisível”.

Este artigo traz a ambigüidade das falas e dos escritos de Rosely Sayão que, de um lado, tenta se distanciar desses “especialistas” e, de outro, está identificada com eles. Em outras palavras, ela alimenta uma relação de dependência com o público, ao mesmo tempo em que critica essa situação.

Ainda na análise feita por Bourdieu, sobre as emissoras francesas, lê-se:

Há entre essas emissoras não apenas interações, pessoas que se falam ou não, pessoas que se influenciam, que se lêem, [...] mas também relações de força completamente invisíveis que fazem com que, para compreender o que vai passar na TF1 ou na Arte, seja preciso levar em conta o conjunto das relações de força objetivas que constituem a estrutura do campo (Bourdieu, op.cit., p.56).

⁸⁷ Vale acrescentar que o canal de televisão SBT comprou os direitos do *Supernanny* e produziu uma versão brasileira, que passou a ser transmitida em março de 2006, bem como foi lançada em agosto do mesmo ano uma série, *Mothern*, cujo formato, de alguma maneira, dialoga com o do *Supernanny*. As criadoras do *Mothern* e o diretor da série afirmaram, como foi mencionado, que o intuito deste novo programa é o de abordar o tema da maternidade a partir da experiência das próprias mães, contrapondo-se, assim, ao programa da babá inglesa, que traria a experiência de ser pai e de ser mãe mediada pelos conselhos da babá. Pode-se dizer, portanto, que a estréia do *Supernanny* na programação da TV brasileira gerou desdobramentos tanto na programação da TV paga (no próprio canal GNT, que passou a transmitir *Mothern*), quanto na programação da TV aberta (o SBT, com a produção da versão brasileira da série de Jo Frost). Além disso, houve outros desdobramentos: a babá da versão brasileira, Cris Poli, lançou o livro *Filhos Autônomos, Filhos Felizes* (Gente, 2006) e, ainda, passou a ser publicada pela editora *On Line*, a revista *Super Nanny*.

⁸⁸ A ilustração que acompanha o artigo é muito sugestiva, pois representa justamente esta cena, uma pessoa brincando com um pai-fantoches.

Para tanto, o sociólogo francês utiliza “indicadores” dessas “relações de força”. No caso referente ao *métier* dos “especialistas da subjetividade”, as imagens fabricadas e as falas e os escritos divulgados ao grande público são importantes indicadores que tornam mais visíveis as relações entre eles. E, por meio desses dois indicadores – a imagem e as falas e escritos – consegue-se chegar a outros: as editoras nas quais os “especialistas” publicam seus livros, as escolas e empresas nas quais ministram suas palestras, os jornais que escrevem, as revistas nas quais concedem entrevistas ou trabalham e, ainda, a “fatia de mercado”, nas palavras de Bourdieu, a que se destinam.

O intuito deste capítulo será, então, o de analisar um desses indicadores, qual seja, as imagens que são fabricadas desses profissionais. Já o capítulo seguinte será dedicado ao estudo de enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” construídos nas falas e nos escritos de Sayão, Zagury e Tiba.

Vale destacar que todas as informações obtidas para a construção deste capítulo e do seguinte, mesmo as que se referem a aspectos da vida privada de tais profissionais, foram recolhidos de fontes públicas, seja em livros e jornais, seja na internet e nas palestras.

2.1) Rosely Sayão: a educação como destino

As informações narradas na construção das imagens de Sayão, baseiam-se naquelas fornecidas pelo *blog* da psicóloga, no qual foi publicado o *post* “Quem é Rosely Sayão”,⁸⁹ e pelo seu livro *Em Defesa da Escola* (2004), escrito em parceria com Julio Groppa Aquino.⁹⁰ Isto porque o *post* fornece uma apresentação geral de Sayão, não apenas sua trajetória profissional, mas também alguns fatos de sua vida pessoal são contados neste texto; já o livro, escrito na forma de diálogo, Aquino e Sayão narram suas experiências escolares, como alunos e professores, e contam porque decidiram se dedicar à “causa escolar”.

⁸⁹ O *Blog de Rosely Sayão* foi lançado em 22 de março de 2006 no portal *Universo Online*.

⁹⁰ Julio Roberto Groppa Aquino é professor-doutor do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Aquino e Sayão se conheceram por intermédio de Yara Sayão, irmã de Rosely e psicóloga do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da USP e membro do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS). Aquino as convidou para colaborarem em um dos livros da coleção “Na Escola”, que foi coordenada e organizada por ele. Ambas participaram de *Sexualidade na escola* (Summus, 1997).

Esses dois textos, o que marca a estréia de Rosely Sayão em seu *blog* e o construído em sua “conversa” com Aquino, têm início com um relato sobre suas origens. Então, é por meio de tais relatos que o público toma conhecimento de que Sayão nasceu em 1950, na cidade de São Paulo. Antonio, seu pai, pertencia à segunda geração de uma família de imigrantes libaneses e sua mãe, Iracema, era descendente de italianos.

Sobre a escolarização de seus pais, lembrada no livro *Em Defesa da Escola*, Sayão conta que Iracema foi professora primária, o que significava uma formação de segundo grau (havia cursado o Normal após o ginásio), enquanto Antonio havia concluído o curso primário. A despeito da “pouca escolarização” de seu pai, afirma que ele “adorava ler” e possuía uma “estante maravilhosa” (Aquino; Sayão, 2004, p.23). E é ao pai que Sayão atribui uma maior influência em sua relação com o conhecimento.

A estante ficava trancada porque guardava livros de gente grande. Só que sempre que podia, eu roubava a chave. A primeira ousadia foi ler *Urupês* quando o que me era permitido era *Reinações de Narizinho*, ambos de Monteiro **Lobato**. Só sei que, aos doze anos, eu já tinha lido **Cervantes** e **Dante**, e logo depois cheguei a **Sartre** e **Kafka**, livros esses que já habitavam outras prateleiras. Não entendia muita coisa, mas imaginava que ali havia segredos que eu precisava desvendar (Aquino; Sayão, op.cit., p.24).

Sobre sua mãe, Rosely sempre se refere no livro como professora e relata como este fato a incomodava em sua vida escolar:

como *filha de professora*, eu tinha a obrigação de ser boa aluna [...] (Aquino; Sayão, op.cit., p.21, grifos meus).

[...] minha mãe, *como professora*, tentou muito me ajudar [nas lições de casa], mas devo dizer que ela mais me atrapalhou do que ajudou [...] para ela, eu tinha que acertar, tinha que tirar dez, tinha que escrever com letra redonda... A maior pressão (Aquino; Sayão, op.cit., pp.24-25, grifos meus).

Assim, enquanto seu pai é apresentado ao leitor por meio de lembranças mais positivas, associadas ao conhecimento, a mãe é apresentada junto com as idéias de professora e cobrança, “a maior pressão”.

Para narrar sua história de aproximação ao campo da educação, traz uma vez mais sua mãe. Diz ela:

eu tinha um *destino traçado*. Como filha de professora, eu tinha de me tornar professora, quisesse ou não, gostasse ou não. E era um destino que eu recusava (Aquino; Sayão, op.cit., p.30, grifos meus).

Rosely Sayão começou a freqüentar a escola no final da década de 50. Coursou o primário em grupo escolar e depois fez cursinho e o exame de admissão para entrar no ginásio. Ao concluí-lo, seguiu para o científico.

A narrativa traçada no livro sobre sua formação tem continuidade com a escolha do curso de Psicologia:

eu não tinha a mínima idéia do que fosse isso e pouca gente tinha, já que era uma profissão muito nova. Minha escolha foi determinada por outro motivo: tratava-se de um curso que não era oferecido na cidade em que meus pais moravam. Foi minha chance de liberdade, de viver a vida por mim mesma. (Aquino; Sayão, op.cit., pp.30-31).

Em seu *blog*, reforça a idéia de que não sabia ao certo o motivo que a levou a escolher tal curso, posto que não era muito conhecido na época. E, em seguida, conta aos seus leitores que passou no vestibular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e que morou nesta cidade durante os cinco anos do curso.

Durante esse período trabalhei como vendedora em livraria, substitui professores em aulas de matemática para o ginásio em escolas particulares – adoro matemática – e trabalhei na faculdade em troca do valor da mensalidade. Tive vontade, muitas vezes, de deixar o curso porque odiava pegar em ratos e boa parte do trabalho era experimental, mas, persisti (*post*, 19/03/2006).

A este fragmento transcrito acima, é interessante relacionar o retirado do livro, no qual afirma:

Como você pode perceber, eu sempre tentei me afastar da educação e do destino de ser professora, só que, assim que me formei, recebi um convite de trabalho para lecionar psicologia [...] (Aquino; Sayão, op.cit., p.31).

É curioso perceber uma pequena contradição em seus relatos sobre o mesmo período de sua vida: no livro, escrito em 2004, afirma a Aquino que *tentava se afastar* da docência, enquanto que para os internautas, em 2006, conta que durante a faculdade trabalhou como professora de matemática. Poder-se-ia dizer que no livro, a psicóloga constrói a imagem de que não conseguiu se afastar de seu “destino de ser professora”, enquanto que no curto texto do *blog* essa idéia está ausente. Essa banal contradição nos escritos mostra que Sayão, a cada

momento, constrói e transmite uma *imagem* para seu público, para além das informações contidas em seus relatos sobre sua formação escolar.

Dessa forma, a psicóloga mobiliza as lembranças dos pais, de sua relação com o conhecimento e com a escola, para, com tais elementos, transmitir ao grande público a imagem de uma pessoa que tinha a educação como “destino”.

Rosely Sayão se formou psicóloga em 1972. Seu primeiro emprego depois de formada foi como professora em um curso técnico em administração, em uma cidade do interior de São Paulo. Sua disciplina era “relações humanas”. Num primeiro momento, de acordo com a interpretação de Sayão tecida no livro, ser professora significou uma maneira de sobreviver e de continuar investindo na sua formação clínica. Entretanto, a docência foi uma “descoberta”. E afirma:

o relacionamento com os alunos foi um sucesso, e a instituição reconheceu isso, porque logo fui convidada a lecionar na universidade, no curso de psicologia. Mesmo assim, eu continuava com a idéia de que minha área era a psicologia clínica (Aquino; Sayão, 2004, pp.30-31).

Lecionou por mais de dez anos na Universidade Metodista de Piracicaba. Apesar de acreditar que sua área de atuação seria a clínica, na universidade foi professora, supervisora de estágio e coordenadora do curso de formação de psicólogos – “enfim, tornei-me professora à revelia de mim mesma”. É como se o “destino” de ser professora se realizasse. E continua: “foi ali, no cotidiano da relação com os alunos, que ser professora se construiu em mim” (Aquino; Sayão, op.cit, p.32).⁹¹

Embora tenha obtido “sucesso” com este trabalho, Sayão o deixou “no auge de uma promissora carreira acadêmica” (Aquino; Sayão, op.cit., p.32). Em seu *blog* afirma que “desistiu” dela; no entanto, em ambos os textos, a psicóloga não explica com mais detalhes o que a fez interromper essa carreira. Vale acrescentar que Sayão também se dedicou, ao lado do trabalho de docência, à clínica. Um indício que corrobora esta afirmação está no texto de apresentação da autora, na orelha de seu livro *Como Educar Meu Filho?* (2003). Nele se afirma que Sayão é psicóloga clínica há mais de 30 anos.

⁹¹ Vale destacar que este escrito é formulado a partir de uma idéia já trabalhada aqui, quando se discutiu a emergência de um certo discurso construtivista (Cf. pp.73-79), e que está presente em outros momentos da produção de Sayão: trata-se de aprender com os próprios filhos a melhor maneira de educá-los (como na palestra aos pais do Colégio Santa Cruz) ou aprender com os alunos a ser professora.

Em meados dos anos 80, a psicóloga voltou para a cidade de São Paulo, onde lecionou em uma escola, no então chamado colegial.⁹²

Entre os anos de 1989 e 1990, foi convidada para trabalhar no jornal *Notícias Populares (NP)*, que naquele momento reformulava seu projeto editorial para se tornar um jornal de “prestação de serviços”. Seu alvo seria um leitor casado, entre 30 e 40 anos, com baixa escolaridade e trabalhador do mercado formal ou informal. Para justificar sua aceitação, apesar de “Orientação sexual” não ser o foco de seus estudos, conjuga dois elementos que explicariam a atuação de uma psicóloga, cujo destino estava atrelado à educação, como colunista de um jornal: o fato de gostar, por um lado, “de desafios profissionais”, por outro, e sobretudo, de escrever (Cf. Aquino; Sayão, 2004, p.33).

Depois de um primeiro texto experimental, Sayão passou a escrever diariamente uma coluna de orientação sexual voltada para homens adultos, chamada *Tudo sobre Sexo*, trabalhando até o fechamento deste jornal em janeiro de 2001.

Na tentativa de explicar o tema do sexo e da sexualidade na sua trajetória profissional, afirma que este trabalho no *NP* foi importante, pois lhe permitiu construir uma “linguagem própria” (Aquino; Sayão, op.cit., p.35) para conversar com seu público-leitor.

Ademais, ser colunista do *NP* teve um outro sentido para sua carreira. Para explicá-lo lança mão de uma conversa com Paulo Freire. Quando ainda era professora universitária teve um breve encontro com Freire e, nesta ocasião, ele lhe contou sua história com a educação, enquanto ela lhe expressou sua vontade de deixar a universidade em busca de um trabalho de “maior alcance social” (Aquino; Sayão, 2004, p.34). Vontade que julgava ser difícil realizar, com a Psicologia e na universidade. Freire teria lhe respondido que “os psicólogos tinham muito a conversar com as pessoas sobre a vida, e que só faltava um bom pretexto pedagógico para mediar essa conversa” (op.cit., p.34). O sexo e a sexualidade foram, desse modo, esse “pretexto” que a psicóloga precisava para conseguir realizar um trabalho de maior dimensão social. Ou seja, o sexo e a sexualidade foram os temas usados para educar. Tal escrito – o sexo e a sexualidade como pretexto para educar – é mobilizado em outras passagens além do livro, como no primeiro *post* e em entrevistas.

⁹² Os textos de Sayão, contudo, não informam o nome da escola, tampouco por quanto tempo permaneceu, mais uma vez, trabalhando como professora.

Nesse mesmo período, entre maio de 90 e março de 95, Sayão trabalhou no Instituto *Sedes Sapientiae*, onde foi coordenadora da Clínica Psicológica. Outro indício, portanto, de sua atuação na clínica.

Ainda na década de 90, também foi convidada para escrever sobre sexualidade para a *Folha de S.Paulo*, em um caderno dedicado ao público jovem, o *Folhateen*. Sayão relaciona este convite ao fato de ter construído uma “linguagem própria”, “objetiva, acessível e não moralista ao tratar do assunto” (Aquino; Sayão, 2004, p.35), bem como ao seu “sucesso” com o público adolescente, que passou a ler seus artigos no *NP*.

Os temas do sexo e da sexualidade ainda lhe renderam, nos anos 1990, a publicação de três livros *Sexo: Prazer em conhecê-lo* (Artes e Ofícios, 1995), *Sexo é Sexo* (Companhia das Letras, 1997) e *Sexo* (Escuta; Via Lettera, 1998), bem como do artigo “Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola”, no livro organizado por Aquino (Summus, 1997).

Para muitos de seus leitores, a imagem que permaneceu de Rosely Sayão foi a de “sexóloga” ou de “especialista em sexualidade”, como se refere no *blog*, construída pelo seu trabalho no *NP* e na *Folha de S.Paulo*.

Até hoje muita gente ainda pensa que sou sexóloga. Sinto *verdadeiro horror* quando dizem isso porque foi, na verdade, um trabalho de construção de uma linguagem (Aquino; Sayão, 2004, p.33, grifos meus).

Com essa formulação, Sayão tenta, a um só tempo, afastar-se da imagem de “sexóloga” e reforçar a de uma profissional sempre voltada à educação. Ao se referir à *Sexo*, sua coluna no *Folhateen*, desde o final de 1993, também a relaciona com a educação. Afirma que, com esta coluna, proporcionava uma educação sexual aos jovens, oferecia explicações, conselhos e os orientava nas mais diferentes dúvidas e ansiedades.

Transformei essa coluna num espaço para conversar com os jovens a respeito da vida. Eu pensava muito na *questão educativa* quando dialogava com os adolescentes pelo jornal (Aquino; Sayão, 2004, p.35, grifos meus).

Assim, esforça-se para contar sua história pessoal e profissional tendo a educação como eixo – ela era o seu destino, que teimou em se concretizar. O curso científico e, mais tarde, a faculdade de Psicologia foram tentativas de se afastar do imperativo de *ser professora*; entretanto, já em seu primeiro emprego, a docência trouxe o destino de volta. Em outra fase de sua carreira, quando começou a escrever em jornais, a proximidade com a

educação é mais uma vez estabelecida. Ao tratar de questões relacionadas ao sexo e à sexualidade, afirma que também educava adultos e adolescentes.

Vale acrescentar que esta interpretação de sua história é dada *posteriormente*, formulada em 2004, no momento da escrita do livro *Em Defesa da Escola*; isto significa dizer que, talvez, nem sempre construiu e defendeu esta imagem de si mesma. Ou melhor, não procurou durante toda a sua carreira divulgar esta imagem de uma profissional sempre próxima à educação. No entanto, sendo colunista da *S.O.S. Família*, prestando assessorias e fazendo palestras nas escolas, a imagem de *professora como um destino* opera muito bem. Há portanto uma identificação entre esta interpretação de sua trajetória e o momento em que foi formulada. O mesmo raciocínio vale para o texto publicado em seu *blog*: reafirma que não é sexóloga e que “a sexualidade funcionou como um bom pretexto para eu conversar com os leitores a respeito da vida” (*post*, 19/03/2006), remetendo-se, assim, à conversa com Paulo Freire, mais um signo de que lança mão para se aproximar do campo da educação.

Para a psicóloga, o fato de ter “boa comunicação” com os adolescentes e de falar sobre um tema que lhes era importante fizeram com que as escolas a convidassem para conversar com os alunos. Foi um “equivoco” responder a essa demanda, segundo ela, pois “não é possível chamar uma pessoa de fora, que não tem vínculos estreitos com esses alunos, para falar com eles sobre um tema que exige tanta proximidade” (Aquino; Sayão, 2004, p.35). Tal atividade, para ela, caberia ao próprio professor.

Não só escolas, mas também famílias começaram a “pedir ajuda para orientar os filhos sobre os temas da sexualidade”. Foi, então, que decidiu quealaria com os “educadores”: “são eles que constroem esse vínculo com seus filhos e alunos” e, desse modo, “são eles que precisam e devem falar com a criançada a respeito de tudo, inclusive da sexualidade” (Aquino; Sayão, 2004, p.36).⁹³

Lembrando que *Em Defesa da Escola* é um livro que reproduz um diálogo entre Aquino e Sayão, é curiosa a reação do professor frente a esta fala da psicóloga. A resposta dele contradiz a imagem desenhada por Sayão de *mediadora*. Segundo Aquino:

⁹³ Poder-se-ia dizer que o artigo “Saber o sexo? Os problemas da informação e o papel da escola” (1997) realiza a vontade de Sayão, que é expressa posteriormente no livro *Em Defesa da Escola* (2004), de auxiliar os “educadores” e de não mais trabalhar *diretamente* com os jovens *no interior* da escola. Ao contrário, ela faria a *mediação* entre o professor e o aluno, entre o pai e o filho.

Difícil o educador entender que ele tem a faca e o queijo na mão, não é verdade? Que ele não precisa de *especialistas externos* para informar como ele deve proceder mediante os desafios da profissão. É assombrosa essa *tutela discursiva dos profissionais da educação*, principalmente por parte dos psicólogos, não? (Aquino; Sayão, 2004, p.36, grifos meus).

É possível afirmar que Aquino junta na mesma figura os profissionais que Sayão tenta distinguir: os profissionais externos à escola (que atuam junto aos alunos) e os “profissionais da educação” (que atuam junto aos professores), em nossos termos, os “especialistas da subjetividade” ou os *mediadores*, como Rosely Sayão. É claro que não é a intenção de Aquino criticar sua colega, porém, conforme a leitura aqui proposta, ele o faz. Sayão dá continuidade à conversa e rebate a colocação de Aquino:

os professores não precisam de tutela, mas precisam ser provocados a identificar os estereótipos que reproduzem no relacionamento com os alunos e a se posicionar em relação a eles (Aquino; Sayão, 2004, p.36).

Foi motivada por este fato, como ela mesma procura justificar, que pediu ao jornal para escrever uma coluna voltada para pais e professores, a *S.O.S. Família*, bem como que passou a ir às escolas para falar com eles, já que seu “alvo é a educação dos filhos e dos alunos” (Aquino; Sayão, 2004, p.36).

É esta narrativa que Rosely Sayão tece a seu público para justificar a existência de sua coluna no jornal *Folha de S.Paulo*. Havia uma demanda formulada por pais e professores, a qual Sayão passou a responder tanto por intermédio dos artigos, quanto por intermédio de suas palestras e assessorias.

Na seqüência de sua conversa com Aquino, Sayão lança mão de um *exemplo concreto*: sua participação em uma reunião na “semana de planejamento escolar” com professores da rede pública municipal de uma cidade do interior. A situação descrita era de, nas palavras da autora, “formação em massa por meio de palestras”. Sayão afirma, contudo, que não gosta de palestrar. “Eu converso, crio uma interlocução com os professores. Gosto muito de ouvi-los e problematizar as questões que trazem”. A psicóloga tentava mostrar que a “intervenção educativa” era de responsabilidade dos professores e esses pediam a Sayão que identificasse “perfis de alunos problemáticos” para serem encaminhados para o tratamento psicológico. É neste contexto que uma professora desabafa, preocupada com seu aluno. Ela dizia que não sabia mais o que fazer, pois o aluno tirava a roupa e se masturbava na sala de aula. Ela já havia conversado e explicado as regras, mas ele continuava a se masturbar. “O que eu posso

fazer, a não ser encaminhar para o psicólogo?”, indagou tal professora a Sayão (Aquino; Sayão, 2004, p.37).

A “especialista” segue a narração da tal reunião:

E ela [a professora] foi criando uma tal imagem da situação em sala que eu fui ficando acuada. Pensei: ‘Meu Deus, deve ser um aluno de 16 anos que não aprendeu a se regular etc.’. Fui me contagiando com o desespero dela (Aquino; Sayão, 2004, p.38).

Sayão voltou a debater com o grupo, até que se lembrou de perguntar a idade do aluno em questão e descobriu que este tinha apenas três anos. Aquino finaliza, diante desse exemplo de sentimento de impotência da professora:

você vê o efeito da *tutela do discurso psicológico*, de que falava, sobre as preocupações dos profissionais? Sob a capa de auto-ajuda, isso tudo acaba resultando em terrorismo contra os educadores por eles próprios (Aquino; Sayão, 2004, p.38, grifos meus).

Esse trecho da conversa entre Aquino e Sayão leva a algumas considerações. A primeira é que Sayão afirma que são os pais e professores que devem educar as crianças e os adolescentes, condenando, como Aquino⁹⁴, a presença dos “especialistas externos” na escola. Defendem que os problemas devem ser enfrentados pelos professores e não delegados a terceiros. Não obstante, ela ocupa o lugar de *mediadora*, uma vez que passa a orientar “educadores” sobre sua conduta frente aos alunos e filhos. Em suas próprias palavras, “meu alvo é a educação dos filhos e dos alunos” (Aquino; Sayão, op.cit., p.36). O curioso é que Sayão não se vê como um destes “especialistas externos”, tampouco considera que sua produção se aproxime do “discurso psicológico”.

Ao fazer essa declaração, por outro lado, marca sua posição defendendo o afastamento de profissionais que “invadiriam” o espaço escolar, tal como acredita que fez quando aceitou alguns convites de escolas para conversar diretamente com os alunos sobre sexualidade. É como se precisasse acreditar – e fazer com que seu público acreditasse –, que a posição social que ocupa é diferente das posições dos demais, para, assim, autorizar seu próprio discurso.

As diferentes funções assumidas pela psicóloga ao longo de sua trajetória profissional são sempre marcadas pela ambigüidade: entre a posição que ela ocupa socialmente e a posição que ela diz ocupar. Tanto nas palestras e nos artigos, quanto nos *posts* e nos livros,

⁹⁴ Ver: Aquino, Julio Groppa. “A indisciplina e a escola atual”. Revista Fac. Educ., São Paulo, v.24, n.2, p.181-204, jul./dez. 1998.

não consegue abandonar a *mediação* que estabelece entre os “educadores” com seus problemas e as soluções.

Em julho de 2000, Sayão trocou de caderno: continuou como colunista da *Folha de S.Paulo*, mas deixou o *Folhateen* e sua coluna *Sexo* e começou a escrever a *S.O.S. Família*, no *Folha Equilíbrio*. É interessante atentar para as alterações que ocorreram na maneira como Sayão foi identificada no final de sua segunda coluna, ainda que permanecendo no mesmo jornal. Isto porque tais mudanças auxiliam a traçar uma imagem da psicóloga, que se modifica e se conforma ao escrito que é emitido.

Ao final de *Sexo* era:

Rosely Sayão, 48, é psicóloga. Se você tem dúvidas sobre sexo, escreva para o *Folhateen* ou para roselys@uol.com.br.

Já em *S.O.S. Família* era identificada como:

Rosely Sayão é psicóloga, consultora em educação e autora de ‘Sexo é Sexo’ (ed. Companhia das Letras); e-mail: roselys@uol.com.br.

Depois da publicação de *Como Educar Meu Filho? Princípios e desafios da educação de crianças e de adolescentes hoje*, em abril de 2003, sua identificação foi alterada dois meses mais tarde:

Rosely Sayão é psicóloga, consultora em educação e autora de ‘Como Educar Meu Filho?’ (Publifolha); e-mail: roselys@uol.com.br.

Desta forma, o conteúdo da coluna – o *socorro* aos “educadores” – é reforçado pelo livro publicado com o mesmo tema. Em setembro de 2004, outra mudança:

Rosely Sayão é psicóloga e autora de ‘Como Educar Meu Filho?’ (ed. Publifolha); e-mail: roselys@uol.com.br.

Isto é, deixou de ser identificada como consultora educacional. Até o momento em que estas linhas são escritas, em novembro de 2006, permanecem estas mesmas palavras na identificação de Sayão.

No início de *S.O.S. Família*, sua imagem foi formada pelo entrelaçamento de três áreas: a Psicologia (é psicóloga de formação), a Educação (seu “destino” e área na qual presta consultorias) e a Sexualidade (como escritora). Vale destacar que o livro escolhido, entre os três publicados até aquele momento, foi o editado pela Companhia das Letras, sem dúvida a editora de maior prestígio, com relação às outras três, no mercado editorial.

Depois da publicação de seu primeiro livro na área da Educação – três anos após o início da coluna – este passa a identificá-la no lugar de *Sexo é Sexo*. Então, poder-se-ia dizer que sua imagem caminha no sentido de reforçar sua atuação no campo educacional, voltada aos temas da educação familiar e escolar, e se afasta dos temas da sexualidade.

Desse modo, os três livros publicados nesse período evidenciam seu fortalecimento nesse *métier*. Dois deles já foram mencionados: *Como Educar Meu Filho? Princípios e desafios da educação de crianças e de adolescentes hoje* (Publifolha, 2003), uma coletânea dos artigos da *S.O.S. Família*, publicados entre os anos de 2000 e 2002, e *Em Defesa da Escola* (Papirus, 2004), livro escrito com Julio Groppa Aquino, “um grande amigo e companheiro de idéias a respeito da educação” (*post*, 19/03/2006). O terceiro livro, *Família: Modos de Usar* (Papirus, 2006), também é fruto de sua parceria com Aquino.

Ainda sobre a trajetória profissional de Sayão, é preciso dizer que ela já foi colunista das revistas *Todateen* e *Dotnet*, como está indicado em seu artigo publicado em *Sexualidade na Escola* (1997),⁹⁵ além de diretora de conteúdo da revista *Crescer* (editora Globo) no ano de 2002.⁹⁶

Ademais, Sayão continua a trabalhar com o tema da sexualidade entre os adolescentes. É supervisora editorial do *site UOL Teen Sexo*, do portal *Universo Online*, bem como seleciona e responde as perguntas enviadas pelos internautas na seção “Dúvidas Frequentes” deste mesmo *site*.⁹⁷ Há momentos, contudo, em que acontecem “conversas” em tempo real das quais a psicóloga participa. Outra seção deste *site* é “Sexo Cabeça”, um livro eletrônico sobre sexo para adolescentes, escrito por Sayão especialmente para a internet e para o *UOL Teen Sexo*. Seu conteúdo é dividido em quatro temas: “conhecendo seu corpo”, “orientação sexual”, “relacionamentos” e “sexo sem gravidez”, e em muito se assemelha ao primeiro livro

⁹⁵ De acordo com as informações publicadas, em dezembro de 2005, no *site* portal da *Comunicação*, a *Todateen* (editora Alto Astral) é uma das “principais” revistas voltadas ao segmento jovem feminino. Já em relação à revista *Dotnet*, não se conseguiu obter nenhuma informação.

⁹⁶ A revista *Crescer* aborda uma variedade de temas relacionados à vida familiar. Na edição de setembro de 2004, a título de ilustração, os principais tópicos tratados foram: os desafios que o primeiro filho traz para o casamento e os novos sutiãs especiais para amamentar, e ainda, como a mãe pode ajudar a criança a enfrentar seus medos e uma ajuda na escolha dos livros para ler com os filhos.

⁹⁷ As perguntas enviadas ao *UOL Teen Sexo* são selecionadas e respondidas não apenas por Sayão, mas também pelos médicos Maurício de Souza Lima, Ricardo Tapajós e Marco Antonio Lenci. As respostas encontradas na investigação, feita em fevereiro de 2006, datam dos anos 2000 a 2002.

da psicóloga, *Sexo: Prazer em conhecê-lo* (1995), no sentido de ambos se aproximarem de um manual de sexo.

Ainda no portal *Universo Online*, é colunista do *Momento Família*, um dos *links* do *UOL News*.⁹⁸ Sua estréia ocorreu em março de 2005. Este trabalho é importante por trazer à luz algo que Rosely Sayão tenta evitar, ou nega fazer, nos artigos e mais fortemente em alguns de seus livros, que é *ensinar como fazer* ou *dar dicas*. Nessas interações rápidas, e mais diretas entre Sayão e o público, as perguntas são objetivas e as respostas também. Os pais, a partir de um sem número de temas, perguntam *como fazer?* E a psicóloga lhes responde de maneira pontual.

A “especialista” Sayão também já trabalhou no telejornal *Jornal 21*, apresentado por Lillian Witte Fibe. Teve aparições semanais entre os meses de julho a setembro de 2005.⁹⁹

Atualmente, Sayão é colunista do *Band News FM*, com a seção *Seus Filhos*. No rádio possui uma fala diária, de segunda à sexta-feira, de cerca de dois minutos, que é transmitida em todo o país, em quatro horários distintos, às 0h57, 7h17, 12h57 e 20h17.¹⁰⁰

⁹⁸ Em *Momento Família*, os “bate-papos” acontecem às terças-feiras a partir das 16hs30, mas o acesso a eles em tempo real e a participação só são permitidos aos assinantes do *UOL*. O “encontro” se dá em um auditório virtual, no qual se apresentam Rosely Sayão e Lillian Witte Fibe, âncora do jornal *UOL News*. A psicóloga “dialoga” e responde ao vivo as perguntas enviadas pelos internautas. Algumas horas mais tarde, há a publicação da transcrição dessa “conversa” e de uma edição com os assuntos principais que foram abordados. A essa transcrição o acesso é livre, porém somente ao internauta assinante do *UOL* é permitido assistir as imagens gravadas do “bate-papo”. É preciso esclarecer que se escreve “diálogo”, “conversa” e “bate-papo” entre aspas, uma vez que eles não ocorrem realmente. Isto é, cada internauta faz uma pergunta e esta é respondida. Neste momento a interação se encerra, não sendo possível para o mesmo internauta dar continuidade à relação estabelecida, propondo outra questão à “especialista” ou mesmo comentando a resposta que lhe foi dada.

⁹⁹ O *Jornal 21*, exibido às 22hs pela *Rede 21* (estação UHF do grupo Bandeirantes), foi ao ar com a apresentação de Lillian Witte Fibe, de julho a setembro de 2005. Em setembro, porém, com a saída de Fibe, o jornal parece ter passado por mudanças e as aparições de Sayão deixaram de acontecer. Contudo, as duas já trabalharam (e continuam trabalhando) “juntas” no portal *Universo Online*. Fibe foi contratada em setembro de 2004 pelo *UOL*, para ancorar o canal de jornalismo interativo *UOL News*, e, alguns meses mais tarde, Sayão começou a trabalhar no *Momento Família*, como já foi mencionado, um dos *links* desse canal.

¹⁰⁰ A *Band News FM* pertence ao Grupo Bandeirantes de Comunicação e tem uma programação jornalística 24 horas no ar. Possui, segundo informações do próprio *site*, “um projeto voltado para a informação, à prestação de serviços e à formação de opinião”. Sua programação é dirigida ao ouvinte jovem (entre 25 e 55 anos), além de levar ao ar um conteúdo voltado também ao público feminino.

A presença de Sayão em escolas parece freqüente quando se considera não somente suas palestras e assessorias, como também sua aparição nos *sites* dessas instituições, com entrevistas e artigos.¹⁰¹

Em relação às palestras realizadas pela psicóloga, poder-se-ia destacar sua participação no primeiro *Ciclo de Palestras para Pais*, realizado no teatro do Colégio Santa Cruz, entre os meses de maio e setembro. Sendo o tema central do ciclo “conhecer e educar os filhos: exercer o papel de mãe e pai”, Rosely Sayão, a quarta convidada a se apresentar, discutiu o tema “Autoridade educadora”, em 16 de junho de 2004.¹⁰²

Ainda sobre a presença da psicóloga nas escolas, não se pode deixar de mencionar sua tentativa de transformar a *Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Desembargador Amorim Lima*, localizada na sub-prefeitura do Butantã, na cidade de São Paulo. Tal experiência, inspirada na *Escola da Ponte* em Portugal, é relatada num artigo feito por Rosely Sayão e Julio Groppa Aquino em 2004, ano em que esse trabalho se desenvolveu.¹⁰³ Os dois primeiros itens do texto, de autoria de Aquino, apresentam uma discussão sobre as possibilidades de uma educação democrática; já os dois últimos, de autoria de Sayão, trazem uma breve descrição da *Escola da Ponte*, uma escola pública da cidade do Porto e um exemplo reconhecido internacionalmente de escola democrática, bem como, a

¹⁰¹ Como já mencionado, artigos e entrevistas de Sayão foram encontrados no *site* das seguintes escolas: Colégio Nossa Senhora do Carmo, Colégio Rainha da Paz, Escola Vera Cruz, Colégio Dante Alighieri, Colégio Santa Cruz e Escola Lumiar, todas na cidade de São Paulo; Liceu Albert Sabin em Ribeirão Preto, e no *site* da Associação Educacional de Niterói, no Rio de Janeiro.

¹⁰² Antes de Sayão, já tinham se apresentado no ciclo: Leopold Nosek, psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; o médico, psiquiatra e psicanalista, também ex-professor da Faculdade de Medicina da PUC-RS, com livros publicados no Brasil e no exterior, José Outeiral e José Ernesto Bologna, psicólogo, administrador, diretor-fundador da “Ethos Desenvolvimento Humano e Organizacional”, conferencista e escritor. Depois da palestra de Sayão, outras quatro aconteceram: a do psicanalista e também colunista da *Folha de S.Paulo* Contardo Calligaris; a de Fernando Altemeyer, comunicador, teólogo, professor da PUC-SP, mestre em Ciências da Religião e doutorando em Ciências Sociais; a de Fernando Reinach, biólogo molecular, PhD. pela Cornell University Medical College, diretor-executivo da Votorantim Novos Negócios, ex-aluno do Colégio Santa Cruz e membro de seu Conselho Administrativo e, finalmente, a de João Augusto Pompéia, psicólogo, psicoterapeuta e professor da PUC-SP.

¹⁰³ Para mais detalhes sobre essa tentativa de democratização da cultura escolar no interior da Amorim Lima, ver: Aquino, J. G.; Sayão, R. “Da construção de uma escola democrática: a experiência da Emef. Amorim Lima”. *Eccos – Rev. Cient. Centro Universitário Nove de Julho*. São Paulo, v.6, n.2, p.15-37, dez.2004b.

partir da inspiração nesta escola portuguesa, a tentativa de transformar a Emef. Desembargador Amorim Lima em uma experiência democrática.

Sayão coloca a intervenção de sua equipe – coordenada por ela e composta por sua irmã e também psicóloga, Yara Sayão, bem como pela pedagoga e coordenadora de série da Escola Vera Cruz, Lygia Uchoa Cavalcanti – como resultado da busca da própria escola pela mudança. Primeiramente expressa numa tentativa individual, da diretora da escola, Ana Elisa Siqueira, a partir do momento em que assumiu este cargo em 1997. Em seguida, na atuação conjunta da direção e do Conselho de Escola, levantou-se os principais problemas enfrentados no ano de 2003. É neste contexto que Rosely Sayão é convidada a “discutir possíveis alternativas de mudanças na escola” (Aquino; Sayão, 2004b, p.29) e aceita reelaborar o projeto político-pedagógico e assessorar a sua realização. Para fazer este trabalho, Sayão e sua equipe tiveram o apoio da Secretaria Municipal de Educação, na gestão da Prefeita Marta Suplicy.

Também foi encontrada, no *site* da escola, uma reportagem sobre tal assessoria da “psicóloga educacional” Rosely Sayão, inspirada na *Escola da Ponte*.¹⁰⁴ Ao final, havia um pedido às empresas por novos patrocínios, posto que a escola não possuía recursos próprios e necessários para dar continuidade ao projeto e, já havia terminado a “parceria” com uma “empresa brasileira”.

Cabe destacar que há uma confusão em relação às “parcerias”, quando se faz uma comparação entre a reportagem e o artigo: não há clareza no artigo se a assessoria foi financiada pela prefeitura e por instituições de capital privado, como sugere a reportagem. Para esta pesquisa não há tanta relevância em apurar com quais instituições foram feitas as “parcerias”, já que o mais importante é o fato de ser Rosely Sayão a profissional escolhida para coordenar o grupo que auxiliaria nas mudanças daquela escola. Isto significa que Sayão é reconhecida publicamente, ao menos entre os profissionais das instituições escolares, como uma profissional capaz de suscitar transformações nas práticas cotidianas dessas instituições.¹⁰⁵

¹⁰⁴ A reportagem é intitulada de “Na trilha da Ponte de Portugal” e foi acessada no *site* da escola Amorim Lima em 20/02/2006.

¹⁰⁵ Ademais, teve-se notícia, por meio de um Relatório de Atividades do LAE – Laboratório de Aprendizagem e Ensino da Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis da Universidade de São Paulo –, da participação de Rosely Sayão no Ensino Superior. Ela ministrou a palestra “A relação professor-aluno no ensino universitário”, em dezembro de 2003, sendo esta uma das atividades realizadas por esse laboratório naquele ano,

Outro dado importante sobre a trajetória da psicóloga é revelado na orelha de *Como Educar Meu Filho?* (2003): ela também presta consultoria em empresas, “dissertando sobre cidadania e sobre educação de crianças e de adolescentes”. Em outubro de 2005, a “especialista” fez uma palestra, cujo tema era “Como Educar no Mundo Contemporâneo”, a convite da Unipsico (Cooperativa de Psicólogos) e com o apoio da Unimed de Ribeirão Preto. Divulgou-se no *site* da Unimed que compareceram mais de 550 participantes.

Outra participação de Sayão no âmbito empresarial foi no 5º *Fórum Serasa de Qualidade de Vida*, evento realizado em agosto de 2005. Este fórum segue a linha adotada pela empresa, que, conforme divulgado em seu próprio *site*:

direciona seus esforços na educação, treinamento, qualidade de vida e desenvolvimento dos Ser Serasa (forma como chama seus profissionais) em todas as dimensões – material, intelectual, psicológica, espiritual e social – a fim de prepará-los e capacitá-los para seu próprio crescimento pessoal e profissional (*site* Serasa).

Ainda sobre a empresa é importante acrescentar:

Paralelamente ao Fórum, acontece também a Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho (SIPAT), em que serão abordadas práticas de segurança e prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis. A empresa adota uma política de investimento na melhoria do estilo de vida que atinge a todos os Ser Serasa por meio da Promoção da Saúde, com medicina alternativa (acupuntura, shiatsu, RPG, fonoaudiologia, psicoterapia); ginecologia com acompanhamento de TPM e prevenção ao câncer de mama; serviço odontológico; vacinação contra a gripe; controle do colesterol, pressão e osteoporose; programa antitabagismo; programa Vigilantes do Peso; ginástica laboral e realização de jogos olímpicos, entre outros (*site* Serasa).

Essa longa reprodução é importante, pois revela o caráter da intervenção de Sayão, como de outros palestrantes, ou seja, proporcionar “qualidade de vida” ou uma “melhoria do estilo de vida” dos funcionários desta empresa, uma das maiores do mundo “em análises e informações para decisões de crédito e apoio a negócios”.¹⁰⁶ Em outras palavras, o aumento

entre cursos e um workshop. Reuniram-se 34 participantes nesta palestra, entre eles 15 professores da FEA e 17 alunos e funcionários da mesma faculdade.

¹⁰⁶ Essas informações veiculadas no *site* da empresa ganham um novo sentido quando relacionadas a um estudo citado por Lasch em *O Mínimo Eu* (1990). Nesse estudo realizado no início dos anos de 1930, “os célebres estudos *Hawthorne*”, sobre uma empresa americana, a *Western Electric*, mostrou-se que a produtividade dos trabalhadores não foi alterada devido aos estímulos materiais conseguidos (ou seja, “incentivos salariais” ou “mudanças nas condições físicas de trabalho”). A produtividade aumentou a partir do momento em que esses

da “qualidade de vida do trabalhador”, ao menos nesse caso específico, está associado a uma série de investimentos, sendo um deles um conjunto de palestras. Entre elas, a de Rosely Sayão, voltada ao tema “Filhos e Família”.

No 5º Fórum Serasa de *Qualidade de Vida*, junto com Sayão, foram convidados e debatidos os seguintes temas: Nuno Cobra (Semente da Vitória), Ariano Suassuna (A Arte de Comunicar), Maria Cecília Corsi (Alimente sua Saúde), Dr. Malcolm Montgomery (Saúde da Mulher), Ricardo Tapajós (Sexo Saudável).¹⁰⁷ Já no ano de 2004, aconteceram palestras do médico, colunista da *Folha de S.Paulo* e apresentador de um quadro no *Fantástico* (programa transmitido nas noites de domingo pela Rede Globo) Drauzio Varella; do psiquiatra Içami Tiba; do comentarista da *Rádio CBN*, Mauro Halfeld, que trata de negócios e investimentos pessoais, entre outros. Trata-se portanto de um fórum que reúne uma variedade de palestras e de profissionais, cujas apresentações objetivam melhorar a “qualidade de vida” do trabalhador.

Por fim, ainda em relação à trajetória profissional de Sayão, é preciso lembrar que a forma de comunicação pelo *blog* é relativamente recente se comparada às outras formas já utilizadas pela “especialista da subjetividade”: artigos em jornais, livros, aparições no rádio, na televisão e mesmo na internet. O *Blog da Rosely Sayão* foi lançado em meados de março de 2006 e os conteúdos dos textos enviados, apesar de mais curtos, são semelhantes aos da coluna *S.O.S. Família*. Além desses artigos menores, o *blog* reúne *links* que facilitam a

trabalhadores se tornaram “objeto de atenção profissional”, quando “sentiram que alguém se preocupava com seu trabalho”. Para Lasch, trata-se de uma mudança na qualidade da supervisão dos trabalhadores, de um modo de controle autoritário para um modo de controle terapêutico (Cf. Lasch, 1990, pp.37-8), e, esta mudança, vale destacar, já tem início na sociedade americana na década de 30. Poder-se-ia dizer que por trás dos incentivos que suscitam o aumento da “qualidade de vida” dos profissionais desta empresa brasileira – por meio de diversos investimentos, como com a “medicina alternativa”, com o “programa antitabagismo” e com o “programa Vigilantes do Peso” – estar-se-ia exercendo também, nos termos do sociólogo norte-americano, um controle terapêutico sobre seus funcionários, bem como buscando um aumento de sua produtividade.

¹⁰⁷ Sobre esses palestrantes que se apresentaram no mesmo evento que Sayão, alguns breves comentários podem ser feitos (apenas para situá-los no mercado de palestras em empresas): Nuno Cobra é professor e preparador físico, trabalha com atletas, empresários e personalidades, como cantores e atrizes; Ariano Suassuna é dramaturgo e romancista, autor de *O Auto da Compadecida* (1955) e *A Pedra do Reino* (1971), entre muitos outros; Maria Cecília Corsi é pós-graduada em Nutrição Clínica pela Universidade São Camilo, especialista em Nutrição do Atleta pela USP e em Obesidade, Bulimia e Anorexia; Dr. Malcolm Montgomery é médico ginecologista e obstetra, especialista em sexualidade e reprodução humana; e Ricardo Tapajós é infectologista, supervisor da Divisão de Clínica de Moléstias Infecciosas do Hospital das Clínicas (HC-USP).

procura pelos outros trabalhos da psicóloga na internet. Então, uma vez nessa página, é possível acessar o *Momento Família* do *UOL News*, o *UOL Teen Sexo*, o *Band News FM* e também os *Arquivos da Folha*, nos quais Sayão aparece. É possível também não apenas escrever sugestões e comentários, bem como ler todos os que foram enviados, a respeito dos textos postados – e é neste detalhe que Sayão inova em relação aos outros “especialistas da subjetividade” investigados nesta pesquisa.

Como será visto adiante, tanto Tania Zagury, quanto Içami Tiba possuem *sites* pessoais, que trazem suas trajetórias profissionais e suas histórias pessoais, reúnem artigos e entrevistas publicados nos mais diversos jornais e revistas do país, trazem também listas informando onde, quando e sobre qual assunto palestras foram e serão proferidas. Embora esses *sites* permitam a comunicação, uma vez que é possível mandar mensagens, o público que o visita não tem acesso a elas. Ou seja, são endereçadas e lidas pelos responsáveis pelo *site*. Nesse sentido o *blog* é mais dinâmico, pois o seu conteúdo é frequentemente acrescido de outras *postagens* (Sayão envia novos textos três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas-feiras), muitas vezes estas são inspiradas no comentário de um internauta a um *post* antigo ou em uma reportagem publicada no dia anterior, ou seja, seu conteúdo é atual, bem como as mensagens enviadas pelo seu público podem ser lidas por qualquer um que esteja interessado.

O primeiro *post*, “Quem é Rosely Sayão”, já alvo da reflexão aqui proposta e utilizado para recuperar a trajetória profissional da psicóloga, também fornece uma narrativa sobre a vida privada de Sayão e, com ela, uma outra imagem da “especialista”.

Nesta apresentação de sua intimidade, Sayão se coloca de muitas maneiras: como mãe de um casal de filhos, como uma mulher divorciada e como uma amiga, enfim, *como é a Rosely*. Tal postura provoca uma aparente sensação de proximidade e de identidade com seus leitores e leitoras. A passagem a seguir foi retirada do texto mencionado e traz justamente uma referência à vida íntima de *Rosely* – a relação com os filhos e as dificuldades enfrentadas a despeito do fato de ser psicóloga. Outros temas como o amor pela culinária herdado de seus avós, o prazer de ficar em casa, o estudo de piano, o círculo restrito de amigos, a timidez, a vontade e o prazer de conversar sobre a educação e sobre a vida na contemporaneidade, também são elementos mobilizados para iniciar este “diálogo”, por intermédio do *blog*, com o público.

[...] Pensei que o fato de estudar educação e ser psicóloga me ajudaria no ofício de mãe. Qual o quê! A educadora e psicóloga só me tomavam depois que as crianças

estavam dormindo e, assim, só me permitia que eu soubesse tudo de errado que havia feito durante o dia, como qualquer mãe. Mas, tanto eles quanto eu conseguimos superar muitos de meus enganos e equívocos e, assim, eles se tornaram pessoas de bem. Tenho o maior orgulho de meus filhos; foi na relação com eles que aprendi a ser mãe e os ensinei a serem filhos (*post*, 19/03/2006).

É portanto dessa maneira, um tanto tímida e simpática, que *Rosely* se mostra mais uma vez ao público.

Assim, as falas e os escritos de Sayão constroem diferentes imagens que compõem a profissional Rosely Sayão. Algumas mobilizadas são: psicóloga, mãe, escritora, palestrante, sexóloga e amiga dos leitores. Entre essas imagens, destaca-se uma que a psicóloga se esforça para *afastar e negar*: a de “especialista”, autora de livros de auto-ajuda.

Diferentes são as formas que seus esforços assumem para dizer que não é uma “especialista externa” à escola (Aquino; Sayão, 2004, p.36), que sua produção e atuação não se confundem com a do escritor de livros de auto-ajuda ou de manuais de sexo, como já afirmava na sua produção da década de 90, (Cf. orelha de *Sexo: Prazer em conhecê-lo*; contra-capla de *Sexo*), enfim, que sua produção se distingue dessa “tutela discursiva dos profissionais da educação, principalmente por parte dos psicólogos” (Aquino; Sayão, 2004, p.36). Em *Família: Modos de Usar*, no prefácio escrito na forma de bula de remédio, uma brincadeira com os leitores-educadores que buscam, segundo Aquino e Sayão, “um manual detalhado e técnico, com dicas práticas de como conviver com seus filhos e familiares” (Aquino; Sayão, 2006, p.13), os autores alertam:

Precauções

Indica-se cuidado extremo com a pseudo-orientação proveniente da literatura de auto-ajuda. Esta costuma confundir seus consumidores por meio do uso de chavões, clichês e promessas vagas de redenção, os quais produzem efeitos perniciosos e contraproducentes (Aquino; Sayão, 2006, p.12).

Por meio de um tom jocoso e irônico, Sayão, com a ajuda de Aquino, faz uma crítica a essa literatura, que fornece fórmulas aplicáveis a toda e qualquer realidade vivida e que torna os pais e professores dependentes de seus aconselhamentos. Como se, com essa crítica, a psicóloga conseguisse eximir sua produção da literatura de auto-ajuda.

De outro lado, Sayão procura se aproximar dos “educadores”, ao afirmar que não sabe mais do que os pais e os professores a educar seus próprios filhos e alunos. Esta idéia, defendida em momentos diferentes, está, por exemplo, em seu primeiro *post* e também na

palestra realizada no Colégio Santa Cruz.¹⁰⁸ Então, suas falas e seus escritos, veiculados nos artigos, livros, *posts* e palestras, são todos usados também para legitimar, pela fabricação de diferentes imagens, a sua atuação.

É preciso destacar que o agenciamento de elementos da vida profissional e, sobretudo, pessoal, não é um traço exclusivo da produção de Sayão. Como será visto na análise das imagens fabricadas nas produções de Tania Zagury e Içami Tiba, trata-se de algo comum aos “especialistas da subjetividade”. Dito de outro modo, tal traço é particular ao “discurso dos especialistas da subjetividade” que toma expressão nas falas e nos escritos desses profissionais. Ao arranjar elementos da vida privada, tal “discurso” provoca a “ficção”, junto a quem o recebe, de “familiaridade” (Cf. Lefort, 1979).

2.2) Tania Zagury e a preocupação com a ciência

A produção de Tania Zagury é importante, pois ajuda a destacar quais elementos, ora semelhantes ora distintos dos escolhidos por Sayão, são acionados na construção de sua imagem e de suas falas e de seus escritos. É claro que a produção de Zagury (como a de Tiba) mereceria uma análise muito mais minuciosa do que a realizada neste pequeno estudo que será apresentado, porém é válido lembrar que o objetivo deste item é o de contribuir para a construção da *figura* dos “especialistas da subjetividade” e, para não tornar a exposição repetitiva, foram selecionados os trechos mais relevantes para evidenciar as particularidades dos “especialistas” na atual sociedade.

Tania Zagury possui um *site* pessoal, cujos conteúdos e a forma de sua apresentação já dizem muito sobre esta “especialista da subjetividade”. Por meio das diferentes seções, há a divulgação de informações sobre sua formação e experiência profissional, sobre seus livros publicados (sendo possível comprá-los pelo *site*); tem-se acesso a artigos, entrevistas, notícias e palestras publicados na imprensa; noticia-se os eventos de que irá participar, através de uma agenda com datas, locais e telefones para contato, bem como os eventos dos quais já participou e as fotos de alguns desses momentos; por fim, há uma seção que reproduz as

¹⁰⁸ Como foi mencionado na página anterior, no *post* de 19/03/2006, a “especialista da subjetividade” diz: “A educadora e psicóloga só me tomavam depois que as crianças estavam dormindo [...] foi na relação com eles que aprendi a ser mãe e os ensinei a serem filhos”. Já no final da palestra proferida no Colégio Santa Cruz, em 2004, afirmava algo muito semelhante, “E se a gente prestar bem atenção, são nossos filhos que nos ensinam como educá-los”.

perguntas e respostas formuladas nas palestras. Assim, todo esse material recolhido do *site*, ao lado do retirado de suas obras, foi ordenado para, a partir dele, extrair as imagens de Tania Zagury veiculadas para o grande público.

A despeito da seção *biografia* de seu *site* ter início com a afirmação de que Zagury “é carioca, casada e mãe de dois filhos”, o que se segue é um relato sobre sua carreira e a precoce descoberta de sua “inclinação profissional”.

A inclinação para o magistério manifestou-se muito cedo. Aos 11 anos, elaborou cartilha com a qual alfabetizou a irmã caçula, então com 5 anos (*site*).

Cursou a Escola Normal Carmela Dutra e, de 1968 a 1973, lecionou em escolas municipais da Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro. Neste período, prestou vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, “tendo sido aprovada em 3º lugar”, no curso de Filosofia.

Em 1973, foi convidada a trabalhar como supervisora educacional no 3º Distrito de Educação e Cultura, da Secretaria Municipal de Educação, onde permaneceu até 1981. Depois de concluir o Mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, prestou concurso público e foi aprovada para o cargo de Professora Assistente desta mesma universidade. Em 1977, começou a lecionar na Faculdade de Educação, onde foi Professora Adjunta.

Há também no *site* informações sobre a publicação de livros da autora. São 13 ao todo. O primeiro foi em 1986 *Diabetes Sem Medo* (Ed. Rocco, 15ª ed.) e dois anos mais tarde *Escola em Cuba, impressões de uma educadora brasileira* (Ed. Brasiliense). Desde os anos 1990, publicou quase anualmente pela editora Record:¹⁰⁹ *Sem Padecer no Paraíso, em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos* (1991, 20ª ed.); *Educar Sem Culpa, a gênese da ética* (1993, 21ª ed.); *O Adolescente por Ele Mesmo* (1996, 14ª ed.); *Rampa*, romance, (1997, 4ª ed.); *Encurtando a Adolescência* (1998, 10ª ed.); *O Saber e o Pensar, orientação sexual para educadores e profissionais de saúde* (co-autora, Gente, 1999); *Limites Sem Trauma, construindo cidadãos* (2000)¹¹⁰; *Escola Sem Conflito: parceria com os pais* (2002, 6ª ed.); *O*

¹⁰⁹ Somente dois livros, *O Saber e o Pensar* e *O Desafio da TV Pública* não foram publicados pela Record. Desse modo, as suas editoras são indicadas na referência feita acima.

¹¹⁰ De acordo com o *site* de Zagury, esse livro está na 69ª edição e já teve mais de 200.000 exemplares vendidos. Durante 56 semanas, entre os anos de 2001 e 2002, figurou em listas dos livros mais vendidos, sendo que por mais de 2 meses ficou em primeiro lugar na categoria não-ficção – fato até então inédito no país, segundo, ainda,

Desafio da TV Pública - Uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade (Co-autoria, Acerp-TVE Rede Brasil, 2003), *Os Direitos dos Pais: Construindo cidadãos em tempos de crise* (2004) e *O Professor Refém - Por que fracassa a educação no Brasil* (2006).

Noticia-se no *site* que Tania Zagury “recebeu indicação para o prêmio Jabuti em 7 de seus 13 livros publicados”. Ademais, “a maioria de seus livros constituíram *best-sellers*, figurando nas listas dos mais vendidos”. Em suma, os escritos veiculados em sua página pessoal transmitem a idéia de que a carreira de Zagury é muito bem sucedida.

Em fevereiro de 2006, baseando-se ainda nas informações veiculadas no *site*, Zagury já havia ministrado mais de 900 palestras e cursos na área de educação, em todo o Brasil e internacionalmente, para pais, professores, psicólogos e estudantes. Também se lê que possui dezenas de artigos publicados em revistas de educação, jornais e revistas de circulação nacional, bem como já fez mais de 850 entrevistas para televisão, jornais e revistas brasileiros, dentre os quais: *Veja*, *Isto é*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Correio Brasiliense*, *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo*, *Zero Hora*, *Jornal Nacional*, *Globo Repórter*, *Programa do Jô*, *Sem Censura*, *Gabi Entrevista*.

Zagury trabalhou como articulista do *site* “*a escola*”, durante os anos de 1999 a 2001, do *site* “*escola 24h*”, desde 2002, e da revista *Pitágoras em Rede*. Também é consultora da revista *Seu Filho e Você* (editora Eltern), desde 2001, além de colaboradora e articulista em várias revistas pedagógicas.

Na seção *agenda*, divulgada em sua página pessoal, quatro palestras estavam marcadas para o mês de setembro de 2004: no Colégio Santa Dorotéia (Belo Horizonte), na Escola Chave do Saber (Cuiabá), na Escola Alemã Corcovado (Rio de Janeiro) e no Colégio Salesiano (Salvador). O que indica como essa “especialista da subjetividade” é solicitada, pois em um mês faria palestras em quatro cidades diferentes, bem como atua por todo o Brasil.

O tom laudatório dos escritos em sua página na internet e nas orelhas de seus livros, chama a atenção para o *ineditismo de sua obra*. No *site*, foi encontrada a seguinte passagem:

Sem Padecer no Paraíso foi pioneiro no Brasil na questão dos limites, publicado numa época [em 1991] em que só a menção à palavra ‘limites’ causava aversão generalizada. No entanto, *corajosamente*, e com base numa *pesquisa de campo com pais*, Tania ousou contestar a teoria da ‘liberdade total’ na educação. À época, o livro

informações veiculadas no *site*. Em 2001, entre todos os livros publicados no Brasil, foi o 7º mais vendido na categoria não-ficção, segundo a *Revista Veja*. O livro também já foi traduzido para o italiano, francês e espanhol.

causou grande polêmica, tendo gerado uma verdadeira reviravolta na discussão sobre educação na família moderna. Hoje são inúmeras as publicações que abordam o tema (*site*, grifos meus).

O *site* também comenta o seu segundo livro *Educar sem Culpa, a gênese da ética*:

Tania foi também *a primeira a publicar e alertar* pais e professores sobre a premente necessidade de se priorizar a ética na Educação, como princípio básico norteador (*site*, grifos meus).

Já na orelha do livro *Limites sem Trauma* (2004, 62^a ed.) uma nova menção é feita:

pioneira na discussão do papel dos limites na educação, especialmente na família, com o lançamento, em 1991, do livro *Sem Padecer no Paraíso* [...], época em que muitos profissionais defendiam o ‘proibido proibir’, a professora Tania Zagury foi a *primeira educadora no país* a alertar para as conseqüências sociais da liberdade excessiva e da falta de autoridade dos pais [...] Hoje, dez anos depois, a sociedade se horroriza com o que a autora já denunciava então (grifos meus).

Nos trechos trazidos acima se encontram detalhes, a princípio irrelevantes e ingênuos, mas que tentam construir uma certa imagem da autora. Temos, assim, a idéia de que sua *vocação* para ser professora *se revelou* muito cedo, “aos 11 anos”, quando “elaborou cartilha com a qual alfabetizou a irmã caçula, então com 5 anos”. Ela era quase uma criança e já professora. Outra idéia é a de ser *estudiosa e inteligente* – contida na informação de sua colocação, “em 3^o lugar”, no vestibular. Ademais, sua “coragem” e “ousadia” também são destacadas quando se afirma que o livro de Zagury mudou a pauta do debate sobre a educação familiar ao introduzir o tema “limites”.

Percebe-se também que Zagury busca sua legitimação tentando se apropriar do campo da ciência e de sua metodologia para se afastar do “senso-comum” dos “especialistas” e de um certo “psicologismo”, este entendido como “a tirania de psicanalistas, psicólogos e educadores” no campo da Educação (Mello *in* Zagury, 2002, p.12). Já nas citações anteriores vimos que Zagury é chamada de “professora Tania Zagury” e que *Sem Padecer no Paraíso* foi escrito “com base numa pesquisa de campo com pais”.

Tanto as orelhas e contra-capas de seus livros, quanto as “autoridades intelectuais” que prefaciam alguns de seus textos, confirmam a imagem de sua afinidade com o pensamento científico. Na contra-capa de *Limites Sem Trauma* (2004, 62^a ed.) e na orelha de *Sem Padecer no Paraíso* (2002, 18^a ed.) o mesmo texto é veiculado: “Tania Zagury, filósofa e mestra em educação, não acredita em ‘achismos’: seus livros sempre têm como ponto de partida a

pesquisa científica”. Ainda na orelha de *Sem Padecer no Paraíso*, afirma-se que este foi fundamentado “em uma vasta pesquisa de campo, que contou com 160 entrevistas com pais de diversos bairros do Rio de Janeiro [...]”.¹¹¹

No prefácio deste mesmo livro, feito por Guiomar Namó de Mello, apresentada como “Doutora em Educação e Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo”, temos a imagem de Zagury construída sobre uma tríade – “experiência como mãe”, “legitimidade de quem também ocupa lugar de destaque no mundo acadêmico” e “um grande bom senso” (Mello *in* Zagury, 2002, p.16 e 12).

No prefácio escrito por Alba Zaluar, apresentada como “Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais e Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro”, no livro *O Adolescente por Ele Mesmo*, os mesmos pontos são reforçados, com exceção do “bom senso”:

baseada na *experiência acumulada como mestre e mãe*, dispôs-se a compartilhar seu aprendizado com todos nós, e com toda a *coragem* necessária para romper com meias verdades e equívocos transformados em fatos indiscutíveis à prova de ‘correção política’ (Zaluar *in* Zagury, 1997, p.13 e 11, grifos meus).

Adicionada à “coragem”, está a generosidade de Zagury ao “compartilhar” com seus leitores sua experiência e aprendizado. É dito que Zagury não só mudou a pauta do debate sobre educação familiar, como também conseguiu romper com “meias verdades” e “fatos indiscutíveis”. E ainda, segundo Zaluar:

a vivência da autora como educadora no Brasil, pesquisadora em outros países, como em Cuba, [...] permite-lhe falar com a segurança e a autoridade de quem não se deixou impressionar pelas modas intelectuais nem pelos apelos de pedagogias demagógicas (Zaluar *in* Zagury, 1997, p.12).

Cabe destacar que os prefácios em livros que circulam no mundo acadêmico e os que saem deste âmbito, ou seja, circulam entre o grande público, possuem sentidos semelhantes. Nos dois âmbitos o prefaciador legitima o autor do livro, confere-lhe prestígio, porém, para o

¹¹¹ Alguns de seus livros, como o próprio *Sem Padecer no Paraíso*, *O Adolescente por Ele Mesmo* e *Limites Sem Trauma* possuem uma bibliografia o que poderia indicar, de alguma maneira, o seu cuidado e comprometimento com as pesquisas realizadas, que teriam originado seus livros. Ao menos, o zelo em mostrar ao leitor os livros da bibliografia, supostamente consultados, apenas serviria para reforçar a construção da imagem de uma pesquisadora. Vale destacar que esta não parece ser uma preocupação de Sayão, conforme foi visto no item *Rosely Sayão: a educação como destino*.

grande público, ter o prefácio escrito por uma “Professora Titular do Departamento [...]” ou por uma “Doutora em Educação [...]” trata-se sobretudo de uma “autoridade intelectual” autorizando e legitimando a fala do escritor. Estes prefácios também revestem de legitimidade a imagem de “pesquisadora” e “educadora” e sua proximidade com o pensamento científico.

No *site* foi encontrado:

todos os trabalhos publicados pela *Profa. Tania* têm por base *estudos de campo e tratamento científico dos dados encontrados* e, por isso mesmo, vêm constituindo *indicação constante* em cursos de Pedagogia, Psicologia e de formação de professores, bem como *fonte de consulta* para teses de mestrado e monografias, além de inspiração para outros autores que tratam da temática família/escola/sociedade. Embora de *leitura fácil suas teses não são simplistas*, pois baseiam-se em *toda uma vida de trabalho, estudos e pesquisa* em prol da Educação (grifos meus).

As palavras e expressões deste escrito – “estudos de campo”, “tratamento científico dos dados”, “fonte de consulta para teses de mestrado”, “baseiam-se em [...] estudos e pesquisa” – reafirmam a preocupação em mostrar a obra de Zagury como pertencente ao pensamento científico: constantemente indicada para cursos universitários e de “formação de professores”, além de ser usada como “fonte” da pesquisa acadêmica. Sintetizam portanto a imagem de Tania Zagury como uma profissional, cuja obra é “científica”.

2.3) Depois de Freud e Jung, Içami Tiba – o “especialista” dos números

A carreira de Içami Tiba é amplamente divulgada para o público. No final de seus livros e também em seu *site* oficial, encontra-se o currículo do autor, com informações sobre sua vida profissional, sua formação e as diferentes atividades que realizou, e suas publicações. Baseando-se, portanto, nos escritos veiculados no *site* e, especialmente, no livro *Quem Ama, Educa!* (2002, 75^a ed.), desenhar-se-á a imagem de um profissional de muito sucesso.

Tiba é o mais velho entre os “especialistas da subjetividade” aqui considerados. Nasceu em Tapiraí, no interior de São Paulo, em 15 de março de 1941; enquanto que Zagury é de 1949 e Sayão de 1950. Ele é casado há 35 anos e tem três filhos, “um advogado, uma psicóloga e outra terminando sua faculdade de Direito” (*site* Integrare) e dois netos.

Ele é médico formado, em 1968, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Dois anos mais tarde especializou-se em psiquiatria pelo Hospital das Clínicas da

mesma faculdade. No período de 1971 a 1977 foi psiquiatra assistente do Departamento de Neuropsiquiatria e da Psiquiatria Infantil do mesmo hospital.

Atua em sua clínica particular, desde 1971, como psicoterapeuta de adolescentes e consultor familiar. Já realizou mais de 75 mil atendimentos psicoterápicos. Em 1975, fez uma especialização em psicodrama pela Sociedade de Psicodrama de São Paulo. Dois anos depois, graduou-se como professor-supervisor de Psicodrama de Adolescentes pela Federação Brasileira de Psicodrama. Entre os anos 1977 e 78 foi presidente desta federação.

Também foi professor de Psicodrama de Adolescentes no Instituto *Sedes Sapientiae*, em São Paulo, no período de 1977 a 1992.¹¹² Entre os anos de 1989 e 1990, foi colunista do programa *Dia-a-Dia*, da TV Bandeirantes. De 1995 a 2002 foi membro da equipe técnica da Associação Parceria Contra Drogas (APCD) e, de 1998 a 2002, foi membro eleito do *board of directors of the International Association of Group Psychotherapy*.

Além de conselheiro do Instituto Nacional de Capacitação e Educação para o Trabalho “Via de Acesso”, é professor de diversos cursos e workshops no Brasil e no exterior; tem freqüentes participações em televisão e rádio, proferiu mais de 3.200 palestras para empresas nacionais e multinacionais, escolas, associações, condomínios, instituições, no Brasil e em outros países como Itália, Argentina, Espanha, Portugal, Inglaterra, Hungria, Grécia e Estados Unidos.

Ademais, tem 19 livros publicados e foi o autor brasileiro que mais livros vendeu no ano de 2003, segundo a Revista Veja. Os seus livros são¹¹³: *Sexo e Adolescência* (Ática, 1985, 10ª ed.); *Puberdade e Adolescência* (Ágora, 1986, 6ª ed.); *Saiba Mais Sobre Maconha e Jovens* (Ágora, 1989, 6ª ed.); *123 Respostas Sobre Drogas* (Scipione, 1994, 3ª ed.); *Adolescência, o despertar do sexo* (1994, 18ª ed.); *Abaixo a Irritação!* (1995, 16ª ed.); *Seja Feliz, Meu Filho!* (1995, 21ª ed.); *Disciplina, Limite na Medida Certa* (1996, 72ª ed.); *Amor, Felicidade & Cia* (1998, 7ª ed.); *Ensinar Aprendendo* (1998, 24ª ed.); *O(A) Executivo(a) & sua Família* (1998, 8ª ed.); *Anjos Caídos - Como Prevenir e Eliminar as Drogas na Vida do Adolescente* (1999, 31ª ed.); *Obrigado, Minha Esposa* (2001, 2ª ed.); *Caminhos de Solidariedade* (2001, co-autoria); *Quem Ama, Educa!* (2002, 158ª ed.); *Homem-cobra Mulher-polvo* (2004, 25ª ed.); *Adolescentes: Quem Ama, Educa!* (Integrare, 2005, 25ª ed.);

¹¹² Mesma instituição que Rosely Sayão trabalhou entre 1990 e 95.

¹¹³ Como a maioria dos livros de Tiba foi publicada pela Gente, o nome da editora foi suprimido na referência feita a seguir.

Disciplina – Limite na Medida Certa: Novos paradigmas (Integrare, 2006, 73ª ed.); *Ensinar Aprendendo: Novos Paradigmas na Educação* (Integrare, 2006).¹¹⁴

Pelo *site* o público também é informado que quatro livros do autor, publicados pela editora Gente, *Seja Feliz, Meu Filho!*; *Ensinar Aprendendo*; *Quem Ama, Educa!* e *Disciplina, Limite na Medida Certa*, foram adotados pela Secretaria de Estado de Educação do Governo do Estado de São Paulo no *Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio*.

Além de livros, Tiba tem 12 vídeos educativos produzidos em 2001 em parceria com a Loyola Multimídia: Adolescência; Sexualidade na Adolescência; Drogas; Amizade; Violência; Educação na Infância; Relação Pais e Filhos; Disciplina e Educação; Ensinar e Aprender; Rebeldia e Onipotência Juvenil; Escolha Profissional e Capacitação para a Vida; Integração e Alfabetização Relacional. Estas fitas são vendidas por R\$ 44 e, segundo o site, já atingiram *mais de 13.000 cópias*.

O “especialista da subjetividade” também é apresentador de um programa de televisão voltado aos pais e professores, chamado *Quem ama, educa!*, que é transmitido pela *Rede Vida de Televisão*, todas as quintas-feiras das 21:00h às 21:30h. Aos domingos participa de *Boquinha Livre*, um quadro no programa *Domingão do Faustão*, transmitido pela Rede Globo. Tiba conversa sobre diferentes temas da educação com um grupo de crianças e com um artista da emissora.

Ademais, Tiba recebe de leitores e telespectadores 2.800 e-mails/mês. Como publicado no *site*, tais mensagens agradecem “suas orientações transmitidas tanto em seus livros quanto em seu programa de TV e em seu consultório”.

Em seu currículo, publicado no final de *Quem Ama, Educa!*, afirma-se que suas palestras e seminários “despertam enorme interesse”, que Tiba é “um dos profissionais mais solicitados em sua área em todo o território nacional” e que “tem trabalhado para importantes organizações educacionais e empresariais” (grifos meus). Entre os citados estão: Amor Exigente (Porto Alegre), Avon, CIEE, Duratex, Metrô, Nestlé, Senac, Sesi-Marília, Unimed, Unip, Assunção (SP), Arquidiocesano (SP), Bandeirantes (SP), Bom Jesus (Curitiba), Damas

¹¹⁴ De acordo com seu *site* pessoal, em agosto de 2004, Tiba possuía *mais de 1,2 milhão de livros vendidos*, já em abril de 2006 esse número havia aumentado para *mais de 1,5 milhão de livros*. Ainda em 2004, afirmava-se no *site* que *Quem Ama, Educa!* esteve em todas as listas dos livros mais vendidos no Brasil e foi o campeão absoluto de vendas de 2003, segundo a *Revista Veja*. Esse livro foi editado em Portugal (Editora Pergaminho), Espanha (Editora Obelisco) e Itália (Editora Nova Itália).

(Recife), Dante Alighieri (SP), Faculdade Metodista (SP), Mackenzie (SP), Marista (Goiânia), Miguel de Cervantes (SP), Morumbi (SP), Palmares (SP), Pitágoras (BH), Porto Seguro (SP), Prof. Martha (Manaus), PUC (Curitiba), Rio Branco, (SP), Santo Américo (SP), Santa Cruz (SP), Salesiano (Salvador), Volkswagen do Brasil, Banco Itaú, Rede Bom Preço (Recife) e Enciclopédia Barsa. É importante destacar que no livro não aparecem explicitados quais são os nomes referentes às “organizações educacionais” e às “organizações empresarias”. Deste modo, escolas, colégios e faculdades se misturam às empresas, o que as tornam equivalentes para a intervenção de Tiba.

Vale acrescentar que Tania Zagury e Rosely Sayão também transitam na esfera das “organizações empresariais”. No *site* de Zagury é publicada uma lista com os nomes de escolas e empresas nas quais já fez palestras, sendo que algumas coincidem com as freqüentadas por Tiba e Sayão. Foram escolhidas algumas das mencionadas em sua página na internet:¹¹⁵ *Colégio Bom Jesus* (PR), *Colégio Santo Agostinho* (RJ), *Intelig Telecomunicações* (RJ), *Sebrae* (MG), *Colégio Assunção* (RJ), *Colégio Rio Branco* (SP), *Instituto de Terapia da Família* (RJ), *COCA-COLA* (RJ), *PETROBRÁS* (XIII SIPAT – RJ), *Colégio Miguel de Cervantes* (SP), *SENAC* (GO), *UNIMED - Lindóia* (SP), *Liceu Albert Sabin - Ribeirão Preto* (SP), *Damas da Instrução Cristã* (PE), *Colégio Dante Alighieri* (SP), *Escola Marista de Palmas* (TO), *Eletrobrás* (RJ), *Congresso Regional Amor Exigente* (MG). De modo geral, tanto as falas e os escritos de Tiba, quanto os de Zagury, circulam em escolas e empresas semelhantes e que estão espalhadas pelo país.

Em relação à Rosely Sayão, poder-se-ia afirmar que palestrar para funcionários de empresas não seja a sua principal atividade, isto é, este trabalho representaria uma pequena dimensão entre todas as funções que desempenha, ainda que também fizesse parte de suas ocupações profissionais, ou Sayão não dá destaque e não comenta publicamente sobre esta forma de atuação. Provavelmente, trata-se da última alternativa, pois, primeiramente, Sayão não torna público, à maneira de Zagury e Tiba, onde e quando fez palestras; em segundo lugar, suas falas e seus escritos limitam-se a uma referência vaga a pais e professores (como “recentemente, numa palestra para pais, uma mãe me perguntou...” ou “contou que seu filho...” etc.) e nunca mencionam precisamente a escola, o colégio ou a empresa, em que as palestras aconteceram. Além disso, suas atividades se concentram, sobretudo, no Estado de São Paulo.

¹¹⁵ Estas foram colocadas em itálico quando houve coincidência com as instituições freqüentadas pelos outros dois “especialistas da subjetividade”.

No que diz respeito ao *site* oficial de Içami Tiba e ao currículo no final do livro *Quem Ama, Educa!*, é necessário destacar que os escritos publicados tratam, em sua maioria, da trajetória profissional do autor. Relatam passos de uma prestigiosa carreira, sempre em ascensão, com a conquista de títulos acadêmicos e de postos de comando. Não lança mão, portanto, de informações anteriores a sua formação de médico. A única exceção é o trecho que revela que é casado e que tem três filhos. Diferente portanto do que foi encontrado na produção de Zagury e de Sayão. Busca-se construir uma imagem dessas figuras femininas já a partir de sua infância, uma pela precoce descoberta de sua “inclinação ao magistério” e a outra como alguém que tentou fugir de seu “destino”, mas acabou por realizá-lo. Ambas são mostradas quase com a aura de professoras natas, enquanto Tiba não. Ele é um empreendimento em si mesmo.

Os números que fazem parte de sua carreira diferenciam a sua trajetória das duas apresentadas anteriormente – realizou *mais de 75.000* atendimentos, proferiu *mais de 3.200* palestras, publicou *19 livros* que venderam *mais de 1,5 milhão* de exemplares, tem *mais de 13.000* vídeos vendidos e recebe *2.800 e-mails/mês*. O que se encontra em seu *site* é uma racionalização ao limite, é uma carreira gerida pela lógica empresarial e a busca de máxima rentabilidade para a sua fala.

Um exemplo dessa lógica é o número de pessoas reunidas para ouvi-lo, ou mais importante do que tal número, é a sua preocupação em divulgá-lo. Em abril de 2004, foi veiculado em seu *site* que a palestra realizada na empresa Qualynorte Consultoria e Treinamento em Manaus reuniu 3.200 pessoas. Já em agosto do mesmo ano, 850 pessoas participaram de sua palestra conferida à Câmara de Dirigentes e Lojistas, em Mineiros (GO). Ademais, informou-se que Tiba havia ministrado cerca de 66 palestras entre janeiro e setembro de 2004 e havia mais 12 agendadas até o final daquele ano, sendo oito delas só no mês de outubro: Grupo Opção (Rio Claro – SP), (Araguari – MG)¹¹⁶, UNIMED (Curitiba – PR), Justiça Federal (São Paulo – SP), IPEPE (Recife – PE), Qualynort (Manaus – AM), Escola Mundo Mágico (Goioerê – PR) e Colégio Jean Piaget (Jundiaí – SP). Ou seja, percorreria oito cidades em apenas um mês.

É importante frisar, sobre as atividades de Sayão, que estas não são expostas para o público. É pela pesquisa nos *sites* das escolas ou por via de entrevistas que se descobre se houve uma palestra, assessoria etc. Em outras palavras, o *blog* de Sayão não divulga (ou, pelo

¹¹⁶ Na lista divulgada não consta o nome da instituição na qual Tiba iria palestrar nesta cidade.

menos, não divulga *ainda*) esse tipo de informação. Apenas uma vez, logo após o lançamento de seu *blog*, em março de 2006, Sayão, ao final de um texto postado, convidou os internautas para o lançamento de seu livro *Família: Modos de Usar*, que aconteceria naquele mesmo dia. Apesar dessa ocorrência, não foi encontrado outro aviso. É possível, então, sugerir que Sayão não dá importância a esse tipo de divulgação, como os outros dois “especialistas da subjetividade”. Por outro lado, cabe lembrar que o *blog* divulga e permite o acesso a outras páginas da internet, nas quais a psicóloga aparece, como o *Momento Família*. Isto é, há uma publicidade diferente de suas atividades profissionais.

No *site* de Tania Zagury não há informações sobre o número de palestras realizadas por ano, somente uma lista com o nome das instituições, o Estado em que ela se localiza e número de participantes. Sua agenda indica as palestras do mês. Em outubro de 2004, por exemplo, cinco palestras estavam marcadas, três delas no Rio de Janeiro e as outras duas em Belo Horizonte.

Ainda que o ritmo de palestras ministradas por Zagury e sua participação em outros eventos da área de educação pareçam ser acelerados, bem como o número de pessoas em suas apresentações também seja elevado, de acordo com os trechos abaixo, não há muita ênfase neste ponto, pois outros elementos são mobilizados para narrar seus encontros com o público. Como destaca seu *site* em agosto de 2004:

Foi um *enorme sucesso* o Congresso de Pais da Rede Pitágoras, realizado sábado, dia 31 de julho, no Minascentro, em BH. *Cerca de 2000 pais* reuniram-se para ouvir a palestra da profa. Tania Zagury [...] (grifos meus).

O Seminário de Educação realizado em 13 de julho pela SME de Rio Negro/PR foi *um grande sucesso*. *Cerca de 1300 professores* reunidos para aprender mais, para discutir os problemas da Educação no Brasil *é um fato que emociona*. [...] O encontro foi aberto e reuniu professores de *mais de 16 municípios* [...] Foi um *grande prazer* para a profa. Tania participar do evento, proferindo a conferência de abertura (grifos meus).

E finalmente:

Foi emocionante a aula inaugural ministrada pela Profa. Tania em Salvador, para diretores e equipe técnica das escolas municipais. Com a presença do Prefeito da cidade, da Reitora da Universidade Federal de Salvador e da Secretária de Educação, *400 dirigentes de escolas públicas* receberam com entusiasmo as propostas de Tania. Na ocasião, a exemplo do encerramento do ano letivo de 2003, quando *todas as*

escolas estaduais da Bahia receberam exemplares do livro 'Limites sem Trauma', também na capital, as escolas foram contempladas com o referido livro. O prefeito e a secretária demonstraram assim a disposição de instrumentalizar o professorado para uma atuação baseada na liderança segura e com auto-estima elevada, fundamentais para o alcance de resultados de qualidade no presente ano (grifos meus).

Assim, percebe-se que as apresentações de Zagury também envolvem um público numeroso, mas as falas e os escritos que relatam esses grandes encontros evocam sempre muita emoção. São aulas, palestras, seminários afetivamente intensos: “Foi um enorme sucesso”, “é um fato que emociona” e “foi emocionante a aula inaugural [...]”.

Poder-se-ia ainda acrescentar um outro elemento na fabricação da imagem de Tiba que reafirma sua postura de empreendedor e o afasta das outras duas “especialistas da subjetividade” analisadas. Tiba trocou de editora em 2005: deixou a *Gente*, que publicou a maior parte de seus livros, desde meados dos anos 1990, e está na *Integrare*. Esta foi lançada no segundo semestre de 2005 no mercado editorial e traz uma nova proposta de gestão para o escritor. No *site* da editora, afirma-se que “o autor participa ativamente da estratégia de promoção de sua obra por meio de um modelo de negócios sinérgico, envolvendo as áreas comercial, de marketing, assessoria de comunicação e eventos”. E ainda “atuamos de forma inteligente nas atividades de nossos parceiros escritores, a fim de maximizar sua agenda de trabalho e a divulgação do trinômio ‘livro/autor/editora’”.

Essa proposta da editora parece se harmonizar melhor com a imagem que foi apontada de Tiba. Ele aparece agora, nesta nova “parceria”, como *agente* da promoção de seus livros e de suas palestras.

Há também a fabricação de outra imagem do autor em favor dos objetivos da editora. É divulgado que a “missão” de tal editora é a de “disseminar obras que contribuam para a melhoria do cotidiano de todos por meio de uma conduta ética, profissional e transparente”. Para tanto, sua linha editorial se volta “para as áreas de educação, psicologia e crescimento pessoal”. É uma editora em busca de, enfim, “autores que no percurso de suas carreiras transcenderam sua profissão”, donde a presença de Içami Tiba. Existe, portanto, uma mútua ajuda e reafirmação tanto na construção da imagem da editora, quanto na de seu escritor.

A construção de uma narrativa sobre a escolha profissional de Içami Tiba entra, então, para reforçar o perfil que a editora defende ser o seu. É por isso que no *site* da *Integrare* foi publicado, em fevereiro de 2006, um pequeno texto contando a história do escritor e, é neste

momento, que sua infância é mobilizada para justificar as escolhas feitas em sua trajetória profissional.

Sua história tem início com o sonho, parafraseando o escrito veiculado, de ser caminhoneiro, para poder viajar e sair de sua cidade. Depois da visita de um médico em Tapiraí, sua cidade natal, decidiu que estudaria medicina e viajaria ajudando as pessoas mais necessitadas. Mais tarde, quando já fazia o curso, percebeu que seria inviável este tipo de atendimento. Contudo, Içami Tiba conseguiu realizar o seu sonho de viajar:

não fazendo consultas médicas mas palestras levando não remédios mas oportunidades para pais, educadores e empresários melhorarem sua qualidade de vida através da educação. Seus livros funcionam como sementes que o destino leva por caminhos que ele mesmo desconhece para atingir famílias, escolas e instituições que de outra forma não teriam acesso ao seu trabalho (*site*).

A imagem que é feita de Tiba neste escrito aproxima o seu trabalho de médico ao de um profissional da educação. Apesar de sua formação em Medicina, Tiba não faz consultas, tampouco leva remédios ao seu público, formado por “pais, educadores e empresários”. O “especialista da subjetividade” leva oportunidades para a “melhoria da qualidade de vida” por intermédio de suas palestras e livros.¹¹⁷

De maneira sutil, o trecho também traz a vontade de Tiba, *já desde menino*, de ajudar as pessoas. Esse detalhe ganha força quando se liga a outra informação também veiculada pelo *site* da *Integrare*, qual seja, a “responsabilidade social”.¹¹⁸ Revela-se portanto o fato de que o perfil desta editora e a imagem do “especialista” estão imbricados, no sentido de uma feliz e frutífera união. Todos os lançamentos da editora têm uma porcentagem de sua renda revertida para organizações não governamentais e para projetos sociais. Tiba já lançou três

¹¹⁷ O curioso é que a imagem que psicólogos associam à figura de Içami Tiba, não é tanto a do médico (devido a sua formação) ou a do empresário (como se procura evidenciar nesta análise), mas a do psicólogo e educador. Ao menos é o que mostra uma pesquisa realizada pelo IBOPE, em março 2004, e encomendada pelo Conselho Federal de Psicologia. Tiba ganhou o terceiro lugar como o profissional mais admirado e usado como referência pelos psicólogos brasileiros, atrás apenas de Freud e Jung. Ou seja, é o primeiro profissional brasileiro a ser reconhecido no campo da Psicologia (Cf. divulgado no *site* da *Integrare* Editora).

¹¹⁸ Com todos estes escritos justapostos é quase forçoso para o leitor concluir que é com a ajuda dessa editora que o psiquiatra Tiba consegue, então, realizar o seu *sonho de menino*.

livros pela *Integrare* desde sua entrada em maio de 2006 e todos eles trazem na contra-capas a logomarca da instituição beneficiada.¹¹⁹

O primeiro deles, *Adolescentes: Quem Ama, Educa!*, foi lançado em setembro de 2005 e beneficiou o Instituto Ayrton Senna. O livro tem a apresentação escrita por Viviane Senna, presidente do instituto, e o prefácio é do então Secretário de Educação do Estado de São Paulo, Gabriel Chalita.¹²⁰ Já o livro *Disciplina – Limite na medida certa: Novos Paradigmas*, uma versão atualizada da primeira edição publicada pela primeira vez há 10 anos, foi lançado em fevereiro de 2006 e também tem parte de sua renda revertida para uma entidade. A indicada por Tiba para receber este incentivo (1% das vendas do livro) foi a Fundação Gol de Letra. A publicação tem a logomarca da Fundação e uma declaração do instituidor Raí de Oliveira. Em março de 2006, foi a vez de *Ensinar Aprendendo: Novos Paradigmas na Educação*. Este contribuiu com Instituto Faça Parte e conta com uma mensagem da diretora-presidente do instituto, Milú Villela, e com o prefácio de Mauro de Salles Aguiar, diretor-presidente do Colégio Bandeirantes.

Cabe destacar que esta “parceria” entre o autor, a editora e o “terceiro setor”, é algo que distingue Içami Tiba em relação a Tania Zagury e a Rosely Sayão.

Assim, mesmo tendo mudado de editora, esta reforçou uma imagem há muito criada e alimentada ao longo da trajetória profissional de Tiba, qual seja, a de um profissional de muito *sucesso e competência*. Como lembra o *site* da *Integrare*, Tiba é um autor que “no percurso de suas carreira transcendeu sua profissão”.

2.4) Alguns comentários sobre as imagens dos “especialistas da subjetividade”

A análise da fabricação e manipulação das imagens dos “especialistas da subjetividade” auxilia na compreensão do processo de afastamento de suas formações iniciais (nos casos estudados trata-se da Medicina, da Filosofia e da Psicologia) e a aproximação a

¹¹⁹ Na verdade, esses lançamentos são todos trabalhos que resultaram da revisão e ampliação de obras anteriormente publicadas pela editora *Gente*.

¹²⁰ Sobre Chalita, além de Secretário da Educação na gestão de Geraldo Alckmin, ele é autor de diversos livros que também poderiam ser considerados de auto-ajuda, tais como: *Educação, a solução está no afeto* (Gente, 2001) e *Os 10 Mandamentos da Ética* (Nova Fronteira, 2003).

formas de atuação comuns, tais como escritores, colunistas, palestrantes, consultores, entre outras.

Ao remontar a trajetória profissional desses “especialistas da subjetividade”, tem-se a história que contam sobre si mesmos na qual são mobilizados fatos da infância desses autores para justificar as escolhas e decisões tomadas em suas carreiras. Na história narrada por Tiba é fundamental a visita de um médico em sua cidade natal, para que este optasse pela Medicina. Já em Sayão, a recordação de seus pais, Iracema e Antonio, é decisiva para ligá-la à Educação. Em outras palavras, agenciar lembranças da infância é uma tentativa de dar mais veracidade às suas trajetórias.

Além disso, é possível perceber as muitas imagens que são criadas e como algumas delas ganham relevância em detrimento de outras, dependendo do contexto em que são fabricadas e também do veículo que as divulgam. A mudança de coluna, por exemplo, no interior da *Folha de S.Paulo* mostra a fluidez dessas construções em Sayão – o enfraquecimento de sua imagem como “sexóloga” e o fortalecimento da imagem de “psicóloga” e “consultora educacional”.

O que há de comum entre os “especialistas da subjetividade” é que estes mobilizam outras imagens, além daquela de sua formação, para se legitimarem diante de seu público e também de seus pares. Então, ora aparecem como “especialistas” – psicólogo ou psicoterapeuta, Mestre em Educação, profissional do campo da educação –, ora aparecem como mães e pais, quase amigos de seus leitores e ouvintes. O agenciamento dessa diversidade de aparições está relacionado ao próprio *métier* a que pertencem enquanto “especialistas da subjetividade”. Há momentos em que se mostram, ou são mostrados, como “especialistas”, cuja atuação e saber os distanciam de seu público. O prefácio de Alba Zaluar ilustra tal distanciamento, pois nele Tania Zagury é referida como aquela profissional cuja “vivência” “como educadora no Brasil” e “pesquisadora em outros países”, garantiu-lhe “autoridade” e “segurança” no desenvolvimento de seu trabalho, de modo que este não teria sido influenciado “pelas modas intelectuais nem pelos apelos de pedagogias demagógicas”. Por outro lado, há momentos que se colocam como pais e mães, tentando se aproximar do público ao lembrar as dificuldades enfrentadas, por exemplo, na criação dos próprios filhos. É justamente dessa forma que Sayão se mostra aos leitores de seu *blog*, em seu primeiro *post*, ao

afirmar que o seu “ofício de mãe” não foi facilitado, mesmo tendo estudado educação e psicologia.¹²¹

Contudo, mais do que manipular tais imagens para conseguir legitimar-se perante o público, os “especialistas da subjetividade” também as agenciam para se distinguir das posições defendidas por seus pares. É muito clara esta tentativa de distinção na produção de Tania Zagury, onde está dito que a “professora”, a “filósofa”, ou ainda, a “mestra em educação” – ou seja, expressões usadas para identificá-la a uma profissional ligada ao campo científico –, “não acredita em ‘achismos’: seus livros sempre têm como ponto de partida a pesquisa científica” (Cf. 2002, 18^a ed.). Em uma palavra, a imagem transmitida ao grande público é que a produção de Zagury é científica, diferentemente de outras.

A despeito desta imagem de Zagury que tenta diferenciar sua produção, poder-se-ia afirmar que os “especialistas da subjetividade”, de modo geral, procuram romper com a idéia de que sua produção seja de auto-ajuda. Há um consenso quanto a este posicionamento. O próximo capítulo, onde serão analisados alguns enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade”, presentes nas falas e nos escritos de Sayão, Zagury e Tiba, evidenciará essa tentativa comum de se afastar da imagem de autores de auto-ajuda.

¹²¹ O trecho do prefácio de Zaluar (*in* Zagury, 1997, p.12), aqui mencionado, já foi citado (p.127). Em relação a esta passagem do primeiro *post* de Sayão, ela foi citada anteriormente (p.121).

Capítulo 3) Os enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade”

Este capítulo analisa alguns enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” presentes nas falas e nos escritos de Rosely Sayão, Tania Zagury e Içami Tiba, a fim de mostrar que estes procuram aproximar-se do grande público. É esta tentativa de criar uma aproximação afetiva com o público que revela a especificidade desse discurso em relação aos outros estudados na primeira parte desta dissertação – como o discurso médico, o discurso médico-pedagógico e o discurso psico-pedagógico.

Vale lembrar que esses discursos estudados anteriormente são institucionais e visam um certo tipo de ordenação da sociedade. Seus enunciados, uma vez emitidos de um lugar institucional, provocam um distanciamento entre o “especialista”, detentor de um saber científico, e aquele que é objeto de sua atuação. O “discurso dos especialistas da subjetividade”, ao contrário, busca tornar-se familiar ao público. Seus enunciados resolvem pontual e imediatamente o conflito trazido pelo leitor ou ouvinte. Além disso, a posição social ocupada pelo “especialista da subjetividade” não é a institucional: ele fala de diferentes lugares – da mídia e do mercado de palestras e assessorias. Em suma, há uma mobilidade do lugar de onde procede a fala e estes lugares aparecem como equivalentes na configuração social atual.

3.1) Os enunciados de auto-ajuda

As produções de Rosely Sayão, Tania Zagury e Içami Tiba constroem enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” e, ao se debruçar sobre eles, é possível perceber uma formulação que procura facilitar a compreensão do leitor. Muitos são os artifícios agenciados por esses “especialistas” para tornar suas falas e escritos mais “simples” e “claros”, nos termos de Zagury, ou mais “diretos” e “acessíveis”, em Sayão.

Se forem recuperados alguns enunciados presentes nas falas e escritos da produção de Zagury especialmente, ter-se-á uma mostra desses artifícios: o uso de ditados populares e de sua experiência como mãe, bem como a oralidade e informalidade de suas construções.

[...] os pais têm que, pouco a pouco, mostrar-lhes essa realidade: que as outras pessoas também têm sentimentos, necessidades, direitos. E isso, meus amigos, nós que somos

pais sabemos como ninguém como é DURO DE SER ENSINADO (Zagury, 1995, p.56).

Quanto mais tarde começamos, maiores são as dificuldades. O dito popular ‘é de pequeno que se torce o pepino’ é bem verdadeiro para nós, pais (Zagury, 1995, p.58).

freqüentemente, quando vêm amiguinhos dos meus filhos aqui em casa e vão entrando direto para o quarto, passando por mim como se passa por uma mesa ou um tapete, sem cumprimentar, percebo como esses detalhes têm passado despercebidos pelos pais [...] (Zagury, 1995, p.56).

De fato, tratam-se de enunciados que possuem uma maneira “simples” e informal de expressão, próxima à oralidade. A escolha das palavras – “como é DURO” ao invés de, por exemplo, “como é difícil” – e o uso de um ditado popular evidenciam o cuidado para tornar tais enunciados acessíveis. Além disso, ao utilizar as expressões “meus amigos”, “nós que somos pais sabemos [...]”, “é bem verdadeiro para nós, pais”, e ainda “quando vêm amiguinhos dos meus filhos aqui em casa [...]”, Zagury é colocada como mãe e não como “especialista”, provocando uma identificação entre ela e seu público: não há diferença, todos (escritora-“especialista”-mãe, de um lado, e pais-leitores, de outro) formam o “nós”, que compartilham de uma mesma experiência – ter filhos – e das mesmas dificuldades.

Um enunciado do “discurso dos especialistas da subjetividade” presente na fala de Rosely Sayão, também permite observar essa mesma tentativa de criar uma identificação com o público. Em sua fala, proferida na palestra feita no *Colégio Santa Cruz*, Sayão relatou um episódio supostamente vivido por ela e sua filha. “Mesmo sendo psicóloga”, teve dificuldade para saber como agir com a filha, na época, adolescente (Cf. palestra, 16/06/2004). Nesse caso, a proximidade se estabelece não apenas porque conta para seu público um acontecimento de sua vida particular, como mãe, mas também porque compartilha, ou compartilhou, das mesmas dificuldades e angústias vividas pelos pais hoje – a despeito da formação profissional na área da Psicologia ou da Educação.¹²²

¹²² Outro enunciado muito semelhante a este foi encontrado em um escrito de Rosely Sayão: “Pensei que o fato de estudar educação e ser psicóloga me ajudaria no ofício de mãe. Qual o quê! A educadora e psicóloga só me tomavam depois que as crianças estavam dormindo e, assim, só me permitia que eu soubesse tudo de errado que havia feito durante o dia, como qualquer mãe” (*post*, 19/03/2006). Este trecho já foi citado nesta dissertação (p.121)

É interessante perceber que o “discurso dos especialistas da subjetividade” assume arranjos diversos de acordo com o público ao qual ele se destina. Nos enunciados presentes na produção de Sayão dos anos 1990 – ou seja, se forem considerados seus três livros sobre o sexo e a sexualidade para o público adolescente¹²³ –, têm-se também a tentativa de aproximação por via da construção de um modo de se exprimir próprio a este público em particular.

Os enunciados ali construídos possuem um conteúdo informativo e mostram o uso de gírias e de palavras extremamente coloquiais entre seus artifícios de aproximação. O modo como o preservativo masculino é chamado – a “borrachuda” – ilustra, ao lado de expressões como: “fala a verdade”, “saca esta”, “isso é da hora!” (Cf. Sayão, 2000), e, ainda, “Cacilda! O negócio é sério!” (Sayão, 1998, p.67), o uso de uma maneira oralizada e coloquial de se comunicar com os adolescentes.¹²⁴

É importante destacar ainda dois enunciados, presentes na produção de Sayão sobre o sexo e a sexualidade, o primeiro sobre a masturbação e o segundo sobre o sexo oral, que evidenciam a tentativa de suprir todas as dúvidas que os leitores possam ter. Poder-se-ia dizer que tal tentativa de eliminar todas as dúvidas é um traço do “discurso dos especialistas da subjetividade”.

Mas como é que se masturba? [...] a maioria dos garotos masturba-se estimulando o pênis [...] e as meninas o clitóris [...] (Sayão, 2000, p.31-32).

[...] para você fazer isso, não é preciso técnica nenhuma. Experimente observar como você toma sorvete. As meninas de palito e os meninos o de massa. Igual (Sayão, op.cit., p.64).¹²⁵

¹²³ Os três livros são: *Sexo: Prazer em conhecê-lo* (Artes e Ofícios, 2000), *Sexo é Sexo* (Companhia das Letras, 2002) e *Sexo* (Escuta; Via Lettera, 1998).

¹²⁴ Ao se investigar a produção de Sayão voltada aos adolescentes percebe-se que, em sua fala e escritos, há traços da literatura de auto-ajuda e de aconselhamento, ou seja, há também uma normalização e uma previsão dos comportamentos, apesar da alteração do público, ao qual se destina, e de seus conteúdos. Em outras palavras, tanto na produção de Sayão voltada aos adolescentes, quanto aos “educadores”, estão presentes enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade”.

¹²⁵ Lasch, em *Refúgio num Mundo sem Coração*, afirma que os manuais de sexo são a expressão mais clara da “racionalização da vida emocional”. O autor se refere às décadas de 20 e 30 do século XX, num período de aumento, na sociedade americana, da publicação desses manuais para os casais e, neste contexto, a racionalização é perseguida em nome da “saúde psíquica”. A “‘ilusão’, a fantasia e a vida interior” eram

São enunciados portanto que buscam fazer previsões e racionalizar toda a vida emocional.

Os enunciados de auto-ajuda, construídos nas falas e nos escritos dos “especialistas da subjetividade”, não só possuem formulações nas quais tais profissionais tentam se identificar com os seus leitores e ouvintes, como também possuem formulações em que os “especialistas da subjetividade” se mostram como aqueles que conseguem explicar e ensinar como os pais devem agir. Alguns enunciados ilustram a ajuda dos “especialistas da subjetividade”:

(04:59:13) luci pergunta para Rosely Sayão: Rosely, como contar para uma criança de 4 anos que os pais estão se separando?

(05:19:16) Rosely Sayão: luci, tem que ser de um jeito simples: ‘papai e mamãe não conseguem mais morar junto [sic] e vão morar separados’. Ponto final. E depois responde às perguntas dela, que não querem dizer que ela não entendeu, mas que ela está angustiada com isso, que ela precisa falar a respeito (momento família, 22/03/2005).

[os pais] podem olhar no fundo dos olhos do filhinho e dizer calma mas firmemente que se pudessem até ficariam, mas eles têm que trabalhar (Tiba, 2002, p.157).

[...] prepare-se para repetir mais uma ou duas vezes, porém com a mesma firmeza. NÃO FRAQUEJE, REPITA, SEM ALTERAR A VOZ NEM O COMPORTAMENTO (Zagury, 2004, p.69).

O primeiro enunciado, retirado de um dos “bate-papos” do *Momento Família*, traz a pergunta de uma internauta a respeito da separação de um casal, cujo filho tem quatro anos de idade. A inquietação se coloca na maneira como os pais devem contar para a criança tal

consideradas pelos especialistas em casamentos, de acordo com Lasch, como uma “ameaça à estabilidade e ao equilíbrio” (Lasch, 1991, p.34). A vida privada, desse modo, acaba por ser capturada pela lógica do mercado – a “conquista” do orgasmo dependeria não somente de uma técnica adequada, segundo os médicos e psiquiatras, como também de “esforço, determinação e controle emocional” (Cf. op. cit., p.34). Em outras palavras, a espontaneidade e a imprevisibilidade da vida íntima do casal são embotadas pelo discurso médico. É neste sentido, pelo embotamento da espontaneidade e pela previsibilidade que esses manuais trazidos por Lasch suscitam, que se pode estabelecer semelhanças com o contexto no qual o “discurso dos especialistas da subjetividade” está imerso. Há enunciados desse “discurso” presentes nos três livros dedicados ao tema do sexo e da sexualidade de Sayão que tentam prever e preparar os adolescentes para suas relações sexualizadas, suprindo-lhes todas as dúvidas. Há outros enunciados construídos nas produções de Zagury e Tiba e mesmo na produção mais recente de Sayão, que também normalizam a relação entre pais e filhos.

notícia. Sayão, objetivamente, “elimina” o conflito ao dizer que a notícia tem que ser dada de um “jeito simples”. Em seguida, orienta os pais a responder às outras perguntas que a criança fará. A psicóloga portanto não só soluciona de maneira pontual e imediata o conflito trazido, como previne outros: *a criança fará outras perguntas que devem ser respondidas pelos pais*. Ademais, apresenta uma explicação do motivo dessas perguntas: a criança indaga aos pais não porque não entendeu o que está acontecendo, mas porque “está angustiada”.

Os outros dois enunciados, respectivamente retirados da produção de Tiba e de Zagury, ensinam os pais detalhadamente a agir e reagir frente aos seus filhos: “podem olhar no fundo dos olhos”, “dizer calma mas firmemente”, “NÃO FRAQUEJE”, “REPITA, SEM ALTERAR A VOZ NEM O COMPORTAMENTO”. Além dos “especialistas da subjetividade” ensinarem pontualmente, para determinado pai, mãe ou professor, o que deve ser dito, eles aconselham sobre o tom da voz, a direção do olhar, o modo, enfim, de se colocar perante o filho. Em suma, fornecem uma racionalização da economia emocional da interação entre pais e filhos.

Assim, pode-se afirmar que esta maneira de se comunicar – facilitadora da compreensão, que fornece rapidamente e com detalhes a solução do conflito vivido pelos pais – é constitutiva dos enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” e contribui, ao lado dos elementos retirados da vida pessoal dos “especialistas”, para aproximar leitores e ouvintes daqueles profissionais.

Contudo, há momentos na produção dos “especialistas da subjetividade” em que a mediação que realizam entre a dúvida do leitor e a solução dela, faz-se de modo mais sutil do que os enunciados transcritos acima mostraram. Quando se considera a produção de Rosely Sayão, é possível encontrar formas mais ou menos elaboradas de se expressar para o público e de tentar se aproximar dele.

São nas interações mais diretas com pais e professores, pela internet e nas palestras, quando perguntas “Como contar?” ou “O que posso fazer?” são formuladas, que Sayão não consegue fugir das dicas. Contudo, nos artigos e livros os ensinamentos aparecem mais sutis, como a introdução de *Como Educar meu Filho?* procura mostrar.¹²⁶ Em outras palavras, os seus ensinamentos assumem arranjos diferentes de acordo com o veículo de sua comunicação.

¹²⁶ Sayão afirma que seu trabalho visa, ao compartilhar o saber que possui com os pais e os professores, suscitar uma reflexão entre aqueles: “este tem sido meu trabalho: refletir, duvidar, tornar mais complexas determinadas

O mesmo acontece com os outros “especialistas da subjetividade”. Há falas e escritos mais ou menos diretos, segundo a forma como são veiculados. Não se pode negar, todavia, a existência de profissionais que têm um maior cuidado com o modo como expressam seus ensinamentos do que outros, como é o caso de Rosely Sayão, ao ser comparada a Içami Tiba. Considerando a produção do médico, sua postura é menos velada, enquanto um “mediador” entre pais e filhos, se for comparado a Sayão e mesmo Zagury, que tentam se diferenciar dos *outros*. É curioso notar que Tiba, vindo da área médica e possuidor de mais titulações acadêmicas, parece sentir-se mais autorizado a intervir sem sutilezas nas relações entre pais e filhos. Enquanto ele não se preocupa em “dar dicas”, Zagury e Sayão tentam evitar.¹²⁷

Esta diferença entre os autores, evidencia-se tanto no conteúdo de suas falas e escritos, quanto no projeto gráfico dos livros.¹²⁸ Não obstante, de modo geral, todos os “especialistas

situações e simplificar outras [...], além de socializar meus conhecimentos sobre o assunto”, uma vez que “não há receitas” para as situações que os “educadores” enfrentam (Sayão, 2003, p.11).

¹²⁷ A fala de Tiba é mais taxativa e sem sutilezas em relação à usada nas produções de Zagury e Sayão. Diz Tiba, “uma dica importante aos pais: quando proibirem alguma coisa ao filho, encontrem outras que ele possa fazer. A simples proibição é paralisante” (Tiba, 2002, p.57). O uso da palavra “dica” é quase proibido para as duas “especialistas”, apesar de muitas vezes as formularem para o seu público. O interessante é que nunca as assumem em suas falas, pois, para elas, seria aproximá-las da literatura de auto-ajuda. Suas produções visam suscitar a reflexão sobre a prática dos “educadores” e não fornecer “dicas” ou “receitas” de como agir, conforme mostram as introduções de *Como Educar meu Filho?*, de Sayão, e *Educar Sem Culpa*, de Zagury.

¹²⁸ A apresentação gráfica das obras dos “especialistas da subjetividade” aqui analisados reforça seus escritos e ajuda a compor suas imagens. Dito de outro modo, as diferenças entre tais profissionais são recolocadas pelo viés do projeto gráfico de seus livros. Se forem considerados os livros: *Quem Ama, Educa!*, de Tiba, *Limites Sem Trauma*, de Zagury, e *Como Educar Meu Filho?*, de Sayão, a fim de não tornar a exposição repetitiva ao leitor, ter-se-á uma pequena mostra da forma como estes autores se colocam para o público. A organização do livro *Quem Ama, Educa!* foi concebida para facilitar o uso pelos pais – “cada vez que assinalamos problemas, buscamos seu entendimento e sugerimos soluções” (Tiba, 2002, p.20). Poder-se-ia sugerir que a própria organização do livro segue a máxima “identificar problemas e encontrar soluções”, tão usada atualmente para se referir a uma “competência” valorizada pelo terceiro setor (Cf. Souza, 2006). A primeira parte deste livro de Tiba é uma “reflexão” sobre a família atual, a segunda é sobre os caminhos para uma nova educação, a terceira é um pequeno manual para os pais e, finalmente, a quarta parte reúne as 29 perguntas e respostas mais freqüentes feitas nas palestras. O livro de Zagury, *Limites Sem Trauma*, é “prático”, como se afirma em sua apresentação. É dividido em 18 capítulos independentes, ou seja, não é preciso prender-se à seqüência para lê-los. Há um guia, no final, para auxiliar os pais a discernir o que é próprio de cada idade, no que diz respeito às necessidades e aos desejos das crianças, aos seus limites, bem como à tarefa dos pais em cada uma dessas etapas. Já *Como Educar Meu Filho?* é a reunião dos artigos de Sayão publicados na *Folha de S.Paulo*, sendo divididos e subdivididos em tópicos, de acordo com os temas explorados. Então, o âmbito familiar, o escolar e o universo dos filhos são as

da subjetividade” negam sua proximidade com a literatura de auto-ajuda e com o aconselhamento.

Um dos aspectos mais interessantes da produção de Sayão é que suas falas e escritos tentam se distinguir da literatura de auto-ajuda, ora criticando a “tutela do discurso psicológico” (Aquino; Sayão, 2004, p.38), ora tentando se identificar com os “educadores”, “vou falar um pouco como mãe de 56 anos que trabalha muito” (momento família, 11/10/2005); porém, o que se constata é que essa tentativa de distinção não é bem sucedida, na medida em que não abandona sua posição de *mediadora*. Ela faz a *mediação* entre o conflito vivido pelos educadores e sua explicação, ou entre o problema vivenciado e a sua solução.

É possível dizer portanto que a produção de Rosely Sayão traz falas e escritos que apontam para as dificuldades que estariam colocadas na configuração social atual. Formulações estas que defendem a *não-mediação* e que anunciam a autoridade dos “educadores”, contudo não conseguem romper com o vínculo que estabelece com eles. Há duas passagens em *Família: Modos de Usar* muito interessantes, pois revelam que Sayão tem consciência do quão próxima é a sua produção da de outros “especialistas”, ao mesmo tempo, tais passagens mostram seu esforço, e o de Aquino, em afirmar o contrário.

Na primeira delas é enunciado que “a questão da família está na moda”, “quase diariamente os meios de comunicação fazem algum tipo de referência à família”, “é comum lermos análises sobre os tipos de educação praticados por alguns tipos de família”, e Aquino finaliza esta passagem, aproximando a produção da psicóloga à de outros “especialistas da subjetividade”: “o melhor exemplo é sua própria coluna na *Folha de S.Paulo*” (Aquino;

três grandes divisões, das quais decorrem as outras. A organização facilitadora desse material, marca da literatura de auto-ajuda, estende-se da maneira simples, direta e objetiva de se expressar, à sua apresentação visual. São itens, enumerações dos tópicos, expressões do tipo “Observação:”, “Por exemplo:”, “Lembre-se:”. Os textos são destacados com letras maiúsculas, em itálico e em negrito, há caixas de texto, e, sobretudo nos livros mais recentes de Zagury e Tiba, as páginas possuem até mesmo pequenas ilustrações (desenhos de corações, mãos e pés, flores, cachorros e gatos, entre outros). Trata-se, desse modo, de um projeto gráfico próprio de certo setor da literatura de auto-ajuda, qual seja, voltado à educação familiar e escolar. Contudo, o livro de Sayão, *Como Educar Meu Filho?*, e poder-se-ia acrescentar *Em Defesa da Escola e Família: Modos de Usar*, diferenciam-se dos livros de Zagury e Tiba, no sentido de não ser um texto tão visualmente marcado, ou seja, cada mudança no conteúdo do texto não é necessariamente expressa visualmente. Assim, ainda que as falas e os escritos de Sayão possuam um modo de expressão acessível ao grande público, inclusive às crianças, como em Tiba e Zagury, o projeto gráfico dessas produções repõe uma distinção existente entre eles.

Sayão, 2006, p.14), ou seja, *S.O.S. Família* faria parte desta oferta voltada à educação familiar.

Na segunda passagem também é Aquino quem afirma:

Julio – [...] veja que coisa, Rosely! Você é hoje uma referência no país em relação à educação familiar. É uma autora muito lida e respeitada. Você deve o seu trabalho a essa demanda. Então, a busca dos pais por interlocução não representa obrigatoriamente uma demanda ilegítima. Ao contrário. O que me preocupa é a oferta duvidosa de alguns ditos especialistas mediante a angústia dos pais. Eles não são insones à toa. (Aquino; Sayão, 2006, pp.79).

Aquino, neste segundo trecho, faz uma distinção da atuação de Sayão em relação aos outros profissionais: esta seria uma oferta possível à demanda dos pais, *diferente*, contudo, da “oferta duvidosa de alguns ditos especialistas”.

Destarte, a produção de Rosely Sayão é interessante, pois percebe e denuncia (no último trecho, pela voz de Aquino) a necessidade da mediação, porém não consegue se desenlaçar e abandonar sua posição de “especialista da subjetividade”. O máximo que tenta fazer é estabelecer uma distinção entre o seu trabalho e o dos outros profissionais.

Já na fala e escritos de Zagury há o esforço em lembrar os leitores de que seu trabalho não se confunde com a literatura de auto-ajuda, marcada por “achismos”, tampouco se confunde com um certo “psicologismo”, pois sua produção teceria vínculos fortes com a pesquisa científica e portanto com o rigor do mundo da ciência.¹²⁹ Mas, ao mesmo tempo em que Tania Zagury tenta se municiar desses elementos legitimadores de sua fala, busca identificar-se com seu público, tal como foi mostrado anteriormente. Zagury é como os pais e professores que a procuram. A dedicatória de *Sem Padecer no Paraíso* (2002) traz essa proximidade afetiva que tenta estabelecer com os seus leitores: “A todos os pais, meus companheiros no prazer, no amor, nas dúvidas e na culpa”.

¹²⁹ Vale lembrar que muitos elementos são mobilizados ao longo de sua produção, como foi visto no capítulo anterior, para dar veracidade e legitimidade a sua imagem e a sua fala de uma profissional “próxima à Ciência” – a descoberta de sua precoce “vocação” para o ensino; o fato de ser estudiosa e inteligente; possui uma carreira relativamente bem sucedida no mundo acadêmico, é Mestre em Educação e foi Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio de Janeiro; os prefácios de seus livros são feitos por “autoridades intelectuais”, um deles foi escrito por uma “Doutora em Educação” e professora da PUC de São Paulo e outro foi escrito por uma “Professora Titular” numa universidade do Rio de Janeiro; a menção nos livros às pesquisas realizadas, entre outros.

Assim, é a partir dessas duas experiências acumuladas, como define Alba Zaluar no prefácio de *O Adolescente por Ele Mesmo* (1997) – como mãe e como professora/pesquisadora – que Zagury se coloca para o público, tanto nas imagens que suas falas e escritos fabricam sobre sua pessoa, como quando aborda as questões ligadas à educação. Repete portanto o mesmo movimento que Sayão faz de distanciamento e aproximação dos “educadores”, porém o faz à sua maneira.

Entre as três produções dos “especialistas da subjetividade” aqui estudados, a de Içami Tiba é a que se mostra com a menor preocupação em se diferenciar da literatura de auto-ajuda. Contudo, quando se recupera uma entrevista do médico, de abril de 2006, dada a *O Liberal*, um jornal de circulação diária em Belém, tem-se também a tentativa de legitimar a sua produção contrapondo-se à auto-ajuda.¹³⁰

Nesta entrevista, Tiba é apresentado como “o profissional mais bem sucedido na área da psicologia do adolescente e da família”, definição esta que faz justiça à imagem que Tiba construiu e constrói paulatinamente de sua carreira – um profissional com números recordes.

Um ponto relevante da entrevista é a aproximação que Tiba estabelece com o mundo acadêmico. Primeiro, em relação a sua guinada profissional, afirma que foi há 16 anos que decidiu deixar de lado sua carreira universitária¹³¹ e o fez:

pelo trabalho de levar saúde psíquica para as famílias brasileiras, por acreditar que elas precisavam mais de mim, num trabalho preventivo para ‘levar-lhes uma bússola de referência educativa’, do que as Universidades, onde eu já havia ajudado a formar muitos psicoterapeutas de adolescentes (*site Integrare*).¹³²

Segundo, afirma que mesmo atuando em outro *métier*, ele ainda é reconhecido por seus pares do campo da medicina e da psicologia. Uma prova de tal reconhecimento é o resultado da pesquisa, já citada, feita pelo IBOPE, em março de 2004, a pedido do Conselho Federal de Psicologia. Tiba foi indicado como o profissional mais admirado e usado como referência pelos psicólogos brasileiros, depois de Freud e Jung. Ou seja, possui um louvável reconhecimento público. A justificativa dada pelo “especialista”, para tão grande reconhecimento, recupera os sete anos que trabalhou como Assistente do Departamento de

¹³⁰ Esta entrevista foi acessada no *site* da editora *Integrare*.

¹³¹ É justamente nos anos de 1990 que a produção de livros de Tiba acelera, tornando-se quase anual.

¹³² Esta fala confirma o que foi divulgado no *site* de sua editora, a *Integrare*, pois lá o autor recorda de seu *sonho de menino*, de ajudar as pessoas. Ver item do capítulo anterior: *Depois de Freud e Jung, Içami Tiba – o “especialista” dos números*.

Psiquiatria Infantil do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; além disso, recupera sua atuação na formação de profissionais para o atendimento psicoterápico e psicodramático de adolescentes no *Instituto Sedes Sapientiae*, onde foi, durante 15 anos, Professor-Supervisor; e ainda, faz referência aos 38 anos de trabalho acumulado com adolescentes e suas famílias em sua clínica particular. Então, com toda essa experiência, tornou-se uma “referência educativa” para as famílias, bem como para os profissionais da área da psicologia.

Tornei-me uma referência educativa não só para as famílias mas também para os profissionais que lidam com elas, que, na sua grande maioria, são psicólogos. Para estes sou uma referência científica – psiquiátrica e psicológica – viva, e atualizada dentro dos padrões internacionais de comportamentos e relacionamentos humanos, principalmente entre pais e filhos, onde eles houver (famílias, escolas, empresas, etc.) (*site Integrare*).

O último ponto a ser destacado dessa entrevista e o mais interessante é que Tiba coloca a sua obra como sendo diferente da que é produzida pela literatura de auto-ajuda. Ao ser indagado sobre a linha editorial de seus livros, defende que estes só são classificados como “auto-ajuda”, por não haver outra nomenclatura nas listas dos livros mais vendidos. Em sua perspectiva, escreve livros “educativos” e “voltados para pais e educadores, mas abrangem profissionais da área psicológica e psiquiátrica, como psicoterapeutas, psicologia clínica, psiquiatria clínica, recursos humanos, professores, etc.” (*site Integrare*).

A costura entre seu atual trabalho, como “especialista da subjetividade”, e o campo médico e psicológico é, a todo o momento, tecida na entrevista e na trajetória do autor. Então, a imagem como “referência científica” “viva” e “atualizada”, ligada aos grandes números de sua carreira, dá legitimidade às falas e aos escritos de Tiba, donde a sua liberdade para dar dicas e conselhos aos seus leitores explicitamente, ou, mais explicitamente do que seus pares “especialistas da subjetividade”.

3.2) Auto-ajuda são os outros ou comentários finais

Há um traço comum aos três “especialistas da subjetividade” que deram base para a análise aqui desenvolvida – todos, em maior ou menor grau, procuram afastar-se da literatura de auto-ajuda e afirmam levar às famílias “uma bússola de referência educativa” (*site Integrare*), nas palavras de Tiba, e também “propiciar aos pais material para a reflexão”,

segundo Zagury (1995, p.11), ou ainda, em Sayão, “refletir, duvidar, tornar mais complexas determinadas situações e simplificar outras” (2003, p.11).¹³³

Zagury e Sayão também denunciam em suas obras, cada qual à sua maneira, a desorientação suscitada pela profusão de obras da literatura de auto-ajuda. Trata-se do “reinado dos especialistas” (Mello *in* Zagury, 2002, p.15), como é apresentado pela prefaciadora do livro de Zagury, ou da “tutela do discurso psicológico” (Aquino; Sayão, 2004, p.38) em Sayão.

Por mais que Sayão, ou mesmo Zagury, afirmem que não existam receitas ou cursos que ensinem os pais a agir adequadamente, tampouco que garantam o sucesso de sua intervenção, é exatamente isso que pais e professores buscam em suas palavras, sejam elas faladas ou escritas. Ainda que ambas, como também Tiba, tentem devolver para os pais as suas inquietações, eles as comentam e dissolvem momentaneamente suas angústias. Até que uma outra situação os recoloca em dúvida.

É preciso lembrar que essa busca dos “educadores” não se limita aos “especialistas da subjetividade” aqui estudados. Há muitos profissionais que ofertam o serviço de socorro e aconselhamentos aos pais e professores. Do outro lado, há uma ampla demanda por esse serviço. E receber tal demanda angustiante, não só vinda de pais e professores, mas, até mesmo de filhos,¹³⁴ constitui um dos papéis do “especialista da subjetividade”, sobretudo nas

¹³³ Outras falas, retiradas da produção de “especialistas da subjetividade” que não foram abordados nesta pesquisa, ajudam a confirmar a extensão desta postura, por um lado, de afastarem-se da imagem de autores de livros de auto-ajuda, ou, por outro lado, de negarem que sua produção pertença a esta literatura. Augusto Jorge Cury, psiquiatra e autor de *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes* (Sextante, 2003), nega a classificação auto-ajuda: “Meu livro integra a linha de divulgação científica, pois aborda a teoria da inteligência multifocal” (Cury *apud* Yuri, FSP, 08/08/2004, p.07). Já o médico Valdir Reginato em *Aprendendo a Ser Pai em Dez Lições* (Paulinas, 2004), afirma “Experiência não se lê, adquire-se” (Reginato *apud* Yuri, FSP, 08/08/2004, p.08). O médico ginecologista Malcolm Montgomery reforça a posição de Reginato, ao afirmar, em *O Novo Pai* (Prestígio, 2005), “quando me perguntam que livro indicaria para melhorar a relação dos pais com os filhos, costumo responder: ‘O tempo que vocês perdem lendo dez livros sobre educação deveria ser gasto na companhia de seus filhos e aprendendo com eles’” (Montgomery *apud* Yuri, FSP, 08/08/2004, p.08).

¹³⁴ Um exemplo dessa demanda por ajuda formulada por filhos é uma carta recebida por Sayão de um leitor de onze anos: “Oi! Tenho 11 anos, li sua matéria no Folha Equilíbrio do dia 24 de abril – ‘Quando o bom senso é a melhor saída dos pais’ – e gostei muito. Minha mãe se encaixa no bom senso. Gostaria de ler sobre competir em tudo com irmãos caçulas. Como devo agir? Como meus pais devem proceder quando presenciam brigas entre nós?” (Sayão, 08/05/2003).

palestras ou nos encontros ao vivo pela internet, onde a relação entre eles e o público se faz mais diretamente.¹³⁵

Já no final da palestra de Sayão no Colégio Santa Cruz, a psicóloga afirma que, naquela palestra, os pais e professores teriam lhe delegado uma “autoridade” – que foi assumida por ela. E seria de forma semelhante que os “educadores” deveriam agir com os filhos e alunos. E continua:

na verdade, o que eu fiz foi bancar um lugar de quem tem um conhecimento e que poderia usar isso para vocês. Mas foram as questões que vocês trouxeram que ensinaram a mim e a vocês (palestra, 16/06/2004).

É interessante notar que mesmo para se desautorizar e autorizar os pais frente ao saber da educação, ela os ensina como devem agir com os filhos – “este é o nosso papel com nossos filhos, bancar o lugar de quem faz-de-conta que eu sei, mesmo sabendo que eu não sei, mas junto com você eu vou aprender” –, ou antes, ela os institui como capazes, ao afirmar que “são nossos filhos que nos ensinam como educá-los” (palestra, 16/06/2004). Assim, de um lado, tenta romper a dependência, e, de outro, ela a alimenta, uma vez que sua posição é investida por todo o seu público.

Essa posição ambígua não é particular a Rosely Sayão, tampouco a Zagury e Tiba. Trata-se de uma marca dos profissionais que ocupam a função de “especialista” na relação entre pais e filhos e entre professores e alunos, como já afirmado na primeira parte desta dissertação,¹³⁶ e que ganha contornos inéditos na configuração social atual, por intermédio da atuação dos “especialistas da subjetividade”.

A relação entre os “especialistas da subjetividade” e seu público remete a uma discussão feita por Claude Lévi-Strauss nos ensaios “A eficácia simbólica” e “O feiticeiro e sua magia”. Nestes textos, o autor afirma que a eficácia de uma magia se sustenta em uma tríade, cujos elementos são complementares: a crença do feiticeiro em seu próprio poder mágico; a crença do doente que é curado, ou do enfeitado que é perseguido, no poder do feiticeiro; e a crença da sociedade, na qual estão inseridos, no poder mágico. Portanto, para o

¹³⁵ Pôde-se perceber explicitamente tal demanda durante o *Ciclo de Palestras* no Colégio Santa Cruz e também em outras palestras proferidas pelos “especialistas da subjetividade” investigados nesta pesquisa.

¹³⁶ Os “especialistas” estudados na primeira parte desta dissertação, por fornecerem ensinamentos e por prescreverem qual seria o papel dos pais no interior da família, também os desautorizavam, de modo semelhante ao que acontece atualmente.

antropólogo, a “situação mágica é um fenômeno de consenso” (Lévi-Strauss, 1967, p.195). Em outras palavras, a magia é eficaz, pois existe uma crença coletiva que lhe dá suporte.

Lévi-Strauss aproxima, nesses ensaios, o trabalho do feiticeiro ao do psicanalista porque ambos conseguem reorganizar a realidade que estava sem sentido para seus pacientes (Cf. Lévi-Strauss, op.cit., pp.229-36).¹³⁷ De modo distinto, ambos conseguem *traduzir*, por meio de uma linguagem socialmente autorizada – um pela autoridade mágica, ou, poder-se-ia dizer pelo saber da tradição, e outro pela autoridade científica, ou, pelo saber científico –, e *dar um sentido* à situação vivida como sem sentido pelo paciente. Tanto o feiticeiro quanto o psicanalista, cada um a seu modo, reconstituem a ordem no sistema de referências do paciente. A cura do paciente, ou, a elaboração do analisando, é, portanto, a passagem desse sistema em estado confuso e desorganizado a uma ordem com sentido.

É possível, então, aproximar o trabalho do “especialista da subjetividade” ao do feiticeiro e do psicanalista, tratados pelo antropólogo, pois tal “especialista” também *traduz* para seu público – leitor ou ouvinte – algo que é sem sentido e conflituoso na sua relação com o filho ou o aluno, conseguindo explicar, dar sentido e ensinar como se deve agir. Entretanto, a fala do “especialista da subjetividade” é autorizada por um saber que não é científico, isto é, os enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” se apropriam do saber científico, o diluem e simplificam para o grande público. É um simulacro desse saber que é transmitido sob a forma de receitas, dicas e conselhos.

Além disso, a atuação do “especialista da subjetividade” é uma intervenção pontual e imediata entre o pai de sicrano e sicrano ou entre o professor e o aluno, que não traz modificações futuras para a relação, ou, ao menos, não há garantias para que isso ocorra. É preciso uma nova ajuda quando há um novo conflito. Já as atuações do feiticeiro e do psicanalista ocorrem no tempo presente, porém suscitam modificações que se prolongam para o futuro. Ambos recuperam o passado, do enfeitizado e do analisando, para reordená-lo no presente e, assim, suscitar modificações futuras – a cura do paciente e a elaboração do analisando. Esta intervenção que se prolonga no futuro não se dá com os conselhos e as dicas dos “especialistas da subjetividade”, apesar da pretensão.

¹³⁷ Seria possível desenvolver quais as semelhanças e diferenças assinaladas pelo autor, mas este não é o interesse aqui, uma vez que se quer chamar a atenção para a crença que dá suporte à eficácia da magia. Para a distinção feita entre o xamanismo e a psicanálise, ver Lévi-Strauss (1967, p.229 e seguintes).

O ponto a ser destacado é o fato de que os leitores e ouvintes do “especialista da subjetividade” acreditam no seu poder de explicar e de orientar a relação entre pais e filhos; o próprio “especialista” acredita que seu “saber” pode ajudá-los a refletir sobre os “desafios” da educação; bem como há um consentimento da sociedade que legitima e acredita no “discurso dos especialistas da subjetividade”. Em suma, há uma tríade que dá sustentação à crença no poder deste “discurso”. E isto porque o “especialista da subjetividade” consegue explicar e solucionar situações em que os pais e professores “estão com todas as dúvidas e nenhuma certeza” (Sayão, 03/08/2000). Ele *traduz* experiências que não são compreensíveis aos “educadores”, ainda que estas explicações não se acumulem como um conhecimento a ser usado pelo pai ou professor diante de outras “dúvidas” e “incertezas”. É por isso que o “especialista da subjetividade”, enquanto mediador na relação entre pais e filhos e entre professores e alunos, não consegue romper a dependência que os “educadores” têm de suas palavras.

O “especialista da subjetividade”, por meio de suas falas e escritos, põe em ordem e instrui o que é desordenado e conflituoso. Contudo, o “discurso dos especialistas da subjetividade” é diferente do discurso científico-especializado, ou mesmo do discurso baseado na tradição, posto que ele, como já afirmado, não “fala do alto” (Lefort, 1977, p.18): não há o estabelecimento de uma distinção, de uma hierarquia, como acontece na relação entre o psicanalista e seu paciente, e entre o feiticeiro e o enfeitado. O “discurso dos especialistas da subjetividade” passa uma imagem de “reciprocidade” entre o “especialista da subjetividade” e seu público. Ou seja, tal discurso arranja em seu interior a “fala viva”, a “fala do sujeito”, criando uma imagem de proximidade entre aquele que aconselha e aqueles que recebem tais conselhos (Cf. Lefort, 1979, p.336-7).¹³⁸ Trata-se, na verdade, de uma “ficção”, nos termos do filósofo francês, pois a fala do “especialista da subjetividade” contém um “saber” que consegue aplacar, mesmo que momentaneamente, as dúvidas e angústias dos “educadores”. Ocupam posições diferentes: pais e professores de um lado e “especialistas da subjetividade” de outro.

Esta “ficção” – de uma fala que aparenta ser transmitida e recebida por iguais, mas que, de fato, não o é, porque o “especialista da subjetividade” detém um “saber” sobre seu

¹³⁸ Pode-se considerar as falas e escritos com *exemplos concretos*, proferidos pelos “especialistas da subjetividade” aqui estudados, ou que trazem elementos da experiência clínica e/ou pessoal desses profissionais como exemplos da “fala viva” ou da “fala do sujeito” referida por Lefort (1979).

leitor ou ouvinte – coloca a ambigüidade que o “discurso dos especialistas da subjetividade” possui.

Além disso, o “discurso dos especialistas da subjetividade” conjuga em seu interior elementos da história pessoal dos “especialistas da subjetividade” para provocar uma “proximidade”, uma “familiaridade” entre público e “especialista”, ao mesmo tempo os enunciados de tal discurso divulgam um simulacro do saber. Dito de outro modo, tais enunciados divulgam um “saber” que não se apresenta como justificado e construído cientificamente, mas como algo que *está aí*, como um dado da realidade.¹³⁹

É preciso lembrar que os “especialistas da subjetividade” não se posicionam no interior de uma instituição como o lugar a partir do qual seus ensinamentos são proferidos – eles circulam por vários lugares. Circulam por jornais, revistas, televisão, rádio, internet, escolas e empresas. É devido a este traço particular – a mobilidade do lugar de onde se fala – que permite a afirmação de que os ensinamentos e aconselhamentos divulgados em grande escala são emitidos de lugares equivalentes. Assim, a fala dos “especialistas da subjetividade” não parte de e não representa uma instituição: é uma fala que circula pela mídia e pelo mercado de palestras e assessorias.

Os últimos momentos da palestra no Colégio Santa Cruz, já mencionados, são emblemáticos dessa tentativa de Rosely Sayão em construir um lugar para sua fala. Nesta ocasião, Sayão procurou aproximar-se dos pais, afirmando que foi com eles, com as questões levantadas pelo público, que ela sustentou “um lugar de quem tem um conhecimento e que poderia usar isso para vocês”, assim como deveria ser feito na relação com os filhos e alunos, “este é o nosso papel com nossos filhos, bancar o lugar de que faz-de-conta que eu sei, mesmo sabendo que eu não sei, mas junto com você eu vou aprender” (palestra, 16/06/2004).

¹³⁹ Lefort, ao conceber o discurso científico-especializado como “legislador e pedagógico” (Lefort, 1977, p.18), permite estabelecer mais uma distinção entre este discurso e o “dos especialistas da subjetividade”. A base para esta diferenciação está centrada no fato de o primeiro ser um discurso institucional, enquanto que o outro não. Em outras palavras, o saber que é apropriado pelo discurso institucional é científico, portanto, justificado e construído no interior de um campo específico. Seus enunciados “legislam” sobre os comportamentos e as emoções, estabelecendo e ensinando regras e condutas, baseadas neste saber. Já os enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade”, ao contrário, não “legislam”. Eles apenas trazem uma normalização dos comportamentos e emoções, posto que o “saber” que é apropriado por eles se mostra apenas como um dado da realidade. Eles não possuem um rigor na construção do argumento e uma problematização de seus termos.

O curioso é que com essa fala é como se a psicóloga contasse *o segredo da magia*, ensinasse como é realizada – *aprende-se a cuidar do filho com ele mesmo*. Não precisaria do “especialista”. Entretanto, a mediação não é rompida, pois não se trata de uma vontade individual, que diga respeito a cada pai e a cada mãe.

No artigo “Impor limites à força, mas sem violência” (Sayão, 11/07/2002; 2003), ela diz:

será que os pais têm tantas dúvidas assim a respeito dos limites que precisam impor aos filhos no processo educativo? Será que eles não têm parâmetros e/ou referenciais que os norteiem nas atitudes que tomam com os filhos? Será que não suportam ver o filho sofrer com a frustração e, por isso, não conseguem colocar os limites necessários, que fazem parte da vida? Ou será que eles querem delegar a outros essa responsabilidade para não arcar com o custo dela, que muitas vezes toma a forma de culpa?

Não, não creio em nenhuma dessas alternativas, nem em outra parecida (Sayão, 11/07/2002; 2003).

E continua: os pais sentiriam “angústia que se expressa de modos tortuosos e assume cara de dúvida pedagógica” (Sayão, op.cit.). Para Sayão, foi uma conversa com os “educadores” que lhe permitiu ter “uma diferente interpretação do embaraço dos pais ante a sua missão [de “impor limites” aos filhos]” (Sayão, 11/07/2002; 2003). Os pais ficariam angustiados com a recusa do filho em atender-lhes um pedido, uma ordem ou uma orientação.

Não cabe perguntar, contudo, sobre a *real* necessidade que os pais sentiriam dessa ajuda que os “especialistas da subjetividade” oferecem – e que a própria Sayão em seu escrito denuncia que não precisam, como também outros enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” fazem. Isto porque não se trata de uma vontade dos pais e professores em aceitar ou não tal ajuda. A questão tem que ser deslocada para o âmbito da sociedade – das relações que são tecidas entre os indivíduos desta configuração social – para, então, perceber que a “angústia”, o “embaraço”, ou a incerteza deles, são fabricados socialmente. Dito de outro modo, a necessidade do serviço de socorro prestado ultrapassa os pais-leitores, por exemplo, da *S.O.S. Família*; tal necessidade é construída nesta configuração social e está relacionada aos vínculos que são estabelecidos entre os indivíduos e o “discurso dos especialistas da subjetividade”, bem como diz respeito à crença de que o “especialista da subjetividade” sabe mais sobre a pessoa do que ela mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A VISIBILIDADE

A montagem de três recortes que recuperam uma relação social, tecida entre pais e filhos e entre professores e alunos, mediada pelo discurso científico-especializado, permitiu o confronto com uma quarta construção, qual seja, com o tipo de mediação exercida na contemporaneidade. Embora haja uma permanência no tempo desta relação mediada no *processo educativo*, ela não se estabelece da mesma maneira, uma vez que há uma mudança no “saber” que é apropriado pelo discurso. Em outras palavras, o saber que é apropriado pelo “discurso dos especialistas da subjetividade” é diluído e simplificado quando submetido à lógica da literatura de auto-ajuda – do planejamento de mercado, do marketing, da produção e circulação em ampla escala.

Os enunciados do “discurso dos especialistas da subjetividade” que estão presentes nessa literatura arranjam em seu interior elementos da vida pessoal e profissional dos autores, tentando aproximá-los do grande público. É como “ficção” que Lefort qualifica a tentativa de aproximação afetiva presente no “discurso” que circula na configuração social atual. Ao mesmo tempo em que ele instrui pais e professores a agir adequadamente, normalizando suas condutas, impõe-se “a imagem da reciprocidade” (Lefort, 1979, p.336) entre “especialista da subjetividade” e “educadores”.

Um enunciado presente na produção de Rosely Sayão ilustra esta tentativa de estabelecer uma reciprocidade entre o público e a “especialista” ao se afirmar que as questões trazidas pelos pais ensinariam a psicóloga a orientá-los.¹⁴⁰ A psicóloga, a despeito de seu “saber”, também seria ensinada pelos pais, assim como estes teriam aprendido com a palestra dada por ela.

É diferente o modo como o discurso científico-especializado se coloca àqueles que ele pretende ensinar e normalizar, pois este procura manter a distinção entre aquele que detém o saber daqueles que não o detém. Os “tradutores exclusivos do obscuro”, nome dado por Costa aos médicos que intervinham nas famílias (Costa, 1999, p.71), ilustram a diferença existente entre os higienistas do século XIX e os pais, que tinham suas dúvidas esclarecidas e seus

¹⁴⁰ O enunciado é: “Vocês me delegaram uma autoridade e eu tive que assumir. [...] Mas, na verdade, o que eu fiz foi bancar um lugar de quem tem um conhecimento e que poderia usar isso para vocês. Mas foram as questões que vocês trouxeram que ensinaram a mim e a vocês” (Cf. palestra, 16/06/2004).

“erros” corrigidos por tais médicos. Erros estes cometidos não propositalmente, na interpretação dos médicos, mas pelo fato dos pais ignorarem os preceitos da conduta higiênica.

Ademais, a mudança na mediação exercida no *processo educativo* também está relacionada com a *posição social* ocupada pelos “especialistas” nas diferentes configurações sociais aqui trabalhadas.

Foi visto, no primeiro recorte, que os médicos higienistas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro representam um braço interventor do Estado, que atuou nas famílias. O debate travado entre eles deu-se no interior da Faculdade, com uma intensa produção de teses dedicadas à discussão do saber higiênico. Este debate, por sua vez, estava inserido em um contexto de formação e de institucionalização deste campo de saber no país, de disputa entre as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia pela prática médica, sobre como esta deveria ser exercida. Entre as disputas travadas, contudo, havia o consenso da importância da intervenção médica para a formação da população brasileira.

O segundo recorte deslocou a atuação dos médicos do interior da família para a escola, nas primeiras décadas do século XX. Os trabalhos de Fernando de Azevedo dedicados à defesa da educação física como uma parte importante da educação geral, concebida para escolas públicas brasileiras, também traziam o cuidado que o Estado deveria ter na formação desses professores e a responsabilidade que ambos possuiriam frente ao desenvolvimento saudável do “escolar”. Dessa forma, os professores também foram concebidos como interventores do Estado para a melhoria da população.

Além disso, a educação escolar cumpriria seu papel auxiliada pelo saber higiênico. Os trabalhos de Azevedo supunham a presença do “médico inspetor escolar” que, junto com o professor de educação física, controlariam e interfeririam no crescimento das crianças individualmente, com a intenção de formar uma população saudável física e moralmente.

O trabalho do “neuro-higienista” Arthur Ramos na Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, parte do Instituto de Pesquisas Educacionais, trouxe explicitamente a posição institucional ocupada pelo “especialista”. Em outras palavras, trata-se de um médico que atuou no campo educacional por via de um cargo em uma instituição do Estado. Como diretor da SOHM, implementou nas “escolas experimentais” do Rio de Janeiro um amplo programa de higiene mental que visava prevenir e corrigir os “desajustamentos psíquicos” da criança tanto nas escolas, quanto nas famílias. Tal programa contava com uma gama de profissionais

da área médica para “conhecer” os alunos, a partir de uma perspectiva não só “orgânica”, mas também, “psicológica”, ou melhor, para “conhecer” suas “estruturas psicossociais”, a fim de modificá-las. Era um trabalho que visava, por via da educação, porém com um viés mais “psicológico”, uma transformação do que Ramos denominou de “a estrutura dinâmico-emocional da nossa vida coletiva” (Ramos *apud* Schreiner, 2005, p.156).

Já o terceiro recorte trouxe, com a institucionalização do saber psicológico – a abertura do curso de Psicologia na Universidade de São Paulo, em 1958, e a regulamentação da profissão, em 1962 –, a atuação dos orientadores educacionais: desde seu oferecimento como uma especialização no interior do curso de Pedagogia até seu exercício no interior das escolas por profissionais formados em Psicologia.

Apesar deste terceiro recorte ser o que mais se assemelharia ao momento atual, numa comparação entre a atuação dos orientadores e a dos “especialistas da subjetividade”, há ainda grandes distinções a serem marcadas. A principal delas é a posição que ocupam no interior do campo educacional. Os orientadores estão vinculados ao mercado das instituições escolares, são contratados por uma ou outra escola, porém, uma vez inseridos em determinada instituição escolar, são representantes dessas, bem como responsáveis pelas equipes nas quais atuam. Já os “especialistas da subjetividade” não – eles não estão inseridos nas escolas tal como os orientadores. Eles prestam assessorias e fazem palestras, participam de congressos, debates e reuniões de pais, mas não pertencem à equipe escolar. Eles *circulam* pelas escolas tanto particulares, quanto da rede pública, não somente em São Paulo, mas por todo o Brasil.

Este terceiro recorte também recuperou, com a valorização social do saber da psicologia no campo educacional, a atuação do “analista institucional”, estudado por Revah (1994). Apesar da diferença dos contextos históricos nos quais o “analista institucional” e o “especialista da subjetividade” estão inseridos, é possível encontrar semelhanças entre estes dois tipos de profissionais, pois ambos são externos à escola.

Além disso, uma das demandas que os levaram a atuar na instituição escolar foi o trabalho de mediação das relações entre os membros da equipe da escola, bem como entre estes e os pais e entre os alunos. É preciso chamar a atenção, contudo, à ampliação do mercado de palestras e assessorias, pois, no contexto estudado por Revah, este se limitava às pré-escolas “alternativas” paulistanas. Mais do que isso, houve uma ampliação do campo de atuação dos “especialistas da subjetividade”, que ultrapassou o campo educacional.

Os “especialistas da subjetividade” têm uma atuação diversificada na configuração social atual: são, como foi afirmado, colunistas de jornais e revistas; participam de programas no rádio, na televisão e na internet; possuem *sites* pessoais ou *blog* (no caso de Sayão); são escritores de livros; além de prestarem assessorias e serem palestrantes em escolas e empresas. Destaca-se, então, o fato de serem profissionais que atuam em diferentes mídias.

Destarte, uma das distinções do recorte contemporâneo, apresentada e discutida na segunda parte desta dissertação, em relação às demais construídas anteriormente, é justamente a *posição social* ocupada pelos “especialistas da subjetividade”. Eles não estão inseridos em instituições do Estado ou em instituições de ensino, como os três primeiros recortes apontam em relação àqueles “especialistas” – como o “neuro-higienista” Arthur Ramos que dirigia a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, ou mesmo como os orientadores educacionais e pedagógicos que trabalham atualmente nas escolas.

Na contemporaneidade, os “especialistas da subjetividade” estão imersos na lógica da literatura de auto-ajuda. E isso significa a atuação não somente no mercado de livros, como também no mercado de palestras, assessorias e de produção de textos destinados a outras mídias. Ou seja, não se posicionam no campo médico, nem no campo da psicologia, tampouco no campo educacional, para veicularem seus ensinamentos.

Os “especialistas da subjetividade” estão inseridos em outro campo de atuação, um outro *métier*, com um funcionamento diferente daquele no qual médicos, ou psicólogos, ou mesmo educadores se posicionam e se posicionaram. Em uma palavra, a posição social da qual os “especialistas da subjetividade” falam e escrevem não é mais institucional: eles circulam pelos meios de comunicação de massa.

Dito de outro modo, uma das distinções do recorte da sociedade atual está na *legitimidade* na qual o discurso social sobre a educação de crianças e adolescentes se assenta. O discurso científico-especializado, que toma expressão nos escritos, por exemplo, dos médicos higienistas, é legitimado pelo saber higiênico do qual se apropria; enquanto que o “discurso dos especialistas da subjetividade”, enunciado nas produções de Rosely Sayão, Tania Zagury e Içami Tiba, possui uma legitimação que é distinta.

Poder-se-ia dizer que é a *visibilidade* proporcionada pela exposição e circulação no mercado de livros, de palestras e de assessorias, bem como nas mídias impressa e eletrônica que asseguram a legitimidade das falas e escritos dos “especialistas da subjetividade”. Ser visível ao grande público, por intermédio das imagens que são fabricadas e refabricadas ao

longo da trajetória profissional, bem como ter acesso “à expressão em grande escala” (Bourdieu, 1997, p.66) – dá legitimidade à posição dos “especialistas da subjetividade”.

A reflexão de Pierre Bourdieu sobre o “campo jornalístico” francês iluminou a análise deste traço particular dos “especialistas da subjetividade” na configuração social atual. O sociólogo, ao debruçar-se sobre a atividade dos jornalistas na França e suas produções na televisão e na mídia impressa, em meados da década de 1990, ou seja, ao montar os mecanismos de funcionamento que regem o “campo jornalístico”, forneceu elementos que contribuíram para a construção do lugar de onde e em que os “especialistas da subjetividade” falam e se expõem para o público.

Para Bourdieu, os jornalistas ocupam uma posição social inferior em relação aos profissionais inseridos em outros campos de produção cultural, como o campo literário e o intelectual. Por outro lado, o “campo jornalístico” ganha importância na sociedade na medida em que é detentor do monopólio dos “instrumentos de produção e de difusão” de informações para o grande público. E, ainda, tal campo detém o acesso à “visibilidade pública” não apenas dos cidadãos, mas, sobretudo, de outros produtores culturais, tais como escritores, cientistas e artistas. Isto é, ele detém “o poder sobre os meios de se exprimir publicamente, de existir publicamente, de ser conhecido”, em uma palavra, “de ter acesso à *notoriedade* pública” (Bourdieu, 1997, p.66).

Dessa forma, os jornalistas se cercam “de uma consideração muitas vezes desproporcional a seus méritos intelectuais... E eles podem desviar uma parte desse poder de consagração em seu proveito [...]” (Bourdieu, op.cit., p.66), revertendo, poder-se-ia dizer, sua inferioridade no mundo social. Destaca-se, assim, a “consideração” que os jornalistas desfrutariam sobre outros profissionais, a despeito de seus “méritos intelectuais”, por poderem mobilizar tal “poder de consagração”, qual seja, a “visibilidade pública” e o acesso “à expressão em grande escala”.

Ainda que os “especialistas da subjetividade” não detenham o monopólio dos “instrumentos de produção e de difusão” de informações ao grande público, tal como os jornalistas estudados por Bourdieu, é possível afirmar que os “especialistas da subjetividade” ganham “consideração” social. Esses profissionais, portanto, são legitimados socialmente devido à “visibilidade pública” que possuem e ao acesso “à expressão em grande escala”. Em suma, eles mobilizam o mesmo “poder de consagração” que os jornalistas frente ao grande público.

Se for considerada especialmente a produção de Rosely Sayão, tem-se claramente a importância da *visibilidade* em sua legitimação. Vale lembrar de sua circulação e freqüente exposição na mídia: na televisão (em um telejornal, apresentado por Lillian Witte Fibe, no *Rede 21* e em um episódio de *Mothern*), na revista *Crescer*, no jornal *Folha de S. Paulo* às quintas-feiras, na internet (em *chats* do *Universo Online*, tanto no *UOL Teen Sexo*, quanto no *UOL News*, às terças-feiras, e em seu *blog*, às segundas, quartas e sextas-feiras) e também no rádio (na *Band News FM*, de segunda à sexta-feira, em quatro horários diferentes, para todo o Brasil).

É possível, dessa forma, dar sentido ao fato de Sayão ser chamada para palestrar em importantes escolas paulistanas, ao lado de figuras de destaque para a academia, sem possuir, por exemplo, outra titulação que não seja a graduação em Psicologia. Basta recordar dos convidados do *Ciclo de Palestras para Pais*, realizado pelo Colégio Santa Cruz, do qual Sayão fez parte. A maioria deles era de professores universitários, enquanto que os outros acumulavam duas graduações ou a pós-graduação.

Apesar dessa tentativa de legitimação por parte dos “especialistas da subjetividade” em distanciar sua produção da literatura de auto-ajuda e aproximá-la, de alguma forma, do pensamento científico – tal como faz Tania Zagury ao agenciar elementos que visam dar veracidade ao aparente rigor científico de sua produção; assim como faz Içami Tiba ao lançar mão de suas muitas titulações adquiridas ao longo de sua trajetória profissional – destaca-se a visibilidade que esses profissionais desfrutam graças à circulação freqüente pela mídia e pelo mercado de palestras e assessorias.

Assim, com a reflexão aqui desenvolvida, procurou-se chamar a atenção para uma outra fonte de legitimação para as falas e os escritos dos “especialistas da subjetividade”, que particulariza a atuação desses profissionais. Trata-se da legitimidade que a circulação pelos diversos meios de comunicação lhes garante – a visibilidade pública e o acesso “à expressão em grande escala”. Este é o traço que distingue a configuração social atual.

BIBLIOGRAFIA

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. “Família”. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max (org). *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973. p.132-150.
- ALENCAR, José de. *Diva*. São Paulo: Livraria José Olímpio Editora, 1967.
- AQUINO, Julio Groppa. “A indisciplina e a escola atual”. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo, v.24, n.2, p.181-204, jul./dez. 1998.
- ARENDT, Hannah. “A crise na educação”. In: _____. *Entre o Passado e o Futuro* (1954). São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 221-247.
- _____. “Que é autoridade?”. In: _____. *Entre o Passado e o Futuro* (1954). São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 127-187.
- _____. “As esferas pública e privada”. In: _____. *A Condição Humana* (1958). Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.
- _____. “Ação”. In: _____. *A Condição Humana* (1958). Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. “O alienista”. In: _____. *O Alienista e Outras Histórias*. São Paulo: Saraiva, 1957. p.17-91.
- AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*. Obras Completas, vol.1. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960.
- BOURDIEU, Pierre. “A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo”. In: _____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- _____. “O ponto de vista do autor”. In: _____. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário* (1992). São Paulo: Companhia da Letras, 2002. p.243-311.

- CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. “A regeneração dos costumes políticos da nacionalidade”. In: _____. *A Universidade da Comunhão Paulista*. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1982. p.27-92.
- _____. “O discurso da Universidade”. In: *Tempo Social*. São Paulo, v.11, n.1, pp.49-65, maio 1999.
- CHAMLIAN, Helena Coharik. “Currículo do curso de pedagogia na USP”. In: *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo, v.22, n.2, pp.131-157, jul./dez. 1996.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar* (1979). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FAUSTO, Boris. “O Brasil Colonial (1500-1822)”. In: _____. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000.
- FÉTIZON, Beatriz A. de Moura. “Faculdade de Educação: antecedentes e origens”. In: *Estudos Avançados*. São Paulo, v.8, n. 22, p.365-73, 1994.
- FICHER, André (coord). *Laboratório de Aprendizagem e Ensino – FEA/USP: Relatório de Atividades 2003 e Propostas de Projetos 2004*. São Paulo: LEA - FEA/USP. Disponível em: <http://143.107.88.81/PortalFEA/Repositorio/556/Documentos/relatorio_atividades_2003.pdf> . Acessado em: 28/11/2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder* (1979). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.
- _____. “Aula de 17 de março de 1976”. _____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (1975). Petrópolis: Vozes, 2002.
- HORKHEIMER, Max. “Autoridade e família”. In: _____. *Teoria Crítica: Uma Documentação*. São Paulo: Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo, 1990. p.175-236.
- _____. “Meios e fins”. In: _____. *Eclipse da Razão*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976. p. 11-67.
- _____. “A revolta da natureza”. In: _____. *Eclipse da Razão*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976. p. 103-38.
- _____. “Ascensão e declínio do indivíduo”. In: _____. *Eclipse da Razão*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976. p. 139-172.

- JULIEN, Philippe. *A Feminilidade Velada: Aliança Conjugal e Modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- _____. *Abandonarás teu Pai e tua Mãe*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- KORCZAK, Janusz. *Como Amar uma Criança*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, 4ª ed.
- LACAN, Jacques. “Introdução: a instituição familiar” In: _____. *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. p.11-16.
- _____. “O complexo, fator concreto da psicologia familiar”. In: _____. *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. p.19-61.
- LASCH, Christopher. *Refúgio num Mundo Sem Coração. Família: Santuário ou Instituição Sitiada?* (1977). São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- _____. *A Cultura do Narcisismo: A vida americana numa era de esperanças em declínio* (1979). Rio de Janeiro: Editora Imago, 1983.
- _____. *O Mínimo Eu: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis* (1984). São Paulo: Brasiliense, 1990.
- LEFORT, Claude. “Maintenant”. In: *Libre*. Paris: Payot, n.1, p.03-28, 1977.
- _____. “Esboço de uma gênese da ideologia nas sociedades modernas” (1949). In: _____. *As Formas da História*. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 295-345.
- _____. “Formação e autoridade: a educação humanista”. In: _____. *Desafios da Escrita Política*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999. p. 207-223.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “A eficácia simbólica”. In: _____. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- _____. “O feiticeiro e sua magia”. In: _____. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- MATOS, Olgária. “Introdução”. In: HORKHEIMER, Max. *Teoria Crítica: Uma Documentação*. São Paulo: Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo, 1990. p. XIII-XXII.

- MELLO, Sylvia Leser de. “As atividades profissionais dos psicólogos: ensino e aplicações da psicologia”. In: _____. *Psicologia e Profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática, 1983.
- PENNA, Maria Luiza. “Notas Biográficas”. In: _____. *Fernando de Azevedo: Educação e transformação*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância* (1982). Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- REVAH, Daniel. *Na Trilha da Palavra Alternativa: A mudança cultural e as pré-escolas “alternativas”*. Dissertação de mestrado. Departamento de Sociologia/FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- _____. *Construtivismo: Uma palavra no circuito do desejo*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- RÜDIGER, Daniel. *Literatura de Auto-ajuda e Individualismo: Contribuição ao estudo de uma categoria da cultura de massa contemporânea*. Tese de doutorado. Departamento de Sociologia/FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- SAYÃO, Rosely. *Sexo: Prazer em conhecê-lo* (1995). Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- _____. *Sexo é Sexo: um livro sobre o prazer e a vida sexual* (1997). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. “Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola”. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). *Sexualidade na Escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997. p. 97-105.
- _____. *Sexo*. São Paulo: Editora Escuta, Via Lettera Editora e Livraria, 1998.
- _____. *Como Educar Meu Filho? Princípios e desafios da educação de crianças e de adolescentes hoje*. São Paulo: Publifolha, 2003.
- SAYÃO, Rosely; AQUINO, Julio Groppa. *Em Defesa da Escola*. Campinas: Papyrus, 2004.
- SAYÃO, Rosely; AQUINO, Julio Groppa. “Da construção de uma escola democrática: a experiência da E.M.E.F. Amorim Lima”. In: *Eccos – Revista Científica Centro Universitário Nove de Julho*. São Paulo, v.6, n.2, p.15-37, dez. 2004b.
- SAYÃO, Rosely; AQUINO, Julio Groppa. *Família: Modos de Usar*. Campinas: Papyrus, 2006.

- SAYÃO, Yara. “Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários” In: AQUINO, Julio Groppa (org.). *Sexualidade na Escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997. p.107-117.
- SCHREINER, Alexandre. “Uma aventura para o amanhã. Arthur Ramos e a neuro-higiene infantil na década de 1930”. In: DUARTE, Luiz Fernando D.; RUSSO, Jane; VENANCIO, Ana Teresa A. (orgs.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005. p.151-166.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SOUZA, Regina Magalhães de. *Escola e Juventude: o aprender a aprender*. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.
- _____. *O Discurso do Protagonismo Juvenil*. Tese de doutorado (versão preliminar). Departamento de Sociologia/FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- STRAUSS, Anselm L. *Espelhos e Máscaras: A Busca de Identidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- TIBA, Içami. *Quem Ama, Educa!* São Paulo: Gente, 2002.
- ZAIA, Iomar Barbosa. “Política Estadual: o surgimento da Faculdade de Educação (FEUSP)”. In: _____. *A História da Educação em Risco: Avaliação e Descarte dos Documentos do Arquivo da Escola de Aplicação (1958-1985)*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- ZAGURY, Tania. *Limites Sem Trauma, construindo cidadãos*. (2000) Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. *Educar Sem Culpa, a gênese da ética* (1993). Rio de Janeiro: Record, 1995.
- _____. *Sem Padecer no Paraíso, em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos* (1991). Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. “Introdução”. *O Adolescente Por Ele Mesmo*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p.15-20.
- ZALUAR, Alba. “Prefácio”. In: ZAGURY, Tania. *O Adolescente Por Ele Mesmo*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p.11-3.

Artigos da S.O.S. Família citados

- MAUTNER, Anna Verônica. “Vestibular é tatuagem no currículo”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20/01/2005. Equilíbrio, p.12.
- RAMOS, Magdalena. “Ladras de esperma à solta”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27/01/2005. Equilíbrio, p.12.
- SAYÃO, Rosely. “Pré-adolescente não existe”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13/07/2000. Equilíbrio, p.05.
- _____. “Quando a escola resolve reprovar os pais”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20/07/2000. Equilíbrio.
- _____. “Obediência se aprende com os pais”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27/07/2000. Equilíbrio.
- _____. “Para educar é necessário ser impopular”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 03/08/2000. Equilíbrio.
- _____. “Quando o problema é da escola, não dos pais”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28/09/2000. Equilíbrio.
- _____. “Ficou sem brigadeiro, mas ganhou educação”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 12/10/2000. Equilíbrio.
- _____. “Meu filho fuma maconha. Onde eu errei?”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19/10/2000. Equilíbrio.
- _____. “Filhos de pais separados sofrem, sim”. *Folha de S.Paulo*, 09/11/2000. São Paulo, Equilíbrio, p.15.
- _____. “Pai tem responsabilidade com o mundo”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14/12/2000. Equilíbrio.
- _____. “Por que os avós mimam, e não ‘estragam’?”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 04/01/2001. Equilíbrio, p.13.
- _____. “A solidão vivida a dois pode ser evitada”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22/02/2001. Equilíbrio, p.09.
- _____. “Ação de pai quando a droga é uma ameaça”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19/04/2001. Equilíbrio, p.12.

- _____. “Caso de amor que só dá certo se há separação”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 17/05/2001. Equilíbrio, p.12.
- _____. “Lembrete bem útil para pais e professores”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 31/05/2001. Equilíbrio, p.12.
- _____. “Madrasta não muda os rumos da educação”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20/09/2001. Equilíbrio, p.12.
- _____. “Dar ou não um celular para controlar o filho?”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 01/11/2001. Equilíbrio, p.05.
- _____. “*Pai que admite erros ganha em autoridade*”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13/12/2001. Equilíbrio.
- _____. “Quando liberar o filho para viajar sozinho”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 10/01/2002. Equilíbrio, p.13.
- _____. “Filhos não podem prescindir do controle dos pais”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28/02/2002. Equilíbrio, p.13.
- _____. “Educação de hoje adia fim da adolescência”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 25/04/2002. Equilíbrio, p.07.
- _____. “Impor limites à força, mas sem violência”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 11/07/2002. Equilíbrio, p.14.
- _____. “Pais devem ser francos na hora da separação”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 01/08/2002. Equilíbrio, p.05.
- _____. “Saída ética para educador reclamão”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19/09/2002. Equilíbrio, p.09.
- _____. “Tios e tias são boas opções na hora do sufoco”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16/01/2003. Equilíbrio, p.09.
- _____. “Dar ou não dar a chupeta, eis a questão”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 01/05/2003. Equilíbrio, p.05.
- _____. “*Leitor de 11 pede dicas para dar aos pais*”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 8/5/2003. Equilíbrio.

- _____. “Pais assumem tudo, e filhos se acomodam”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22/05/2003. Equilíbrio, p.05.
- _____. “O que o filho perde ao ser mimado pelos pais”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 05/06/2003. Equilíbrio, p.05.
- _____. “Como e por que falar da morte com os filhos”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14/08/2003. Equilíbrio, p.05.
- _____. “Sobre pais, filhos e babás a passeio no shopping”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 15/07/2004. Equilíbrio, p.10.
- _____. “Sobre a complexidade de ser mãe”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 05/05/2005. Equilíbrio, p.12.
- _____. “As dúvidas e escolhas cotidianas dos pais”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23/06/2005. Equilíbrio, p.12.
- _____. “Superbabás na TV e a auto-ajuda”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20/10/2005. Equilíbrio, p.12.
- _____. “Será que os pais estão loucos?”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 01/12/2005. Equilíbrio, p.12.
- _____. “Egoísmo e tempo para os filhos”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 08/12/2005. Equilíbrio, p.12.
- _____. *Mesa de jantar e encontros familiares*. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2/2/2006. Equilíbrio, p.12.
- _____. “As crianças não são de cristal”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 09/02/2006. Equilíbrio, p.12.
- _____. “A dependência dos jovens universitários”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23/02/2006. Equilíbrio, p.12.
- _____. “Reconhecendo os defeitos dos filhos”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 09/03/2006. Equilíbrio, p.12.
- _____. “É muita culpa!”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13/04/2006. Equilíbrio, p.12.
- _____. “A importância de dizer não”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 01/06/2006. Equilíbrio, p.12.
- _____. “Separação de pais e filhos”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 06/07/2006. Equilíbrio, p.12.
- _____. “Educação profissional”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27/07/2006. Equilíbrio, p.12.

VEIGA, Francisco Daudt da. “A negociação dos direitos”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13/01/2005. Equilíbrio, p.12.

Reportagens de jornal

LIMA e MARCHESE, Maurício Figueiredo. “Solidão a dois”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 08/03/2001. Equilíbrio, p.02.

SAITO, Bruno Yutaka.. “Clube das Babás”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 12/10/2005. Ilustrada, p. E1.

GOIS, Antônio. “‘Pai terceirizado’ ajuda criança a estudar”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28/03/2004. Cotidiano, p.C1.

“Educadores alertam para risco de exageros”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28/03/2004. Cotidiano, p.C3.

MATTOS, Laura. “Série investe na experiência das mães”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 06/08/2006. Ilustrada, p. E3.

YURI, Débora. “Modo de usar”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 08/08/2004. Revista, pp.4-8.

Links consultados ou citados

Aprende Brasil:

Disponível em: <<http://www.aprendebrasil.com.br/entrevistas/entrevista0040.asp>>. Acesso em: 06/10/2004.

Associação Educacional de Niterói:

Disponível em: <<http://www.aen.com.br/mur/adm/indiv.htm>>. Acesso em: agosto de 2004.

Band News FM:

Disponível em: <<http://www.bandnewsfm.com.br/colunistas.htm>>. Acesso em: 20/02/2006 e 05/06/2006.

Benjamin Spock:

Disponível em: <<http://www.drspock.com/about/drbenjaminpock/0,1781,,00.html>>. Acesso em: junho de 2006.

Blog da Rosely Sayão:

Disponível em: <<http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/>>. Acessado entre: 22/03/2006 e 27/11/06.

Colégio Dante Alighieri:

Disponível em: <<http://www.dantealighieri.com.br/boletim/20030403rosely.html>>. Acesso em: agosto de 2004.

Colégio Nossa Senhora do Carmo:

Disponível em: <<http://www.carmo.com.br/jornal/002/03refletir.htm>>. Acesso em: agosto de 2004.

Colégio Rainha da Paz:

Disponível em:

<<http://www.rainhadapaz.g12.br/servicos/calendario/boletiminformativo/bolmaio2003.htm>>. Acesso em: agosto de 2004.

Colégio Santa Cruz:

Disponível em: <<http://www.santacruz.g12.br/>>. Acessado entre: 26/07/05 e 27/11/2006.

EMEF Desembargador Amorim Lima:

<<http://www.amorimlima.com.br/index.php?option=content&task=view&id=1&Itemid=2>>. Acesso em: 20/02/2006.

Escola Lumiar:

Disponível em: <<http://www.lumiar.org.br/agenda/workshop.asp>>. Acesso em: agosto de 2004.

Escola Vera Cruz:

Disponível em: <<http://www.veracruz.g12.br/>>. Acesso em: Acessado entre: 26/07/05 e 27/11/2006.

Escola da Vila:

Disponível em: <<http://www.vila.com.br/>>. Acessado entre: 26/07/05 e 27/11/2006.

Folha de S.Paulo:

Conheça a Folha. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/>>. Acesso em: 26/07/2005.

Conheça a Folha/Circulação. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/circulacao.shtml>>. Acesso em: 26/07/2005.

Arquivo Folha. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/arquivos/>. Acesso em: agosto/setembro de 2004.

Folha Ilustrada edição de 05/06/2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u61074.shtml>>. Acesso em: 05/06/2006.

Içami Tiba:

Disponível em: <<http://www.tiba.com.br/>>. Acessado entre: 01/08/2004 e 27/11/2006.

Integrare Editora:

Home page da Integrare Editora. Disponível em: <<http://www.integrareeditora.com.br/>>. Acesso em: 22 e 23/02/2006, 15/06/2006.

Entrevista com Içami Tiba. Disponível em: <<http://www.integrareeditora.com.br/entrevista.asp?id=22>>. Acesso em: 27/04/2006.

Jovem Pan:

Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/jpamnew/opiniao/consultores/>>. Acesso em: 05/06/2006.

Liceu Albert Sabin:

Disponível em: <<http://www.liceuasabin.br/palestras/>>. Acesso em: agosto de 2004.

Notícias Populares:

Disponível em: <<http://www.no.com.br>>. Acesso em: agosto de 2004.

On Line Editora:

Disponível em: <<http://www.editoraonline.com.br/educacao.shtm#supernanny>>. Acesso em: 17/11/2006.

Revista Crescer:

Disponível em: www.revistacrescer.com.br>. Acesso em: agosto de 2004.

Serasa:

Disponível em: <<http://www.serasa.com.br/>>. Acesso em: 02/03/2006.

Tania Zagury:

Disponível em: <<http://www.taniazagury.com.br>>. Acesso em: agosto de 2004 e fevereiro e abril de 2006.

Todateen:

Editora Alto Astral. Disponível em:

<http://www.editoraaltoastral.com.br/site/novidades/index.php?secao=clippings&nov_id=206&nos_id=4>. Acesso em: 02/03/2006.

Portal da Comunicação. Disponível em:

<<http://portaldacomunicacao.uol.com.br/web/textos.asp?codigo=14378>>. Acesso em: 20/02/2006.

Unimed de Ribeirão Preto:

Disponível em: <<http://www.unimed-rp.com.br/aconteceu/rosely2005.php>>. Acesso em: 20/02/2006.

UNISANTA ONLINE:

Jornal Laboratório da Faculdade de Artes e Comunicação da UNISANTA. Disponível em:

<<http://www.online.unisanta.br/2005/11-05/regional.htm>>. Acesso em: 20/02/2006.

UOL Teen Sexo:

Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/sexoteen/>>. Acesso em: 19/08/2005.

UOL News:

Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/>> Acesso em 23/11/2005

Momento Família. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/uolnews/familia/>> . Acesso em: 28/11/2006.

Lillian Witte Fibe é a nova âncora do UOL. Disponível em:

<<http://noticias.uol.com.br/uolnews/2004/09/15/ult2528u7.jhtm>>. Acesso em: 23/11/2005.

Rede 21 rompe contrato com Lillian Witte Fibe. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u53813.shtml>>. Acesso em: 23/11/2005.

ANEXO – LISTA DOS ARTIGOS DA S.O.S. FAMÍLIA (07/2000 A 11/2006)*

- 13/7/2000: *Pré-adolescente não existe.*
- 20/7/2000: *Quando a escola resolve reprovar os pais.*
- 27/7/2000: *Obediência se aprende com os pais.*
- 3/8/2000: *Para educar é necessário ser impopular.*
- 10/8/2000: *O ministério adverte e você?.*
- 17/8/2000: *Hoje ele não faz a lição, amanhã compra na net.*
- 24/8/2000: *Vaidade infantil e falta de educação.*
- 31/8/2000: *Sem repressão, não há educação.*
- 7/9/2000: *Ajude seu filho a ter privacidade.*
- 14/9/2000: *Como ser autoridade sem ser autoritário.*
- 21/9/2000: *Festa é alegria sem os pais, mas com hora para acabar.*
- 28/9/2000: *Quando o problema é da escola, não dos pais.*
- 5/10/2000: *Filhos autoritários de pais obedientes.*
- 12/10/2000: *Ficou sem brigadeiro, mas ganhou educação.*
- 19/10/2000: *Meu filho fuma maconha. Onde eu errei?.*
- 26/10/2000: *Mãe só tem uma? Que nada! São duas.*
- 2/11/2000: *O menino diz que é menina? Normal.*
- 9/11/2000: *Filhos de pais separados sofrem, sim.*
- 16/11/2000: *Diferença entre regras e leis familiares.*
- 23/11/2000: *A adolescente que “podia tudo”.*
- 30/11/2000: *Não ter problemas é o anseio de todos.*
- 7/12/2000: *Advertência na escola e punição em casa.*
- 14/12/2000: *Pai tem responsabilidade com o mundo.*
- 21/12/2000: *O que o filho perde ganhando o que pediu.*
- 28/12/2000: *Filhos também necessitam não fazer nada.*
- 4/1/2001: *Por que os avós mimam, e não "estragam".*
- 11/1/2001: *Bicho de estimação não é brinquedo.*
- 18/1/2001: *Quando o empurrão ajuda o filho tímido.*
- 25/1/2001: *A lealdade é um valor em extinção.*
- 1/2/2001: *Quando o filho pede apenas uma escuta.*

* Todos os artigos foram escritos por Rosely Sayão. Aqueles que não foram, têm seus autores especificados.

- 8/2/2001: *Valorizar a saúde se aprende com os pais.*
- 15/2/2001: *Guia básico para pais na volta às aulas.*
- 22/2/2001: *A solidão vivida a dois pode ser evitada.*
- 1/3/2001: *Desconfie de adulto que, como adolescente, fica.*
- 8/3/2001: *O poder dos pais contadores de histórias.*
- 15/3/2001: *Pai de adolescente tem que se reinventar.*
- 22/3/2001: *Como proteger os filhos da cultura "trash".*
- 29/3/2001: *A 'transgressão' da aluna com florzinhas.*
- 5/4/2001: *Quando a confiança do pai aprisiona o filho.*
- 12/4/2001: *Respeitar é se aproximar do outro até na crise.*
- 19/4/2001: *Ação de pai quando a droga é uma ameaça.*
- 26/4/2001: *Equívoco passado de pai para filho.*
- 28/4/2001: *"Drogas? Tô fora!" .*
- 3/5/2001: *Do quarto de casa para a rua.*
- 10/5/2001: *O prazer que as fantasias sexuais dão.*
- 17/5/2001: *Caso de amor que só dá certo se há separação.*
- 24/5/2001: *Filhos transformados em pai dos pais.*
- 31/5/2001: *Lembrete bem útil para pais e professores.*
- 7/6/2001: *Contar ou não as "verdades" sobre o pai?.*
- 14/6/2001: *Panelinha em família é a maior felicidade.*
- 21/6/2001: *Quando o pai tem medo da cara feia (do filho).*
- 28/6/2001: *Garotas confundem ousadia com arrogância.*
- 5/7/2001: *Pais impacientes, filhos imediatistas.*
- 12/7/2001: *Como educar pais que agem como adolescentes.*
- 19/7/2001: *Coluna não publicada.*
- 26/7/2001: *Coluna não publicada.*
- 2/8/2001: *Jovem deve iniciar vida sexual em casa?.*
- 9/8/2001: *Bilhetes perturbam relação com a escola.*
- 16/8/2001: *Como impor limites respeitando o filho.*
- 23/8/2001: *Como ensinar a dobradinha direitos-deveres.*
- 30/8/2001: *Tia não é professora nem mãe do amigo.*
- 6/9/2001: *Por que o aluno não vai à reunião de pais?.*
- 13/9/2001: *Adolescente com suas neuras pede S.O.S.*
- 20/9/2001: *Madrasta não muda os rumos da educação.*
- 27/9/2001: *Boa hora para falar de perdão com os filhos.*
- 4/10/2001: *O que, aos 17, importa mais que o vestibular.*
- 11/10/2001: *Ensine o filho a dormir na cama dele.*

- 18/10/2001: *O que não dá para admitir em um educador.*
- 25/10/2001: *Criança furta para se aproximar de quem gosta.*
- 1/11/2001: *Dar ou não um celular para controlar o filho?.*
- 8/11/2001: *O que avaliar na escolha da escola infantil.*
- 15/11/2001: *Respeite o filho na hora de programar a viagem.*
- 22/11/2001: *Da bagunça na casa à organização interna.*
- 29/11/2001: *Atenção, pais, dá para remar contra a maré.*
- 6/12/2001: *Como e quando soltar os filhos na vida.*
- 13/12/2001: *Pai que admite erros ganha em autoridade.*
- 20/12/2001: *O ideal de pai perfeito gera montanha de culpa.*
- 27/12/2001: *Coluna não publicada.*
- 3/1/2002: *Pega-pega erotizado começa aos dez anos.*
- 10/1/2002: *Quando liberar o filho para viajar sozinho.*
- 17/1/2002: *Pais podem negociar férias de adolescente.*
- 24/1/2002: *Jovem sofre com padrões irrealistas de beleza.*
- 31/1/2002: *Falar a verdade não significa contar tudo.*
- 7/2/2002: *Espiar a vida alheia na TV é isca para criança.*
- 14/2/2002: *Pais querem paz em casa; filhos querem os pais.*
- 21/2/2002: *Uma caminhada já colabora com a educação.*
- 28/2/2002: *Filhos não podem prescindir do controle dos pais.*
- 7/3/2002: *Não localizado.*
- 14/3/2002: *Não localizado.*
- 21/3/2002: *O amigo do filho está no mau caminho. Fazer o quê?.*
- 28/3/2002: *O que significa educar democraticamente.*
- 4/4/2002: *Reprimir a criança promove o bem-estar dela.*
- 11/4/2002: *Não localizado.*
- 18/4/2002: *Pais devem ensinar prazer da convivência.*
- 25/4/2002: *Educação de hoje adia fim da adolescência.*
- 2/5/2002: *Cumplicidade entre mãe e filho atrapalha.*
- 9/5/2002: *As relações pessoais andam numa corda bamba.*
- 16/5/2002: *Pais negociam com filhos, não fazem negociata.*
- 23/5/2002: *O Dia das Mães e a festinha na escola.*
- 30/5/2002: *Os adultos precisam assumir a autoridade.*
- 6/6/2002: *Reconhecer o erro humaniza as relações.*
- 13/6/2002: *Sonhos impossíveis encobrem realidade.*
- 20/6/2002: *Acreditar que o filho nunca mente é ficção.*
- 27/6/2002: *Libere a agenda dos seus filhos nas férias.*

- 4/7/2002: Coluna não publicada.
- 11/7/2002: *Impor limites à força, mas sem violência.*
- 18/7/2002: *'Para viver estressado como vocês? Não, obrigado'.*
- 25/7/2002: *Escola precisa demonstrar vínculo com aluno.*
- 1/8/2002: *Pais devem ser francos na hora da separação.*
- 8/8/2002: *Os pais devem preservar sua privacidade.*
- 15/8/2002: *Ensine seu filho a se valorizar pelo que ele é.*
- 22/8/2002: *Por que os pequenos se esgoelam na escola.*
- 29/8/2002: *Escola não legisla sobre o individual.*
- 5/9/2002: *Pai precisa mostrar que aguenta o tranco.*
- 12/9/2002: *Pais ajudam filhos a se conhecerem.*
- 19/9/2002: *Saída ética para educador reclamão.*
- 26/9/2002: *Cliente da escola é o aluno, não os seus pais.*
- 2/1/2003: *Proibir o jovem aguça sua responsabilidade.*
- 9/1/2003: *Não abandone o posto nem nas férias.*
- 16/1/2003: *Tios e tias são boas opções na hora do 'sufoco'.*
- 23/1/2003: *Perguntar pode ser melhor que responder.*
- 30/1/2003: *Colunista propõe guerra aos ursinhos.*
- 6/2/2003: Coluna não publicada.
- 13/2/2003: Coluna não publicada.
- 20/2/2003: *Filho superprotegido perde auto-estima.*
- 27/2/2003: *Pai que não tem persistência deve encontrá-la.*
- 6/3/2003: *Como para Sansão, cabelo comprido dá força a garotos.*
- 13/3/2003: *Tratar a criança como um igual é desrespeito a ela.*
- 20/3/2003: *Violência juvenil e falta de brincar na infância.*
- 27/3/2003: *Respeitar os idosos é aceitar o próprio futuro.*
- 3/4/2003: *Contrariar faz parte do processo de educar.*
- 10/4/2003: *Por que o adolescente é tão "espaçoso".*
- 17/4/2003: *Não falta informação sobre sexo, mas formação.*
- 24/4/2003: *Quando o bom senso é a melhor saída dos pais.*
- 1/5/2003: *Dar ou não dar a chupeta, eis a questão.*
- 8/5/2003: *Leitor de 11 pede dicas para dar aos pais.*
- 15/5/2003: *Pais ensinam que pessoas estão à venda.*
- 22/5/2003: *Pais assumem tudo, e filhos se acomodam.*
- 29/5/2003: *Mães acalentam; pais fazem filhos caírem na real.*
- 5/6/2003: *O que o filho perde ao ser mimado pelos pais.*
- 12/6/2003: *Dar afeto aos filhos é bem diferente de educar.*

- 19/6/2003: *Qualquer filho está sujeito a consumir droga.*
- 26/6/2003: *Guloseimas, felicidade a obesidade.*
- 3/7/2003: *Como a escola mata a vontade de aprender.*
- 10/7/2003: *Técnica de publicidade não funciona na educação.*
- 17/7/2003: *Regra é importante mesmo que não cumprida.*
- 24/7/2003: *Escolas confundem sexo com sexualidade.*
- 31/7/2003: *Educação familiar é responsabilidade dos pais.*
- 7/8/2003: *Pais aprisionam os filhos, e escola é cúmplice.*
- 14/8/2003: *Como e por que falar de morte com os filhos.*
- 21/8/2003: *Deslizes do educador quando há namoros na escola.*
- 28/8/2003: *O que o professor gera ao eleger os queridinhos.*
- 4/9/2003: *Escola não é clube, nem pai é consumidor.*
- 11/9/2003: Coluna não publicada.
- 18/9/2003: Coluna não publicada.
- 25/9/2003: Coluna não publicada.
- 2/10/2003: Coluna não publicada.
- 9/10/2003: *Crítico gastronômico dá exemplo a educadores.*
- 16/10/2003: *Criança com brinquedo demais e tempo de menos.*
- 23/10/2003: *Como pais e alunos podem melhorar o ensino superior.*
- 30/10/2003: *Uma bela força para os pais de adolescente.*
- 6/11/2003: *Crianças não têm que beijar na boca.*
- 13/11/2003: *Exigir obediência sem medo de ser autoritário.*
- 20/11/2003: *Pistas valiosas para identificar a linha da escola.*
- 27/11/2003: *Cultura do lazer pode estragar a convivência.*
- 4/12/2003: *Medo protege a vida, mas não pode impedi-la.*
- 11/12/2003: *Criança precisa conviver no âmbito escolar.*
- 18/12/2003: *Acreditar em Papai Noel é fundamental.*
- 25/12/2003: Coluna não publicada.
- 1/1/2004: Coluna não publicada.
- 8/1/2004: *Cursos de férias podem impedir parte gostosa da vida.*
- 15/1/2004: *Atitude dos pais é mais importante que teoria.*
- 22/1/2004: *Criança incorpora imagem que adultos têm dela.*
- 29/1/2004: *Festas de escola que não divertem nem educam.*
- 5/2/2004: *Abolir celular pode ser primeiro acordo do ano.*
- 12/2/2004: *Não trate o filho ou aluno como café-com-leite.*
- 19/2/2004: *Consumismo deturpa relações pessoais.*
- 26/2/2004: *Montanha de regras e nenhum aprendizado.*

- 4/3/2004: *Conquista que vai do berço à adolescência.*
- 11/3/2004: *Quando os pais descobrem a droga na vida do filho.*
- 18/3/2004: *Desatinos de escola têm de ser combatidos.*
- 24/3/2004: *Ser pai pode rejuvenescer ou envelhecer.*
- 1/4/2004: *Qual o melhor, generalista ou especialista?.*
- 8/4/2004: *Criança perde quando é obrigada a ser popular.*
- 15/4/2004: *Faltam imaginação e perplexidade.*
- 22/4/2004: *Boa relação com filhos exige generosidade.*
- 29/4/2004: *Por que adultos tomam o espaço da criança.*
- 6/5/2004: *Pai “apita” em escola e professor ensina pai.*
- 13/5/2004: *Pais e professores desvirtuam “combinados”.*
- 20/5/2004: *Dar dica de sexo ao filho é imprudente.*
- 27/5/2004: *Nem “general de pijama” nem amigo.*
- 3/6/2004: *O grito surge quando a autoridade moral falha.*
- 10/6/2004: *Atitude do filho é uma na escola e outra em casa.*
- 17/6/2004: *Dar autonomia antes da hora é abdicar da educação.*
- 24/6/2004: *Pai e mãe podem pensar diferente a educação.*
- 1/7/2004: *Professora despreparada dá vexame.*
- 8/7/2004: *Respeite as férias infantis como se fossem as suas.*
- 15/7/2004: *Sobra pais, filhos e babás a passeio no shopping.*
- 22/7/2004: *O que faz do filho um adulto do bem e de bem.*
- 29/7/2004: *Para ser livre, é preciso livrar-se da família.*
- 5/8/2004: *Coluna não publicada.*
- 12/8/2004: *Não localizado.*
- 19/8/2004: *Plástica precoce reafirma padrões impostos de beleza.*
- 26/8/2004: *Ensinar o que é suficiente é mais que dizer não.*
- 2/9/2004: *Ensinar o filho a se cuidar ou cuidar dele?.*
- 9/9/2004: *A sedução do álcool na adolescência.*
- 16/9/2004: *O que não fazer com os filhos pequenos.*
- 23/9/2004: *As tarefas que a escola não cumpre.*
- 30/9/2004: *O melhor presente para as crianças.*
- 7/10/2004: *Pragmatismo não cria laços familiares sólidos.*
- 14/10/2004: *Desilusões fazem parte do aprendizado.*
- 21/10/2004: *Para participar, não basta estar presente.*
- 28/10/2004: *As regras e as lições do esporte.*
- 4/11/2004: *As escolhas da mulher-mãe.*
- 11/11/2004: *O primeiro amor do filho.*

- 18/11/2004: *Há pouco tempo para ser criança.*
- 25/11/2004: *Quem decide o que é melhor para os filhos?.*
- 2/12/2004: *O limite entre o público e o privado.*
- 9/12/2004: *Fim de ano em família.*
- 16/12/2004: *Para entender o Natal e seus símbolos.*
- 23/12/2004: Não localizado.
- 30/12/2004: Não localizado
- 6/1/2005: *Votos pela educação no Ano Novo.*
- 13/1/2005: *A negociação dos direitos.* VEIGA, Francisco Daudt da.
- 20/1/2005: *Vestibular é tatuagem no currículo.* MAUTNER, Anna Verônica.
- 27/1/2005: *Ladras de esperma à solta.* RAMOS, Magdalena.
- 3/2/2005: *Férias para praticar a democracia.*
- 10/2/2005: *A voracidade das crianças.*
- 17/2/2005: *Momentos de tensão podem ser superados.*
- 24/2/2005: *Discussão sobre lição de casa.*
- 5/5/2005: *Sobre a complexidade de ser mãe.*
- 12/5/2005: *Jogo de empurra-empurra.*
- 19/5/2005: *'Bullying' e desrespeito na escola.*
- 26/5/2005: *Outras opções de alimentação.*
- 2/6/2005: *Sexualidade e jogos de menino.*
- 9/6/2005: *A difícil relação entre pais e escola.*
- 16/6/2005: *Pelé, Edinho e a culpa dos pais*
- 23/6/2005: *As dúvidas e escolhas cotidianas dos pais.*
- 30/6/2005: *O árduo caminho rumo à liberdade.*
- 7/7/2005: *Grandeza de comportamento é a melhor lição.*
- 14/7/2005: *Adolescência, sexo e intimidade.*
- 21/7/2005: *Pais devem escolher a escola infantil.*
- 28/7/2005: *A construção da diferença de gêneros.*
- 4/8/2005: *Artes moldam formação da criança.*
- 11/8/2005: *As tarefas e o papel dos pais.*
- 18/8/2005: *O espaço privado e o espaço público.*
- 25/8/2005: *O poder da amizade na adolescência.*
- 1/9/2005: *Crianças pequenas e autoridade.*
- 8/9/2005: *Estudo do meio não é passeio.*
- 15/9/2005: *Quem controla não ensina viver com autonomia.*
- 22/9/2005: *O sentimento de culpa e seus efeitos.*
- 29/9/2005: *A proteção possível contra a violência.*

- 6/10/2005: *O amor move montanhas?*. MAUTNER, Anna verônica.
- 13/10/2005: *a imensa vontade de ter certezas*. MAUTNER, Anna verônica.
- 20/10/2005: *Superbabás na TV e auto-ajuda*.
- 27/10/2005: *Desafios com alimentação de crianças*.
- 3/11/2005: *É preciso aprender a viver em grupo*.
- 10/11/2005: *Lição de casa: escolher a escola*.
- 17/11/2005: *Trabalho e extensão da adolescência*.
- 24/11/2005: *Educação e prática de cidadania*.
- 1/12/2005: *Será que os ais estão loucos?*.
- 8/12/2005: *Egoísmo e tempo para os filhos*.
- 15/12/2005: *Felicidade e bem-estar no trabalho*.
- 22/12/2005: *Os usos e abusos da internet*.
- 5/1/2006: *A emoção pelas ondas do rádio*.
- 12/1/2006: *Organizando a curiosidade*.
- 19/1/2006: *época de renovar anseios*.
- 26/1/2006: *O que os pais querem para os filhos?*.
- 2/2/2006: *Mesa de jantar e encontros familiares*.
- 9/2/2006: *As crianças não são de cristal*.
- 16/2/2006: *Os pais é que são de cristal*.
- 23/2/2006: *A dependência dos jovens universitários*.
- 2/3/2006: *Sobre os jovens e a independência*.
- 9/3/2006: *Reconhecendo os defeitos dos filhos*.
- 16/3/2006: *Meninas transformadas em mulheres*.
- 23/3/2006: *Generosidade e convivência em grupo*.
- 30/3/2006: *Educando o gosto dos mais novos*.
- 6/4/2006: *Que a cidadania é essa?*.
- 13/4/2006: *É muita culpa!*.
- 20/4/2006: *Formatra polêmica*.
- 27/4/2006: *Onde estão os adultos?*.
- 4/5/2006: *A confisa conquista da autonomia*.
- 11/5/2006: *Sobre o papel das mães*.
- 18/5/2006: *Contra o que os jovens podem se rebelar?*.
- 25/5/2006: *Participação em sala de aula*.
- 1/6/2006: *A importância de dizer não*.
- 8/6/2006: *Ensinar a fazer perguntas certas*.
- 22/6/2006: *Amigos dos filhos adolescentes*.
- 29/6/2006: *Mundo infantil de fantasias*.

- 6/7/2006: *Separação de pais e filhos.*
- 13/7/2006: *Papel dos pais e da escola.*
- 20/7/2006: *A busca pela imagem perfeita.*
- 27/7/2006: *Educação profissional.*
- 3/8/2006: *Os pais de volta às aulas.*
- 10/8/2006: *Sobre a responsabilidade.*
- 17/8/2006: *Juventude subestimada.*
- 24/8/2006: *Antes da vida adulta.*
- 31/8/2006: *O respeito aos velhos.*
- 7/9/2006: *Dúvidas e certezas.*
- 14/9/2006: *"Não me analisem por favor". MAUTNER, Ana Verônica.*
- 21/9/2006: *Celebração e rotina. MAUTNER, Ana Verônica.*
- 28/9/2006: *Celular na escola.*
- 5/10/2006: *Pequenos imperadores.*
- 12/10/2006: *As escolhas das crianças.*
- 19/10/2006: *Nota de comportamento.*
- 26/10/2006: *Escolha da escola.*
- 2/11/2006: *Encontro de Gerações.*
- 9/11/2006: *Crianças e jovens VIP.*
- 16/11/2006: *Reuniões em família.*
- 23/11/2006: *Repercussão e reprovação.*